



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**MORGANA FABIOLA CAMBRUSSI**

**ALTERNÂNCIA CAUSATIVA DE VERBOS INERGATIVOS  
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Florianópolis-SC  
2009



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**MORGANA FABIOLA CAMBRUSSI**

**ALTERNÂNCIA CAUSATIVA DE VERBOS INERGATIVOS  
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística.

*Área de Concentração Teoria e Análise Linguística. Linha de Pesquisa Léxico e Significação.*

Orientador: Prof. Dr. Heronides Moura

Florianópolis-SC  
2009

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade  
Federal de Santa Catarina

C178a Cambrussi, Morgana Fabiola

Alternância causativa de verbos inergativos no português brasileiro [tese] / Morgana Fabiola Cambrussi ; orientador, Heronides Maurílio de Melo Moura. - Florianópolis, SC, 2009.

196 f. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Alternância causativa. 3. Causativização. 4. Inergativos. I. Moura, Heronides Maurílio de Melo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU 801



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

Esta tese, intitulada ALTERNÂNCIA CAUSATIVA DE VERBOS INERGATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO, foi julgada adequada para a obtenção do grau de DOUTOR EM LINGÜÍSTICA – Área de Concentração Teoria e Análise Linguística – e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Dra Rosângela Hammes Rodrigues

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura (Orientador)

Profª. Dra. Margarida Salomão (Examinadora/UFJF)

Profª. Dra. Teresa Cristina Wachowicz (Examinadora/UFPR)

Prof. Dr. Bento Carlos Dias da Silva (Examinador/UNESP)

Profª. Dra. Edair Maria Görski (Examinadora/UFSC)

Florianópolis, 03 de dezembro de 2009.



Para Andréia e Eric,  
que já dividem o meu amor.

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador, pelos direcionamentos e pelo apoio de sempre, mas principalmente pela companhia e pela confiança constantes.

À banca julgadora e a Beth Levin, pelas contribuições.

Aos professores da PGL, pela formação, e a Simone, pelo suporte.

A Andréia, por ser a irmã mais doce que alguém poderia ter.

À família, por razões inumeráveis, mas principalmente pela espera.

Ao Eric, por ser companheiro, fiel e inspirador.

Aos amigos de todas as épocas, que me ajudam a aceitar mistérios.

A Magdiel, incansável leitor e amigo, por me dar matriz de ‘saudade’.

A Letícia, pela força de sempre e pela amizade que não usa de artifícios.

Ao sol do Norte, cuja luz clareou os caminhos.

Àqueles que compreenderam o exílio voluntário e produtivo.

À fonte de força, que transborda.

Human languages do not define straightforward mappings between thoughts and words. To get a sentence, it is not enough to select the appropriate words and string them together in an order that conveys the meaning relationships among them.

Steven Pinker

## RESUMO

Esta tese investiga a alternância causativo-incoativa de verbos inergativos do português do Brasil. O propósito do estudo é explicar as condições necessárias para se licenciar a incidência de causatividade sobre inergativos, (a) apresentando uma proposta de representação conceptual para os verbos alternantes que aceitam causatividade e (b) esclarecendo como especificações de estrutura semântica restringem a participação de inergativos no processo de alternância causativa e explicam a assimetria registrada entre verbos correlatos do inglês e do português, p.ex. *caminhar/walk* e *dirigir/drive*. Para isso, são determinados os aspectos de estrutura semântica responsáveis pelo licenciamento da alternância causativo-incoativa de inergativos. Em seguida, esses aspectos são desmembrados em propriedades semânticas menores – regulares entre os verbos inergativos que alternam e ausentes da estrutura semântica daqueles que não são passíveis de causatividade. Finalmente, é demonstrado como essas propriedades são distribuídas entre os inergativos do português e como respondem pelo contraste entre inergativos alternantes do inglês e seus correlatos não-alternantes em português. Com as análises, constatou-se que uma das condições para causativização dos inergativos em português é a manutenção do papel semântico de desencadeador para o segundo argumento da formação causativa e que essa restrição não opera sobre as formas correlatas em inglês. Outra condição que interfere na alternância de inergativos do português é a forte restrição para esses predicadores integrarem a classe dos processos causativizados por *ação conduzida*, em que a causativização implica a *condução direta* ou a *condução indireta e ininterrupta* do segundo argumento da forma causativizada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alternância Causativa. Causativização. Inergativos.



## ABSTRACT

This thesis investigates the causative-inchoative alternation of unergative verbs in Brazilian Portuguese. The purpose of this study is to explain the necessary conditions to license the occurrence of causation over unergative verbs by (a) presenting a proposal of conceptual representation for the alternating verbs which tolerate causation, and (b) clarifying how specifications of semantic structure restrict the participation of unergative verbs in the process of causative alternation and explain the asymmetry found between correlated verbs of English and Portuguese, for example *caminhar/walk* e *dirigir/drive*. For this reason, the aspects of the semantic structure responsible for the licensing of causative-inchoative alternation in unergative verbs are determined. Then, those aspects are further divided into smaller semantic structures – regular among the unergative verbs which alternate and absent from the semantic structure of those who are not liable to causation. Finally, it is demonstrated how those properties are distributed among the unergative verbs in Portuguese and how they explain the contrast between alternating unergative verbs in English and their non-alternating correlates in Portuguese. The analyses show that the condition for the causativization of unergative verbs in Portuguese is the maintenance of its semantic role to trigger the second argument of causative formation and that this restriction does not operate with the correlate forms in English. Another condition which interferes in the alternation of unergative verbs in Portuguese is the strong restriction for them to integrate the class of processes caused by *conducted action*, in which the causativization implies the *direct leading* or the *indirect and uninterrupted leading* of the second argument of the causativized form.

**KEYWORDS:** Causative Alternation. Causativization. Unergative.

## LISTA DE REDUÇÕES

<b>HPSG</b>	⇒	<i>Head-driven Phrase Structure Grammar</i>
<b>LFG</b>	⇒	<i>Lexical-Functional Grammar</i>
<b>LG</b>	⇒	<i>Léxico Gerativo</i>
<b>SEL</b>	⇒	<i>Sense-enumeration Lexicon</i>
<b>SP</b>	⇒	<i>Sintagma Preposicional</i>

## LISTA DE QUADROS E FIGURAS

<b>Quadro 1</b>	Condições temáticas para a alternância causativo-incoativa	76
<b>Quadro 2</b>	Síntese das propriedades de construções causativas formadas a partir de predicadores primitivamente intransitivos	108
<b>Quadro 3</b>	Demonstrativo das ocorrências de inergativos causativizados com mudança de relação verbo-argumento em inglês e em português do Brasil	159
<b>Quadro 4</b>	Demonstrativo das ocorrências de inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento em inglês e em português do Brasil	161
<b>Quadro 5 (1ª parte)</b>	Aspectos de significado que interferem no licenciamento da alternância causativo-incoativa	176
<b>Quadro 5 (2ª parte)</b>	Aspectos de significado que interferem no licenciamento da alternância causativo-incoativa	177
<b>Figura 1</b>	Escala de causatividade de predicadores causativo-incoativos	110
<b>Figura 2</b>	Escala de baixo grau de causatividade de predicadores primitivamente intransitivos alternantes	111
<b>Figura 3</b>	Escala de grau de causatividade intermediário de predicadores inacusativos internamente causados	115
<b>Figura 4</b>	Distribuição escalar dos predicadores causativo-incoativos por grau de causatividade	118

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<i>Noção de Causa e Delimitação do Estudo</i>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<i>O Componente Lexical</i>	<b>30</b>
2.1 Ciclo do Componente Lexical: do regular à imprevisibilidade	31
2.2 Abordagens Lexicalistas	35
2.3 Resumo do Capítulo	39
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<i>Transitividade Básica e Natureza dos Predicadores Alternantes</i>	<b>40</b>
3.1 O Predicador Núcleo da Alternância Causativa em Foco	40
3.2 Transitividade Básica	42
3.3 Caracterização dos Predicadores Alternantes: distinção entre inacusativos e inergativos	45
3.3.1 Levin e Rappaport-Hovav (1995)	52
3.3.2 Pustejovsky (1995)	56
3.3 Procedimentos para Identificação de Transitividade Básica	65
3.4 Resumo do Capítulo	68
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<i>Alternância Causativo-Incoativa de Inacusativos</i>	<b>70</b>
4.1 Estudos sobre a Alternância Causativo-Incoativa no Português do Brasil	71
4.2 Retomada do Problema Apontado	92
4.3 Resumo do Capítulo	94
<b>CAPÍTULO 5</b>	
<i>Alternância Causativo-Incoativa de Inergativos</i>	<b>96</b>
5.1 Descrição da Alternância Causativa de Inergativos	96

5.2 Escalas de Causatividade -----	109
5.3 Resumo do Capítulo -----	120
<b><i>CAPÍTULO 6</i></b>	
<b><i>Análise da Alternância Causativa de Inergativos</i></b> -----	<b><i>121</i></b>
6.1 O Tratamento dos Aspectos de Significado -----	121
6.2 Entre a Forma Linguística e a Estrutura Conceptual -----	130
6.3 Estrutura Semântica, Conteúdo Semântico e a Alternância Causativo-Incoativa -----	148
6.4 A Relação Verbo-Argumento e os Efeitos da Causativização de Inergativos -----	154
6.5 Interferência de Aspectos de Estrutura Semântica na Alternância Causativo-Incoativa de Inergativos -----	166
6.6 Resumo do Capítulo -----	180
<b><i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i></b> -----	<b><i>182</i></b>
<b><i>REFERÊNCIAS</i></b> -----	<b><i>190</i></b>

## INTRODUÇÃO

Uma mesma cena no mundo pode ser descrita de diferentes perspectivas, a depender do que cada língua permite exprimir, das necessidades comunicativas e das percepções mentais do falante. A cena de um vaso quebrado sobre o tapete da sala ao final de uma festa, por exemplo, tanto pode ser referida através de (1a) quanto através de (1b):

- 1 (a) Um convidado quebrou o vaso.
- (a') A guest broke the vase.
- (b) O vaso quebrou.
- (b') The vase broke.

Um falante que selecione a construção sintática (1a) está pondo em destaque a perspectiva causativa da cena verbal; seleciona, desse modo, uma entidade desencadeadora, que tem algum papel no desenrolar do evento, e outra entidade afetada, que sofre mudança de estado em decorrência da realização do evento expresso pelo predicador verbal. Diferentemente, um falante que selecione a construção sintática (1b) está pondo em destaque a perspectiva do estado resultante do evento expresso pelo predicador, realizando sintaticamente apenas a entidade afetada, que sofre mudança de estado.

O que as construções em (1a-b) ilustram convencionou-se chamar de alternância causativo-incoativa<sup>1</sup>, licenciada linguisticamente por um grupo definido de verbos com comportamento muito semelhante mesmo em análises que comparam a ocorrência do fenômeno em diferentes línguas. Em geral, servir à alternância causativo-incoativa é parte do comportamento semântico da classe dos verbos inacusativos (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995). Além de *quebrar*, podem-se listar outros verbos inacusativos como *abrir*, *fechar*, *girar*, *afundar*, *balançar*, *torcer*, *virar*, e pelo menos mais uma centena capaz de alternar entre a diátese transitiva causativa e a incoativa e com comportamento sintático-semântico muito aproximado em diferentes línguas – entre elas o inglês e o português<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> A adoção do termo *incoativo* será discutida ainda nesta seção.

<sup>2</sup> Dentro do arcabouço teórico da gramática gerativa, onde a inacusatividade parece ser um ponto que recebe considerável atenção, esse fenômeno é tratado em termos de *alternância sintática* e ocorre nos casos em que o verbo alterna de dois para um argumento. Nesses casos, o procedimento de análise consiste em dar ao verbo duas representações formais distintas: na versão monoargumental, *O vaso quebrou*, o verbo *quebrar* é representado como inacusativo (não seleciona argumento externo e não atribui caso acusativo) e disso decorre o movimento do

Levin e Rappaport-Hovav (1995) argumentam que os predicadores inacusativos prototípicos são verbos basicamente transitivos, ou seja, as autoras avaliam que, na estrutura lexical subjacente, esses predicadores são primitivamente verbos biargumentais e que a forma transitiva causativa é, dentro do par de alternâncias, a forma básica. Outros autores já haviam argumentado em favor da forma básica transitiva de verbos inacusativos, como Chierchia ([1989] 2004). O argumento utilizado em Levin e Rappaport-Hovav (1995) para sustentar a análise biargumental de inacusativos alternantes é o conjunto de restrições seletivas de argumentos desses predicadores. Esse procedimento de identificação da transitividade básica do predador verbal parece ter sido primeiramente desenvolvido por Smith (1970 *apud* Levin (1993))<sup>3</sup> e pode ser sintetizado da seguinte maneira: como há mais restrições para seleção do argumento afetado em posição de sujeito da construção incoativa que para a seleção do argumento afetado em posição de objeto da construção transitiva, então, a estrutura transitiva seria a primitiva e a incoativa, a derivada.

Nem toda alternância causativo-incoativa parte de predicadores biargumentais. Há verbos primitivamente intransitivos, cujo comportamento sintático-semântico difere substancialmente dos inacusativos, que também licenciam a expressão linguística de um mesmo evento sob duas perspectivas: uma de causatividade e outra de ‘afetação’. Esses verbos, chamados intransitivos puros ou inergativos, apresentam um grupo de restrições para seleção do argumento afetado em posição de objeto da forma transitiva maior que o grupo de restrições para a seleção do mesmo argumento na posição de sujeito da forma incoativa. Uma vez assumido o procedimento para identificação da transitividade básica dos predicadores verbais adotado por Levin e Rappaport-Hovav (1995), desde Smith (1970 *apud* Levin (1993)), seria possível afirmar que, ao contrário dos inacusativos que participam da

---

argumento interno para a posição de especificador de IP, a fim de receber caso da flexão (uma vez que não poderia receber caso na posição em que nasce); na versão transitiva, *O moleque quebrou o vaso*, o verbo *quebrar* possui argumento externo e argumento interno, distribui caso acusativo para o segundo SN selecionado e também lhe atribui papel temático. Esse fenômeno será mais bem compreendido no Capítulo 3, em que se apresentará a Generalização de Burzio (que versa sobre as condições de atribuição de caso nos contextos em que o verbo não seleciona argumento externo) e os procedimentos para identificação de inacusativos em português. Sobre esse ponto, em especial, agradeço as contribuições de Magdiel Medeiros Aragão Neto e do professor Carlos Miotto.

<sup>3</sup> O texto de C.S. Smith que aqui é citado intitula-se “Jespersen’s ‘Move and Change’ Class and Causative Verbs in English” e foi publicado como capítulo da obra *Linguistic and Literary Studies in Honor of Archibald A. Hill*, de circulação restrita.

alternância causativa, os inergativos são verbos primitivamente intransitivos, i.e., são predicadores basicamente monoargumentais. (2a-b) ilustra a alternância causativa a partir de um verbo inergativo:

- 2 (a) O cavalo galopou pela avenida.  
(a') The horse galloped through the avenue.  
(b) O oficial galopou o cavalo pela avenida.  
(b') The officer galloped the horse through the avenue.

A alternância causativa a partir de predicadores primitivamente intransitivos não apresenta o mesmo grau de regularidade que aquela cujo predador é um verbo primitivamente biargumental. De acordo com o que será argumentado nos capítulos sequenciais, apenas um restrito grupo de inergativos licencia causativização (exemplificada por (2a-b)), enquanto quase a totalidade dos inacusativos licencia a ergativização (exemplificada por (1a-b)). Além disso, no caso da instância de alternância causativa ilustrada por (1a-b), o argumento *o vaso* mantém o mesmo tipo de relação semântica com o verbo, independentemente de estar na posição de sujeito ou de objeto, uma relação de afetado pelo evento. Já no caso da instância de alternância causativa ilustrada por (2a-b), o argumento *o cavalo* não mantém exatamente o mesmo tipo de relação semântica com o verbo independentemente da posição sintática que ocupa. Na perspectiva causativa, *o cavalo* é entidade afetada, pois foi induzida à realização do evento, mas não deixa de ser a entidade que o realiza. Nesse caso, a construção possui dois desencadeadores, um indutor e outro induzido. Na perspectiva intransitiva, se apenas observada a estrutura sentencial básica (sem adjunção), não se pode afirmar que a entidade *o cavalo* é afetada por algum tipo de indução, apenas que é a desencadeadora do evento expresso por *galopar*.

Verbos como *galopar* e *passar* (*O cachorro passou com tranquilidade*) são considerados de causa interna, quer dizer, são eventualidades internamente causadas, pois o evento que representam é desencadeado pelo próprio argumento envolvido e não por uma causa externamente marcada (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995). Quando esses verbos alternam para uma construção causativa (*O adestrador passou o cachorro com tranquilidade*), não ocorre de a causa interna se tornar externa, mas de haver uma força externa que age sobre a causa interna, levando-a a desencadear o evento expresso pelo verbo (LEVIN, 1993).

Conforme assumem Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 93), os inacusativos que participam da alternância causativo-incoativa, pelo contrário, são verbos de causa externa, independentemente da diátese realizada. Segundo as autoras, mesmo quando um verbo externamente causado como *quebrar* é usado em diátese intransitiva, caso em que não há a expressão lingüística de causa externa, o conhecimento de mundo leva o falante a interpretar que a eventualidade expressa pelo verbo não poderia ter ocorrido sem a interferência de uma causa externa. Ainda que o argumento em questão tenha de possuir a propriedade de ser quebrável, p.ex., e que possa haver situações contextuais específicas em que algo quebre por si só.

Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 93) ainda afirmam que “[...] os verbos intransitivos que regularmente possuem usos transitivos causativos são externamente causados e aqueles que não possuem são internamente causados.”<sup>4</sup>. Além disso, contrariamente à alternância causativa de inacusativos, a alternância causativo-incoativa a partir de verbos inergativos não parece manter a mesma simetria de comportamento lingüístico entre verbos do português e seus equivalentes em inglês. Aparentemente, há um grupo reduzido de inergativos do inglês susceptível à causativização; em português, esse grupo parece ser ainda mais modesto.

- 3 (a) You are walking every day.<sup>5</sup>  
(a') Você está caminhando diariamente.  
(b) Are you walking the dog or is the dog walking you?  
(b') \*Você está caminhando o cachorro ou o cachorro está caminhando você?

Considerando ocorrências como a assimetria entre (2) e (3), este trabalho propôs-se a esclarecer os seguintes pontos: (i) por que é

---

<sup>4</sup> Tradução livre, no original: “[...] the intransitive verbs that regularly have transitive causative uses are externally caused, and those intransitive verbs that do not are internally caused.” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 93).

<sup>5</sup> Na análise das sentenças ilustrativas da alternância causativa de *walk*, optou-se por uniformizar a tradução e equivaler o verbo a *caminhar* em todos os casos, embora na maioria dos contextos também seja possível a equivalência a *andar*. Certamente, *caminhar* e *andar* comportam as noções de atividade e modo de movimento disponíveis para *walk* e, a exemplo do que ocorre com *caminhar*, *andar* distancia-se de *walk* porque não participa da alternância causativo-incoativa, ainda que em linhas gerais denote o mesmo tipo de atividade: *Are you walking the dog every day?/\*Você está andando o cachorro diariamente?* Uma vez que uma gama de significados costuma poder ser associada a um mesmo item lexical, a equivalência entre itens lexicais de diferentes línguas frequentemente esbarra no ponto em que a atividade de tradução precisa aproximar conceitos relacionados às palavras e não propriamente palavras.



possível que *galopar* alterne para diátese transitiva causativa, mas não é possível que *caminhar* licencie essa alternância, se ambas as eventualidades são internamente causadas; (ii) que componentes linguísticos fazem com que um subgrupo de predicadores internamente causados seja passível de indução; (iii) por que é possível derivar o predicador do par (3a-b) como causativo para o inglês, mas só é possível realizar o predicador equivalente em português ((3a'-b')) como intransitivo.

Cognitivamente, *caminhar* e *walk* podem ser tomados como representações linguísticas de um mesmo conceito. Também em termos de estrutura semântica, pode-se afirmar, são equiparados, pois o argumento que ambos selecionam na forma intransitiva apresenta um conjunto comum de traços semânticos – em que a marcação positiva dos traços de volição (em boa parte das ocorrências) e controle é característica da agentividade acarretada pelo verbo. Nesses termos, a restrição que bloqueia a realização do paradigma de alternância causativa de *caminhar* em português provavelmente compreende características gramaticais (de interface léxico-sintática) específicas de cada predicador – tais como o licenciamento de diáteses e propriedades semânticas particulares.

Considerando-se o estágio prematuro dos estudos desenvolvidos, a explicação e a descrição que se tem da alternância causativo-incoativa de predicadores inergativos é ainda insuficiente. Certamente, assistindo a uma cena qualquer no mundo, as possibilidades cognitivas de percepção do mesmo evento não variam significativamente entre falantes de diferentes línguas, mas os recursos de que cada língua dispõe para expressar o mesmo evento de diferentes perspectivas variam. Esse, acredita-se, deve ser o fator central responsável pelas variações no fenômeno linguístico da alternância causativo-incoativa apresentado.

Cabe esclarecer que, embora neste trabalho seja utilizada a terminologia *incoativa* para fazer referência geral às construções monoargumentais inergativas ((2a)) e às ergativas ((1a)), com ou sem clítico, que serão frequentemente comparadas à alternante transitiva, esse emprego do termo nem sempre é o mais apropriado. O conflito terminológico ocorre em função de haver valores aspectuais relacionados à terminologia *verbo incoativo*, uma vez que o termo originalmente designava predicadores cuja carga aspectual marca o início de um evento ou a mudança de um evento primeiro ( $e_1$ ) iniciada por um evento subsequente ( $e_2$ ).

Considerada a referência ao aspecto, construções ergativas podem ser apropriadamente referidas pela denominação de *construções*

*incoativas* já que estruturalmente marcam a mudança de um estado inicial. As construções inergativas, por outro lado, nem sempre atualizam aspecto incoativo, como na sentença *Mateus caminha pela manhã* ou *Esse cavalo galopa bem*. Assim, empregar o termo *construções incoativas* para referir, de maneira abrangente, construções monoargumentais inergativas e ergativas, implica adotar um procedimento já difundido em pesquisas linguísticas mais recentes: desvincular o termo *incoativo* das noções de aspecto. Uma alternativa a esse procedimento seria agrupar construções ergativas e inergativas sob a denominação de *construções intransitivas*, mas essa escolha também carrega problemas: segue a abordagem equivocada da tradição gramatical, que não faz distinção entre verbos inacusativos e inergativos, apenas os agrupa em uma classe chamada *verbos intransitivos*.

Por essas impropriedades terminológicas e suas consequências, optou-se por adotar o termo *incoativo* para designar os pares de alternância que se contrapõe à forma transitiva. Desse modo, nesta pesquisa, são chamadas *construções incoativas* aquelas cuja estrutura sintática expressa apenas um argumento do verbo, independentemente de valores aspectuais do predador núcleo das construções e de o argumento realizado receber o papel semântico de paciente (afetado), no caso das construções ergativas, ou de agente, no caso das construções inergativas. Em ambas as instâncias de alternância causativa, há uma construção monoargumental contraposta à biargumental causativa; em ambas as instâncias, essa construção monoargumental será chamada *incoativa*, o que permite referir de maneira geral o fenômeno da alternância causativa como *alternância causativo-incoativa* – de predadores inacusativos (primitivamente transitivos) ou de predadores inergativos (primitivamente intransitivos).

Nesta investigação, elabora-se um estudo centrado na instância de alternância causativa a partir de predadores inergativos e desenvolve-se uma proposta para esclarecer as questões relativas à problematização formulada anteriormente. De modo pontual, este trabalho propõe que aspectos de significados pertencentes à estrutura semântica dos predadores inergativos são responsáveis pelo licenciamento da alternância causativa desses verbos e respondem pelas assimetrias observadas entre formas correlatas do inglês e do português.

A partir da análise desenvolvida, a primeira restrição semântica mapeada foi a manutenção do papel semântico de desencadeador para o segundo argumento das formas causativizadas em português – restrição que não opera sobre os inergativos causativizados do inglês. Outros dois

pontos de relevância para a proposta apresentada foram (a) a distribuição escalar da propriedade de causalidade entre os predicadores inergativos e (b) o refinamento da noção de indução envolvida na causativização de inergativos. Sobre esse último aspecto do licenciamento da alternância causativo-incoativa de inergativos, especificou-se a natureza da causa externa que age sobre a causa interna, criando-se uma cadeia causal que leva ao desenvolvimento do evento expresso linguisticamente em perspectiva biargumental.

Para tanto, o estudo estrutura-se da seguinte maneira: o Capítulo 1 apresenta a noção de causa contida na relação *verbo*  $\Rightarrow$  *argumentos*, introduz as formas de representação por regras lexicais desse processo fortemente regular e delimita a investigação realizada neste trabalho; o Capítulo 2 resgata a trajetória do componente lexical ao longo da tradição dos estudos científicos da linguagem e defende sua investigação a partir do tratamento estruturado do léxico e de sua representação; o Capítulo 3 apresenta definições de aspectos linguísticos como *transitividade*, *inacusatividade* e *inergatividade*, centrais para o desenvolvimento deste trabalho.

Já os Capítulos 4 e 5 descrevem duas instâncias de alternância causativo-incoativa: o primeiro, apresenta pesquisas sobre a alternância causativo-incoativa derivada a partir de um verbo da classe dos inacusativos no português do Brasil, o segundo, apresenta a descrição proposta para a alternância causativo-incoativa derivada a partir de um verbo inergativo e estende os critérios desenvolvidos para a análise dessa instância de alternância no inglês para a análise dos dados do português do Brasil; o Capítulo 6 contém a investigação que intenciona esclarecer as condições de realização da alternância causativo-incoativa de inergativos no português e também a proposta de descrição dos aspectos de significado relacionados à estrutura semântica de inergativos que são relevantes para o licenciamento da alternância causativa em português e que são responsáveis pela assimetria entre a alternância de inergativos do inglês e suas formas correlatas em português.

## CAPÍTULO 1

### Noção de Causa e Delimitação do Estudo

A expressão linguística de causa embute a interpretação de origem (princípio/razão/motivo) desencadeadora de um efeito [mudança de estado]. Seguindo-se essa interpretação, a causalidade contida na relação *verbo*  $\Rightarrow$  *argumentos* é tida como a qualidade da relação semântica entre a causa e seu efeito, resultante da interação entre dois dos argumentos semânticos do verbo, em que o primeiro causa/acarreta/desencadeia, de maneira volitiva ou não, um efeito de mudança de estado no segundo (JACKENDOFF, 1990; LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995).

Com efeito, essa apresentação da noção linguística de causa é propositadamente restrita, considerando-se muitas outras expressões causais ou encadeamentos causais possíveis nas línguas. Para além da causatividade da relação *verbo*  $\Rightarrow$  *argumentos* que se investiga neste trabalho, há ainda noções de causa codificadas linguisticamente:

- no plano semântico, pelo nexos de acarretamento entre sentenças (*Emanuel matou o coelho<sub>k</sub>*  $\rightarrow$  *O coelho<sub>k</sub> está morto*); em contexto de encaixe sintático, pela interação semântica entre sentenças que se adjungem (como é o caso das encaixadas consecutivas, [*Maneco descabelou-se tanto [que parece um homem das cavernas]]*); no plano morfológico, pela causatividade propriamente marcada nos vocábulos livres (do tipo *descabelar* = tornar sem cabelos [sic] ou tornar os cabelos desarrumados); no plano discursivo, pelo encadeamento argumentativo por *causa & efeito*, por exemplo.

Na relação *verbo*  $\Rightarrow$  *argumentos*, o causativo costuma ser definido como o estado resultante de uma ação realizada por um argumento desencadeador e expressa pelo verbo em construções transitivas, nas quais há a realização sintática de pelo menos dois dos argumentos semânticos do verbo. Desse modo, de *Mateus enrolou o fio do telefone* resulta o estado de ‘enrolado’ do segundo argumento, e *Mateus*, que recebe o papel temático de agente da ação verbal, é o desencadeador desse estado. Evidentemente, a configuração transitiva por si só não é condição suficiente para a expressão de causa. Essa configuração sintática precisa ter como núcleo um verbo causativo cujas

propriedades semânticas (conteúdo semântico e seleção argumental) permitam expressar a causatividade.

Por certo as construções transitivas (a) *Sarah escreveu o e-mail* e (b) *Sarah adorou o e-mail* não expressam o mesmo tipo de relação com o segundo argumento do verbo, *e-mail*. No exemplo (a), a cena descrita é a de criação. O verbo *escrever* pertence a uma classe de verbos que se podem chamar *causativos existenciais* (DUBOIS *et alli*, 2001), pois expressa a criação de um dos argumentos. Já na cena que está descrita em (b), o grau de ‘afetação’ do argumento é nulo (p.ex., se comparado ao grau de ‘afetação’ descrito em *Mateus assou o bolo*<sup>6</sup>). O segundo argumento de *adorar* não sofre qualquer mudança de estado.

Observa-se que, além das diferenças de conteúdo semântico, os verbos *escrever* e *adorar* selecionam argumentos de papéis semânticos distintos: na primeira construção, o primeiro argumento é desencadeador da ação verbal, enquanto, na segunda, é experienciador, não afeta o outro participante; na primeira construção, o segundo argumento do verbo é afetado pelo evento e recebe o papel semântico de paciente, na segunda construção, o segundo argumento não sofre qualquer ‘afetação’ e recebe papel semântico de causador de experiência (CANÇADO, 2003).

Said Ali (1964, p. 164), ao apresentar os verbos transitivos como aqueles “[...] cujo sentido se completa com um substantivo [...]” e exemplificá-los com as sentenças *Feriu o pé*, *Antônio feriu Pedro*, *Deus criou o mundo* e *O ourives fez um anel*, introduz a descrição da noção de causa dessas construções. O autor, distante do aparato terminológico da linguística contemporânea, acertadamente destaca que a força semântica sobre os complementos verbais por ele exemplificados não é a mesma: enquanto *pé* e *Pedro* “[...] postos em seguimento a *feriu* exprimem a pessoa ou cousa [sic] que recebe a ação [...]”, *mundo* e *um anel*, complementos de *criou* e *fez*, “[...] denotam o produto da ação. Num caso o acusativo significa um ser cuja existência é anterior à da ação

---

<sup>6</sup> Pustejovsky (1995) analisa o verbo *assar* como verbo de criação, ou seja, como um causativo existencial. Assim, o argumento *o bolo* passaria a existir com a realização do evento de assar. Considerando-se que o argumento já existia antes de ser submetido ao processo, o que permite usos referenciais do tipo *O bolo está pronto para assar*, *assar* não poderia indicar um processo de criação. Por essa análise, *assar* é um verbo de mudança de estado apenas – o que o incluiria na classe de verbos como *quebrar*. Construções do tipo (a) *Mateus assou o bolo* e (b) *Mateus quebrou a xícara* expressam, segundo a posição adotada neste trabalho, mesmo grau de ‘afetação’ do segundo argumento e possibilitam, ambas, a formação de construções incoativas: (a') *O bolo assou* e (b') *A xícara quebrou*. Um causativo existencial como *fazer*, p.ex., não participa dessa alternância: (c) *Mateus fez o bolo* e (c') *\*O bolo fez*.

verbal; no outro caso, o ser aparece ulteriormente como resultado do ato que se pratica.”.

Apesar das diferenças apontadas em cada caso, os argumentos que ocupam a segunda posição argumental dos dois grupos são afetados. O que Said Ali sinaliza é a existência de um (sub)grupo verbal cuja relação semântica com os argumentos é de criação (‘afetação’ fortemente marcada) – permitindo chamá-los *causativos existenciais*. Para além do grau de efeito sobre o participante afetado, em comum entre os dois grupos há a interpretação do *operador causal*, entendido como uma operação semântica capaz de pôr em relação o causador do evento expresso pelo verbo e o argumento afetado/criado pelo evento (CHIERCHIA, 2003, p. 277-279).

Chierchia (2003) desenvolve a análise do *operador causal* no âmbito das regras lexicais, que objetivam reconstruir de maneira explícita o conhecimento implícito de que dispõem os falantes acerca de diversas operações codificadas nas línguas, dentre as quais está a operação de causa. Como a expressão de causa é um processo lexical fortemente regular, o autor a emprega para demonstrar de que maneira certas relações semânticas podem ser descritas por uma abordagem decomposicional (que fixa o significado lexical com base em conceitos universais primitivos).

Uma das formas de se proceder à explicitação da relação de causa é a postulação da existência de um operador causal primitivo. Nesse sentido, a ‘aplicação’ do *operador causal* tem como característica semântica, uma consequência lógica, portanto, o desencadeamento de uma ‘afetação’, conforme ilustram os dados em (1.1a-b), explicitados por (1.1c-d):

- 1.1 (a) Sarah afundou o barco.
- (b) O barco afundou.
- (c)  $AFUNDAR_t^2(x,y) \leftrightarrow CAUSAR_t(x, AFUNDAR_t^1(y))$
- (d)  $R_t(x,y) \leftrightarrow CAUSAR_t(x, P_t(y))$

As construções alternantes em (1.1a-b) estão representadas na fórmula (1.1c), em que a notação  $CAUSAR_t$  representa a operação semântica do *operador causal*;  $AFUNDAR_t^2(x,y)$  é a forma transitiva (1.1a) em que os argumentos  $x$  e  $y$  estão postos na relação estabelecida entre ambos *sse* (se e somente se)  $x$  afunda  $y$  em  $t$  ( $t$  especifica a marcação de tempo);  $AFUNDAR_t^1(y)$ , representação da forma intransitiva, contém a classe dos indivíduos que afundam em  $t$  (1.1b).

Assim, tem-se a leitura da fórmula em (1.1c): *x* afunda *y* se e apenas se *x* causa o afundamento de *y*. (1.1d) contém a forma geral de (1.1c), em que *R* é a interpretação de um verbo transitivo qualquer e *P* a interpretação intransitiva do mesmo verbo em pares de alternância causativo-incoativa como ilustram (1.1a-b).

Além de tomar parte nas ocorrências de *causativas lexicais* exemplificadas por (1.1), a mesma operação CAUSAR pode integrar construções ditas *causativas sintáticas*<sup>7</sup>, nas quais a combinação com o verbo *fazer*, na estrutura *x fazer y V*, possibilita a qualquer verbo intransitivo a valência causativa (ibidem, p. 279) – cf. ilustra (1.2), a seguir, em que o verbo inacusativo *sair* é causativizado apenas em composição com *fazer*.

- 1.2 (a) Mateus saiu feliz.  
(b) \*Helena saiu Mateus feliz.<sup>8</sup>  
(c) Helena fez Mateus sair feliz.

Um procedimento de análise comum na literatura linguística é ilustrar as *causativas lexicais* como processos lexicalizados que: “[...] (i) afetam uma ampla classe de palavras, (ii) são interlinguisticamente recorrentes e (iii) apresentam uma contrapartida sintática.” (CHIERCHIA, 2003, p. 279). A exigência de contrapartida sintática como parte do comportamento gramatical de causativas lexicais é própria de posições teóricas que avaliam o causativo estritamente associado a processos de alternância, nos quais se contrastam as realizações biargumental (perspectiva causativa) e monoargumental (perspectiva de mudança de estado) do verbo alternante. Grimshaw (2005, p. 78) aproxima-se dessa posição ao entender que operações linguísticas são estruturais em sua natureza. Se se compreender a expressão de causa como um tipo de operação linguística, o que parece ser o caso, essa generalização da autora sobre as operações pode suscitar a restrição de causativos lexicais aos verbos que atendem à

---

<sup>7</sup> Para um estudo detalhado e uma conceituação mais precisa de *causativas sintáticas*, ver Palmer (1994). Silva (2005) é um trabalho detalhado sobre a ocorrência de causativas sintáticas em português europeu e em português do Brasil. Este autor chama a essas construções causativas analíticas ou perifrásticas e as define como “[...] estruturas de dois verbos (tipicamente) em que um exprime o predicado causal (evento causador) e o outro o predicado de efeito (evento causado). Na causação analítica, o predicado causal (*fazer* ou *deixar*, por exemplo) exprime tão somente a noção de causa – ou outras noções intimamente relacionadas, como manipulação, possibilitação, permissão –, sem mais nenhum conteúdo lexical específico [...]” (SILVA, 2005, p. 12).

<sup>8</sup> A notação “\*” é indicativa da agramaticalidade da construção que precede.

especificação estrutural de alternar nas duas configurações sintáticas (biargumental/monoargumental).

Certamente, é preciso que o predador verbal assuma pelo menos duas diáteses para que se possa configurar um processo de alternância – e, nesse caso, o licenciamento de uma construção monoargumental como contrapartida sintática é logicamente necessário. Porém, parece restritivo e pouco plausível assumir que apenas aqueles verbos que apresentam comportamento alternante na sintaxe possuem estrutura causal, ainda mais se essa especificação estrutural puder ser atrelada à estrutura semântica dos itens lexicais.

Nesse sentido, Grimshaw (2005, p. 86-87), distanciando-se dos pressupostos de Chierchia (2003, p. 279), brevemente examina eventos causativos que podem ser não sintática, mas lexicalmente estruturados. Esses eventos não se distribuem apenas entre verbos com paradigma de alternância, contudo, segundo a autora, assim como os verbos causativos alternantes, os causativos não-alternantes selecionam sempre um argumento afetado para a posição de segundo argumento da transitiva, que necessariamente pertence à estrutura semântica do predador – e não parece haver uma única razão para se acreditar que estes verbos não estejam entre os causativos lexicais. Entrariam nessa descrição, p.ex., os verbos *matar* e *desembrulhar*:

- 1.3 (a) O gato matou o rato.  
(b) \*O rato matou.  
(c) Mateus desembulhou o pacote.  
(d) \*O pacote desembulhou.

A impossibilidade de alternância em (1.3), para Grimshaw (2005, p.87), está relacionada às limitações de um tipo de estrutura semântica que corresponde a um evento singular. Esse evento único é morfologicamente especificado (argumentação que é compatível com a análise da estrutura eventual proposta por Pustejovsky (1995), que será apresentada nos próximos capítulos) e a causalidade contida na relação *verbo*  $\Rightarrow$  *argumento* é representada pela expressão sintática desse evento único que exibe a afetação do segundo argumento das formas transitivas. As construções agramaticais de (1.3) são justamente aquelas que barram a possibilidade de expressão de um evento de mudança de estado, não a de um evento causativo.

Ainda sobre essa questão, Grimshaw (1990, p. 22-30) analisa uma classe de verbos de experiência causativos, do tipo de *assustar*, que não participa na alternância causativo-incoativa. Embora os integrantes



dessa classe possam ocorrer tanto na forma transitiva quanto incoativa, a forma incoativa não sustenta a leitura de ‘afetação por força da ação de uma entidade não expressa sintaticamente’, como ocorre no par *A menina rasgou a folha/A folha rasgou*. Ao contrário de verbos do tipo de *rasgar*, verbos psicológicos da classe de *assustar* partilham um significado causativo apenas no contexto biargumental, quando indicam que a mudança de estado psicológico do segundo argumento da construção foi desencadeada pelo primeiro argumento.

- 1.4 (a) A tempestade nos assustou.
- (b) \*A gente (se) assustou.
- (agramatical apenas como contraparte incoativa de (1.4a))
- (c) A tempestade causou que nós experimentássemos medo.
- (d) (Agente (Exp))

Grimshaw (1990, p. 29) estabelece uma contraparte agentiva para essa classe, a que a autora chama de contraparte causativa psicológica agentiva, e explicita a leitura causal veiculada pela interpretação agentiva de verbos psicológicos através da descrição de relação semântica de (1.4c) e da configuração temática de (1.4d), em que o argumento agente é hierarquicamente superior e age sobre um experienciador, especificando o tipo de ‘afetação’ envolvida. Cabe salientar que a configuração (1.4d) é semelhante à que a autora propõe para verbos alternantes como *rasgar* e *quebrar*, o que aproxima, sem que se tome um critério sintático particular como restrição, a análise de verbos causativos que participam de processos de alternância da análise proposta para os verbos não-alternantes.

Diferentemente de (1.3) e de (1.4), nos exemplos a seguir, amplamente empregados para ilustrar a alternância causativo-incoativa, o fenômeno constitui um nexos sistemático da alternância explicitada com a ajuda do *conectivo causal* que se encaixa na generalização contida em (1.1d). Em todas as ocorrências, há contrapartida sintática monoargumental para a forma transitiva causativa e duas perspectivas eventuais disponíveis, um evento que indica mudança de estado e outro que indica atividade que resulta na afetação do segundo argumento da transitiva:

- 1.5 (a) Sarah quebrou o galho.
- (b) O galho quebrou.
- (c) Sarah broke the branch.
- (d) The branch broke.

- 1.6 (a) Emanuel balançou a corda.  
(b) A corda balançou.  
(c) Emanuel swung the rope.  
(d) The rope swung.
- 1.7 (a) Helena torceu o cabo de aço.  
(b) O cabo de aço torceu.  
(c) Helena twisted the steel cable.  
(d) The steel cable twisted.

Segundo Van Valin (2006), os elementos abstratos que compõem a metalinguagem semântica utilizada na decomposição de predicados, a exemplo do *operador causal* presente na representação (1.1d), não são compreendidos como palavras pertencentes a uma língua natural. Ao contrário, essa metalinguagem faz parte de uma linguagem primitiva universal e, a despeito da similaridade que possa ter com itens lexicais de línguas naturais específicas, objetiva-se que a mesma representação sirva à explicação de fenômenos linguísticos em todas as línguas.

Para o autor, a tentativa de se capturarem relações semânticas como primitivos linguísticos que formam uma metalinguagem apresenta a vantagem de se ter uma representação comum para o significado de verbos e outros predicados em diferentes línguas – pelo que se viabilizam comparações e generalizações semânticas interlinguísticas. A estrutura lógica de predicados como *morrer* do português e *die* do inglês, p.ex., deve ser representada pela mesma metalinguagem TORNAR-SE **morto'**(x), cujas variáveis são preenchidas por itens lexicais da língua em análise: à sentença *O cachorro morreu* corresponde a representação TORNAR-SE **morto'**(cachorro), enquanto à sentença *The dog died* corresponde TORNAR-SE **morto'**(dog), em que o contraste é o material linguístico de preenchimento da variável (VAN VALIN, 2006, p. 167).

Nesse sentido, os exemplos de (1.5) a (1.7) dão mostra do comportamento de verbos que servem à alternância causativo-incoativa em diferentes línguas. Em todas as construções, a mesma leitura pelo predicado abstrato CAUSAR está licenciada para o inglês e para o português, o que permite alguma generalização entre essas duas línguas, nas quais tais ocorrências linguísticas lexicalmente licenciadas são recorrentes, sistemáticas e regulares e possuem a contraparte causativa sintática (*Sarah fez o galho quebrar/Sarah has made the branch break*). Esses casos ainda serão oportunamente tratados, quando da apresentação

de estudos acerca da descrição do comportamento semântico e sintático das classes de verbos que servem à alternância causativo-incoativa (LEVIN, 1993; LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995; 2005).

As ocorrências em (1.8) e (1.9), por sua vez, contrastam com os pares ilustrados anteriormente, pois a alternância entre a forma causativa e a incoativa disponível para o inglês não encontra mais simetria nas construções equivalentes em português, em que o único pareamento possível parece ser com *causativas sintáticas* ((1.8d) e (1.9d)):

- 1.8 (a) Mateus walked the dog.  
(b) The dog walked.  
(c) \*Mateus caminhou o cachorro.  
(d) O cachorro caminhou.  
(e) Mateus fez o cachorro caminhar.<sup>9</sup>
- 1.9 (a) The captain marched the solders across the battlefield.  
(b) The solders marched across the battlefield.  
(c) \*O capitão marchou os soldados através do campo de batalha.  
(d) Os soldados marcharam através do campo de batalha.  
(e) O capitão fez os soldados marcharem através do campo de batalha.

A alternância causativo-incoativa de predicadores primitivamente transitivos (inacusativos), ao que tudo indica, constitui um fenômeno linguístico mais regular que aquela em que os predicadores alternantes são verbos primitivamente intransitivos (inergativos). Um dos fatores de influência para a maior regularidade do primeiro caso de alternância causativa pode ser o fato de seus predicadores serem tipicamente verbos de mudança de estado e também eventualidades de indução externa. Já a instância de alternância causativa cujos predicadores são verbos inergativos, que tipicamente denotam atividade e são eventualidades de causa interna, torna-se fortemente restrita quanto à manifestação de causatividade.

Enquanto verbos inacusativos do tipo de *quebrar*, *balançar*, *torcer* e *afogar* participam da alternância causativo-incoativa, tanto em

---

<sup>9</sup> Por essa sentença também fica liberada a interpretação de que o primeiro argumento desencadeou, mas não acompanhou o desenvolvimento do evento. Já (1.8a) não parece liberar outra interpretação que não a de que o primeiro argumento acompanhou o desenvolvimento do evento.

construções do inglês quanto em construções do português, verbos intransitivos puros<sup>10</sup> do tipo de *caminhar* e *marchar* alternam *causativas lexicais* para o inglês, mas não o fazem nas construções em português. Contudo, a restrição para o licenciamento da alternância causativo-incoativa não atinge um subgrupo importante de verbos basicamente intransitivos do português, os quais, de modo restrito, alternam, aceitando causatividade:

- 1.10 (a) O mecânico voou o avião.  
(b) O piloto pousou o avião às pressas.  
(c) Ele trotou e galopou o cavalo preto em círculos.  
(d) Cada participante passeou a criança por pisos desnivelados.  
(e) Andréia estudou os filhos até a faculdade.  
(f) Mateus casou as filhas rapidinho.<sup>11</sup>

Ainda que haja restrições para realização causativa de eventualidades internamente causadas, há possibilidade de um conjunto dessas eventualidades receber indução externa. Nesse caso, a causativização de inergativos acarreta uma construção de diátese transitiva (a) em que os dois argumentos linguisticamente realizados participam do desenvolvimento do evento, (b) em que o primeiro argumento induz o segundo à realização do evento e (c) em que o argumento em posição de objeto sofre um grau de ‘afetação’ menor que aquele sofrido pelo argumento objeto de construções causativas com verbos de mudança de estado.

Considerando a assimetria de participação na alternância causativo-incoativa registrada entre inergativos do inglês e suas formas correlatas em português (ilustrada pelos pares de (1.8) e (1.9), mas não

---

<sup>10</sup> Cf. definem Keyser e Roeper (1984), intransitivos puros (inergativos) são aqueles verbos núcleos de construções em que não há objeto tema (argumento interno), os quais são subjacentemente ordenados pela estrutura *N verb = John slept*.

<sup>11</sup> Muito embora *casar* e *estudar* não sejam verbos de atividade, diferenciando-se de verbos como *correr*, *marchar*, *galopar*, neste trabalho estarão agrupados entre os predicadores verbais inergativos analisados como integrantes do processo conhecido como causativização. Ocorre que os procedimentos para identificação da transitividade básica dos verbos, adotados por esta pesquisa e já apresentados na Introdução, sustentam a inclusão de *casar* e *estudar* no grupo de eventualidades internamente causadas que podem sofrer indução externa e alternar para uma forma causativizada. Ou seja, de acordo com o critério da seleção argumental extraído de Levin (1993), *casar* e *estudar* podem ser avaliados como predicados basicamente intransitivos, ainda que não denotem uma atividade – característica aspectual partilhada por boa parte dos verbos analisados neste trabalho. Contudo, destaca-se que *casar* e *estudar* distinguem-se dos verbos a que se convencionou chamar intransitivos puros (cf. nota anterior) ou inergativos prototípicos.

restrita a eles) e a assimetria de participação na alternância registrada entre o próprio grupo de inergativos do português (ilustrada pela impossibilidade de causativização de *caminhar* e *marchar*, que contrasta com os dados de (1.10)), esta tese partiu de dois questionamentos principais: *Quais propriedades linguísticas estão envolvidas no licenciamento da alternância causativo-incoativa de inergativos? Como essas propriedades podem contribuir para esclarecer quais restrições impedem determinados inergativos do português de alternarem (enquanto outros alternam) e quais restrições são responsáveis pelo contraste de alternância entre inergativos do inglês e do português brasileiro?*

Orientado por essas questões, o trabalho se estrutura em torno do objetivo geral de *explicar as condições necessárias para se licenciar a incidência de causatividade sobre inergativos, e consequente causativização desses verbos* e em torno de três objetivos específicos: (i) *determinar quais aspectos de estrutura semântica, que interagem com a sintaxe, são responsáveis pelo licenciamento da alternância causativo-incoativa de inergativos*; (ii) *desmembrar esses aspectos em propriedades semânticas específicas dos verbos inergativos que alternam e ausentes da estrutura semântica daqueles que não são passíveis de causatividade*; e (iii) *demonstrar como essas propriedades são distribuídas entre os inergativos do português (criando dois subgrupos: inergativos que aceitam indução externa e inergativos que não a aceitam) e como respondem pelo contraste entre inergativos alternantes do inglês e seus correlatos não-alternantes em português*.

Como primeira hipótese, assumiu-se que o mapeamento das condições de realização da alternância causativo-incoativa de inergativos passa pela análise de como a forma linguística desses predicadores em alternância pode estar representada na estrutura conceptual (ou o contrário: como a estrutura conceptual pode estar representada na forma linguística) e também se considerou que causativas lexicais e causativas sintáticas, embora se distingam na forma linguística, devem apresentar correspondência conceptual.

Por isso, as representações conceptuais propostas neste trabalho comportam essa variação entre as instâncias de alternância causativa, servindo tanto para representação de causativas lexicais quanto de causativas sintáticas e distinguindo, entre o conjunto de operações causais conceptuais, aquelas que são orientadas para a alternância que embute a mudança de um estado e aquelas que são orientadas para a alternância de inergativos, que embute indução.

Como segunda hipótese, levantou-se que o refinamento dos aspectos de significado que compõem a estrutura semântica (**e não o conteúdo semântico**) dos predadores alternantes seria capaz de dar o quadro de propriedades linguísticas que são condições necessárias para o licenciamento da alternância causativa e de explicar as assimetrias de participação registradas entre inergativos de uma mesma língua e entre inergativos de diferentes línguas, como o português e o inglês. Isso implicou o refinamento do conceito de indução externa presente na causativização de inergativos (que são eventualidades internamente causadas) e o detalhamento de um quadro de restrições semânticas para o processo de causativização.

Observando as ocorrências em (1.10) e em (1.11),

- 1.11 (a) John drove Sarah home.
- (b) John walked Sarah home.
- (c) The flyer flew the plane.
  
- 1.12 (a) \*João dirigiu Sarah para casa.
- (com sentido de “levar de carro”)
- (b) \*João caminhou Sarah para casa.
- (c) O piloto voou o avião.

é possível notar que uma das condições para causativização dos inergativos em português é a manutenção do papel semântico de desencadeador para o segundo argumento da formação causativa e que essa restrição não opera sobre as formas correlatas em inglês. Com isso, o contraste de pares como *drive/dirigir* está atrelado à necessidade de o conjunto de inergativos alternantes do português manter o papel semântico de desencadeador para o segundo argumento da causativa.

Além disso, o verbo *walk*, alternante em inglês, não embute uma indução simples, como a que está em jogo na causativização de (1.11c) e de (1.12c), mas uma forma de indução que implica, além da seleção de um primeiro argumento para a forma causativa que tenha controle sobre a indução que produz, o compartilhamento do traço de controle sobre o evento denotado pelo verbo entre ambos os argumentos da transitiva. A distinção entre essas diferentes distribuições da propriedade de controle (sobre a indução e sobre o evento que representa a cena verbal) foi relacionada à especificação da natureza da causa externa responsável pela alternância desses inergativos, que se distinguiu através da separação entre *condução direta* e *condução indireta ininterrupta durante o processo*.

Por essa análise, pôde-se chegar à proposição de que as causativizações bloqueadas em português correspondem às formações que embutem a leitura de condução direta ou de condução indireta e ininterrupta. Especificamente sobre a *condução direta*, a restrição para ocorrências de causativização de inergativos do português está também relacionada com a impossibilidade de manutenção do papel semântico de desencadeador do evento denotado pelo verbo para o segundo argumento da formação causativa, pois, nos casos de *condução direta*, este argumento recebe unicamente o papel semântico de afetado pelo evento desencadeado por força da participação do primeiro argumento da transitiva.

## CAPÍTULO 2

### O Componente Lexical

“[...] it has become apparent that many of the facts of grammar are caused by properties of the particular lexical items that go into sentences.”  
Pinker (1990, p. 4)

A maneira como as palavras entram em relação com o mundo é tópico de investigação desde o *Crátilo*, de Platão – um dos mais importantes textos da antiguidade ocidental a refletir sobre a linguagem. Quando interroga sobre a *justeza dos nomes*, *Crátilo* provoca um debate acerca da natureza ontológica da linguagem: como são dados os nomes às coisas? Por natureza ou por convenção? O diálogo de Platão apresenta, através da voz dos debatedores, duas teses opostas centradas na opção entre naturalismo e convencionalismo linguístico. São elas:

- Por natureza: Crátilo, sustentado pela posterior argumentação de Sócrates, defendeu que há uma relação natural entre os nomes e as coisas que existem e por eles são designadas. Para essa tese, conhecida como *naturalismo semântico*, há uma ‘justeza’ natural (que é também universal) dos nomes, quer dizer, a forma da palavra e o sentido que ela expressa possuem uma relação necessária. “[...] o nosso Crátilo sustenta que cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhe [...]” (383b).
- Por convenção: Hermógenes, por outro lado, sustentou que os nomes são dados às entidades no mundo por convenção e tradição, o que inaugura a tese conhecida pelo nome de *convencionalismo semântico*. Esta posição assume que a relação entre as palavras e os objetos no mundo é estabelecida por questões culturais pautadas no uso e no costume linguísticos. “Nenhum nome é dado por natureza a qualquer coisa, mas pela lei e o costume dos que se habituaram a chamá-la dessa maneira” (384e).

Essas posições clássicas marcaram a visão dicotômica do componente lexical durante séculos de tradição gramatical e serviram de base para o desenvolvimento de outras concepções (MOURA; CAMBRUSSI, 2008). Para se ter ideia da pluralidade de tratamentos



dispensados ao léxico, desde o estruturalismo saussuriano, que iniciou a linguística moderna na qual o princípio da arbitrariedade do signo se instaurou, o componente lexical foi descrito por predicados antagônicos como *ser altamente estruturado* – visão primeiramente difundida pelo estruturalismo europeu e depois recuperada pelas abordagens lexicalistas contemporâneas – ou *ser um depósito de irregularidades* – posição compartilhada entre os adeptos do estruturalismo americano e, posteriormente, pelos estudos chomskyanos.

Neste trabalho, reconhece-se o componente lexical como estruturado e regular, capaz de fornecer explicações para os fenômenos linguísticos de alternância verbal ao prever, ainda na estrutura lexical subjacente, aspectos relacionados ao comportamento sintático-semântico dos predicadores inacusativos e inergativos que servem à alternância causativa. Essa tomada de posição é alicerçada em abordagens linguísticas recentes, referidas como lexicalistas, nas quais a posição do léxico é central. Pustejovsky (1995), Levin e Rappaport-Hovav (1995) e Bresnan (2001), apresentados nas seções a seguir, são alguns dos trabalhos que sustentam a abordagem lexical.

Assumindo-se esse embasamento teórico, a investigação proposta nesta pesquisa questiona quanto do comportamento dos itens lexicais alternantes pode ser descrito em termos de regras sistemáticas (também lexicais) e quanto fica a cargo de arbitrariedades linguísticas não-sistematizáveis. Em se tratando da instância de alternância causativo-incoativa de predicadores inergativos, comumente tratada pela literatura linguística como assistemática, apenas o isolamento de propriedades semânticas que se mostrem relevantes para o licenciamento do fenômeno podem contestar a posição tradicionalmente adotada.

## **2.1 Ciclo do Componente Lexical: do regular à imprevisibilidade**

O léxico ocupa destacado papel na tradição estruturalista que Saussure principia. Dentro do estudo da língua-objeto, o signo linguístico, formado da composição entre significante e significado, é tomado como arbitrário e estruturado, sistemático e linear. Com isso, um componente lexical articulado entra no escopo da visão de língua enquanto sistema no qual, segundo Saussure, o signo linguístico não existe por relações externas à língua, mas pela relação de oposição que mantém com os demais signos linguísticos. Em ambas as faces da palavra, como forma ou substância, “[...] a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente

diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema.” (SAUSSURE, 1960, p. 139).

Assim, os signos atingem existência real dentro do sistema linguístico porque entram em relação de oposição com os demais signos. Por essa relação dissociativa, estabelecem-se as noções de valor que os termos assumem dentro de um sistema de valores. O que o pensamento saussuriano põe em evidência para o léxico, então, são duas instâncias de estruturação: primeiro, o signo se define pela relação significante/significado, depois, essa relação se define por contrastar com outras relações de mesmo tipo, estabelecidas na constituição de outros signos.

No funcionamento das regras da língua, o sistema de signos, o léxico, resulta de *um conjunto de relações* responsável por fazer da língua um *equilíbrio de termos complexos que se condicionam reciprocamente*. Assumir, no âmbito dos estudos saussurianos, que o componente lexical é estruturado e sistemático, significa considerar sistematizadora a concepção que o autor adota para a vinculação entre signos – por relações sintagmáticas (alinhamento de signos na cadeia da fala que se apoia na extensão sentencial) e por relações associativas paradigmáticas (formação de grupos de signos por associação mental, fora do discurso, na memória). Assim, nos jogos de linguagem, o modo de compreensão das unidades linguísticas é duplamente articulado e o conjunto de relações estruturais mantidas entre essas unidades, pode-se pensar, chega a ser mais relevante que elas próprias. (ILARI, 2004, p. 64).

No estruturalismo de vertente americana, diferentemente do que se pode encontrar no *Curso de Linguística Geral* de Saussure, a orientação para o desenvolvimento científico da linguagem não incluía o estudo do sentido. Bloomfield, para quem o sentido fazia parte unicamente de processos mentais individuais, sustentava que apenas após ter sido encerrada uma completa e exaustiva descrição dos aspectos físicos do mundo seria possível realizar alguma investigação semântica. (ILARI, 2004, p. 79-80). Para Bloomfield e seguidores, as categorias mentais e conceituais eram um desafio à análise gramatical de línguas particulares que, naquela época, ainda eram totalmente desconhecidas. Esse procedimento behaviorista de análise desencadeou, a princípio, a redução mínima da semântica a relações entre estímulos físicos e verbais, e desenvolveu-se até o ponto de sua extinção dos padrões de análise pautados exclusivamente nos níveis fonológico e morfológico – considerando-se que muito pouco se fez pela sintaxe (WEEDWOOD, 2002, p. 131). Foram significativas as consequências da

[...] adoção da teoria behaviorista da semântica, segundo a qual o significado é simplesmente a relação entre um estímulo e a reação verbal. [...] era preferível, tanto quanto possível, evitar basear a análise gramatical de uma língua em considerações semânticas [...]. Assim, um dos aspectos mais característicos do estruturalismo americano pós-bloomfieldiano foi seu completo desprezo pela semântica. (ibidem, p. 131).

A atenção estrutural, centrada sobremaneira em aspetos formais morfológicos e fonológicos das línguas descritas pelos estruturalistas americanos, fez com que Bloomfield definisse o léxico, em parte, como a totalidade do conjunto de morfemas (formas mínimas resultantes da associação de fonemas) de uma língua, enfatizando no componente lexical o que era concreto e, portanto, estava exposto à observação do pesquisador. O estudo de unidades linguísticas maiores ficou prejudicado pela falta de definições claras que se pudessem construir a partir da observação dos dados em *corpus*. A significação, dentro de um modelo teórico que desejava a clareza e a segurança das respostas visíveis, era um ameaçador conjunto de estruturas mentais não-objetivas indesejáveis.

Tratar como lista de irregularidades básicas o que escapava às generalizações foi, portanto, a alternativa encontrada pelos estruturalistas americanos para solucionar a questão do léxico e dar o formato de lista aos itens cujas propriedades distribucionais não eram aparentes. Em contraponto, estudos lexicalistas posteriores observaram que há um considerável grau de idiossincrasia afetando o conhecimento que qualquer falante tem sobre o léxico de sua língua, contudo, a opção teórica de deixar no léxico apenas o que é irregular e idiossincrático não se sustentou, uma vez que não se podem negar os aspectos de regularidade do conhecimento que os falantes têm das palavras.

Nos estudos gerativistas, que tiveram especial expressividade para as pesquisas linguísticas da segunda metade do séc. XX, o componente gramatical de base é o sintático, no qual se concentra todo o potencial gerativo das representações. Nesse modelo, o componente semântico e o componente fonológico são considerados níveis interpretativos e o componente lexical, em consonância com os estudos estruturalistas bloomfieldianos, é formado por um conjunto de itens linguísticos cuja organização ocorre por lista (BORGES NETO, 2004, p. 113). Essa opção de estudo tem a consequência imediata de resultar na

avaliação da sintaxe como um paradigma fechado, se contrastado com o léxico, por exemplo, avaliado como um paradigma aberto em que se depositam itens ainda sem gramática, pois estão apenas estocados, não entram em relação nem possuem função (PEREIRA, 2000).

Em outros termos, dentro do aparato gerativo chomskyano, o léxico da língua é um conjunto de itens lexicais armazenados e não relacionados e reduz-se à função de inserir, nas estruturas de base transformacionais geradas no nível sintático, os termos necessários ao preenchimento das estruturas linguísticas que geram sentenças. Em uma das interpretações possíveis para esse esquema, detalhadamente apresentado em Chomsky (1965), o léxico funciona como um mecanismo alimentador de base, que fornece ao aparato formal abstrato da sintaxe o material linguístico necessário à constituição das sentenças (exceção clara nessa linha teórica são os trabalhos em morfologia distribuída, para os quais o léxico é componente da gramática).

No desenvolvimento da teoria gerativa, cf. aponta Borges Neto (2004, p. 115), essa visão do componente lexical é revista e alterada, à medida que os itens lexicais passam a ser tratados como feixes de traços e que muitos fenômenos antes explicados exclusivamente por regras transformacionais passam a ser considerados como resultantes de relações lexicais. O que Borges Neto não avalia é a representatividade dessas relações que começam a ser consideradas no plano lexical. Apesar da reformulação do papel do léxico na teoria gerativa, os fenômenos linguísticos reservados às relações lexicais são aqueles que não se pôde explicar por regras sintáticas e que no léxico, ainda desprovido de gramática, perpetuam a prática de lista de irregularidades.

Pela definição apresentada por Raposo (1992, p. 89), o léxico é exposto como “[...] o dicionário da gramática: as regras desta manipulam os itens lexicais, fazendo um uso crucial da informação aí contida.”. O autor também afirma que, no léxico, estão guardadas tanto as propriedades gerais responsáveis pela identificação de classes quanto aquelas propriedades idiossincráticas que identificam itens singulares ou mesmo um pequeno conjunto de itens da língua. O que se deve destacar sobre esses dois grupos de propriedades que Raposo aponta é o fato de eles serem considerados como não-regulares, i.e., como “[...] propriedades dos itens lexicais que não podem ser derivadas a partir das regras da gramática.” (RAPOSO, 1992, p. 89), ou seja, são arbitrariedades estocadas.

No cenário linguístico atual, a concepção, tradicionalmente difundida desde Bloomfield, de que o léxico é uma lista de irregularidades e serve de depósito a um conjunto de idiossincrasias é

questionada em trabalhos como Bresnan (2001), Pustejovsky (1995) e Levin e Rappaport-Hovav (1995), os quais argumentam em favor da descrição das regularidades lexicais, de sua organização e de seu funcionamento, discutindo os reflexos das regras lexicais na sintaxe da língua. O que emergiu desses recentes estudos foi a consideração de que os falantes dispõem de um conhecimento tácito que lhes permite relacionar propriedades semânticas e propriedades sintáticas das palavras. Esse conhecimento pode ser generalizado e descrito por meio da criação de classes de palavras que mantenham entre si tanto proximidade de significado quanto de comportamento sintático.

## 2.2 Abordagens Lexicalistas

Pesquisas recentes no campo da linguística, destoando da tradição que as precede, dedicam-se a apresentar uma nova dimensão do estudo do componente lexical a partir do tratamento estruturado do léxico e de sua representação. Conforme aponta Moura (2002, p. 1): “Depois de um longo período em que o léxico foi considerado assistemático e idiossincrático, a busca por regularidades e por relações semânticas sistemáticas no campo lexical passou a caracterizar as pesquisas nessa área.”. Ainda segundo o autor, esse novo modelo de estudo configura uma tentativa de “[...] explicitar a riqueza do funcionamento do léxico e sua interação com outros componentes da gramática.” (ibidem, p. 1).

*Lexical-Functional Grammar* (LFG)<sup>12</sup>, apresentada por Bresnan (2001), é um dos modelos de teoria lexical que ganha destaque a partir do início da década de 1980. Kaplan e Bresnan (1982) desenvolveram esse modelo de análise dos fenômenos linguísticos que relaciona as funções gramaticais à estrutura lexical das línguas. Para a LFG, o léxico é estruturado a ponto de mapear o conjunto de mudanças nas relações gramaticais, i.e., as relações gramaticais – incluindo-se o processo de alternância verbal e, dentro dele, a formação de passivas – não são estabelecidas pelo mapeamento das diferenças sintáticas entre sentenças ou por estruturas internas, mas pela possibilidade de serem mudanças previstas na estrutura lexical subjacente que, obedecendo a determinadas restrições, autoriza as possíveis mudanças de relação (BRESNAN, 2001).

---

<sup>12</sup> Outras gramáticas de cunho lexical foram desenvolvidas anteriormente; nesta apresentação, não se objetiva fazer referência a todos esses trabalhos, mas realizar um recorte que abarque apenas os que se avalia como sendo os mais expressivos.

Nesses termos, as mudanças de relação gramatical são alternâncias lexicais e, como já se poderia esperar de um modelo de base lexicalista, estão mapeadas no léxico. O postulado por trás desse princípio (*The Principle of Direct Syntactic Encoding*) sustenta que todas as mudanças de relação gramatical são lexicais (ibidem, p. 77); além disso, as informações gramaticais da língua estão orientadas por dois níveis representacionais, um referente à *c-structure* (estrutura de constituintes, relativa à representação estrutural das sentenças) e outro referente à *f-structure* (estrutura funcional, relativa às funções e às relações gramaticais presentes na sentença). Tanto as operações de *c-structure* quanto as de *f-structure* estão mapeadas no léxico, onde a possibilidade de não-correspondência entre estrutura e função está igualmente prevista (BRESNAN, 2001, p. 19). Assim, a LFG propõe-se explicar o funcionamento das línguas a partir de uma gramática lexicalmente orientada, em que haja regras gramaticais simples embutidas em uma estrutura lexical complexa.

Ainda, a LFG sustenta, cf. se apresenta em Bresnan (2001, p. 30), que fenômenos morfológicos como os processos de formação de palavras são derivados a partir de relações morfolexicais – não morfossintáticas. Do mesmo modo, a formação da passiva, comumente tratada na literatura como processo sintático, é, argumenta a autora, também derivada por motivações morfolexicais e circunstanciada por mudanças de relação lexical. Nesse sentido, Bresnan e demais autores desenvolvem uma teoria lexicalista que concebe a formação e a derivação de processos linguísticos, já fartamente discutidos em pesquisas anteriores, por interação não apenas léxico-sintática, mas também léxico-morfológica, sinalizando a ampliação das relações significativas entre componentes da gramática.

Entre os demais estudos linguísticos de base lexical surgidos recentemente, destaca-se *Head-driven Phrase Structure Grammar* (HPSG), primeiramente elaborado por Carl Pollard e Ivan Sag e depois desenvolvido por Ivan Sag, Thomas Wasow e Emily Bender. Segundo Aragão Neto (2008), a HPSG é um modelo de gramática gerativa fortemente lexicalista, cuja arquitetura (ou estrutura) vale-se da análise linguística pautada em três dos componentes gramaticais: sintaxe, semântica e fonologia. Aragão Neto, ancorado nos pressupostos teóricos da HPSG, assume que a teoria possibilita generalizações orientadas pelo núcleo lexical à medida que propõe suas entidades como complexos de propriedades gramaticais.

Formulada com base em uma estrutura de traços, a HPSG é um modelo de gramática orientada pela superfície, do que resulta o não-

apagamento de elementos e o não-rearranjo de estruturas sintáticas por movimentos posteriores aos processos de geração. Assim, conhecida como uma teoria lexicalista baseada em restrições, a HPSG pode ser descrita: i. como uma teoria que respeita o processamento incremental da língua a partir de estruturas simples derivadas de propriedades das palavras; ii. como uma teoria que faz uso de princípios, construções, traços e tipos que interagem entre si para descrever as estruturas; iii. e, finalmente, como uma teoria lexicalista que deposita no léxico dados de cunho fonológico, sintático e semântico. Dentro desse arcabouço teórico, o componente lexical “[...] apresenta os elementos – signos lexicais – que especificam o modo como as estruturas devem ser construídas e, dessa forma, proporcionam velocidade ao processamento linguístico.” (ARAGÃO NETO, 2008, p. 23).

Outra abordagem de cunho lexical é a Teoria do Léxico Gerativo (LG), apresentada e desenvolvida por Pustejovsky (1995). O LG tem como objetivo explicar a natureza polimórfica da linguagem, a semanticalidade das expressões e os usos criativos em novos contextos. Para tanto, Pustejovsky explicita formalmente a composicionalidade da semântica dos itens lexicais, prevendo sua ocorrência e, também, aspectos refinados de seu comportamento em diferentes contextos sintáticos.

O intuito do trabalho de Pustejovsky é dar conta do uso criativo do léxico em novos contextos. Para tanto, o autor constrói um modelo de estudo destinado à composicionalidade lexical enriquecida, objetivando desenvolver uma representação formal da linguagem que capture a natureza gerativa da criatividade lexical e o fenômeno da extensão de sentido, além de oferecer um tratamento unificado para o fenômeno da polivalência, mudança de tipos e polissemia regular. Por esse olhar, o comportamento de um item lexical como *porta*, por exemplo, que pode significar tanto abertura quanto objeto físico (*A porta é de metal* ou *Passei pela porta*), é explicado por meio de um único formalismo que prevê as possibilidades de ocorrência deste item.

O LG opõe-se, principalmente, às teorias SEL (sense-enumeration lexicon), que, na avaliação de Pustejovsky, listam de forma descritivista as possibilidades de ocorrências dos itens lexicais e os diferentes sentidos assumidos na mudança de contexto. Para Pustejovsky (1995), as teorias SEL não dão conta de todas as ocorrências lexicais, nem mesmo servem para embasamento científico, já que não delimitam o objeto de estudo como fenomenológico, apenas listam e enumeram, em um *léxico de enumeração dos sentidos*, itens lexicais com base em um conjunto finito de traços distintivos.

Sob o rótulo de teoria SEL, Pustejovsky inclui trabalhos como Levin (1993), considerando que são modelos de descrição lexical atrelados unicamente à enumeração e, assim, incapazes de fornecer uma adequada descrição da semântica das expressões linguísticas. Acertadamente, Pustejovsky percebe nessas pesquisas classificações centradas na criação de classes lexicais (principalmente classes verbais, que servem aos processos de alternância). Contudo, o autor reduz o alcance teórico de tais estudos quando os limita à criação de classes e à repetição de itens a cada novo uso. As classes linguísticas identificadas por esses trabalhos são orientadas por critérios relativos ao comportamento sintático e semântico dos itens lexicais e, assim como as estruturas representacionais propostas pelo LG, evidenciam a estruturação do componente lexical, sua regularidade e a previsibilidade de suas realizações sintáticas.

Segundo Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 1), a existência dessas regularidades de ligação entre propriedades semânticas e sintáticas das palavras, por exemplo, na relação entre o verbo e seus argumentos “[...] sustenta a ideia de que o significado do verbo é um fator determinante para a estrutura sintática das sentenças.”<sup>13</sup>. A constatação dessas regularidades “[...] através das línguas fortemente sugere que elas são parte da arquitetura da linguagem.”<sup>14</sup>. Entretanto, a descrição dos componentes de significado relevantes para a sintaxe ainda demanda refinamento, pois: “Os componentes de significado mais óbvios podem não ser os reais determinantes semânticos do comportamento sintático.”<sup>15</sup> (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2005, p. 15).

Finalmente, tomando-se a posição assumida por Pustejovsky (1995), em defesa da existência de mecanismos semânticos gerativos que, composicionalmente, geram os sentidos das expressões linguísticas, não se pode mais tratar o léxico de maneira breve, como se costumava fazer em pesquisas anteriores. Há, nos itens lexicais, uma estrutura semântica interna extremamente rica que permite derivações de significado em interação composicional entre palavras. Nesse sentido, é preciso vencer a visão limitada que se tinha do componente lexical e

---

<sup>13</sup> Tradução livre, no original: “[...] supports the idea that verb meaning is a factor in determining the syntactic structure of sentences.” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 1).

<sup>14</sup> Tradução livre, no original: “[...] across languages strongly suggest that they are part of the architecture of language.” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 1).

<sup>15</sup> Tradução livre, no original: “The most obvious components of meaning may not be the actual semantic determinants of syntactic behavior.” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2005, p. 15).



reconhecer a relevância desse conhecimento especialmente para as teorias linguísticas.

## **2.3 Resumo do Capítulo**

Neste capítulo, realizou-se uma retomada do tratamento dado ao componente lexical desde os estudos saussurianos. Antes disso, iniciou-se pela apresentação do clássico debate sobre naturalismo e convencionalismo do signo linguístico, registrado no diálogo *Crátilo*, de Platão. Em seguida, buscou-se contrastar as descrições do componente lexical que vão desde o pressuposto teórico de que o léxico é altamente regular até o pressuposto contrário, de que o componente lexical se reduz a uma lista de irregularidades. No final do capítulo, está uma síntese das teorias de cunho lexicalista consideradas mais expressivas. Esses estudos, defensores da sistematicidade e, portanto, da previsibilidade do componente lexical, foram representados por Bresnan (2001), pela teoria da HPSG, por Pustejovsky (1995) e por Levin e Rappaport-Hovav (1995) – estes dois empregados como embasamento teórico neste trabalho. Essa exposição teve o intuito de reforçar a tese assumida, de que a estrutura lexical das línguas é rica, regular e capaz de prever, inclusive, o comportamento sintático dos itens lexicais.

No capítulo seguinte, serão apresentadas noções importantes para a delimitação das ocorrências linguísticas que, neste trabalho, são classificadas como pertencentes à alternância causativo-incoativa de predicadores inergativos. Definições de aspectos linguísticos como *transitividade*, *inacusatividade* e *inergatividade* serão discutidas para que se possam evidenciar os critérios empregados no estabelecimento de quais verbos alternantes são considerados em cada instância de alternância causativa e na identificação da transitividade básica dos predicadores alternantes.

## **CAPÍTULO 3**

### **Transitividade Básica e Natureza dos Predicadores Alternantes**

Como a alternância causativo-incoativa a partir de verbos primitivamente intransitivos, chamados verbos inergativos, constitui o foco de estudo desta pesquisa, é necessário que se estabeleça o procedimento metodológico aqui adotado para identificar a transitividade básica do verbo, i.e., é preciso esclarecer o que se entende por transitividade e como serão diferenciados os verbos primitivamente transitivos dos primitivamente intransitivos formadores da alternância focalizada. Este capítulo objetiva explicitar tais definições e, para tanto, também retoma os procedimentos adotados na literatura para se identificarem, dentro da classe tradicionalmente chamada intransitiva, os predicadores inacusativos e os inergativos, uma vez que essas duas classes verbais formam instâncias de alternância causativa distintas.

#### **3.1 O Predicador Núcleo da Alternância Causativa em Foco**

A escolha entre estruturas da língua distintas que descrevam a mesma cena do mundo não ocorre de maneira desregrada, há condições linguísticas que permitem aos falantes certas formações, mas bloqueiam outras. Isso pode ser evidenciado nas restrições de seleção argumental do léxico. Há itens lexicais que permitem, por exemplo, a exposição linguística de um evento de duas perspectivas distintas – e isso caracteriza um processo de alternância, como a alternância causativo-incoativa. Já outros itens lexicais restringem a possibilidade de expressão linguística do evento no mundo e podem bloquear a alternância entre diáteses de um mesmo verbo. Sobre esse aspecto, Cançado (2005, p. 39) afirma:

A passagem do evento para a estrutura sintática não é uma relação um-a-um, mas depende de muitos fatores. Primeiramente, essa passagem depende da perspectiva adotada pelo falante para falar sobre os eventos no mundo. Eventos são pluridimensionais e expressões linguísticas são estruturas lineares. [...] para falarmos sobre um evento no mundo, devemos primeiramente escolher uma perspectiva ou um ponto de vista como ponto de partida. Junto a essa escolha, também vem a escolha dos itens lexicais a serem empregados. Isso significa que adotar uma

perspectiva também depende da disponibilidade lexical e morfológica de uma língua específica [...].

Quando não há restrições lexicais, sintáticas ou morfológicas para a alternância linguística, então, um mesmo evento no mundo pode ser descrito de perspectivas distintas; quando há restrições, o falante reorganiza a forma de expressão linguística, buscando estratégias para comunicar o que deseja. Uma categoria linguística que costuma estar no centro dos processos de alternância são os verbos. Esses elementos predadores possuem modos de organização sintática de seus argumentos previsíveis semanticamente e, se um verbo varia em termos de possibilidades de organização sintática, então, ele abre caminho para um recurso de que dispõem os falantes para expressar o mesmo evento sob diferentes perspectivas.

Conforme já se veio discutindo até este ponto do trabalho, a alternância causativo-incoativa pode ser derivada de dois tipos de predadores distintos: verbos considerados intransitivos puros, chamados inergativos, e verbos inacusativos, que seriam basicamente transitivos. Observando essa diferença, Whitaker-Franchi (1989) definiu o primeiro caso como processo de *causativização* (ilustrado por (3.1a-b)) e o segundo como processo de *ergativização* (ilustrado por (3.1c-d)).

- 3.1 (a) O professor passeou os alunos pelo salão do livro.  
(b) Os alunos passearam pelo salão do livro.  
(c) Mateus quebrou a maçaneta do portão com uma pancada.  
(d) A maçaneta do portão quebrou com uma pancada.

As cenas descritas pelas sentenças (3.1b) e (3.1d), ambas com diátese intransitiva, traduzem, respectivamente, a perspectiva de desencadeador do evento de *passear* e a perspectiva de ‘mudança de estado’ do evento de *quebrar*, realizando apenas uma das entidades envolvidas no evento: aquela que é afetada por ele. Por outro lado, as cenas descritas pelas sentenças (3.1a) e (3.1c), ambas com diátese transitiva, traduzem outra perspectiva dos mesmos eventos, uma perspectiva causativa, agora com duas entidades envolvidas: uma desencadeadora do evento e outra entidade afetada por ele.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Na verdade, como se demonstrará pela análise apresentada nos Capítulos 5 e 6, o segundo argumento de construções como (3.1a) não é afetado pelo evento, mas pela indução externa que sofre, mantendo-se na condição de desencadeador do evento denotado pelo verbo.

Apesar das propriedades convergentes entre os pares acima, há muitas diferenças entre a alternância causativa a partir de *passar* e a alternância causativa a partir de *quebrar*. Começa-se por registrar que, ao contrário de *quebrar*, *passar* é um verbo que tipicamente ocorre em construções intransitivas e denota atividade, tendo raras realizações em diátese transitiva. Outro ponto a se considerar, consequente do primeiro, é o fato de *passar* normalmente descrever cenas de uma perspectiva agentiva ((3.1b)), não de uma perspectiva causativa, o que pode gerar certa rejeição ou a estranheza de construções como (3.1a); *quebrar*, ao contrário, parece ser amplamente empregado na descrição de cenas em quaisquer perspectivas.

### 3.2 Transitividade Básica

De acordo com a tradição de estudos gramaticais<sup>17</sup>, a transitividade foi empregada para classificação dos verbos em pelo menos cinco classes distintas, definidas de acordo com a seleção de *objeto direto*: verbos transitivos diretos, transitivos indiretos, bitransitivos (diretos e indiretos), intransitivos e de ligação. A oposição entre verbo transitivo e intransitivo ilustra com clareza a aplicação e a ineficiência desses critérios. No âmbito das teorias tradicionais de gramática, é chamado transitivo o verbo que exige objeto direto e intransitivo o verbo que recusa objeto direto – caso haja regência de preposição, o objeto é indireto e, nessas ocorrências, a transitividade também; caso o verbo selecione dois objetos, um regido por preposição e outro não, classifica-se como bitransitivo; caso o verbo não seja de “sentido pleno” e tenha valor relacional, ligando o sujeito ao predicativo e servindo de suporte às categorias gramaticais expressas pelas desinências, classifica-se como de ligação.

Uma crítica direta à definição tradicional de verbo transitivo e de verbo intransitivo pode ser feita com base na variação de transitividade de muitos predicadores verbais. Há verbos, como *fazer*, que sempre ocorrerão na presença de objeto, para os quais a definição de verbo transitivo se aplica sem restrições. Há verbos, como *nascer*, que sempre rejeitarão a presença de objeto, e para esses a definição de verbo intransitivo se aplica sem restrições. O problema está na oscilação de transitividade de um grande conjunto de verbos do português, que pode ser ilustrada com o emprego de *ler* e *morrer*. O primeiro, embora chamado verbo transitivo, frequentemente é empregado

---

<sup>17</sup> Reproduzida, entre outros, por Cunha e Cintra (2001).

intransitivamente (cf. (3.2a)); o segundo, embora chamado verbo intransitivo, pode ser empregado transitivamente (cf. (3.2b)):

3.2 (a) Alunos de Letras lêem pouco.

(b) O pai morreu uma morte tranquila.

Segundo Perini (2000, p. 162), uma solução de recorrência para o problema de classificação da transitividade verbal exemplificado em (3.2) é afirmar que a transitividade não seria uma propriedade dos verbos, mas de contextos de uso ou de verbos em contexto de uso. Para o autor, essa posição implica o esvaziamento da noção de transitividade, uma vez que passaria a ser uma categoria gramatical supérflua. Entre seus argumentos, Perini considera que as categorias *transitivo* e *intransitivo* já não poderiam ser aplicadas aos verbos fora de contexto, tal como estão no léxico. Essa posição viola a definição tradicional, para a qual transitivo é o verbo que *exige* objeto direto (não o que oscila na seleção) e cria uma equivalência semântica entre *ser transitivo* e *ocorrer com objeto direto*, uma vez que dela decorreria, p.ex., a classificação de *ler* como transitivo quando ocorresse com o objeto e intransitivo quando ocorresse sem o objeto. Nesse caso, “[...] a noção de ‘transitivo’ deixaria de ser útil, pois não faria mais que repetir a informação já dada pela expressão menos misteriosa ‘que tem objeto direto’.” (ibidem, p. 163).

Com base em propriedades paradigmáticas dos predicadores verbais, Perini (2000) avalia, é possível que se depreendam generalizações vindas do comportamento geral das unidades linguísticas, pautadas, logicamente, nas ocorrências sintagmáticas. Em vez de se fundamentar o critério de definição da transitividade exclusivamente no contexto ou na *exigência* e na *recusa* de objeto direto, Perini amplia a descrição da transitividade em termos de *exigência*, *recusa* e *aceitação livre* de objeto, o que inclui na descrição gramatical a robusta lista de verbos que oscila quanto à transitividade (*ler*, *comer*, entre outros que somados chegam a 58% dos verbos do português, segundo o autor). Também as funções sintáticas relevantes para a definição das classes verbais são ampliadas. Enquanto a gramática tradicional destacava as funções de *objeto direto*, *objeto indireto* e *predicativo do sujeito*, estudos recentes avaliam que as quatro funções relevantes para o estabelecimento da transitividade são *objeto direto*, *complemento do predicado* (basicamente o *predicativo do sujeito*), *predicativo* (basicamente o *predicativo do objeto*) e *adjunto circunstancial* (que inclui *objeto indireto* e outros casos).

Uma consequência indesejável dessa multiplicação de funções sintáticas e de propriedades relevantes para o estabelecimento da transitividade verbal é a profusão de classes. Da aplicação dos critérios essencialmente sintáticos empregados por Perini (2000, p. 167) resultam onze classes verbais<sup>18</sup>, e não mais cinco, conforme prega a tradição gramatical. Para o autor, embora seja nítido o aumento de complexidade na classificação do fenômeno, a ampliação de classes é um mal necessário, já que o próprio fenômeno linguístico da transitividade verbal envolve fatos complexos. Ainda que se reconheça a necessidade de desenvolvimento de um estudo linguístico sobre transitividade que efetivamente dê conta de explicar o comportamento dos verbos do português, essa questão não será discutida a fundo aqui, pois está além dos objetivos de estudo.

Neste trabalho, a transitividade será tratada como propriedade básica dos predicadores verbais, em conformidade com Perini (2000), mas, diferentemente desse autor, será mantida a divisão primária entre transitivos e intransitivos (que não corresponde à classificação tradicional), mesmo que isso signifique ignorar a existência de uma série de problemas. Esse procedimento é suficiente para o estudo proposto para as duas instâncias de alternância causativo-incoativa de predicadores verbais, uma cujo predicador é um verbo inacusativo e outra cujo predicador é um verbo inergativo.

Primeiramente, porque será assumida a proposta de Levin e Rappaport-Hovav (1995), detalhada ainda neste capítulo, que considera os inacusativos como verbos primitivamente transitivos em função de grande parte dos membros da classe dos inacusativos apresentar menor grau de restrição para a seleção do argumento em posição de objeto da contraparte transitiva, na qual a expressão linguística do evento embute a relação entre dois dos argumentos semânticos do verbo, um desencadeador e o outro, afetado. Depois, Pustejovsky (1995) assume tratamento semelhante ao prever, na matriz lexical de verbos do tipo de

---

<sup>18</sup> Perini (2000, p. 166) apresenta as onze classes sob o rótulo de *matrizes de transitividade verbal* e as apresenta acompanhadas do percentual de verbos que se enquadram em cada matriz: I. [L-OD, L-AC, Rec-Pv, Rec-CP] (57,6%): *comer*; II. [Ex-OD, L-AC, Rec-Pv, Rec-CP] (22,3%): *encontrar*; III. [Rec-OD, L-AC, Rec-Pv, Rec-CP] (5,1%): *acontecer*; IV. [Rec-OD, Ex-AC, Rec-Pv, Rec-CP] (3,7%): *morar*; V. [Ex-OD, Ex-AC, Rec-Pv, Rec-CP] (2,1%): *acostumar*; VI. [Ex-OD, L-AC, L-Pv, Rec-CP] (1,3%): *considerar*; VII. [L-OD, L-AC, L-Pv, L-CP] (0,7%): *julgar*; VIII. [L-OD, L-AC, Rec-Pv, L-CP] (0,6%): *permanecer*; IX. [Ex-(OD v AC), Rec-Pv, Rec-CP] (5,2%): *lembrar*; X. [Ex-(CP v AC), Rec-OD, Rec-Pv] (0,7%): *estar*; XI. [Ex-(CP v PV), Ex-OD, L-AC] (0,7%): *sentir*. LEGENDA: Ex (exige), L (aceitação livre), Rec (recusa), OD (objeto direto), AC (adjunto circunstancial), Pv (predicativo), CP (complemento do predicado), CP v AC ('v' indica alternância entre as funções).

*quebrar*, a estrutura biargumental, em que a relação com o quale agentivo e o evento *processo* desencadeia a realização transitiva do predador com agente e paciente, e a relação com o quale formal e o evento de *mudança de estado* desencadeia a realização incoativa com expressão do argumento afetado.

Já verbos inergativos, chamados intransitivos puros na definição de Keyser e Roeper (1984), que constituem a outra instância de alternância causativa, serão tratados como verbos primitivamente intransitivos, também de acordo com critérios estabelecidos em Levin e Rappaport-Hovav (1995), e explicitados a seguir. Similarmente, Pustejovsky (1995) corrobora essa definição. O autor prevê, na matriz lexical de verbos como *correr*, um argumento cuja expressão linguística resulta da interação entre um evento de atividade e o quale agentivo. Sendo assim, enquanto inacusativos possuem uma estrutura argumental complexa (de dois argumentos) e a realização transitiva potencializada, inergativos possuem estrutura argumental simplificada e a realização transitiva condicionada a fatores tão restritivos que se torna possível afirmar que a forma transitiva não pode ser a forma básica para estes predadores verbais, mas a intransitiva.

### **3.3 Caracterização dos Predadores Alternantes: distinção entre inacusativos e inergativos**

Na tradição de estudos sobre a inacusatividade, que em grande medida segue a abordagem da teoria de Regência e Ligação, costuma-se adotar a hipótese gerativa de divisão dos verbos intransitivos entre inacusativos<sup>19</sup> e inergativos (hipótese sistematizada em Chomsky (1981) e Burzio (1986), desenvolvida por estudos como Belletti (1988) e apresentada por manuais como Raposo (1992), Mira Mateus *et alli* (1989)). Segundo essa hipótese, a distinção entre verbos inacusativos e inergativos, ambos selecionadores de apenas um argumento, está na natureza do argumento selecionado por esses predadores (argumento interno ou argumento externo) e no fato de os verbos inacusativos, como

---

<sup>19</sup> Em parte da literatura linguística, a classe verbal que aqui está sendo referida sob o rótulo de *verbos inacusativos* recebeu o nome de *verbos ergativos*. Essa oscilação terminológica é devida a dois aspectos formais desses verbos: (i) segundo a teoria gerativa, tais predadores não atribuem caso acusativo – do que decorre a denominação de inacusativos = sem caso acusativo; (ii) quando realizam, no par de alternância causativa, a forma monoargumental, a construção sintática resultante é chamada *ergativa*, em que o argumento realizado em posição pré-verbal representa a entidade afetada pelo evento – do que decorre a denominação de verbos ergativos. Neste trabalho, é adotada a classificação *verbos inacusativos* para que se mantenha unidade terminológica, especialmente, com o trabalho de Levin e Rappaport-Hovav (1995).

a terminologia da classe sugere, não atribuírem caso acusativo para seu argumento interno. Nas palavras de Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 3), “[...] em termos de estrutura de argumentos, um verbo inergativo possui um argumento externo, mas não um argumento interno direto, enquanto um verbo inacusativo possui um argumento interno direto, mas não um argumento externo.”<sup>20</sup>

Pode-se recuperar a origem dessa definição na generalização proposta por Burzio (1986). Com base na análise do comportamento sintático de verbos inacusativos do inglês e do italiano, dentro do quadro da gramática gerativa, Burzio (1986) partiu da *Hipótese Inacusativa* originalmente elaborada em Perlmutter (1978) e desenvolveu a *Hipótese Ergativa* para os verbos inacusativos (que posteriormente ficou conhecida como *Generalização de Burzio*), segundo a qual: i. verbos inacusativos possuem apenas um argumento, interno ao VP; ii. verbos inacusativos não atribuem caso acusativo ao seu argumento interno; iii. verbos inacusativos também não atribuem papel temático a argumento externo<sup>21</sup>.

Para tornar mais clara essa distribuição argumental, em termos gerativos, pode-se dizer que: na estrutura profunda, em que são geradas as sentenças, a posição estrutural do argumento externo especificador de um núcleo verbal pende de VP, ao lado de V' e se relaciona com o núcleo verbal na projeção máxima, enquanto a posição estrutural do argumento interno de um núcleo verbal pende de V', ao lado de V e se relaciona com o núcleo verbal na projeção intermediária; já na estrutura de superfície, em que as sentenças já estão geradas, o argumento externo é movido da posição em que nasce, ao lado de V', para a posição de especificador da sentença, fora do VP.

Na representação arbórea, em estrutura profunda, verbos inergativos assumem a estrutura em (3.3a), enquanto verbos inacusativos assumem a estrutura em (3.3b). Essas duas representações evidenciam que a classe dos verbos monoargumentais não se apresenta de maneira uniforme, como a tradição gramatical quis sugerir através da classificação intransitiva. Há verbos monoargumentais que selecionam apenas argumento externo, do tipo DP, e há verbos monoargumentais que selecionam apenas argumento interno, cujas regras seletivas são

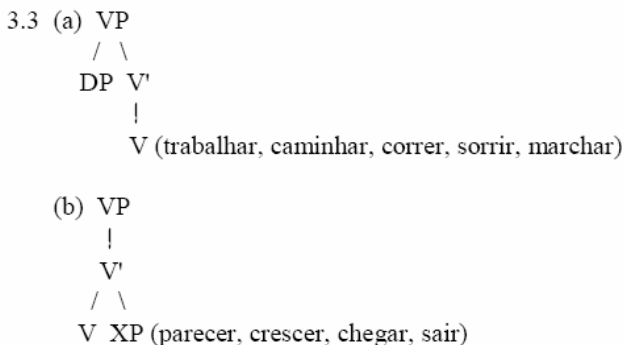
---

<sup>20</sup> Tradução livre, no original: “[...] in argument structure terms, an unergative verb has an external argument but no direct internal argument, whereas an unaccusative verb has a direct internal argument but not external argument.” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 3).

<sup>21</sup> Uma vez que não parece ser necessária a discussão refinada dessa generalização, não serão referidos os trabalhos que questionam a Hipótese Ergativa tal como proposta em Burzio (1986).



menos restritivas (o índice XP indica que o argumento pode assumir variadas configurações estruturais: DP, CP, InfP, SC)<sup>22</sup>.



Nessas condições, a distinção entre as duas classes de verbos intransitivos é de natureza principalmente sintática, assim como os testes para diagnóstico de inacusatividade que serão elencados a seguir. Levin e Rappaport-Hovav, entretanto, questionam essa perspectiva de desenvolvimento da hipótese inacusativa apresentando facetas do significado do verbo relevantes para a identificação da inacusatividade. As autoras defendem que a adequada distinção entre verbos inacusativos e inergativos é possível através da associação entre propriedades semânticas (necessárias, mas não suficientes) e propriedades sintáticas (não auto-suficientes).

Ao longo dos estudos sobre ergatividade, uma variedade de critérios para diferenciação de inacusativos e inergativos foi estabelecida. Centrando-se na distinção entre as duas classes dentro do português europeu, Eliseu (1984) relaciona critérios de comportamento sintático e semântico desses verbos que, cf. indica o autor, atestam a existência de ambas as classes e a necessidade de analisá-las diferenciadamente. Esses critérios, entretanto, não podem ser estendidos a outras línguas sem restrições. Conforme Grimshaw (1990), nem todas as evidências de diferenciação entre inergativos e inacusativos coincidem em todas as línguas, pois há diferenças de comportamento sintático ocasionadas por diferenças de propriedades semânticas dos verbos e essas restrições podem demandar especificidades nos testes de inacusatividade em cada língua particular.

<sup>22</sup> Para mais detalhes sobre o comportamento dos verbos inacusativos vs. o comportamento dos verbos inergativos na perspectiva gerativa, consultar Miotto *et alli* (2004).

Tendo a clareza dessa não correspondência direta de critérios, mas considerando a proximidade de relações entre os fenômenos ocorridos no português europeu e no português brasileiro, pode-se partir dos testes de Eliseu (1984) para diagnóstico da inacusatividade e estendê-los aos dados do português brasileiro. Esse autor avalia que a classificação tradicional, que divide os verbos em transitivos e intransitivos, é insuficiente para explicar ocorrências como a de (3.4b), em que a configuração monoargumental é distinta da transitiva biargumental, exemplificada por (3.4a), e em que o argumento em posição de sujeito da sentença é de natureza semântica distinta daquela do argumento em posição de sujeito da sentença em (3.4c):

- 3.4 (a) Mateus abriu a portinhola.
- (b) A portinhola abriu.
- (c) Mateus correu.

O predador da sentença (3.4a), cuja estrutura biargumental seleciona argumentos com papéis semânticos, respectivamente, de desencadeador e de afetado, caracteriza-se como transitivo. A ausência de argumento paciente, mas a presença de um único argumento agente em (3.4c) identifica que o predador da construção é intransitivo. Mas como avaliar a sentença (3.4b), cujo único argumento selecionado pelo verbo recebe papel semântico de paciente? A partir da evidência de dados como (3.4b), que nem atendem ao critério para identificação dos verbos transitivos nem ao dos intransitivos, Eliseu (1984) demonstra que se deve considerar a existência de pelo menos três classes de verbos: transitivos, intransitivos e ergativos – que, atendendo à terminologia adotada nesta investigação e em pesquisas mais recentes, alternativamente são chamadas: transitivos, inergativos e inacusativos.

Empregando-se a nomenclatura chomskyana, difundida na Teoria de Regência e Ligação, seria possível sintetizar as observações de Eliseu da seguinte maneira: o verbo inacusativo seleciona apenas um argumento que é interno ao VP (cf. ilustra a estrutura arbórea de (3.3b)), enquanto o verbo inergativo seleciona apenas um argumento que é externo ao VP (cf. (3.3a)), i.e., inacusativos apresentam argumento único e interno e inergativos apresentam argumento único e externo. Porém, dada a potencialidade de o argumento único e interno de inacusativos se realizar na periferia esquerda da sentença, na posição de SpecVP, a diferenciação entre ambas as classes verbais não é tão simples quanto pode fazer parecer esta apresentação sucinta.

Eliseu (1984) propõe, então, que se apliquem determinados testes sintáticos e morfológicos de inacusatividade, capazes de distinguir com certa nitidez a classe dos inacusativos da classe dos inergativos. Primeiramente, o autor observou que a classe dos inacusativos pode ser dividida em dois subgrupos, um de inacusativos que alternam para construções transitivas, como *quebrar* e *fechar*, e um de inacusativos que não participam da alternância, como *morrer* e *chegar*. Em seguida, Eliseu (1984) estabelece os procedimentos abaixo como identificadores dos verbos inacusativos do português europeu – aqui estendidos aos dados do português do Brasil:

- A realização sintática de verbos inacusativos assume **também** a configuração intransitiva, uma vez que o argumento interno selecionado por verbos inacusativos pode estar na posição de sujeito da sentença. Para Eliseu, inergativos não toleram a ocorrência de seu argumento único e externo em posição pós-verbal e assumem **unicamente** a configuração intransitiva. Sobre esse aspecto do comportamento sintático de inergativos, pelo menos em português do Brasil, essa inversão poderia ser aceita em condições muito restritas (como contextos literários, p.ex.), mas parece estar realmente ausente de situações mais espontâneas de interlocução.

3.5 (a) Abriu a portinhola.

(b) A portinhola abriu.

(c) Mateus correu.

(d) \*Correu Mateus.

- Determinados processos sintáticos, como a formação do participio absoluto, dos quais participam os argumentos internos de verbos transitivos, também estão disponíveis para o argumento único de inacusativos, mas não estão disponíveis para o argumento único de inergativos nem para o argumento externo de transitivos – o que evidencia que o argumento único de inacusativos é paciente, enquanto o argumento único de inergativos é agente. Mais uma vez, em português do Brasil, parecem existir ocorrências em que o argumento único de inergativos tolera a formação de participios absolutos, cf. (3.7d/f), ainda que com participação mais restrita que a de inacusativos.

### **3.6 Formação de Particípio Absoluto com Argumentos de Verbo Transitivo**

- (a) Mateus fechou a portinhola.
- (b) Fechada a portinhola... Mateus saiu.
- (c) \*Fechado Mateus...
- (d) Sarah quebrou as trancas.
- (e) Quebradas as trancas... Sarah saiu.
- (f) \*Quebrada Sarah...

### **3.7 Formação de Particípio Absoluto com Argumento de Verbo Inergativo**

- (a) Mateus correu.
- (b) \*Corrido Mateus...
- (c) Os filhos passearam.
- (d) \*Passeados os filhos, os pais foram descansar.
- (e) Maneco almoçou e tomou banho.
- (f) ?Almoçado e tomado banho, Maneco saiu para namorar.

### **3.8 Formação de Particípio Absoluto com Argumento de Verbo Inacusativo**

- (a) A portinhola fechou.
- (b) Fechada a portinhola...
- (c) Os papéis queimaram.
- (d) Queimados os papéis...

- Ainda sobre a formação de participípios, verbos inacusativos aproximam-se de transitivos ao participarem da formação de participípios absolutos em função predicativa (exemplos em (a)) e em função atributiva (exemplos em (b)). Já verbos inergativos, que não possuem argumento interno, não participam dessas mesmas formações sintáticas.

### **3.9 Particípio Absoluto Predicativo e Atributivo – Verbo Transitivo**

- (a) A roupa está costurada.
- (b) A roupa costurada é para a formatura.

### **3.10 Particípio Absoluto Predicativo e Atributivo – Verbo Inacusativo**

- (a) As plantas estão crescidas.

(b) As plantas crescidas não morrem na seca.

### 3.11 **Particípio Absoluto Predicativo e Atributivo – Verbo Inergativo**

(a) \*O menino está corrido.

(b) \*O menino corrido é esperto.

- A nominalização em *-or*, disponível para agentes, não pode ser realizada para o sujeito de sentenças com verbos inacusativos, uma vez que o papel semântico desse argumento é de paciente e tais nominalizações estão disponíveis para agentes. O argumento externo de transitivos e de inergativos aceita nominalização em *-or*.

### 3.12 **Nominalizações em *-or* – Verbo Transitivo**

(a) agressor

(b) matador

### 3.13 **Nominalizações em *-or* – Verbo Inergativo**

(a) corredor

(b) saltador

### 3.14 **Nominalizações em *-or* – Verbo Inacusativo**

(a) \*saidor

(b) \*chegador

- Considerada a alternância de um subgrupo de inacusativos para a forma transitiva, nesses contextos, a relação semântica que o argumento interno da forma transitiva mantém com o verbo é idêntica à relação que o argumento único e interno da forma inacusativa mantém. Em ambos os casos, o argumento é paciente – mais à frente, como será possível perceber, será utilizada a nomenclatura *afetado*, em consonância com o refinamento de papéis temáticos proposto por Cançado (2005).

### 3.15 (a) A crise financeira enlouqueceu o mercado.

(o mercado é *afetado*)

(b) O mercado enlouqueceu. (o mercado é *afetado*)

Dentro da literatura sintática especializada, a eficiência de identificação das classes verbais por meio desses critérios foi questionada em variados aspectos. Retomar essas discussões, entretanto, não faz parte do foco deste trabalho. O interesse, até este ponto, concentrou-se na tarefa de estabelecer diferenciação entre a classe dos inacusativos e a dos inergativos, o que explica o comportamento gramatical contrastante entre ambas as classes. Primeiro porque, como ficará mais claro nas próximas seções, serão adotados critérios semânticos associados aos sintáticos como procedimento para diferenciação de inergativos e inacusativos, depois, porque a posição assumida por Levin e Rappaport-Hovav (1995), para quem verbos inacusativos são primitivamente transitivos, será assumida também nesta pesquisa, assim como as noções de eventualidade internamente causada para inergativos e de eventualidade externamente causada para inacusativos, sustentadas pelas autoras.

Sobre esse aspecto, cabe salientar que a teoria gerativa, segundo a hipótese da inacusatividade, é contrária à consideração de que inacusativos são basicamente transitivos (sustentada na atualidade por abordagens lexicalistas como a de Levin e Rappaport-Hovav (1995) e por outras de base gerativa, como Pustejovsky (1995)). Segundo a hipótese gerativista, verbos inacusativos e inergativos são igualmente selecionadores de um único argumento, e diferem quanto à natureza do argumento selecionado. Isso decorre da análise gramatical pautada essencialmente no nível sentencial fortemente empregada por abordagens sintaticizantes. Nesse modelo de análise, há uma representação distinta para cada estrutura sintática, ainda que o predador núcleo de diferentes estruturas sentenciais seja o mesmo – ou seja, um verbo como *fechar* ora recebe representação inacusativa (quando monoargumental) ora recebe representação transitiva (quando biargumental). Abordagens lexicalistas, por sua vez, sustentam a previsibilidade do comportamento sintático dos itens lexicais e por essa razão defendem procedimentos para identificação de formas básicas, gramaticalmente primitivas.

### **3.3.1 Levin e Rappaport-Hovav (1995)**

Como parte da caracterização semântica da classe de verbos inacusativos, Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 80) argumentam que um grupo expressivo dos verbos citados como inacusativos prototípicos participa da alternância causativa, especialmente aqueles verbos que indicam mudança de estado (*quebrar, secar, abrir*). A participação dos

verbos inergativos prototípicos nesse tipo de alternância (*voar*, *caminhar*, entre outros), porém, não é regular.

Seguindo uma tendência já bastante difundida na literatura, afirma-se que os verbos inacusativos que participam da alternância causativa são primitivamente transitivos (cf. discute Chierchia ([1989] 2004)). A representação léxico-semântica desses verbos está associada às formas inacusativa e causativa, sendo esta a mais básica. “Então, em termos de sua representação léxico-semântica, o verbo *quebrar* de *A janela quebrou* é um verbo de diátese causativa, assim como o verbo *quebrar* de *Pat quebrou a janela*.” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 83).<sup>23</sup> De acordo com a análise das autoras, os verbos intransitivos que participam da alternância causativa são inerentemente predicados de dois argumentos, ao passo que os verbos intransitivos que não participam dessa alternância são inerentemente predicados de um argumento.

Por assim dizer, a análise poderia tomar os pares de sentenças em (3.1), repetidos a seguir, como formados a partir de dois verbos basicamente transitivos, já que tanto *pousar* quanto *quebrar* participam da alternância causativa e possibilitam realização sintática tanto em predicado com um quanto com dois argumentos.

- 3.1 (a) O professor passeou os alunos pelo salão do livro.  
(b) Os alunos passearam pelo salão do livro.  
(c) Mateus quebrou a maçaneta do portão com uma pancada.  
(d) A maçaneta do portão quebrou com uma pancada.

Como se pode notar, essas considerações são pouco precisas e não ajudam na identificação distintiva da transitividade básica de verbos como *passear* e *quebrar*, já que ambos participam da alternância causativa e possuem uma forma intransitiva (cf. (3.1a-d)). Seria coerente assumir a mesma representação léxico-semântica para os dois verbos? Ambos são primitivamente transitivos, em função de licenciarem uma diátese causativa? Se a resposta às questões for afirmativa, então há um problema de classificação mais profundo para a dicotomia anteriormente estabelecida, pois *passear*, dada a forte restrição seletional para o segundo argumento tomado nos usos transitivos, identifica-se com membros da classe dos inergativos, enquanto *quebrar*, cujas restrições

---

<sup>23</sup> Tradução livre, no original: “Thus, in terms of its lexical semantic representation the verb *break* of *The window broke* is a dyadic causative verb, just as the verb *break* of *Pat broke the window* is.” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 83).

selecionais para preenchimento dessa posição argumental são muito menores, deve certamente ser agrupado na classe dos inacusativos – do que decorrem também as diferenças de comportamento sintático-semântico entre ambos, já que *passar* predomina em contextos intransitivos.

Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 86) argumentam em favor da forma básica transitiva tomando como base as restrições para seleção argumental em cada diátese. Segundo as autoras, o uso básico do verbo seria aquele que impusesse menor número de restrições para seleção argumental. Conforme os exemplos apresentados pelas autoras, os verbos primitivamente transitivos são aqueles que impõem um número menor de restrições seletivas para o objeto da forma transitiva que para o sujeito da forma intransitiva.

- 3.16 (a) Mateus quebrou o carrinho/a janela/a bancada/a ponta do lápis.  
(b) O carrinho/A janela/A bancada/A ponta do lápis quebrou.  
(c) Emanuel quebrou o protocolo/o acordo/o silêncio/o recorde mundial.  
(d) \*O protocolo/\*O acordo/\*O silêncio/\*O recorde mundial quebrou.

Esses dados evidenciam que: (i) na alternância causativa, o objeto do uso transitivo e o sujeito do uso intransitivo mantêm o mesmo tipo de relação semântica com o verbo causativo alternante (são entidades afetadas por ele); (ii) para um verbo alternante, quando usado transitivamente, o grupo de objetos que tolera é maior que o grupo de sujeitos que o mesmo verbo tolera quando usado intransitivamente; (iii) os sujeitos do uso intransitivo são um subconjunto do conjunto de objetos do uso transitivo; (iv) o uso transitivo impõe menor número de restrições à seleção do argumento em posição de objeto, em comparação com as restrições seletivas impostas ao argumento em posição de sujeito do uso intransitivo.

Embasadas na descrição biargumental e na noção de causa externa para os inacusativos – ambas relacionadas pela susceptibilidade de expressão linguística do argumento desencadeador da causa externa para esses verbos –, Levin e Rappaport-Hovav sustentam que os verbos participantes da alternância causativo-incoativa são primitivamente transitivos. O verbo *quebrar*, inacusativo prototípico, entrou bem na análise proposta. Mas verbos como *pousar* não parecem guardar as



mesmas características, pois o conjunto de restrições de seleção do objeto na forma transitiva do verbo costuma ser maior que o conjunto de restrições de seleção do sujeito na forma intransitiva e as restrições para seleção de objeto, além de acarretadas lexicalmente, devem estar diretamente condicionadas à composição com o argumento em posição de sujeito do uso transitivo:

- 3.17 (a) O piloto pousou o avião no rio/as mãos sobre as pernas.  
(b) O avião pousou sobre o rio/?As mãos pousaram sobre as pernas.  
(c) O menino pousou ??a pipa/\*a borboleta/\*a folha caída.<sup>24</sup>  
(d) A pipa pousou no telhado.  
(e) A borboleta pousou no seu cabelo.  
(f) A folha caída pousou no chão.

Verbos como *pousar* participam da alternância causativa de maneira distinta daquela que participam verbos como *quebrar*. O uso intransitivo de *pousar* embute restrições seletivas relacionadas apenas ao próprio conteúdo e à própria estrutura lexical do verbo. Para que um argumento corresponda à seleção argumental de *pousar*, é preciso possuir entre o conjunto de suas propriedades a capacidade de ‘voar voluntária ou involuntariamente’ ou de ‘estar disposto pelo ar’:*\*Os cachorros pousam aqui/ Os pombos pousam aqui/ Os balões de São João pousam aqui*. Enquanto isso, o uso transitivo de *pousar* apresenta, além das restrições para seleção do argumento em posição de objeto acarretadas lexicalmente pelo verbo, restrições de ordem composicional. (3.17c) não é licenciada com os argumentos *\*a borboleta* e *\*a folha caída*, apesar de esses argumentos serem de natureza semântica compatível com a seleção do verbo *pousar*. Ocorre que, no uso transitivo, a composição com o argumento em posição de sujeito *O menino* também impõe restrições, o que bloqueia a ocorrência de construções como *\*O menino pousou a borboleta*, mas deixa dúvidas quanto à possibilidade de ocorrência de *??O menino pousou a pipa*, uma vez que, tipicamente, meninos colocam pipas para voar e, ocasionalmente, pousam-nas, mas nunca colocam borboletas para pousar, embora possam induzi-las voar.

---

<sup>24</sup> O sinal “??” será utilizado sempre que não se tiver certeza da agramaticalidade, mas se tiver clareza do estranhamento que o uso da construção pode provocar; ainda, “??” representa um grau de estranhamento superior ao representado por “?”.

Pela observação dos dados em (3.17a-f), seria possível inverter a descrição do comportamento de verbos alternantes do tipo de *quebrar*, afirmando-se que para verbos alternantes do tipo de *pousar*: (i) na alternância causativa, o objeto do uso transitivo e o sujeito do uso intransitivo mantêm o mesmo tipo de relação semântica com o verbo alternante (são entidades desencadeadoras que aceitam indução); (ii) para um verbo alternante, quando usado intransitivamente, o grupo de sujeitos que tolera é maior que o grupo de objetos que o mesmo verbo tolera quando usado transitivamente; (iii) os objetos do uso transitivo são um subconjunto do conjunto de sujeitos do uso intransitivo; (iv) o uso transitivo impõe maior número de restrições à seleção do argumento em posição de objeto (de ordem lexical e composicional), em comparação com as restrições seletivas impostas ao argumento em posição de sujeito do uso intransitivo (apenas de ordem lexical).

Pela reflexão seguida, se adotados os mesmos princípios de análise propostos em Levin e Rappaport-Hovav (2005), nem toda a alternância causativo-incoativa parte de um verbo primitivamente transitivo. Há verbos alternantes do tipo de *quebrar* que podem ser identificados como primitivamente transitivos e há verbos alternantes do tipo de *pousar* que podem ser identificados como primitivamente intransitivos. Entretanto, nem todas as teorias gramaticais de orientação lexicalista preocupam-se em especificar a transitividade básica de um predador em termos de restrição seletiva dos argumentos. Há abordagens, como a teoria do Léxico Gerativo, que buscam estabelecer distinções entre classes verbais com base na postulação de diferentes focalizações eventivas para os predadores em cada contexto de uso<sup>25</sup>.

### 3.3.2 Pustejovsky (1995)

A alternância causativo-incoativa com predadores do tipo de *quebrar*, cf. Pustejovsky (1995), é avaliada como resultante da alternância verbal entre formas polissêmicas de um mesmo verbo, o que resulta na variação entre modos de expressão sintática de argumentos verdadeiros desse item lexical. Argumentos verdadeiros são aqueles que, a depender do que está focalizado na estrutura de eventos dos itens lexicais, realizam-se obrigatoriamente na sintaxe, pois são necessários à boa formação semântico-sintática da construção. Distinguem-se, por

---

<sup>25</sup> Por contexto de uso entenda-se contexto sentencial, que pode variar de acordo com as diáteses que compõem a valência de cada predador verbal: inacusativa, inergativa, transitiva, passiva.

exemplo, dos argumentos *default*, os quais são necessários à boa formação lógica da construção, mas sua realização sintática não é exigida por elementos estruturais focalizados – o que possibilita a expressão linguística de *defaults* apenas em contextos específicos, como aqueles que envolvem algum modo de modificação (*construiu uma casa com madeira pré-moldada*).

Pustejovsky diferencia a possibilidade de realização ou não-realização de argumentos *default* da alternância causativo-incoativa, por este fenômeno envolver alternância de argumentos verdadeiros entre formas polissêmicas de um mesmo verbo (PUSTEJOVSKY, 1995, p. 64).

- 3.18 (a) A janela quebrou.  
(b) João quebrou a janela.  
(c) Maria esculpiu uma boneca de madeira.  
(d) Maria esculpiu uma boneca.

A alternância causativo-incoativa (3.18a-b) apresenta realizações distintas de argumentos verdadeiros do verbo *quebrar*. Na forma incoativa, apenas o argumento afetado é exigido, ao passo que a forma causativa exige a realização do argumento desencadeador e do afetado. Essa alternância é explicada por Pustejovsky através da polissemia lógica da qual participam verbos como *quebrar*. Esses verbos, formados por um evento complexo composto por dois subeventos (processo e estado final), não são especificados em sua estrutura de eventos, i.e., não possuem especificação de qual de seus subeventos é o núcleo do evento matriz. Quando focalizado o evento que indica processo, tem-se uma construção biargumental do tipo de (3.18a), já quando focalizado o evento de mudança de estado, tem-se uma construção incoativa do tipo de (3.18b).

A realização do argumento *de madeira*, (3.18c-d), por outro lado, marca uma característica comum aos argumentos *default*: podem ser apagados na sintaxe, pois o conteúdo semântico do predador verbal comporta implicitamente tais argumentos, *esculpir algo significa criar uma produção artística a partir de algum tipo de matéria-prima*. Essa variação de realização dos argumentos *default* não é tratada como um caso de polissemia, uma vez que não há sentidos verbais distintos relacionados, mas como resultante de motivações discursivas específicas que podem levar à realização ou não do argumento *default*. Para os dados acima, a expressão do argumento *de madeira* é relevante em

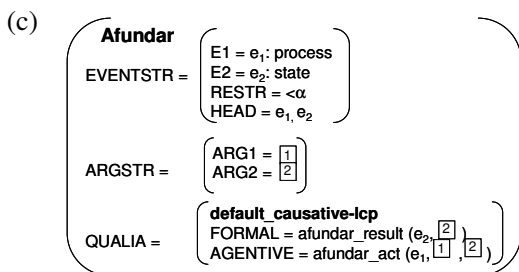
contextos nos quais haja a necessidade de marcar que foi este e não outro o material utilizado no processo, por exemplo.

Para os casos prototípicos de alternância causativo-incoativa, aqueles que partem de um predicador verbal do tipo de *quebrar* ou de *afundar*, Pustejovsky assume a mesma representação semântica subjacente para a forma causativa e para a incoativa do verbo, as quais possuem variação de comportamento sintático em razão da não focalização do evento núcleo no paradigma causativo. Ou seja, Pustejovsky demonstra que esses verbos possuem o comportamento padrão de alternância do paradigma causativo – dessa definição teórica do LG se originaram, também, as considerações de Chagas de Souza (2000), que serão discutidas no próximo capítulo.

Objetivando demonstrar formalmente a lexicalização da causatividade expressa por processos de alternância como o ilustrado por (3.19a-b) e a representação desses processos na semântica das línguas naturais, Pustejovsky (1995, p. 187) prevê a seguinte formalização para o paradigma causativo:

3.19 (a) Mateus afundou a boia.

(b) A boia afundou.



A matriz representada em (3.19c) contém a organização das informações lexicais restritivas do paradigma causativo de alternância de *afundar*. Nessa representação, a estrutura de eventos está evidenciando a subdivisão de um evento matriz (a própria denotação de ‘afundar’) em dois subeventos. Um deles, codificado na matriz como  $e_1$ , indica o processo de afundar (o ato de realização do evento); o outro, codificado na matriz como  $e_2$ , indica o estado resultante de ‘afundado’ (uma vez que é evento resultativo de um processo previamente iniciado).

Assim, entre o evento causador e o evento resultante, existe uma relação de precedência completa ou parcial (que pode ser codificada por  $\langle \alpha \rangle$ ), nos casos em que o processo é anterior ao estado, ou por  $\langle \alpha^0 \rangle$ , nos casos em que o processo se inicia anteriormente, mas estado e processo desenvolvem-se concomitantemente). Essa é a relação lógica implicada pela análise de que um evento de mudança de estado pressupõe um evento causador, i.e., se  $e_2$  é efeito,  $e_2$  pressupõe a ocorrência de  $e_1$ , processo causador. Além do modo de ordenação temporal entre  $e_1$  e  $e_2$ , em (3.19c) não há informações adicionais sobre a relação de proeminência entre os subeventos. Pelo que se observa, a matriz indica que tanto  $e_1$  quanto  $e_2$  podem ser focalizados como núcleo de *afundar*. Se ambos os subeventos podem ocupar a posição de núcleo, a alternância causativa (codificada na matriz por essa dupla possibilidade de preenchimento do atributo HEAD) estará refletida na sintaxe por meio da alternância de diátese do predicador verbal.

Em outros termos, a ausência de especificação do subevento nuclear permite a variação de representações sintáticas. Pelo menos duas formas do verbo são possíveis de se prever pela formalização acima. Uma delas, incoativa, acarretada pelo acionamento do quale formal, que põe em primeiro plano o evento de estado resultante e, consequentemente, sombreia os subeventos e os argumentos da forma agentiva, ao passo que realiza na sintaxe apenas um dos argumentos verdadeiros do verbo, o afetado. Outra, causativa, acarretada pelo acionamento do quale agentivo, que põe em primeiro plano um evento causador do tipo *processo* e, por meio deste, realizam-se na sintaxe ambos os argumentos verdadeiros do verbo, o desencadeador e o afetado.

Os verbos cuja estrutura de eventos comporta a variação de subevento focalizado, formalizáveis por (3.19c), são aqueles que Levin e Rappaport-Hovav (1995) chamaram de inacusativos prototípicos. Apesar de nem todos os inacusativos licenciarem formação causativa, restringindo a participação da classe verbal no paradigma de alternância, como é o caso de *chegar* (*A carta chegou*/\**O carteiro chegou a carta*), grande parte desses verbos participa da alternância, como é o caso de *circular*<sup>26</sup> e dos demais já exemplificados (*Helena circulou o documento*

---

<sup>26</sup> Faço referência à acepção do verbo que comporta “fazer algo passar de mão em mão, espalhar, divulgar alguma coisa”; não à acepção que comporta “fazer um círculo no entorno de algo”. Com o segundo sentido, não há alternância: *Helena circulou o desenho com lápis de cor*/\**O desenho circulou com lápis de cor*.

*entre os funcionários do setor/O documento circulou entre os funcionários do setor).*

Para explicar a existência de verbos da classe dos inacusativos que não participam da alternância causativo-incoativa, Pustejovsky lança mão, novamente, da subespecificação da estrutura de eventos. *Chegar* não licencia construção causativa porque, em sua estrutura de eventos, no atributo HEAD, há especificação do subevento  $e_2$ , estado final, como evento focalizado (proeminente na relação), ou seja, apenas construções sintáticas incoativas, as quais destacam o subevento  $e_2$ , são licenciadas. Observa-se que essa condição lexical é fortemente distinta da anterior. Embora *chegar* e *afundar* sejam ambos membros da classe dos inacusativos, este participa da alternância causativo-incoativa por ter seu comportamento sintático licenciado em sua estrutura eventiva (HEAD =  $e_1, e_2$ ), enquanto aquele não participa porque a alternância está bloqueada ainda na estrutura de eventos (HEAD =  $e_2$ ).

Nos casos em que se permite tanto a expressão sintática de construções causativas quanto a de construções incoativas, evidencia-se a polissemia lógica entre dois sentidos do mesmo verbo: “[...] a forma inacusativa está associada com a construção de alçamento [incoativa] e a estrutura de controle [causativa] está associada com a forma causativa.”<sup>27</sup> (PUSTEJOVSKY, 1995, p. 201). Nessa proposta, a forma causativa e a incoativa dos verbos alternantes estão sistematicamente associadas em termos de sua relação semântica. Inacusativos que possuem uma contraparte transitiva são logicamente polissêmicos em virtude da não focalização de subevento, na estrutura de eventos. “Em outras palavras, dada uma estrutura de eventos  $\alpha$  não-focalizada, podemos expressar  $\alpha$  via quaisquer de seus qualia, a saber, tanto através do quale AGENTIVO quanto através do quale FORMAL.”<sup>28</sup> (PUSTEJOVSKY, 1995, p. 193).

O trabalho de Pustejovsky tem ilustrado como, em condições lexicais não restritivas, a forma causativa e a inacusativa de um verbo podem ser derivadas de uma mesma representação subjacente. Em última análise, essa é a perspectiva sobre a transitividade básica do verbo também adotada por Levin e Rappaport-Hovav (1995), ao assumirem que verbos inacusativos participantes da alternância

---

<sup>27</sup> Tradução livre, no original: “[...] the unaccusative form is associated with the raising construction and the control structure is associated with the causative form.” (PUSTEJOVSKY, 1995, p. 201).

<sup>28</sup> Tradução livre, no original: “In other words, given an unheaded event structure  $\alpha$  we can express  $\alpha$  via any one of its roles, namely either through the AGENTIVE, or through the FORMAL role.” (PUSTEJOVSKY, 1995, p. 193).

causativo-incoativa são primitivamente transitivos. Porém, ao sustentar sua descrição na não focalização de subevento na estrutura de eventos dos inacusativos, apenas Pustejovsky (1995) consegue fornecer uma explicação clara para as restrições que bloqueiam a alternância causativa de inacusativos de ‘aparição’, a exemplo de *chegar* – restrições já previstas na matriz lexical e resultantes de informações específicas da estrutura de eventos desses predicadores: há um subevento núcleo ( $e_2$ ) que limita a forma de realização sintática do item lexical.

Pustejovsky afirma ter se dedicado a demonstrar que existe, entre as relações causais exprimíveis nas línguas naturais, uma que é lexicalizada: alternância causativo-incoativa envolvendo predicadores inacusativos. Com isso, não discute a alternância causativa de verbos do tipo de *pousar* (*passar*, *galopar*, entre outros) aparentemente menos regular. Predicadores desse grupo recebem tratamento essencialmente inergativo (cf. ilustrado por (3.20a)).

3.20 (a)

$$\left( \begin{array}{l} \textbf{walk} \\ \text{EVENTSTR} = \left[ E1 = e_1; \text{process} \right] \\ \text{ARGSTR} = \left[ \text{ARG} = \boxed{1} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[ \text{AGENTIVE} = \text{walk\_act} (e_1, \boxed{1}) \right] \end{array} \right)$$

(b) The dog is walking.

‘O cachorro está caminhando’

(c) Are you walking the dog or is the dog walking you?

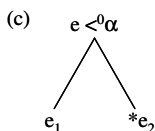
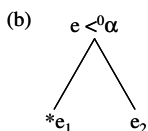
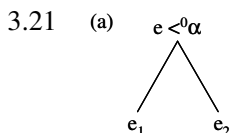
‘Você está caminhando o cachorro ou o cachorro está caminhando você?’

Pela matriz lexical (3.20a), o verbo *walk* seleciona um, e somente um, argumento verdadeiro previsto, agente do processo denotado pelo verbo. Essa representação se estende aos demais inergativos de processo ativo. Quanto à estrutura de eventos, há apenas a indicação de processo representado por  $e_1$ . Nesses termos, pode-se inferir que a formalização proposta no LG para predicadores inergativos, basicamente intransitivos, não prevê a ocorrência de alternância causativa como

(3.20c), uma vez que apenas a construção sintática incoativa é possível de se derivar de (3.20a)<sup>29</sup>.

Contudo, ao tratar dos modos de ordenação entre subeventos, Pustejovsky (1995, p. 70) descreve um tipo de ordenação parcialmente regular entre dois subeventos, pela qual se pode derivar uma espécie de relação causal na estrutura. Essa relação não expressa a mesma noção de causa codificada na estrutura de eventos de verbos como *afundar*, cuja ordenação  $<\alpha$  marca a anterioridade do processo sobre seu estado resultante. Mas, pelo que indica a análise proposta no LG, uma ordenação do tipo  $<^0\alpha$  marcaria o desencadeamento entre subeventos que, embora não tenham a mesma iniciação, mantêm-se paralelos durante seu desenvolvimento (e, embora o LG não toque neste ponto, essa análise parece poder ser aplicada ao caso de ‘*x walk to z*’  $\rightarrow$  ‘*y walk x to z*’).

Essa proposta pode ser formalmente representada pelas estruturas de (3.21). O que Pustejovsky busca capturar na ordenação de subeventos expressa por (3.21a) é, em última análise, a realização de dois subeventos de processo que se desenvolvem concomitantemente, mas cuja iniciação não é simultânea.




---

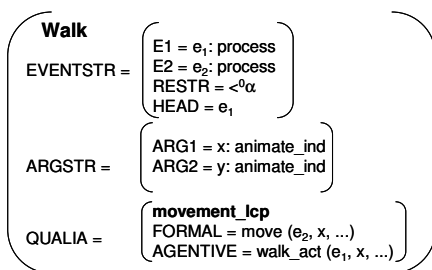
<sup>29</sup> Conforme apontamento de Magdiel Medeiros Aragão Neto, o que pode estar em jogo numa alternância como a ilustrada em (3.20b-c) é uma questão de polissemia comum, não-lógica. O que inviabilizaria o tratamento desse fenômeno pelo LG sem a criação de uma lista de significado do tipo walk<sub>1</sub>, walk<sub>2</sub>. (comunicação pessoal).



(3.21b) marca que o evento iniciador ( $e_1$ ), que subsequentemente dá origem a outro ( $e_2$ ), é proeminente na relação. (3.21c), previsto para casos cujo limite da ação é linguisticamente expresso, indicando telicidade (culminância), marca a mesma relação de sobreposição ordenada, mas, diferentemente, o evento proeminente na relação passa a ser  $e_2$ .

O rearranjo da estrutura de eventos de verbos inergativos como *walk* permite que a estrutura de eventos da matriz (3.20a) seja refeita em pelo menos duas representações, uma capaz de comportar a representação de telicidade ((3.22d)) e outra sem culminância marcada ((3.22a)), porém, ambas prevendo a interação entre dois subeventos e um desencadeamento causal implícito entre eles:

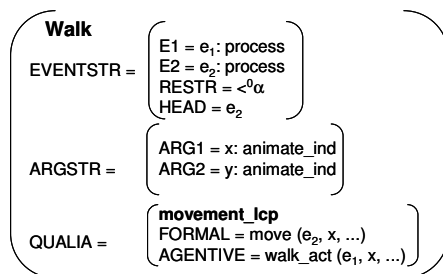
3.22 (a)



(b) John walks twice a week.

(c) John walks his dog twice a week.

(d)



(e) John walked home.

(f) John walked his sister home.

Como se pode notar, além das modificações na estrutura de eventos, o rearranjo da matriz lexical de *walk* também acaba por impor a

reformulação da estrutura de argumento do predador. As sentenças (3.22c) e (3.22f) ilustram a realização biargumental de *walk* – contrastante com a forma incoativa de (3.22b) e de (3.22e) – e podem ser realizadas independentemente do subevento focalizado na matriz, uma vez que ambos os subeventos são de *processo* e, portanto, preveem a realização biargumental.

Entretanto, não é clara a forma como os argumentos devem ser redistribuídos na estrutura qualia. Primeiramente, sendo *x* e *y* argumentos verdadeiros, ambos estão sujeitos à obrigatoriedade de realização sintática. Como se verifica um processo de alternância causativo-incoativa entre os pares (3.22b-c) e (3.22e-f), seja com focalização de *e*<sub>1</sub> ou de *e*<sub>2</sub>, é necessário desenvolver um modo de representação da alternância em ambos os qualia – formal e agentivo. Provisoriamente, optou-se por organizar os argumentos indicando a sequencialidade da lista (FORMAL = move (*e*<sub>2</sub>, *x*,...)) e (AGENTIVE = walk\_act (*e*<sub>1</sub>, *x*,...)). Entretanto, essa alternativa claramente tende a dar destaque para a realização monoargumental do verbo, já que lista o argumento *x*, mas apenas prevê uma posição para o argumento *y*.

A marcação explícita do primeiro argumento e a indicação de possibilidade de preenchimento do segundo poderiam, então, ser indicativas da transitividade básica de *walk*. Contudo, não se pode ainda avaliar as consequências de uma aproximação tão substancial entre a representação lexical de verbos inacusativos e de inergativos. Essa aproximação, certamente, é favorável à argumentação de que há um único fenômeno de alternância causativo-incoativa, que pode ser dividido em duas instâncias caracterizadas pela classe do predador núcleo da construção e pelas restrições de ocorrência. Por essa análise, ainda seriam distinções entre inacusativos e inergativos alternantes: a indicação de um movimento/modo de movimento *versus* a indicação de um processo que resulta na mudança de um estado; a especificação da estrutura eventual de inergativos; a precedência de uma estrutura monoargumental (para inergativos) *versus* a precedência de uma estrutura biargumental (para inacusativos).

Caso o procedimento anterior seja plausível, a princípio, esse seria um modo para derivação de uma causa indireta para inergativos (por indução, p.ex.) e seria condição necessária (mas talvez não suficiente) para que fosse liberada a alternância causativa desses predadores. Porém, esse não é um ponto desenvolvido pelo LG e não poderia ser uma questão encerrada aqui, pelo menos não com a atenção adequada.

### 3.3 Procedimentos para Identificação de Transitividade Básica

Retomando as seções precedentes, os predicadores verbais que alternam entre construções sintáticas intransitivas e incoativas podem, grosso modo, ser divididos em dois grupos. Essa divisão corresponde, em última análise, à recorrente reclassificação dos verbos intransitivos em inacusativos e inergativos. Essa correspondência não se aplica a todos os verbos dos dois subgrupos. Não são todos os inacusativos que licenciam a formação de uma construção transitiva, correlata da forma incoativa, e poucos inergativos admitem causatividade.

Há inacusativos, como *chegar*, que apresentam restrições de ordem lexical (cf. Pustejovsky (1995)) para a formação de transitivas causativas. Mesmo com exceções dentro da classe dos inacusativos, Levin e Happort-Hovav (1995) argumentam que a participação em processos de alternância causativo-incoativa é uma marca semântica que diferencia esses verbos dos inergativos, dos quais apenas um grupo muito restrito participa da alternância.

Pustejovsky (1995) não desenvolveu em sua proposta de descrição lexical mecanismos para diferenciar a transitividade básica dos dois predicadores. O autor também não abordou de maneira direta as duas formas de alternância causativa porque considerou que apenas a alternância a partir de verbos inacusativos está lexicalizada; além disso, assumiu uma estrutura lexical biargumental e bieventual para inacusativos (e, em consequência, a descrição basicamente transitiva) e uma estrutura monoargumental e monoeventual para inergativos do tipo de *run* (e, em consequência, a descrição basicamente intransitiva).

Porém, parece haver uma possibilidade de se prever a alternância de inergativos pelo formalismo do LG. Pustejovsky considera que certos predicadores, a exemplo de *walk*, carregam um desencadeamento causal particular. São eventos complexos compostos por dois subeventos cuja organização é por sobreposição ordenada; trata-se de dois processos de deslocamento que são realizados concomitantemente, embora um se inicie antes do outro: *caminhar* é um processo binário que pressupõe, primeiro, um deslocamento das pernas e, depois, do corpo (PUSTEJOVSKY, 1995, p. 71). Se for possível estender essa análise para os demais inergativos, provavelmente a estrutura de eventos binária dará margem para a aproximação das duas instâncias de alternância causativa e permitirá que ambos os casos recebam tratamento lexical – desde que a estrutura de argumentos também possa ser revista e comporte as realizações biargumentais. Embora o tópico seja de

interesse, o desenvolvimento dessa proposta está além da delimitação deste estudo.

Já Levin e Rappaport-Hovav (1995), conforme citado anteriormente, diferenciaram os dois predicadores com base na restrição seletional que cada classe aplica à grade argumental – procedimento originalmente desenvolvido por Smith (1970 *apud* Levin (1993)). Verbos inacusativos são, segundo as autoras, primitivamente transitivos porque o conjunto de restrições para a seleção do sujeito da forma incoativa é maior que o conjunto de restrições para a seleção do objeto da forma transitiva. Elas afirmam que essa evidência faz dos sujeitos da construção incoativa com núcleo inacusativo um subconjunto do conjunto de argumentos possíveis de se realizar na posição de objeto da forma transitiva do mesmo verbo.

Voltando à análise da seção anterior, com base nesses critérios, pode-se afirmar que verbos inergativos são primitivamente intransitivos, pois o conjunto de restrições para a seleção do argumento sujeito da forma incoativa é menor que o conjunto de restrições seletcionais aplicadas ao argumento em posição de objeto da forma transitiva do mesmo verbo.

- 3.23 (a) O menino pousou o aviãozinho/??a pipa/\*a borboleta/\*a  
folha caída.  
(b) O aviãozinho/A pipa/A borboleta/A folha caída pousou.

Inversamente ao que ocorre com os inacusativos, no caso da alternância a partir de inergativos, o conjunto de argumentos realizados como objeto da causativa é um subconjunto do conjunto dos argumentos realizados como sujeito da forma incoativa.

Por critérios distintos, Ciríaco (2007) também estabelece modos de identificação da transitividade básica dos predicadores núcleo da alternância causativo-incoativa. A autora observa que, por questões de economia linguística, é coerente pensar que existem duas formas básicas possíveis, uma transitiva e outra intransitiva, e que os verbos alternantes ou possuem uma ou possuem outra, a depender de seus acarretamentos lexicais. Assim como a transitividade do verbo, também suas condições de alternância estariam lexicalmente previstas e propriedades semântico-lexicais permitiriam a esses verbos a alternância de diátese.

Na perspectiva de Ciríaco (2007), terá forma básica intransitiva o verbo que, quando realizado em construção incoativa, não contiver o acarretamento de agentividade dentre seu conjunto de acarretamentos lexicais. Por outro lado, terá forma básica transitiva o verbo que

manter o acarretamento de agentividade dentre o conjunto de acarretamentos lexicais, tanto se realizado em construção incoativa quanto se realizado em construção transitiva. Quando o acarretamento de agentividade é mantido nas duas diáteses de alternância, então, essa propriedade faz parte do conjunto de acarretamentos lexicais do predador verbal que é basicamente transitivo. Do contrário, o predador é basicamente intransitivo. Tomem-se os exemplos (3.24):

- 3.24 (a) Emanuel quebrou o vaso da sala.  
(b) O vaso da sala quebrou.  
(c) Andréia passeou o filho.  
(d) O filho de Andréia passeou.

Se adotadas as representações  $[x \ V \ y]$  e  $[y \ V]$ , respectivamente, para a forma transitiva e para a incoativa dos pares alternantes de (3.24), de acordo com a proposta de Ciríaco (2007), podem-se descrever os acarretamentos lexicais dos verbos *quebrar* e *passear* do seguinte modo:

- I.  $[x \text{ QUEBRAR } y]$ , em (3.24a), acarreta a  $x$  a propriedade de ser o desencadeador do processo, um acarretamento de agentividade. Quando mudada a perspectiva de realização do evento para  $[y \text{ QUEBRAR}]$ , em (3.24b), ainda assim se mantém a inferência de que há um desencadeador do processo. Independentemente de  $x$  estar realizado na sintaxe, nos dois contextos de uso é possível que se infira a propriedade de desencadeador conferida a  $x$ , logo, essa propriedade é parte dos acarretamentos lexicais do verbo *quebrar*, primitivamente transitivo;
- II.  $[x \text{ PASSEAR } y]$ , em (3.24c), acarreta a  $x$  a propriedade de ser um dos desencadeadores do processo, um acarretamento de agentividade. Quando mudada a perspectiva de realização do evento para  $[y \text{ PASSEAR}]$ , em (3.24d), não mais se mantém a inferência de que há um  $x$  desencadeador do processo (a agentividade recai sobre  $y$ ). Nesse caso, a expressão sintática de  $x$  é condição para que se confira a propriedade de desencadeador a  $x$ , logo, essa propriedade não é parte dos acarretamentos lexicais do verbo *passear*, primitivamente intransitivo.

Neste trabalho, os verbos inergativos, basicamente intransitivos, alternantes entre construções causativas e incoativas serão identificados

com base na aplicação, em primeiro lugar, dos critérios desenvolvidos por Levin e Rappaport-Hovav (1995). Se necessário, a análise da transitividade básica dos predicadores poderá ser estendida também aos critérios desenvolvidos por Cirfaco (2007). Isso auxiliará nos casos em que não se possa deduzir seguramente a transitividade pelo primeiro procedimento.

Quando não for possível fixar a distinção entre o número de restrições seletivas para os argumentos em posição de sujeito da forma intransitiva e o número de restrições de seleção para os argumentos em posição de objeto da forma transitiva, será utilizado o acarretamento de agentividade como critério identificador da transitividade básica do verbo. Quando, em construções de estrutura [y V], não for possível precisar claramente se há ou não inferência da propriedade de desencadeador atribuída ao argumento *x* não-expresso sintaticamente, o critério para identificação da transitividade básica do predicador será seu comportamento semântico quanto à seleção argumental (cf. Levin e Rappaport-Hovav (1995)).

### **3.4 Resumo do Capítulo**

No atual capítulo, foram apresentadas definições centrais para a delimitação do fenômeno de alternância causativo-incoativa em estudo. Primeiramente, foi explicitada a noção de transitividade empregada e as razões pelas quais se considerará que a transitividade é uma propriedade básica dos predicadores verbais. Em seguida, foram apresentados os testes para identificação da inacusatividade e para distinção entre inacusativos e inergativos propostos por Eliseu (1984). Uma vez que o autor desenvolveu seu estudo centrado nas ocorrências de inacusatividade do português europeu, nesta apresentação, os testes foram aplicados aos dados do português brasileiro.

Em sequência, foram expostos os trabalhos de Levin e Rappaport-Hovav (1995) e de Pustejovsky (1995) que, diferentemente das abordagens sintáticas, sustentam haver regularidades semânticas capazes de estabelecer distinções entre as duas classes verbais – especialmente, esses autores estiveram preocupados com a caracterização semântica e previsibilidade lexical do comportamento sintático de inacusativos. Finalmente, este capítulo também contém a relação dos procedimentos adotados para a identificação da transitividade básica dos verbos que participam da alternância causativo-incoativa. A proposta apresentada intenciona privilegiar os procedimentos descritos em Levin e Rappaport-Hovav (1995) – que se

fundamentam no nível de restrição seletional dos argumentos em cada uma das diáteses verbais.

No capítulo que segue, será apresentada uma leitura estendida de trabalhos que se debruçaram sobre o tema da alternância causativo-incoativa no português do Brasil. Contudo, diferentemente desta proposta de estudo, todos partiram da instância de alternância causativa derivada a partir de um verbo inacusativo. Em comum com este estudo, os trabalhos resenhados a seguir tomam as alternâncias linguísticas, em especial a causativa, como resultante de processos lexicais previsíveis e orientam-se preferencialmente pelas abordagens de Pustejovsky (1995) e/ou de Levin e Rappaport-Hovav (1995).

## CAPÍTULO 4

### Alternância Causativo-Incoativa de Inacusativos

Na alternância *transitiva causativa* vs. *incoativa*, assim como em todo o conjunto de alternâncias linguísticas, são observadas regularidades lexicais instigadoras e que, apesar do desenvolvimento crescente de pesquisas linguísticas de base lexicalista, ainda não foram suficientemente descritas. É justificada, por essa razão, a elaboração de estudos que tomam como princípio a determinação de propriedades sintáticas a partir de projeções lexicalmente demarcadas, a exemplo do que desenvolveram em seus trabalhos, Pustejovsky (1995) e Levin e Rappaport-Hovav (1995).

O objetivo deste capítulo é analisar os resultados de pesquisas atuais que investigaram a alternância causativa no interior do português brasileiro, de acordo com a configuração verbal que tradicionalmente se estabeleceu para essas construções alternantes: a derivação a partir de uma estrutura basicamente biargumental. Nessa perspectiva, a base da alternância causativo-incoativa é um predicador causativo que, em diátese transitiva, seleciona pelo menos dois argumentos semânticos previstos já na matriz lexical e cujo evento resulta na ‘afetação’ de um de seus argumentos.

Diferentemente, neste estudo, propõe-se a investigação dos processos de alternância causativa cujo núcleo é um predicador verbal classificado como primitivamente intransitivo, ou seja, um predicador verbal que normalmente ocorre em diátese com apenas um argumento semântico selecionado. E, conforme já se vem discutindo, em geral esse tipo de alternância parece ser mais facilmente licenciado por predicadores do inglês que por suas contrapartes equivalentes em português.

Compreender que tipo de processos lexicais está em jogo para a alternância já descrita em trabalhos anteriores (aquela cujo núcleo é um verbo tradicionalmente chamado transitivo) é o primeiro passo para se iniciar o estudo da alternância causativa a partir de verbos inergativos que podem ser interpretados com componente de causatividade e assumir uma estrutura causativa na sintaxe (cf. sinalizou Levin (1993, p. 31)). Desde já, no entanto, compreende-se que, independentemente da natureza do verbo tomado pela alternância causativa, o que se evidencia pelas realizações de variadas diátesses são sentidos complementares de um mesmo item lexical (cf. Pustejovsky (1995)).

Esse entendimento embute a opção teórica já sustentada no Capítulo 2 própria de autores que reconhecem no léxico, além dos



aspectos arbitrários e idiossincráticos, um conjunto de regularidades passíveis de generalização e a estruturação de propriedades que põem em interação regras sintáticas e lexicais. Essas regularidades do léxico são uma parte relevante do conhecimento linguístico dos falantes, de forma que explicar como uma língua é adquirida e entra em funcionamento passa, também, por explicar como os falantes adquirem o conhecimento sobre as propriedades, a organização e as restrições lexicais relacionadas a aspectos da sintaxe da língua.

O potencial polissêmico das palavras talvez se inclua entre as principais questões de investigação linguística para trabalhos que, como este, estejam voltados para a análise da organização e da sistematicidade lexicais e seu reflexo na sintaxe. Uma implicação direta desse potencial polissêmico diz respeito às alternâncias linguísticas como a alternância causativa – nos casos já citados, em que um mesmo verbo pode assumir diáteses distintas, uma causativa, outra intransitiva (incoativa).

- 4.1 (a) Novamente, foi a Sarah quem entupiu o cano da pia.  
(b) Novamente, o cano da pia entupiu.

Fenômenos de alternância como o ilustrado por (4.1a-b) são contemplados em diferentes estudos sobre o português brasileiro. Dentre esses trabalhos, por tratarem do fenômeno linguístico da causatividade por uma orientação teórica que postula a interação entre regras sintáticas e semânticas coincidente com a adotada nesta proposta de estudo, são apresentados na discussão que segue: Ciríaco e Cançado (2007); Chagas de Souza (2000); e Moraes (2008) – este trabalho é apresentado em leitura menos estendida, por ter se centrado na investigação dos verbos de movimento e, com esse propósito claramente definido, ter apenas tangenciado o estudo da alternância causativo-incoativa.

#### **4.1 Estudos sobre a Alternância Causativo-Incoativa no Português do Brasil**

Ao estudar a alternância causativo-incoativa a partir de verbos primitivamente transitivos, i.e., que possuem dentre o conjunto de acarretamentos lexicais atribuíveis aos seus argumentos o de *ser o desencadeador do processo*<sup>30</sup>, Ciríaco e Cançado (2007) intencionam descrever as restrições semântico-lexicais às quais esse tipo de alternância verbal obedece. O percurso explicativo seguido pelas autoras

---

<sup>30</sup> Cf. Ciríaco (2007).

se sustenta nas noções de propriedades constituidoras de papéis temáticos (ou papéis semânticos) atribuídas aos argumentos por seus núcleos predicadores que, no caso da alternância causativo-incoativa investigada, são verbos causativos.

Ciríaco e Cançado (2007) observam que a primeira restrição semântica, comumente apresentada pela bibliografia, para que um verbo causativo alterne entre uma construção causativa e outra incoativa, é a necessidade de o verbo na forma causativa selecionar um paciente ou um afetado na posição de objeto. Essa restrição pode ser encontrada, p.ex., em Levin (1989) e em Whitaker-Franchi (1989). Deste último trabalho, ainda, é extraída a generalização de que verbos causativos que selecionem, obrigatoriamente, um agente para a posição de sujeito não alternam para a forma incoativa, o que implica a identificação da classe dos verbos alternantes causativo-incoativos como verbos que selecionam, na posição de sujeito, além de um agente, uma causa<sup>31</sup> (cf. exemplo (4.2 a-b))<sup>32</sup>.

Contudo, Ciríaco e Cançado (2007, p. 3) argumentam que as definições de agente e de paciente empregadas por Whitaker-Franchi (1989) e por Levin (1989) são vagas e insuficientes para a identificação das restrições semânticas envolvidas nesse tipo de alternância, uma vez que há dados de verbos causativos que não alternam construção incoativa, mesmo selecionando objeto com papel semântico de paciente ou de afetado e sujeito com papel semântico de causa ou de agente:

- 4.2 (a) Mateus abriu o portão da escola.  
(b) O portão da escola (se) abriu.  
(c) A simpatia de Paulo conquistou Maria.  
(d) \*Maria (se) conquistou com a simpatia de Paulo.

Enquanto as sentenças em (4.2a-b) estão adequadas à generalização proposta por Whitaker-Franchi (1989), os dados em (4.2c-d) contrariam o que diz a autora. O verbo *conquistar*, apesar de selecionar um objeto com papel semântico de afetado e um sujeito com papel semântico de causa, não licencia a formação sintática incoativa

---

<sup>31</sup> Cabe destacar, ainda que não tenha efeito direto sobre o trabalho de Ciríaco e Cançado (2007), que Levin e Rappaport-Hovav (1995) desvinculam a descrição da alternância causativo-incoativa das noções de agentividade e de controle, restringindo a análise e a explicação da instância de alternância causativa de inacusativos à causatividade necessariamente externa.

<sup>32</sup> Os exemplos citados nesta seção foram levemente adaptados do artigo de Ciríaco e Cançado (2007) aqui resenhado.

(4.2d). A partir dessa observação, Ciríaco e Cançado (2007) refinam a análise com a noção de que os papéis temáticos são grupos de propriedades semânticas, de maneira a tornar mais claras as restrições que subjazem o processo de alternância.

As autoras partem da proposta para tratamento dos papéis temáticos de Dowty (1991) – que é também a adotada em Cançado (2005) –, segundo a qual há propriedades semânticas primitivas das quais derivam os papéis temáticos. Conforme desenvolvido por Dowty, essas propriedades que compõem os papéis temáticos são acarretamentos lexicais capazes de identificar qual papel assume um dado argumento dentro da relação em que está posto com o verbo. Ou seja, em termos de seleção de argumentos, o papel temático de cada argumento se define pelo grupo de acarretamentos lexicais atribuído a ele pelo verbo que o seleciona.<sup>33</sup>

Nesse sentido, o que diferencia o papel temático de um argumento daquele carregado por outro é o conjunto de propriedades lexicalmente acarretadas a cada um dos argumentos. Ciríaco e Cançado (2007, p. 4) assim ilustram essa relação introduzida por Dowty: se observada uma estrutura  $[x \text{ V } y]$ , “[...] o papel temático do argumento  $x$  será o conjunto de propriedades acarretadas lexicalmente a  $x$  pelo verbo, ou seja,  $P_n(x)$ , somente por sabermos que  $[x \text{ V } y]$  é verdade.”, similarmente, o papel temático do argumento  $y$  será o conjunto de propriedades lexicalmente acarretadas a  $y$  pelo verbo que o seleciona.

Para exemplificar essa noção de papéis temáticos, pode-se tomar o argumento *Mateus*, em (4.2a). O papel temático que *Mateus* assume é o conjunto de propriedades inferíveis para *Mateus* na sentença em que ocorre, tais como ser animado e ser o desencadeador do processo de *abrir*. Essas propriedades primitivas são acarretamentos lexicais do verbo *abrir* para o argumento *Mateus* e podem mudar por critérios

---

<sup>33</sup> Contrastando com essa posição, segundo a Teoria Temática elaborada nos moldes da gramática gerativa, a estrutura temática se define com base no conjunto de relações semânticas mantidas entre um determinado predicador e seus argumentos e essas relações estão associadas à posição de cada argumento selecionado pelo verbo (lembrando que a posição é indicativa também de sua função gramatical). Conforme Raposo (1992, p. 277, grifos no original), “Tecnicamente, dizemos que um predicador *atribui* uma função temática a cada um dos argumentos. A propriedade que os predicadores têm de selecionar um determinado número de argumentos com uma dada função temática chama-se *seleção semântica* [...]”. Outro fator que interfere na definição do papel temático de um determinado argumento é a significação do predicador que o seleciona. Assim, a atribuição de papéis temáticos é definida, segundo a teoria gerativa, em termos de seleção argumental: com base nas funções (e posições) dos argumentos na sentença e no significado dos predicadores verbais. Embora essa proposta, amplamente aceita pela tradição de estudos linguísticos, distancie-se significativamente daquela adotada por Ciríaco e Cançado (2007), ambas não serão contrastadas neste momento.

composicionais, a depender da combinação dos itens lexicais na construção semântica da sentença (de *Mateus abriu a porta com raiva*, p.ex., além das propriedades anteriores, também se pode inferir a propriedade *intenção*, que não pode ser inferida a partir de (4.2a) em que não há um adjunto do tipo de *com raiva*).

O que emerge do estudo de Dowty (1991) é a consideração de que os papéis temáticos não são primitivos e não estão marcados no léxico, pelo contrário, o papel temático atribuído a um argumento qualquer é derivado de propriedades semânticas primitivas e essas propriedades é que estão lexicalmente marcadas. Do universo de propriedades semânticas lexicalmente acarretadas para ambos os argumentos selecionados em construções causativas, Ciríaco e Cançado (2007, p. 5) utilizam aquelas relevantes dentro do quadro explicativo que propõem para a alternância causativo-incoativa: “[...] ser o desencadeador de um processo, ser afetado por esse processo e ter o controle sobre a ação, o processo ou o estado.” – dentro desse quadro, logicamente, as propriedades de desencadeador e de afetado estão em distribuição contrastiva, atribuídas a argumentos distintos.

Considerada a interação esboçada acima entre as propostas de Whitaker-Franchi (1989), Levin (1989), Cançado (2005), bem como a definição de papéis temáticos desenvolvida por Dowty (1991), as condições sintáticas e semânticas que permitem a um verbo participar da alternância causativo-incoativa na perspectiva de Ciríaco e Cançado (2007, p. 8-10) são as que seguem.

- O verbo deve ser do tipo  $[x \ V \ y]$ , em que  $y$  necessariamente é um DP.

4.3 (a) *Mateus abriu*  $[a \ porta]_{DP}$ .

(b) *A porta abriu*.

(c) *Emanuel entrou*  $[na \ sala]_{PP}$ .

(d) \**A sala entrou*.

- O verbo da construção  $[x \ V \ y]$  deve ser causativo, i.e., acarretar a  $x$  a propriedade de ser o desencadeador do processo e a  $y$  a propriedade de ser o afetado pelo processo. As duas propriedades devem ser acarretadas, necessariamente. As construções de (4.3g-h) não participam da alternância porque, embora a propriedade de ser afetado pelo processo seja um acarretamento do verbo *receber* para o argumento  $y$ , a

propriedade de ser um desencadeador do processo não é um acarretamento desse verbo para seu argumento *x*; as duas propriedades, porém, são acarretamentos lexicais de *quebrar* (4.3e-f), que participa da alternância.

4.3 (e) Mateus quebrou a vidraça.

(f) A vidraça quebrou.

(g) João recebeu uma carta.

(h) \*Uma carta recebeu.

- Os verbos causativos da forma [*x V y*] não podem acarretar a *x* a propriedade de ter controle sobre o processo. Em (4.3i), a propriedade de ter controle sobre o processo não é um acarretamento lexical do verbo *quebrar*, tanto que essa propriedade pode estar presente no conjunto de propriedades de *x* (4.3l) ou não (4.3k). Quando o controle sobre o processo é um acarretamento lexical do verbo, a alternância é bloqueada (cf. (4.3m-n)).

4.3 (i) Sarah quebrou o prato.

(j) O prato quebrou.

(k) Sarah quebrou o prato acidentalmente.

(l) Helena quebrou o prato de propósito.

(m) Emanuel escreveu um recado para a dinda.

(n) \*Um recado para a dinda escreveu.

Considerando-se o conjunto de restrições acima, é possível apresentar o quadro-síntese que segue, contendo as redes temáticas dos verbos propostas por Ciríaco e Cançado (2007) e a possibilidade de alternância causativo-incoativa para cada rede:

<b>Alternância causativo-incoativa</b>		
<b>D:</b> ser o desencadeador do processo = ter algum papel no desenrolar do evento.		
<b>A:</b> ser afetado pelo processo = a mudança de um estado A para um estado B.		
<b>C:</b> ter controle sobre a ação = capacidade de interromper uma ação, um processo ou um estado, relacionada à animacidade, associada a agentes e a pacientes. Quando <b>C</b> aparecer entre parênteses, isso indica que a propriedade pode ocorrer ou não, i.e., não é um acarretamento lexical do verbo.		
<b>Rede temática do verbo</b>	<b>Alternância</b>	<b>Dados</b>
{D/(C); A}	Sim	i. Helena quebrou o galho. ii. O galho quebrou com Helena. iii. A mãe inundou a casa. iv. A chuva inundou a casa. v. A casa inundou com a chuva.
{D/C; A}	Não	i. Sarah comeu o bolo. ii. *O bolo comeu. iii. Mateus escreveu a poesia. iv. *A poesia escreveu.

**Quadro 1:** Condições temáticas para a alternância causativo-incoativa (formulado com base em Ciríaco e Cançado (2007))

Ciríaco e Cançado (2007) apontam que as explicações dadas até este ponto ainda não são suficientes para explicar todo o processo de alternância causativo-incoativa, já que há verbos com rede temática {D/(C); A} que não participam da alternância, a exemplo de *carregar*<sup>34</sup>.

- 4.4 (a) O vento carregou as folhas.  
(b) Sarah carregou as folhas.  
(c) \*As folhas carregaram.

<sup>34</sup> Para os casos de polissemia, em que há mais de uma acepção possível para o mesmo item lexical, atente-se o fato de o sentido do verbo interferir em seu comportamento sintático-semântico. A análise apresentada aqui se refere ao verbo *carregar* na acepção <levar algo de um lugar para outro>; significando <pôr carga em algo>, o verbo participa da alternância (CIRÍACO; CANÇADO, 2007, p. 14).

(a) João/A chegada da energia carregou os aparelhos eletrônicos.  
(b) Os aparelhos eletrônicos carregaram.

Observada a forma  $[x \ V \ y]$ , nas construções de (4.4a-b), a propriedade *ser o desencadeador do processo* é um acarretamento lexical de *carregar* para  $x$ ; pelas mesmas construções se pode inferir que a propriedade *ter controle sobre o processo* não é um acarretamento lexical do verbo, pois  $x$  tanto pode ter propriedades de agente quanto de causa natural; e, finalmente, a propriedade *ser afetado pelo processo* é um acarretamento lexical de *carregar* para o argumento  $y$ . Conforme se pode notar, mesmo tendo sido satisfeita a rede temática  $\{D/(C); A\}$  para o verbo *carregar*, a construção incoativa (4.4c) não é permitida.

Para dar conta desses casos, Ciríaco e Cançado (2007) lançam mão de uma nova definição: **papel temático de desencadeador direto** (atribuível a um ser animado, a um instrumento ou a uma força natural e é composto pelas propriedades, *ter um papel no desenrolar do processo e não apresentar nenhum tipo de mediação no desenrolar desse processo*) e **papel temático de desencadeador indireto** (pode ser um evento ou uma qualidade e é composto pelas propriedades, *ter um papel no desenrolar do processo e apresentar algum tipo de mediação no desenrolar desse processo*). Os exemplos em (4.5) ilustram a ocorrência dos papéis temáticos de desencadeador direto e de desencadeador indireto e como essas novas noções reorganizam a rede temática dos verbos alternantes causativo-incoativos:

- 4.5 (a) Mateus abriu a porta sorrateiramente.
- (b) Mateus abriu a porta com o empurrão que levou.
- (c) O empurrão que Mateus levou abriu a porta.
- (d) A porta abriu.

Em (4.5a), o papel temático de *Mateus* é o grupo de propriedades que caracteriza o desencadeador direto, ou seja, *Mateus* tem um papel no desenrolar do processo e não apresenta nenhum tipo de mediação no desenrolar de *abrir*; em (4.5b) o papel temático de *Mateus* é o grupo de propriedades que caracteriza o desencadeador indireto, ou seja, *Mateus* tem um papel no desenrolar do processo e apresenta algum tipo de mediação no desenrolar de *abrir*; em (4.5c) o argumento *O empurrão que Mateus levou*, um evento, é desencadeador indireto. Esse comportamento do verbo *abrir*, um verbo causativo que participa da alternância causativo-incoativa, leva à conclusão de que os verbos alternantes causativo-incoativos tanto selecionam para posição de sujeito argumentos com conjunto de propriedades de desencadeadores diretos quanto de desencadeadores indiretos. Considere-se, agora, o comportamento do verbo *carregar*:

- 4.5 (e) Emanuel carregou a mala.  
 (f) \*Emanuel carregou a mala com o empurrão que levou.  
 (g) \*O empurrão que Emanuel levou carregou a mala.  
 (h) \*A mala carregou.

Em (4.5e), o papel temático de *Emanuel* é o conjunto de propriedades de desencadeador direto; já em (4.5f) e em (4.5g), ambas agramaticais, o papel temático de *Emanuel* e de *O empurrão que Emanuel levou* é o conjunto de propriedades de desencadeador indireto; a contraparte incoativa em (4.5h) não é licenciada. Esse comportamento do verbo *carregar*, um causativo que não participa da alternância causativo-incoativa, leva à conclusão de que os verbos causativos que não formam construções incoativas são aqueles que não toleram construção com desencadeador indireto (CIRÍACO; CANÇADO, 2007, p. 12).

Desse modo, Ciríaco e Cançado conseguem “[...] reformular a rede temática dos verbos causativos que aceitam o processo de ergativização para {D/(C)/(indireto); A}, em que o controle é uma propriedade compatível com o desencadeador direto, mas não com um desencadeador indireto.” (2007, p. 13). Já os verbos causativos que formam apenas construções com desencadeador direto, não-alternantes, chamados pelas autoras de *estritamente causativos diretos*, assumem a rede temática {D/(C)/direto; A}<sup>35</sup>.

Contudo, há casos em que o verbo *carregar* licencia construções com desencadeador indireto. Imagine-se a seguinte cena: após fazer os deveres, Helena deixa todo material escolar e também um livro que tomou emprestado do vizinho sobre a mesa da cozinha, como o menino adormeceu sem recolher as coisas, a mãe reúne tudo e põe na mochila de Helena. No dia seguinte, a criança pega a mochila e vai para a escola. Quando o vizinho chega para pegar o livro de volta, a mãe diz (4.6a).

- 4.6 (a) Helena carregou (levou) o livro pra escola sem saber.

---

<sup>35</sup> As autoras ainda analisam, em separado, a alternância causativo-incoativa a partir de verbos psicológicos, para os quais propõem a rede temática {D/(C)/(indireto); A(C)}. Observem-se os exemplos a seguir, em que o afetado tem controle (a) ou não tem controle (b) sobre o processo:

(a) A chegada de João acalmou Maria/ Maria (se) acalmou com a chegada de João.

(b) João acalmou Maria com um sossega leão/ Maria (se) acalmou com um sossega leão.

Essa discussão não será prolongada aqui. Para ver em detalhes, consultar Ciríaco e Cançado (2007).



Imagine-se outra cena: Sarah pega carona com Felipe, após um jantar. Ao parar o carro em frente ao prédio dela, Sarah larga o molho de chaves de seu apartamento no cantinho do banco. Quando ela desce do carro, Felipe vai embora, então, Sarah percebe que as chaves ficaram sobre o banco e diz (4.6b).

#### 4.6 (b) Felipe carregou (levou) minhas chaves acidentalmente.

Na sentença (4.6a), considerada a composição com o adjunto *sem saber*, *Helena* tem como papel temático o conjunto de propriedades ser desencadeador do processo de *carregar* e ter alguma mediação nesse processo, quer dizer, *Helena* é um desencadeador indireto, além de não ter controle sobre o processo. Na sentença (4.6b), o mesmo ocorre com o argumento *Felipe*, que possui todas as propriedades necessárias a um desencadeador indireto, atribuídas por força da composicionalidade da sentença com adjunto *acidentalmente*.

Nas sentenças em (4.6), os argumentos *Helena* e *Felipe*, apesar de serem os desencadeadores do evento denotado pelo verbo, não são agentes prototípicos, o que parece estar em consonância com a noção de desencadeador indireto, à medida que a mediação no desenrolar do evento representa a anulação do traço volitivo, necessário ao agente mais prototípico, na definição de Dowty (1991).

Observe-se que, mesmo sem se criar a cena discursiva em que foram inseridas as sentenças em (4.6a-b), é possível inferir para o argumento em posição de sujeito de ambas o papel de desencadeador indireto. Isso significa que a inferência dessa propriedade está contida na sentença. A exemplo de Dowty (1991), Ciríaco e Cançado (2007, p. 4) tomam a composicionalidade como uma noção importante na proposta que assumem para tratamento dos papéis temáticos: “[...] para a atribuição de papel temático aos argumentos de um predicator, devem-se considerar todas as proposições em que esses argumentos encontram-se na formação da sentença, inclusive as estruturas de adjunção.”.

E ainda: “[...] as propriedades de alguns papéis temáticos são motivadas não somente pelos acarretamentos dos itens lexicais, mas pela composição desses itens na proposição [...]” (CANÇADO, 2005, p. 40). Segundo Cançado (2005, p. 54), “[...] a vantagem de se usar uma abordagem composicional na atribuição de papel temático é que podemos abranger uma variedade de significados dos itens lexicais e suas composições.”. Nesse caso, parece inviável afirmar que verbos como *carregar* e *levar* não licenciam construções com desencadeador

indireto (cf. contra-exemplos (4.6a-b)). Esses verbos não são *estritamente causativos diretos*, pois, composicionalmente, é possível que se interprete o argumento em posição de sujeito de uma construção cujo predicador seja do tipo de *carregar* como desencadeador indireto.

Ainda assim, predicadores desse tipo não participam da alternância causativo-incoativa e possuem fortes restrições para a formação com desencadeador indireto, aparentemente restrita aos contextos ilustrados pelos exemplos em (4.6).

- 4.7 (a) \*A intromissão da mãe ao guardar os materiais de Helena carregou o livro.  
(b) \*O livro carregou.  
(c) \*O esquecimento das coisas de Sarah no carro de Pedro carregou as chaves.  
(d) \*As chaves carregaram.

Ao que parece, a análise do comportamento sintático e semântico do grupo de verbos causativos que não participa da alternância causativo-incoativa carece ainda de refinamento. Há indícios de que o desencadeamento direto ou indireto do processo seja restrição para a alternância nesses contextos, contudo, a generalização, tal como foi apresentada em Ciríaco e Cançado (2007), ainda não é possível.

Outro estudo que investiga a alternância causativo- incoativa<sup>36</sup> no português do Brasil foi desenvolvido por Chagas de Souza (2000). Este autor, sustentando restrições de ordem semântica e morfológica, e fundamentado nos trabalhos de Pustejovsky (1995) e de Levin e Rappaport-Hovav (1995), associa as condições de alternância causativa aos seguintes elementos de significado: *‘afetação’ do segundo argumento de um verbo transitivo, ausência de acarretamento de agentividade do causador do evento e possibilidade de o evento ser ocasionado interna ou externamente.*

Os verbos alternantes, nas três ou em pelo menos duas das diáteses *transitiva causativa*, *reflexiva* e *intransitiva*, foram agrupados pelo autor em classes identificadas pelas siglas TRI, TR e TI (em que T representa a diátese transitiva, R a reflexiva e I a intransitiva). Verbos do tipo de *trincar* (exemplo (4.8)) pertencem à classe TRI; verbos do tipo de *intrigar* (exemplo (4.9)), à classe TR; verbos do tipo de *aumentar* (exemplo (4.10)) pertencem à classe TI (CHAGAS DE SOUZA, 2000, p. 3).

---

<sup>36</sup> Por construção incoativa o autor tomou, em conjunto, as reflexivas e as intransitivas.

- 4.8 (a) O tremor de terra trincou as vidraças em São Paulo.  
(b) As vidraças trincaram em São Paulo com o tremor de terra.  
(c) As vidraças se trincaram em São Paulo com o tremor de terra.
- 4.9 (a) A reunião intrigou os professores.  
(b) \*Os professores intrigaram com a reunião.  
(quando = ficaram intrigados)  
(c) Os professores se intrigaram com a reunião.
- 4.10 (a) A crise de alimentos aumentou o preço da cesta básica.  
(b) O preço da cesta básica aumentou  
(com a crise de alimentos).  
(c) \*O preço da cesta básica se aumentou  
(com a crise de alimentos).

Assumindo a descrição bieventual desenvolvida por Pustejovsky (1995) na Teoria do Léxico Gerativo para a análise da causatividade, discutida no capítulo anterior, Chagas de Souza avalia as alternâncias exemplificadas de (4.8a-c) a (4.10a-c) a partir da não-especificação semântica da estrutura de eventos dos verbos alternantes (em termos de proeminência ou hierarquia de subeventos)<sup>37</sup>. De acordo com a proposta teórica do LG, uma parte significativa do comportamento sintático das palavras pode ser prevista pelas propriedades semânticas formalizáveis na matriz dos itens lexicais, onde se organizam diferentes tipos disponíveis de informação sobre as palavras.

Nesse modelo teórico, a informação lexical se assenta nas estruturas de argumento, de evento e *qualia* (além da estrutura de herança lexical) e cada uma dessas estruturas comporta a descrição de aspectos específicos do significado das palavras que se ligam estreitamente e são postos em relação através da interação entre as estruturas (incluindo-se aspectos de significado relativos ao conhecimento de mundo de que dispõem os falantes, facilmente apreendidos pelos *quale* télico e constitutivo, por exemplo). Esse mecanismo de interação entre as estruturas organizadoras das propriedades semânticas e sintáticas dos itens lexicais definido pelo LG

---

<sup>37</sup> Essa perspectiva, da subespecificação da estrutura de eventos, é também a assumida por Cambrussi (2007), para explicar a alternância transitiva *versus* média/ergativa; a fundamentação, nesse caso, além do LG, contou com o trabalho de Bassac e Bouillon (2002).

explica o processo de alternância causativo-incoativa, em que as estruturas *qualia* e de eventos entrelaçam atributos; contudo, Chagas de Souza destaca, não explica por que (4.8b) e (4.8c) são gramaticais enquanto (4.9b) e (4.10c) não o são<sup>38</sup>.

Acredita-se que isso se deve a duas razões um tanto quanto claras: primeiramente, dentro de sua descrição, o LG não se propõe a explicar construções cuja formação envolva o clítico “se”, as quais são inexistentes em inglês e, depois, é interessante observar que em boa parte dos dados linguísticos a presença ou ausência do clítico pode nem configurar um processo de alternância no português do Brasil, uma vez que esse fenômeno parece estar mais associado a variações dialetais que a formações distintas que guardam funções igualmente distintas.

Segundo o que se prevê na matriz de itens lexicais como *trincar*, *intrigar* e *aumentar*, esses verbos possuem um evento matriz que se divide em dois subeventos:

- e<sub>1</sub>, que, quando marcado proeminentemente, evidencia um processo (evento causador) e coloca em relação dois argumentos do verbo, o argumento causador e o argumento afetado, conforme ilustram (4.8a), (4.9a) e (4.10a) – construções causativas, realizadas a partir do acionamento do *qualia* agentivo;
- e<sub>2</sub>, que, quando marcado proeminentemente, põe em evidência um estado (evento causado) e realiza apenas o argumento afetado, conforme ilustram (4.8b-c), (4.9c) e (4.10b) – construções incoativas, contrapartes alternantes realizadas a partir do acionamento do *qualia* formal.

A possibilidade de alternar entre pelo menos três construções sintáticas distintas dá importantes informações sobre um item lexical do tipo de *trincar*. Esse comportamento verbal parece não ser nada arbitrário, mas sistemático e recorrente. Dentro da perspectiva do LG, o paradigma léxico-conceptual exemplificado em (4.8a-c) demonstra que não se trata da ocorrência de três verbos distintos (*trincar*<sub>1</sub>, *trincar*<sub>2</sub>, *trincar*<sub>3</sub>), cujos sentidos devam ser listados – como ocorre nos casos de homonímia, em que a falta de relação entre os diferentes sentidos dá prova de que são itens lexicais distintos: *banco*<sub>1</sub> <instituição cuja

---

<sup>38</sup> Esse ponto será retomado mais à frente, quando se apresentará a explicação formulada por Chagas de Souza (2000).

atividade básica consiste em prestar serviços de natureza financeira>, *banco*<sub>2</sub> <móvel que serve de assento>.

Antes de ser uma coincidência de formas linguísticas que são distanciadas pela significação, o que os verbos das construções em (4.8a-c) tornam saliente é a existência de sentidos associados (justamente o que os aproxima), complementares, os quais se relacionam de maneira regular e ordenada, constituindo um tipo de inferência a que Pustejovsky chama *polissemia lógica*. Nesse sentido, a alternância causativo-incoativa pode ser explicada, a partir da teoria do LG, pela subespecificação (ou não-especificação) da estrutura de eventos dos verbos que servem à alternância e têm seu comportamento justificado na permeabilidade de sentidos recorrente nas línguas.

A teoria de semântica lexical que estuda o comportamento de verbos alternantes, sustentando a interface entre componentes sintáticos e semânticos, desenvolvida por Levin e Rappaport-Hovav (1995), é outra orientação teórica em que se alicerça o estudo de Chagas de Souza. Dessas autoras, ele toma a noção de *evento internamente causado* e *evento externamente causado* como fator que determina ou restringe as condições verbais de alternância causativo-incoativa.

A partir das noções de causa interna e externa e também da descrição de *acarretamento de agentividade* elaborada por Whitaker-Franchi (1989), Chagas de Souza (2000, p. 93-97) propõe as seguintes condições de causatividade para as alternâncias:

- *eventualidade de causa interna*: verbos do tipo de *rir*, *tremar*, *falar*. O evento que esses verbos denotam é desencadeado por propriedades do próprio indivíduo envolvido nele. Não alternam, aceitam apenas a diátese intransitiva.

4.11 (a) Emanuel riu a noite toda.

(b) \*Mateus riu Emanuel a noite toda<sup>39</sup>.

- *eventualidade de causa estritamente externa*: verbos do tipo de *assassinar* e *pintar*. O evento que esses verbos denotam tem um sujeito necessariamente agentivo. Não alternam, aceitam apenas a diátese transitiva.

---

<sup>39</sup> Embora a construção seja possível com o acréscimo de preposição '*Mateus riu de Emanuel a noite toda*', não haveria causatividade, *Emanuel* não sofreria 'afetação' – o que elimina a possibilidade de alternância. A única possibilidade de alternar com valor causativo é a formação de uma *causativa sintática*: '*Mateus fez Emanuel rir a noite toda*'.

- 4.12 (a) O pistoleiro assassinou Martin Luther King.  
 (b) \*A bala assassinou Martin Luther King.  
 (c) \*Martin Luther King assassinou.<sup>40</sup>

- *eventualidade de causa potencialmente externa*: verbos do tipo de *assar, cozinhar, cortar, fritar, quebrar, abrir*. São os verbos alternantes. O evento que denotam pode ser desencadeado por causa externa, mas não necessariamente (tratamento muito semelhante à questão é dado por Whitaker-Franchi, quando a autora se refere ao *acarretamento de agentividade*). Alternam nas diáteses transitiva e intransitiva.

- 4.13 (a) Sarah cozinhou o *broccoli*.  
 (b) O vapor cozinhou o *broccoli*.  
 (c) O *broccoli* cozinhou.

Ao definir a classe de verbos alternantes como *eventualidades de causa potencialmente externa*, Chagas de Souza afirma provocar um deslocamento na proposta elaborada por Levin e Rappaport-Hovav. Segundo as autoras, a classe dos verbos alternantes tem como condição o desencadeamento por causa externa. Chagas de Souza, diferentemente, argumenta que quando se diz ‘*A porta (se) abriu*’, não se faz referência à causa, podendo, inclusive, a ‘afetação’ do objeto *porta* ser contrária à potencial causa externa, como ilustram os pares em (4.14).

- 4.14 (a) Helena bateu na porta e *a porta (se) abriu*.  
 (b) Helena fechou a porta e *a porta (se) abriu*.  
 (c) Emanuel deu um chute no gabinete e *o computador quebrou*.  
 (d) Não percebi nada de diferente, mas *o computador quebrou*.

Ao serem analisadas as sentenças em (4.14), é possível perceber que a causa externa é desencadeadora da eventualidade, ou seja, da ‘afetação’ do objeto, apenas em (4.14a) e em (4.14c). Em (4.14b), ocorre que o objeto afetado sofre mudança de estado por força distinta daquela que seria sua causa externa potencial. No exemplo (4.14d), em

---

<sup>40</sup> Os exemplos de (3.12a-c) foram extraídos de Chagas de Souza (2000, p. 95). É interessante registrar que uma sutil metaforização de *assassinar* basta para tornar a construção (3.12b) gramatical.

que a ‘afetação’ do argumento *o computador* parece não possuir causa externa aparente, o que se destaca é o não funcionamento do aparelho, sendo irrelevante marcar se há causa externa ou não<sup>41</sup>.

Considerando-se o que desenvolveram Levin e Rappaport-Hovav (1995), não há na reformulação de Chagas de Souza nenhum acréscimo significativo ao estudo da alternância causativo-incoativa proposto pelas autoras. Primeiramente, Levin e Rappaport-Hovav (1995) afirmam que, em não havendo causa externa para a eventualidade, fica disponível o desencadeamento do evento expresso pelo verbo por causa interna (e nesses casos a alternância causativa é licenciada), o que, em outros termos, é o mesmo que afirmar que a eventualidade nesses casos é de causa potencialmente externa. Além disso, as autoras não ignoram ocorrências como as ilustradas em (4.14), para as quais guardam considerações indistintas daquelas feitas por Chagas de Souza (2000).

Se retomada a discussão de Ciríaco e Cançado (2007), exposta na seção anterior, pode-se perceber que os problemas apontados pelas autoras para a análise da alternância causativo-incoativa a partir das propostas de Levin (1989) e de Whitaker-Franchi (1989) se estendem à proposta de Chagas de Souza (2000). As condições de alternância expostas por este autor explicam o comportamento sintático e semântico de verbos como *abrir*, *quebrar*, *afundar*, que são representantes prototípicos da classe dos verbos causativos que alternam entre construções causativas e incoativas. Porém, assim como acontece em Levin (1989) e em Whitaker-Franchi (1989), Chagas de Souza não explica por que verbos do tipo de *levar* e *carregar* bloqueiam a formação de construções incoativas – já que esses verbos, diferentemente de *assassinar*, não apresentam acarretamento de agentividade. *Levar* e *carregar*, em consonância com o que sustentam Levin e Rappaport-Hovav (1995), caracterizam-se por licenciarem causa necessariamente externa (o que, como já dito, está associado ao acarretamento de agentividade). Porém, tomando-se a noção de papéis temáticos introduzida por Dowty (1991), pode-se dizer que *levar* e

---

<sup>41</sup> Segundo Chagas de Souza (2000), além de ser um verbo com sentido causativo e de não ser estritamente agentivo, o predador núcleo da alternância causativo-incoativa deve ser passível de reconstrução metonímica. Esses predadores deveriam viabilizar uma interpretação eventiva do sujeito dos predicados causativos de que participam (a reconstrução metonímica ocorreria a partir de um locativo, de um objetivo, de um instrumento, de uma causa natural, entre outros. Exemplos: *João abriu a porta/O vento abriu a porta/A pancada abriu a porta/O machado abriu a porta/A porta abriu*). Como o próprio autor afirma, essa é, basicamente, a mesma análise “[...] que trata da restrição à alternância em termos de um acarretamento de agentividade.” (p. 111). Como já se discutiu o acarretamento de agentividade, a reconstrução metonímica não será abordada neste trabalho.

*carregar* não restringem o argumento desencadeador do evento expresso pelo verbo ao papel de agente mais prototípico, o que ocorre com *assassinar*, por exemplo.

Observe-se que, assim como se comporta *quebrar*, os verbos *levar* e *carregar* também podem ser descritos como *eventualidades de causa potencialmente externa*. Há construções transitivas em que ambos aceitam, na posição de sujeito, tanto uma causa quanto um agente: (a) *Emanuel levou a terra para o canal*; (a') *A chuva levou a terra para o canal*; (a'') *\*A terra levou para o canal*; (b) *Emanuel carregou os galhos para baixo*; (b') *A ventania carregou os galhos para baixo*; (b'') *\*Os galhos carregaram para baixo*. Porém, diferentemente de *quebrar*, esses verbos não licenciam formações incoativas. Com isso, acredita-se que a definição da classe dos verbos causativos alternantes entre construções causativas e incoativas não pode ser descrita apenas pela propriedade semântica de ser uma *eventualidade de causa potencialmente externa*. Há outras restrições semânticas mais sutis envolvidas na identificação desses verbos. Ciríaco e Cançado (2007) parecem estar mais próximas da identificação dessas restrições.

Enfim, Chagas de Souza toma a alternância causativa como um fenômeno que não resulta de determinações exclusivamente lexicais como tipos fixos de papéis temáticos ou relações pré-determinadas entre argumentos, já que não está associada a todos os sentidos dos verbos alternantes. Para ele, além dessas determinações lexicais, devem-se considerar como condições de alternância o significado específico que o verbo assume em dado contexto, o acarretamento de agentividade (ou de causatividade) e a denotação de um estado psicológico ou não (CHAGAS DE SOUZA, 2000, p. 118).

Nesses termos, o que identifica as classes de verbos alternantes nas diáteses transitiva causativa, intransitiva e reflexiva é: (a) alternância apenas entre sentidos causativos relacionados – o mesmo verbo, quando usado em sentido não-causativo, não alterna (*carregar*, p.ex., alterna com sentido de pôr carga, *Carreguei o celular/O celular carregou*, mas não alterna com sentido de transportar, *Carreguei o celular para casa/\*O celular carregou para casa*); (b) a ‘afetação’ do segundo argumento do verbo na forma transitiva – BECOME resultando em mudança de estado ou de localização/posição, o que exclui os verbos resultativos (anteriormente referenciados como *causativos existenciais*); (c) a não existência de acarretamento estritamente agentivo.

Quanto às diferenças no paradigma de alternância, que resultam na existência de pelo menos três classes de verbos para o português brasileiro (TRI, TI e TR), anteriormente se afirmou que a análise



bieventual proposta por Pustejovsky (1995) explica a alternância entre construções transitivas, focalizando o  $e_1$ /processo, e construções incoativas, tanto intransitivas quanto reflexivas, focalizando  $e_2$ /estado final. Contudo, a teoria do LG não intenciona prever, pela estrutura de eventos, a alternância ou a impossibilidade de alternância entre as diáteses intransitiva e reflexiva.

Chagas de Souza (2000), sustentado no uso de *defaults*, propõe a seguinte explicação para a alternância causativa em português brasileiro: primeiramente, verbos que denotam mudança de estado ou de localização/posição possuem como *default* alternar em diáteses transitiva, reflexiva e intransitiva (são os verbos da classe TRI, como *fechar*: *Mateus fechou a porta/A porta se fechou/A porta fechou*); depois, os verbos que não licenciam todas as formas de alternância, assumindo apenas a diátese transitiva, apenas a transitiva e a intransitiva ou apenas a transitiva e a reflexiva, são verbos que encontram restrições para a realização do *default*. Segundo o autor, essas restrições podem ser de natureza lexical, composicional ou pragmática<sup>42</sup>.

- Quando as restrições são lexicais, Chagas de Souza apoia-se na descrição de Pustejovsky (1995) e de Levin e Rappaport-Hovav (1995) para sustentar que bloqueiam a realização do *default* ao, por exemplo, exigirem a seleção de um argumento agente para realização do evento expresso por determinado verbo (do tipo de *cassar*) ou ao restringir o paradigma àqueles verbos que expressam transição – o que elimina os estados e as atividades<sup>43</sup> do *rol* das alternâncias causativas.
- Quando são restrições de ordem composicional, referem-se aos elementos com os quais o verbo se combina. Há verbos como *quebrar* que, via de regra, são alternantes em todo o paradigma, mas que podem ter o *default* bloqueado de acordo com o argumento com o qual se compõe (*Emanuel quebrou o vaso/O vaso (se) quebrou* versus *Emanuel quebrou a promessa/A promessa (se) quebrou*).
- Quando são restrições pragmáticas (contextuais) ou relativas ao conhecimento de mundo, bloqueiam ou desbloqueiam o

---

<sup>42</sup> Essas restrições seriam uma possibilidade de explicação para a não-alternância causativo-incoativa de verbos causativos do tipo de *levar* e *carregar*? Embora a questão tenha se apresentado neste momento, seu desenvolvimento não é parte dos objetivos deste estudo.

<sup>43</sup> Uma consequência direta dessa restrição de paradigma assumida por Chagas de Souza (2000) é a negação de alternância causativo-incoativa de inergativos do português brasileiro.

paradigma *default* a depender, por exemplo, da (re)interpretação que se dá ao acarretamento de agentividade. Um verbo do tipo de *ler*, que normalmente possui causatividade interna e acarretamento de agentividade, não alterna (*Sarah não leu a frase do quadrol\*A frase do quadro não leu*); mas, em contextos nos quais o acarretamento de agentividade é anulado, há o desbloqueio do paradigma de alternância e a realização do *default* (*O computador não leu o arquivo do CD/O arquivo do CD não leu*).

Para os verbos que não bloqueiam a diátese reflexiva, mas oferecem resistência à intransitiva, Chagas de Souza destaca a seleção de um ser humano como argumento afetado. Esses verbos, normalmente, alternam em diátese reflexiva e são mais resistentes ao apagamento do clítico – são verbos psicológicos do tipo de *preocupar*, *animar*, *acalmar* e verbos do tipo de *convencer*, de *ferir*, de *embrutecer*. Também exigem a presença do clítico, cf. Chagas de Souza (2000), os verbos que denotam transição inespecificada (do tipo de *alterar* e *transformar*) e os verbos simétricos (do tipo de *juntar*, *separar*, *afastar*). Já os verbos que bloqueiam a diátese reflexiva, mas alternam em diátese intransitiva (classe TI), mostraram-se menos claros quanto às propriedades envolvidas no bloqueio para realização do *default*. Chagas de Souza aponta apenas que, em boa medida, estes verbos denotam eventos que se desenvolvem autonomamente, a exemplo de *girar* e *cozinhar*.

Em oposição ao que o autor assumiu como paradigma de alternância, considera-se a divisão das classes TR e TI um equívoco. Em primeiro lugar, a exigência de clítico não parece assim tão regular no português brasileiro, pelo contrário, há grande variação desse fenômeno. O mesmo verbo pode variar entre a aceitação, a exigência e a recusa do clítico, a depender de aspectos atrelados à situação de produção linguística, como: níveis de formalidade ou características regionais da comunidade de fala. Depois, a lista de verbos que, segundo Chagas de Souza, pertencem à classe TR, pois oferecem resistência para apagamento do clítico, ao que tudo indica, pode bem ocorrer em todo o paradigma de alternância: (i) *A mãe preocupa demais com a gente*, (ii) *A mãe só acalma depois que você chega*, (iii) *O menino embruteceu depois do acidente*.

Por fim, também o estudo de Moraes (2008) encaixa-se no conjunto das investigações que buscam correlacionar aspectos do conteúdo semântico dos verbos às suas possíveis realizações sintáticas,

por meio da descrição, em última análise, de critérios de seleção argumental. Ao examinar o comportamento dos verbos de movimento e os aspectos sintaticamente relevantes de seu conteúdo semântico, Moraes (2008) divide-os em dois subgrupos, um representado por *subir* (são os verbos que indicam direção de deslocamento) e outro representado por *rolar* (são os verbos que indicam o modo do movimento).

Segundo o autor, os elementos integrantes desses dois subgrupos possuem propriedades comuns que os possibilitam participarem da alternância causativo-incoativa. Moraes (2008) coloca em relação as noções de semântica lexical e de semântica lógica à medida que percebe entre ambas a convergência para o pressuposto de que os eventos estão representados na gramática das línguas naturais e de que há uma parte desses eventos que é de natureza complexa. Para ambas, pode-se afirmar, os eventos complexos estão decompostos em “[...] um subevento externo, que é relacionado ao componente de significado ‘causatividade’, e um evento interno relacionado aos componentes ‘mudança de estado’ e ‘telicidade’ [...]” (p. 91).

Especificamente no que diz respeito aos componentes de causa (causalidade) e de mudança de estado, a representação pelos predicados CAUSA e TORNAR-SE deveria englobar, então, todo o significado dos verbos que servem à alternância causativo-incoativa, sem deixar de explicitar que aspectos do significado desses verbos os possibilitam alternar – inclusive aqueles aspectos que não são compartilhados, mas particulares, pois individualizam cada verbo.

Entretanto, Moraes (2008, p. 96-98), com base no trabalho de Grimshaw (2005), salienta que o que os predicados conseguem abranger dentro da semântica dos verbos é o significado estrutural, ou seja, aquilo que pode ser generalizado e empregado na identificação de classes verbais, enquanto os aspectos individualizados e idiossincráticos do significado fazem parte do conteúdo semântico. A estrutura semântica, além de conter a representação dos tipos básicos de eventos, permite identificar os verbos de mesma classe pela natureza dos argumentos semânticos selecionados, pela natureza da relação entre esses argumentos e pelas posições argumentais preenchíveis por esses argumentos.

Para a explicação de boa parte do processo de alternância causativo-incoativa, pelo menos a grosso modo, interessam os aspectos relativos à estrutura semântica, os quais identificam os modos de seleção de argumentos estruturais e possibilitam a decomposição de predicados dos verbos alternantes. Contudo, há casos de alternância causativa nos

quais critérios particulares de significação verbal interferem na realização sintática dos argumentos semânticos e servem como bloqueio para a formação de alguma(s) das diáteses do paradigma de alternância.

Como estratégia para a integração entre os aspectos de estrutura semântica e os de conteúdo semântico, Moraes (cf. Grimshaw (2005) e Levin (1993)) acresce à representação dos tipos básicos de eventos componentes particulares de significado. Todas essas informações podem ser arranjadas em estruturas semântico-conceituais identificadoras dos itens lexicais e capazes de capturar os componentes estruturais compartilhados por uma classe verbal, ao mesmo tempo em que capturam componentes semânticos particulares.

Nesse sentido, também os argumentos do verbo podem estar relacionados a informações lexicais distintas. Há argumentos que são selecionados e projetados pela estrutura semântica e outros que são selecionados e projetados pelo conteúdo semântico do verbo. Os “[...] Argumentos Estruturais são **obrigatoriamente** realizados na sintaxe, [e] parcelas do comportamento sintático dos verbos podem ser explicadas por essa restrição.” (MORAES, 2008, p. 96, grifo acrescentado). Os de conteúdo semântico, por outro lado, podem ser omitidos, não realizados sintaticamente, mas, quando realizados, não ocupam posição de sujeito.

Os exemplos a seguir ilustram a assimetria entre argumentos de conteúdo semântico e argumentos de estrutura semântica. Enquanto o argumento de conteúdo *a comida toda* pode ocorrer ou não na construção em (4.15a), o argumento de estrutura semântica *o banheiro* é obrigatoriamente realizado em (4.15c); outro ponto de destaque: (4.15b) ilustra que o argumento de conteúdo semântico não alterna para posição de sujeito de construção incoativa, mas essa posição pode ser ocupada por um argumento de estrutura semântica, conforme ilustrado por (4.15d).

- 4.15 (a) Mateus comeu (a comida toda).  
(b) \*A comida toda comeu.  
(c) Sarah alagou o banheiro.  
(d) O banheiro alagou.

A distinção de natureza entre os argumentos semânticos possibilita esclarecer uma parcela do comportamento sintático do verbo transitivo que participa da alternância causativo-incoativa, além de ajudar a esclarecer por que determinados verbos aceitam a omissão de seu argumento tema quando realizados em associação com alguns *sintagmas preposicionais* (SPs) *aspectuais* (como *Andréia leu (o jornal)*

*por uma hora*), mas não aceitam quando associados a outros (como \**Andréia leu em uma hora*) – quando pode ser omitido, o argumento é projetado pelo conteúdo semântico e não pela estrutura semântica.

Conforme Moraes (2008, p. 97), a ocorrência de SPs aspectuais como (a) *por uma hora* e (b) *em uma hora* ajuda a evidenciar a telicidade do verbo: nas ocorrências com SPs do primeiro tipo, os verbos denotam eventos do tipo ‘atividade’, cujos argumentos projetados são de conteúdo semântico, não de estrutura; já nas ocorrências com SPs do segundo tipo, os verbos denotam eventos do tipo ‘criação’ e, dessa forma, requerem dois argumentos de estrutura semântica e realização obrigatória. Como exemplo, pode-se tomar o verbo *fazer*. Embora seja comumente empregado como causativo existencial (ou verbo de ‘criação’), quando associado a SPs do tipo de *por uma hora*, *fazer* denota ‘atividade’, não ‘criação’: *Emanuel fez os deveres por uma hora* (ainda que, ao final de uma hora, os deveres não resultem feitos = pode ter passado uma hora fazendo os deveres sem, contudo, concluí-los) *versus Emanuel fez os deveres em uma hora* ( ao final de uma hora, os deveres estavam concluídos).

Com base na distribuição de classes verbais proposta por Levin (1993) para o inglês, Moraes (2008) analisa o comportamento dos verbos equivalentes em português e suas possibilidades de ordenação em classes e subclasses, a fim de contribuir com a Wordnet do português do Brasil através da descrição das propriedades semânticas dos verbos de movimento e dos modos de realização de seus argumentos. Dessa investigação, a distinção mais saliente em termos de um estudo sobre a alternância causativo-incoativa refere-se às subclasses apresentadas como 1 e 3a’.

A primeira subclasse é composta por verbos como *avançar*, *chegar*, *partir*, *sair*, *descer*, *retornar*, *despencar*, *recuar*, entre outros que, além de descreverem o movimento sem especificação de modo e não aceitarem realização com sintagma resultativo, não participam da alternância causativa. Já a segunda subclasse se compõe por verbos do tipo de *girar*, *virar*, *derrapar*, *derrubar*, *rolar*, *torcer*, *enrolar*, *quicar*, entre outros que, além de descreverem o movimento e o modo ou o meio desse movimento, afetam entidades inanimadas e participam da alternância causativa.

Apesar de utilizar a alternância causativa como critério sintático para a identificação das subclasses verbais, o trabalho de Moraes (2008) não objetivou fornecer evidências de por que construções do inglês como (4.16a) e (4.16d) são possíveis em diátese transitiva, enquanto não

há construção transitiva equivalente a elas em português, conforme comprova a agramaticalidade de (4.16b) e de (4.16e).

- 4.16 (a) He drifted the boats downstream.  
(b) \*Ele boiou os barcos rio abaixo.  
(c) Ele fez os barcos boiarem rio abaixo.  
(d) The boy floated his toy boat on the pond.  
(e) \*O garoto flutuou seu barquinho no tanque.  
(f) O garoto fez seu barquinho flutuar no tanque.  
(g) Os barcos boiaram rio abaixo.  
(h) O barquinho flutuou no tanque.  
(i) \*The collaborators escaped the convict.  
‘Os colaboradores escaparam o criminoso’  
(j) The convict escaped.  
‘O criminoso escapou’

Como é possível perceber, as únicas construções que em português são equivalentes a (4.16a) e (4.16d) são as *causativas sintáticas*, formadas por composição com *fazer*, (4.16c) e (4.16f). Em português, verbos como *boiar* e *flutuar* costumam ocorrer apenas em diátese intransitiva, conforme (4.16g-h). Ainda sobre a falta de simetria entre condições de alternância para verbos tidos primitivamente como intransitivos, Moraes (2008) também não se voltou para o esclarecimento das condições que levam, em inglês, os verbos *drift* e *float* a alternar, mas barram a alternância para *escape*, em (4.16i-j), por exemplo.

## 4.2 Retomada do Problema Apontado

O estudo de Ciríaco e Cançado (2007) reformulou as restrições de ocorrência propostas por Whitaker-Franchi (1989) e por Levin (1989), considerando a perspectiva de Dowty (1991) para uma teoria de papéis temáticos, a saber: o papel temático de um argumento *x* é o conjunto de propriedades lexicalmente acarretadas a *x* pelo verbo que o seleciona. Observado o comportamento de mais de 200 verbos da língua, a partir da análise de aproximadamente 520 sentenças, Ciríaco e Cançado chegaram à rede temática {D/(C)/(indireto); A} que, segundo as autoras, dá conta de restringir a classe dos verbos causativos que licenciam construção incoativa.

Contudo, sequências de exemplos como:

- 4.17 (a) Helena carregou o livro pra escola sem saber.  
(b) Helena carregou o livro pra escola de propósito.  
(c) \*O livro carregou pra escola sem saber/de propósito.  
(d) Sarah quebrou o galho da araucária com o tombo que levou.  
(e) Sarah quebrou o galho da araucária com uma enxada.  
(f) O galho da araucária quebrou com uma enxada/com o tombo da Sarah.

em que a rede temática {D/(C)/(indireto); A} é satisfeita tanto nas construções cujo verbo causativo é *quebrar* quanto naquelas cujo verbo causativo é *carregar*, mas que, ainda assim, evidenciam o bloqueio da construção incoativa a partir de verbos do tipo de *carregar*, conforme (4.17b), contrariam a generalização proposta pelas autoras. Os exemplos em (4.17) fazem notar que a rede temática {D/(C)/(indireto); A} está disponível tanto para verbos causativos que licenciam a formação de construções incoativas, o que os faz alternar, quanto para verbos causativos que não licenciam essas formações, o que bloqueia a alternância causativo-incoativa.

Chagas de Souza (2000), por sua vez, identifica a classe dos verbos alternantes como *eventualidade de causa potencialmente externa*, as quais denotam um evento que pode ser desencadeado por causa externa, mas não necessariamente o seja. À proposta explicativa desse autor também escapa o problema ilustrado pelos dados em (4.17), uma vez que os verbos *quebrar* e *carregar*, um alternante e outro não, são compatíveis com a descrição de *eventualidade de causa potencialmente externa*.

Ainda sobre as condições de alternância, Chagas de Souza (2000) avalia que há restrições de ordem composicional, lexical ou pragmática que podem bloquear a realização do paradigma de alternância dos verbos causativos. Esses verbos, que denotam mudança de estado ou de localização/posição, têm como *default* alternar nas três diáteses (transitiva, intransitiva e reflexiva), contudo, quando uma das diáteses é bloqueada, deve haver interferência de uma ou mais das restrições acima. Apesar de serem consideradas as restrições de ordem composicional, lexical ou pragmática, não se sabe como nem quais dessas restrições atuam sobre a impossibilidade de alternância representada em (4.17a-c) – aliás, nem se sabe se atuam.

No trabalho de Moraes (2008), há a distinção entre argumento de estrutura semântica e argumento de conteúdo semântico (fundamentada em Grimshaw (2005)). Segundo o que é apresentado pelo autor,

argumentos de estrutura semântica são de realização sintática obrigatória e podem alternar da posição de objeto para a de sujeito, p.ex., o que é uma característica (ou uma consequência?) da alternância causativo-incoativa. Já argumentos de conteúdo semântico podem ser realizados sintaticamente ou não e nunca ocupam posição de sujeito.

Diante dessas noções, seria possível pensar que verbos causativos que não licenciam formação incoativa sofrem essa restrição por selecionarem para posição de objeto um argumento de conteúdo semântico, o qual não poderia ser sujeito da construção correlata incoativa. Mas essa seria uma generalização falsa, uma vez que o argumento *o livro*, em (4.17a-b), não é facultativamente realizado na sintaxe, mas obrigatoriamente realizado, caracterizando-se como um argumento de estrutura semântica do verbo *carregar*; e, mesmo sendo argumento da estrutura semântica do verbo, *o livro* não alterna para posição de sujeito, como supostamente deveria alternar (cf. (4.17c)). Isso indica que, embora a seleção de argumentos de estrutura semântica seja uma condição necessária para que o predador verbal participe da alternância causativa, não é condição suficiente.

Por fim, Moraes (2008) também não chega a discutir dois pontos de interesse para este trabalho: (a) quais aspectos de significado estão envolvidos no licenciamento da alternância causativo-incoativa de inergativos do inglês e quais estão envolvidos no bloqueio dessa alternância para formas equivalentes do português; (b) por quê, dentro de uma mesma língua, certos verbos primitivamente intransitivos são passíveis de alternância causativo-incoativa enquanto outros não o são.

#### 4.3 Resumo do Capítulo

Neste capítulo, foram resenhadas três propostas de investigação da alternância causativo-incoativa dentro do português brasileiro – todos estudos que focalizaram a alternância de inacusativos. Nessas propostas, há o princípio metodológico comum de correlacionar aspectos sintáticos e semânticos da gramática dos verbos alternantes, de maneira a explicar e descrever o comportamento linguístico desses verbos. Verificou-se, contudo, que os estudos desenvolvidos ainda não são suficientes para que se possam fazer generalizações capazes de precisar, dentre os verbos causativos, qual é o conjunto dos que licenciam a alternância causativo-incoativa e qual é o conjunto dos que não a licenciam.

Como foi possível perceber, a alternância causativo-incoativa de inacusativos (processo de *ergativização*, cf. Whitaker-Franchi (1989)) ainda não teve seus tópicos de estudo suficientemente esclarecidos. Pela



carência de pesquisas, essa constatação é muito mais saliente em relação à alternância causativo-incoativa de inergativos (processo de *causativização*, cf. Whitaker-Franchi (1989)).

No capítulo seguinte, está realizada a apresentação dos estudos sobre o processo de alternância causativo-incoativa a partir de um verbo inergativo desenvolvidos na literatura linguística e a extensão dos critérios de análise desse fenômeno às ocorrências do português do Brasil. Primeiramente, será caracterizada a alternância causativa que é central na discussão desta pesquisa e, em seguida, será proposta uma distribuição escalar das ocorrências, pautada na observação das possibilidades de alternância em português brasileiro.

## **CAPÍTULO 5**

### **Alternância Causativo-Incoativa de Inergativos**

A menos que conheçamos a natureza da estrutura semântica, não podemos descrever de forma adequada os processos pós-semânticos que operam sobre ela, pois ignoramos a entrada para esses processos.

Chafe (1979, p. 74)

Este capítulo objetiva apresentar as discussões mais avançadas desenvolvidas sobre a alternância causativo-incoativa cujo predicador é um verbo inergativo e iniciar a análise de ocorrências dessa instância de alternância linguística no interior do português brasileiro. Para isso, são relacionadas ocorrências desse fenômeno no português do Brasil e no inglês e é retomada a descrição desse tipo de alternância em trabalhos tomados como referência – especificamente o que desenvolveu Levin (1993) –, estendendo-a aos dados do português. Ao final do capítulo, propõe-se a distribuição das ocorrências de alternância de acordo com escalas de causatividade elaboradas com base na observação das possibilidades de alternância de inergativos do inglês e do português brasileiro.

#### **5.1 Descrição da Alternância Causativa de Inergativos**

Conforme já se vinha argumentando, a alternância entre as diáteses verbais intransitiva e transitiva de inergativos, uma parte da alternância causativo-incoativa, apesar de presente no inglês e no português do Brasil, parece ser mais restrita, em grande medida, que a alternância causativa entre as diáteses intransitiva e transitiva de inacusativos, o que pode tornar este último estudo mais atrativo e susceptível à análise. A preferência pelo desenvolvimento de pesquisas sobre alternância de verbos do tipo de *quebrar* (*abrir, rolar, girar, mover, bater, partir*, entre outros) pode ocorrer, especialmente, por envolver verbos inacusativos como predicadores, que estão comumente em foco, desde o surgimento da hipótese inacusativa formulada por Perlmutter (1978), e que apresentam alta simetria de comportamento gramatical entre diferentes línguas.

Trabalhos como o de Levin (1993) elaboram sua investigação exclusivamente em torno da alternância causativo-incoativa de verbos inacusativos, os quais, na perspectiva da autora, são de base transitiva

(cf. citado, anterior a Levin, Chierchia ([1989] 2004) já argumentou em favor da forma transitiva primária dos verbos inacusativos). Brevemente, ela faz referência ao que chama *alternância de ação induzida*, verificada como parte do comportamento sintático-semântico de um subgrupo de verbos do tipo de *run* ('correr') e de outros subgrupos transcritos a seguir. Com base no levantamento de estudos precedentes, Levin (1993, p. 31-32) identifica as classes de verbos inergativos do inglês, abaixo listadas, como capazes de alternar para diátese transitiva:

5.1 **Run Verbs (some):** canter ('cavalgar'), drive ('dirigir'), fly ('voar'), gallop ('galopar'), jump ('pular, saltar'), leap ('saltar, pular'), march ('marchar'), race ('disputar, disparar'), run ('correr'), swim ('nadar'), trot ('trotar'), walk ('caminhar').

5.2 (a) Sylvia jumped the horse over the fence.  
       'Silvia saltou o cavalo por cima da cerca'  
 (b) The horse jumped over the fence.  
       'O cavalo saltou por cima da cerca'

5.3 (a) The scientist ran the rats through the maze.  
       'O cientista correu os ratos através do labirinto'  
 (b) The rats ran through the maze.  
       'Os ratos correram através do labirinto'

Segundo Levin (1993), (5.2) e (5.3) diferem da alternância causativo-incoativa a partir de predicadores inacusativos porque a entidade afetada é tipicamente animada e volitiva, induzida pelo causador a agir. "Frequentemente, na variante transitiva, o causador não só é entendido como causa de o afetado se mover, mas também como entidade que acompanha a causa. Porém, a interpretação de acompanhamento não é necessária, como se ilustra pelo exemplo que envolve ratos em um labirinto [(5.3)]"<sup>44</sup> (LEVIN, 1993, p. 31). Apesar dos casos em que não há interpretação de acompanhamento para a entidade causadora, mas em virtude da potencialidade dessa interpretação, esse tipo de alternância pode ser também identificado

---

<sup>44</sup> Tradução livre, no original: "Often in the transitive variant the causer is understood not only to cause the causee to move but also to be accompanying the cause. However, the accompaniment interpretation is not necessary, as shown by the example involving rats in a maze" (LEVIN, 1993, p. 31).

como *accompanied causation alternation* ('alternância por causação acompanhada').

Outro aspecto destacado dos dois exemplos anteriores é, para o uso transitivo causativo, a presença ou a inferência de um sintagma direcional. Levin afirma que, nessas construções, o verbo deve estar acompanhado de um sintagma que indique direção e, quando não está realizado sintaticamente, esse sintagma deve ser deduzido da composição da sentença. Por exemplo, (5.2) indica que Silvia saltou o cavalo sobre algo, e não poderia indicar que Silvia fez o cavalo saltar no mesmo lugar. Essa propriedade, conforme sustenta a autora, "[...] separa a alternância por ação induzida das outras instâncias de alternância."<sup>45</sup> (LEVIN, 1993, p. 31).

Aparentemente, a restrição a ocorrer com sintagma direcional aplica-se apenas aos verbos inergativos alternantes do tipo de *correr*. Há verbos que, embora não denotem atividade, possuem uso preferencialmente intransitivo (p.ex., *doer*<sup>46</sup>, *estudar*, *casar*) e não pressupõem nem realizam sintaticamente um sintagma direcional quando causativizados em alternância por ação induzida – além de contradizerem outras propriedades sustentadas em Levin (1993). Nas sentenças a seguir, isso se torna mais explícito:

- 5.4 (a) Mateus casou a irmã com pressa.  
(a') Mateus casou a irmã.  
(b) Andréia estudou os filhos até a faculdade.  
(b') Andréia estudou os filhos.  
(c) Essa palmilha dói meu pé no calcanhar.  
(c') Essa palmilha dói meu pé.

Primeiramente, em nenhum dos dados em (5.4) o sintagma pós-verbal é direcional. O primeiro indica modo, o segundo, o nível máximo da formação atingida por *estudar* e, o terceiro, uma especificação do local da dor. Além de os sintagmas possuírem valores semânticos

---

<sup>45</sup> Tradução livre, no original: "[...] sets the induced action alternation apart from other instances of causative alternations." (LEVIN, 1993, p. 31).

<sup>46</sup> Levin (1993, p. 224, classe 40.8.1), ao criar a classe de verbos rotulada *pain verbs*, aponta que verbos do inglês que exprimem estado corpóreo, como *to hurt*, podem ser usados transitiva ou intransitivamente. Em geral, o sujeito de construções que envolvam esses verbos é uma parte do corpo, cujo possuidor é experienciador que pode ser expresso ou não; nos usos transitivos, esse experienciador ocupa a posição de objeto: Ex. *It hurts me*. Em português do Brasil, defenderei que esse verbo é tipicamente de uso intransitivo.

distintos, sua presença ou inferência não são obrigatórias (cf. (a'), (b') e (c')), contrariando o que indica Levin para a classe (5.1).

Depois, em nenhum dos exemplos o desencadeador que induz à ação pode ser entendido como acompanhante do evento. Nenhum falante, diante das sentenças acima, interpretaria que Mateus casou junto com a irmã, que Andréia estudou junto com os filhos ou que a palmilha doeu junto com o pé. O que essas ocorrências tornam evidente é que a *alternância por causatividade acompanhada* está restrita a verbos do subgrupo de *correr*, assim como a exigência de sintagma direcional. Com relação à última exigência, ainda que restrita aos verbos do subgrupo de *correr*, é possível questionar se a realização/inferência de um sintagma direcional será condição necessária à formação da diátese causativa desses verbos também para os dados do português brasileiro.

Conforme dito anteriormente, Levin ainda sustenta que a alternância de ação induzida difere da alternância causativa de inacusativos por aquela conter uma entidade afetada tipicamente animada e volitiva, induzida pelo causador a agir. Essa propriedade é atestada pelos dados de (5.4a-b), mas não está presente em (5.4c). Ao contrário, o argumento afetado em (5.4c) é parte de uma entidade animada e nem mesmo por interpretação metonímica seria possível conferir volição a essa entidade, já que a construção possui: (a) um desencadeador que não induz, mas realiza o evento expresso pelo verbo; (b) um verbo que não denota ação, mas estado; (c) um argumento afetado que não está em uma relação de *parte de* com um agente, mas com um experienciador.

Além dos verbos de (5.1), integrantes da subclasse identificada por Levin pelo rótulo de *run verbs*, a autora cita outras instâncias de alternância causativa, que possuem como predicadores verbos de emissão (de som, de luz, de substância), transcritos em (5.5), verbos de configuração espacial, transcritos em (5.7), verbos que denotam algum tipo de alojamento ou abrigo, transcritos em (5.9), algum tipo de sufocamento, transcritos em (5.11), e outros, agrupados em uma classe mista, transcritos em (5.12).

### 5.5 Verbs of Emission (some):

(a) **Verbs of sound emission (some):** bang ('bater com violência e ruído'), beep ('fazer soar um bip'), blare ('clangorar, proclamar em alto som'), buzz ('zumbir, zunir'), clack ('tagarelar, estalar'), clang ('ressoar, clangorar'), clash ('estrondear'), clatter ('retinir'), click ('fazer tique-taque, das estalitos'), hoot ('vaia, piar'), jangle ('chiar'), jingle ('tinir,

retinir'), ring ('soar, ressoar, badalar'), rustle ('sussurrar'), squeak ('ranger'), squeal ('guinchar do porco'), tinkle ('tilintar'), twang ('vibrar produzindo som agudo ou metálico').

**(b) Verbs of light emission (some):** beam ('irradiar(se)'), blink ('cintilar'), flash ('flamejar(se)'), shine ('brilhar').

**(c) Verbs of substance emission (few):** bleed ('sangrar'), squirt ('esguichar').

5.6 (a) The visitor rang the bell.

'O hóspede tocou o sino'

(b) The bell rang.

'O sino tocou'

5.7 **Verbs of spatial configuration (some):** dangle ('oscilar, bambolear'), fly ('voar'), hang ('pender'(se)), lean ('inclinar(se), tender'), perch ('pousar, empoleirar(se)'), rest ('descansar'), sit ('sentar(se)'), stand ('colocar-se em pé'), swing ('gingar, mover(se) com ritmo').

5.8 (a) They stood the statue on the pedestal.

'Eles colocaram em pé a estátua no pedestal'

(b) The statue stood on the pedestal.

'A estátua colocou-se em pé no pedestal'

5.9 **Lodge verbs (some):** bivouac ('acampar'), board ('embarcar'), lodge ('alojar(se)'), settle ('estabelar(se), assentar(se)'), shelter ('abrigar(se), esconder(se)').

5.10 (a) The soldiers lodged in the schoolhouse.

'Os soldados alojaram-se no prédio escolar'

(b) The army lodged the soldiers in the schoolhouse.

'O exército alojou os soldados no prédio escolar'

5.11 **Suffocate verbs:** asphyxiate ('asfixiar(se)'), choke ('estrangular'), drown ('submergir'), stifle ('abafar'), suffocate ('sufocar'(se)).

5.12 **Other verbs:** bleed ('sangrar'), burp ('arrotar, fazer arrotar').

- 5.13 (a) I burped the baby.  
‘Eu arrotei o bebê’  
(b) The baby burped.  
‘O bebê arrotou’

Exceto os predicadores identificados como *run verbs*, as demais classes verbais constituem uma ampla categoria em que se incluem todos os verbos cujo uso transitivo significa, em linhas gerais, “causa para um V-intransitivo”, os quais não se ajustam dentro dos outros dois tipos de alternância causativa descritos por Levin (a ‘alternância por causação acompanhada’ e a alternância de inacusativos). Apesar da diversidade semântica desses predicadores, a autora dá ênfase à existência de propriedades comuns entre eles. À exceção dos verbos que denotam algum tipo de sufocamento (que não parecem dar margem para a interpretação de controle interno), todos os demais verbos do inglês listados acima se encaixam na descrição de verbos basicamente intransitivos caracterizados por serem ações internamente controladas que, em certos contextos de uso, podem ser externamente controladas ou externamente causadas, dando origem ao uso transitivo do verbo (LEVIN, 1993, p. 32).

Conforme citado nos capítulos precedentes, Smith (1970 *apud* Levin (1993)) aponta que essa característica está refletida no fato de que muitos desses verbos apresentam um conjunto maior de restrições seletivas para o objeto da diátese transitiva que o conjunto de restrições seletivas existente para o sujeito da diátese intransitiva, ainda que os dois argumentos mantenham a mesma relação semântica com o verbo. Retomando-se o exemplo (5.13), é possível arrotar o bebê, mas não é possível arrotar o médico; contudo, o médico, tanto quanto o bebê, pode arrotar.

Ainda que não se objetive aplicar uniformemente ao português os resultados teóricos obtidos para o inglês, entende-se que se pode partir de propriedades já descritas para compreender a ocorrência de um mesmo fenômeno em outras línguas. Guardadas as diferenças de ordem semântico-lexical e pragmática entre as línguas – como a variação na valência do verbo, as lexicalizações possíveis para o inglês, mas não aceitas pela estrutura do português ou a questão da relevância comunicativa –, pode-se identificar um comportamento semelhante em certos verbos do português do Brasil<sup>47</sup> que, do mesmo modo que seus

---

<sup>47</sup> Os dados apresentados nesta tese possuem como função atestar a ocorrência do fenômeno da alternância causativo-incoativa de predicadores basicamente intransitivos em português do

equivalentes em inglês, são basicamente intransitivos e internamente causados, mas que, em certos contextos, admitem causatividade externa: *do que resulta a diátese transitiva com valor causal*.

- 5.14 (a) Meu amigo rangeu os dentes, numa reação nervosa.<sup>48</sup>  
(a') Os dentes rangeram, numa reação nervosa.  
(b) Inúmeras vezes depois ele soou a campainha.<sup>49</sup>  
(b') A campainha soou inúmeras vezes depois.  
(c) O sol brilha a lataria.<sup>50</sup>  
(c') A lataria brilha.  
(d) Sindrôno sangrou a galinha.<sup>51</sup>  
(d') A galinha sangrou.  
(perspectiva incoativa acarreta mudança semântica)

Os dados de (5.14) ilustram a alternância causativo-incoativa de inergativos denotadores de emissão (de som, de luz e de substância). Em (5.14a), o argumento *Meu amigo* tem participação marcadamente volitiva no desencadeamento de *ranger*, de que o sintagma *os dentes* participa duplamente, como afetado e também como desencadeador de um evento de emissão de som. No exemplo (5.14b), semelhante à sentença anterior, o pronome anafórico produz algo no mundo que leva à realização de *soar*, induzindo o desenrolar do evento. Mas essa interferência não parece ser exclusiva do argumento sujeito, já que há qualquer coisa intrínseca no argumento afetado *a campainha* que o faz, também, participante do desencadeamento.

---

Brasil. Não foram extraídos de um corpus específico, mas selecionados de maneira aleatória, através de um sistema de busca centrado nos usos causativos dos verbos que se desejava analisar.

<sup>48</sup> “**Meu amigo rangeu os dentes, numa reação nervosa.** Examinado-o com mais atenção, vi que trazia o copo todo coberto de lama.” Disponível em: <<http://www.contosdeterror.com.br/contos/homunculo.html>>. Acesso em: 20 maio 2009.

<sup>49</sup> “**Inúmeras vezes depois ele soou a campainha**, mas não forneceu a carne. O cachorro teve salvação como se a carne estivesse a sua frente”. Disponível em: <[www.folhadaregio.com.br/jornal/2006/09/23/cida04.php?PHPSESSID=178e2ebfa8e01a988f37560c28eb7f23](http://www.folhadaregio.com.br/jornal/2006/09/23/cida04.php?PHPSESSID=178e2ebfa8e01a988f37560c28eb7f23)>. Acesso em: 21 jul 2008.

<sup>50</sup> “Passou um carro na janela, fumaça a descarga, **o sol brilha a lataria**, já são quase oito, outros dormem, a maioria, como meus pés anestesiados, aproveitar podia e tomar outra xícara, mas, melhor pegar uns soquetes.” Disponível em: <[http://br.geocities.com/camafunga/2004\\_04\\_01\\_arquivo.htm](http://br.geocities.com/camafunga/2004_04_01_arquivo.htm)>. Acesso em: 21 jul 2008.

<sup>51</sup> “Sindrôno tirou o canivete do bolso, retirou uma galinha da gaiola, **sangrou o bicho**, afastou-se um pouco para evitar as varejeiras e, sobre uma pedra, sem água quente para ajudar a depenar, retirou o couro inteiro, abriu a barriga, limpou por dentro.” Disponível em: <<http://simpatiaeesculacho.blogspot.com/2007/02/carga-perdida-na-curva-do-bode-no-alto.html>>. Acesso em: 21 jul 2008.



As sentenças (5.14c) e (5.14d) seguem a mesma descrição precedente: tanto o argumento sujeito quanto o argumento objeto têm participação sobre o desenrolar do evento expresso pelo verbo; enquanto o primeiro cria as condições para o evento ser realizado, o segundo tem o potencial de realização do evento entre o conjunto de suas propriedades inerentes. Ainda, em (5.14a), (5.14b) e em (5.14d), o desencadeador em posição de sujeito carrega o traço de volição/controle, enquanto o argumento desencadeador é afetado na posição de objeto (de todas as sentenças em (5.14)), apesar de participar do desenvolvimento do evento, não tem controle sobre ele. Do mesmo modo, o argumento em posição de sujeito *o sol*, em (5.14c), não tem controle sobre o evento que induz – aliás, nessa construção, o argumento afetado não tem controle sobre a causatividade interna e o argumento indutor não exerce controle sobre a indução de causatividade externa.

Inergativos que denotam configuração espacial, em uso transitivo causativo, apresentam as mesmas características:

- 5.15 (a) O mecânico voou o avião.<sup>52</sup>  
 (a') O avião voou.  
 (b) O vento forte inclinou os antigos postes da rua.<sup>53</sup>  
 (b') Os antigos postes da rua inclinaram.  
 (c) Garcez pousou o avião com 54 pessoas a bordo.<sup>54</sup>  
 (c') O avião pousou com 54 pessoas a bordo.  
 (d) Um homem piedoso descansou a cabeça do morto sobre o agasalho.<sup>55</sup>

---

<sup>52</sup> “**Quem voou o avião foi o mesmo mecânico responsável pela restauração do avião do Harry.** E eu digo com toda firmeza, foi o som mais lindo que já ouvi na vida, e o avião mais bonito que já vi voar”. Disponível em: <<http://pabloj3.blogspot.com/2006/08/finalmente-diretamente-de-lincoln.html>>. Acesso em: 21 jul 2008.

<sup>53</sup> “**Vento forte inclinou maioria dos antigos postes das ruas do bairro.** Moradores estão preocupados e pedem ajuda da Light”. Disponível em: <<http://www.jornalimpacto.inf.br/modules.php?name=News&file=article&sid=1459>>. Acesso em: 21 jul 2008.

<sup>54</sup> “Depois de três horas e meia de idas e vindas, o combustível acabou e **Garcez pousou o avião com 54 pessoas a bordo** no meio da floresta. Doze morreram”. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/081100/p\\_164.html](http://veja.abril.com.br/081100/p_164.html)>. Acesso em: 21 jul 2008.

<sup>55</sup> “Ao fim, constataram que o homem havia morrido. Um outro homem piedoso tirou-lhe o paletó e **descansou a cabeça do morto sobre o agasalho.**” Disponível em: <<http://www.globoonliners.com.br/icox.php?mdl=pagina&op=listar&usuario=552&mes=9&ano=2007&pagina=3>>. Acesso em: 21 jul 2008.

- (d') A cabeça do morto descansou sobre o agasalho.  
 (e) Ela sentou o bebê no banco.<sup>56</sup>  
 (e') O bebê sentou no banco.

Também para os exemplos de (5.15), o argumento desencadeador em posição de sujeito pode apresentar os traços de volição e controle. Os argumentos em posição de sujeito da forma transitiva de (a), (c), (d) e (e) – respectivamente, *O mecânico*, *Garcez*, *Um homem* e *Ela* – são agentes mais prototípicos cuja composição semântica comporta os traços de volição e controle sobre o desencadeamento do evento (logo, sobre a indução do segundo argumento). Já o argumento desencadeador responsável pela indução em (5.15b), *O vento forte*, sendo uma causa natural, é compatível apenas com o papel de agente menos prototípico, cuja composição semântica não abarca o traço de volição.

O argumento induzido, em posição objetiva das construções (5.15), ao contrário do argumento causador, é afetado pela indução do primeiro argumento e participa do desencadeamento de maneira não-volitiva. Embora haja alguma propriedade intrínseca a esses argumentos que lhes possibilita ter participação no desenrolar do evento expresso pelo verbo, essa participação não é controlada pelo segundo argumento, apenas por aquele cujo papel semântico comporta o traço de volição.

Entretanto, os argumentos induzidos são também responsáveis pelo desenrolar do evento: ao mesmo tempo em que o constituinte *Os antigos postes da rua* sofre a inclinação, é, por indução externa, a entidade que realiza o ato de *inclin*ar; ao mesmo tempo em que *O avião* sofre o pouso ou o voo, também é, por indução externa, aquilo que *pousa/voa*; igualmente, ao mesmo tempo em que *O bebê* sofre a indução para sentar(-se), é, por indução do segundo argumento, aquele que *senta*. Seguindo-se essa mesma análise, em (5.15d), ocorrência em que *descansar* indica ‘acomodar(-se)’ ou ‘colocar(-se) em posição confortável’, embora a natureza semântica do argumento afetado possa gerar estranhamento, o argumento *A cabeça do morto* sofre o descanso e, por indução externa, participa do desenrolar do evento (o argumento é induzido a estar em determinada configuração espacial). Em contexto idêntico, uma sentença como *A mãe descansou o filho nos braços* não gera qualquer estranhamento: assim como *o filho* é afetado pelo evento, realiza-o por indução externa.

---

<sup>56</sup> “Ao ajudar seu filho a colocar os sapatos **ela sentou o bebê no banco** e o segurava com uma mão, enquanto a outra tentava amarrar o sapato do menino.” Disponível em: <<http://clubedolivro.wordpress.com/2008/03/06/>>. Acesso em: 21 jul 2008.

Em suma, assim como apresenta Levin para o inglês, há verbos do português que podem alternar entre as construções sintáticas inergativa e transitiva causativa (cf. ilustrado pelos dois últimos blocos de exemplos, *ranger*, *soar*, *brilhar*, *sangrar*, *voar*, *inclin*ar, *pousar*, *descansar*, *sentar*, entre outros). Como apontara a autora, o que esses verbos parecem compartilhar em sua estrutura semântica é a possibilidade de admitirem, em contextos específicos e mesmo sendo internamente causados, uma causatividade externa. Assim, há indução externa para a ocorrência de um evento que mantém sua inerente propriedade de causa interna, desencadeando dupla causatividade – a indução externa ficaria a cargo do argumento causador sujeito, enquanto a causatividade interna se aplicaria ao argumento objeto, afetado pela causa externa, mas desencadeador da causa interna.

Essa ‘cadeia causal’ possível para algumas instâncias da alternância causativo-incoativa fica facilmente perceptível nos exemplos a seguir, em que os predicadores das construções transitivas causativas de (5.16a-d) são verbos inergativos que pertencem ao grupo identificado por Levin pelo rótulo *run verbs*:

- 5.16 (a) Ele trotou e galopou o cavalo preto em círculos.<sup>57</sup>  
 (a') O cavalo preto trotou e galopou em círculos.  
 (b) Cada participante passeou a criança por pisos desnivelados.<sup>58</sup>  
 (b') A criança passeou por pisos desnivelados.  
 (c) Ele saltou o cavalo por cima do banco.<sup>59</sup>  
 (c') O cavalo saltou por cima do barco.  
 (d) O comparsa cavalgou o cavalo do neoliberalismo.<sup>60</sup>  
 (d') O cavalo do neoliberalismo cavalgou.

<sup>57</sup> “Apoiando as rédeas no pito da sela e cruzando os braços, **ele trotou e galopou o cavalo preto em círculos**, virou para a esquerda e para a direita e parou sem tocar nas rédeas.” Disponível em: <<http://doma.com.br/site/cronicas/index.php?id=62>>. Acesso em: 22 jul 2008.

<sup>58</sup> “**Cada participante** abriu os carrinhos e ajustou os cintos de segurança à medida do seu filho. Em seguida, **passeou a criança** por pisos desnivelados ou de terra batida, escadas e locais com obstáculos, prestando atenção ao desempenho dos travões.” Disponível em: <<http://opaiaetae.blogspot.com/2008/07/19232.html>>. Acesso em: 11 jun 2008.

<sup>59</sup> “[...] sem qualquer comentário adicional **ele saltou o cavalo dele em cima do banco** e saiu apressado entre o grão dourado que estirou longe e largo em ambos os lados da estrada.” Disponível em: <<http://www.libros.abookaday.info/62707263683130/ch146.html>>. Acesso em: 22 jul 2008.

<sup>60</sup> Aquilo que diferencia ambos os comparsas, é que **aquele cavalgou o cavalo do neoliberalismo** que, como é sempre vencedor, está sempre do lado “certo”. Disponível em: <<http://macroscopio.blogspot.com/2008/07/sarkosy-apoia-se-na-mola-do-mediterraneo.html>>. Acesso em: 22 jul 2008.

Em conformidade com o que sustenta a autora, as três primeiras construções ocorrem com os sintagmas direcionais *em círculo, por pisos desnivelados, por cima do banco*. Mesmo quando o sintagma não é realizado, *Cada participante passeou a criança*, pode-se inferi-lo pela composição sentencial dos elementos, [por/em algum lugar].

Já a construção metafórica de (5.16d), da qual se abstrai a noção de movimento, não realiza sintaticamente nem deixa implícito sintagma direcional, o que torna mais evidente a ideia de que a realização ou a inferência de sintagmas dessa natureza estão rigidamente condicionadas pela estrutura semântica de predicadores verbais que denotam movimento. Ainda assim, há contextos restritos de ocorrência em que parece bloqueada a necessidade de essas construções ocorrerem em composição com tais sintagmas.

#### 5.17 O apresentador deverá trotar o cavalo mais uma vez.<sup>61</sup>

Pelo que se lê no exemplo (5.17), não se pode afirmar que o cavalo será trotado para fora da posição de origem e a ideia de direção é comunicativamente irrelevante, já que (i) é possível que apenas se realizem passos de trote que alternem as patas, mas não impliquem mudança de posição e (ii) o realce da construção recai sobre a potencialidade de realização do evento e não sobre a realização em si. Também se pode pensar em construções com *trotar* que anulem a noção de direção ou mesmo que ensejem a negação do conteúdo proposicional da sentença (i. *Maneco trotou o cavalo sem sair da baia*; ii. *Nunca foi o Maneco quem trotou o cavalo*).

Ainda, (5.16a-c) e (5.17) encaixam-se na descrição de *alternância por causatividade acompanhada* apresentada por Levin (1993), segundo a qual o argumento causador em posição de sujeito, externamente, induz à realização da ação aquele argumento afetado que desencadeia a causa interna do evento denotado pelo verbo e acompanha o desenvolvimento do evento. Essa mesma descrição de acompanhamento pode estar disponível para a construção com verbo de configuração espacial (5.15a), e também para (5.15c), mas não está

---

<sup>61</sup> “Os cavalos trotarão com as rédeas longas, em qualquer tipo de solo considerado conveniente pela Comissão Veterinária. Deverá ser uma superfície plana e firme. Se, após fazer o trote a Comissão Veterinária não puder confirmar a sua inaptidão, será dado o benefício da dúvida e o **apresentador deverá trotar o cavalo outra vez para ser observado por três veterinários** [...]”. Disponível em: <[www.fhbr.com.br/enduro/Regulamento\\_Enduro\\_Cbh\\_Fei\\_Jan2005.pdf](http://www.fhbr.com.br/enduro/Regulamento_Enduro_Cbh_Fei_Jan2005.pdf)>. Acesso em: 22 jul 2008.

disponível para (5.15b), (5.15d) e (5.15e), tampouco para as construções com verbos de emissão de (5.14).

Ainda que a *alternância por causatividade acompanhada* possa ser uma característica presente em um subgrupo de ocorrências de alternância causativa de inergativos de configuração espacial, (5.16a-d) ilustram como a leitura de acompanhamento para o argumento causador é mais estável nos casos de alternância de verbos de movimento como *passear*. Além disso, verbos de movimento regularmente selecionam sintagmas direcionais, não apenas em construções causativas, mas também quando realizados em sua diátese mais prototípica, a intransitiva (cf. os dados de (5.16) em (a'), (b') e (c')). Isso leva a crer que a seleção de um sintagma que indique circunstância espacial ou direcional não é propriamente um traço característico do fenômeno de alternância causativo-incoativa de inergativos do tipo de *passear*, mas um traço que integra a caracterização dos critérios de seleção semântica do próprio predador, independentemente da diátese verbal.

A seguir, apresenta-se o Quadro 2, que sintetiza as propriedades caracterizadoras da alternância causativa a partir de predadores primitivamente intransitivos, detalhadas anteriormente e, na seção subsequente, a distribuição das ocorrências de alternância causativa desses predadores em escalas de causatividade:



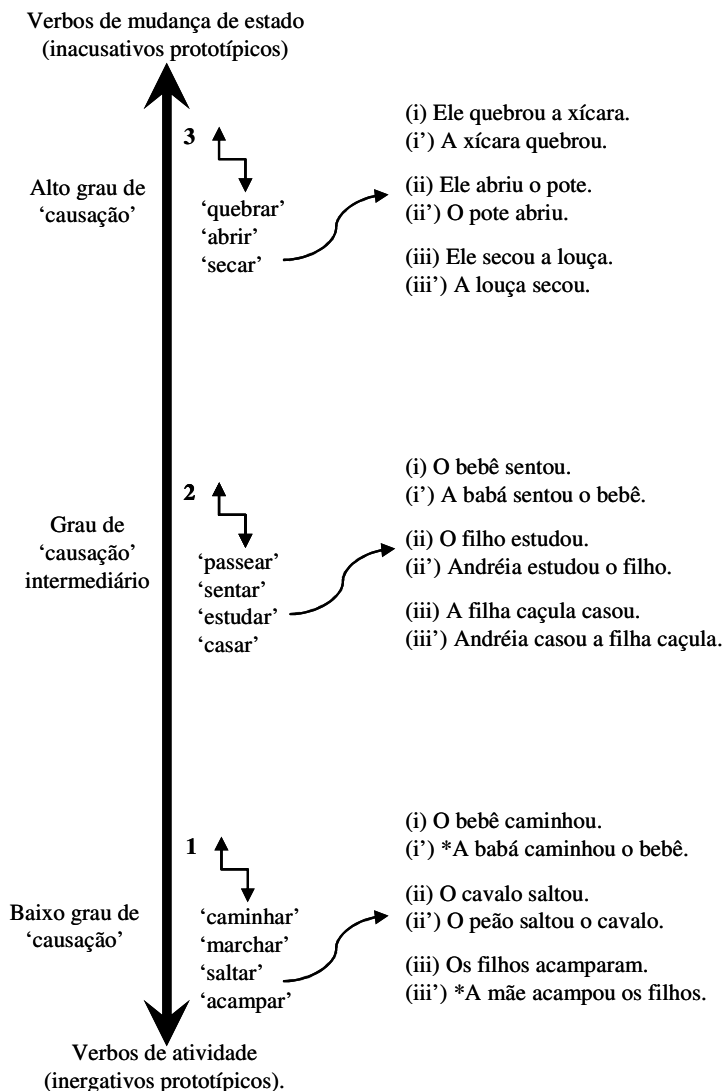
## 5.2 Escalas de Causatividade

Considerando-se o conjunto de verbos inacusativos, a alternância causativa é licenciada quase que para a totalidade da classe, exceção a alguns poucos verbos, como os de aparição, p.ex. *chegar*. Dentro da classe de inacusativos, há também um subgrupo verbal que, embora indique mudança de estado, é constituído de eventualidades internamente causadas, as quais tendem a ter participação mais restrita na alternância causativa, segundo Levin e Rappaport-Hovav (1995).

Já a caracterização de como o conjunto de verbos inergativos participa da alternância causativo-incoativa é um tanto mais complexa. Primeiramente, esses predicadores primitivamente intransitivos, em geral, denotadores de atividade, são eventualidades internamente causadas que apenas participam da alternância nos casos em que a eventualidade interna aceita indução externa, criando-se uma cadeia causal. Certamente essas restrições direcionam-se à formação de causativas lexicais, uma vez que qualquer predicador inergativo pode sofrer causativização por construções em composição com verbo *fazer*, causativas sintáticas.

Em consequência, um dos problemas que emergem das considerações acima é o fato de não ser nada evidente decidir quais predicadores aceitam indução externa e quais não a aceitam. Ocorre que o comportamento dos inergativos alternantes entre diferentes línguas nem sempre dispõe de correspondência harmônica. Entre o inglês e o português brasileiro, p.ex., verbos com conteúdo semântico aproximado podem divergir quanto à participação na alternância causativa. Ainda, dentro de uma mesma língua, verbos de conteúdo semântico aproximado e de estrutura semântica aparentemente idêntica também divergem quanto à alternância.

Por essas razões, torna-se pertinente pensar a causalidade como uma propriedade lexical não-acarretada de maneira idêntica pela estrutura lexical dos predicadores. As diferenças de distribuição dessa propriedade podem ser demonstradas pela Figura 1, a seguir, em que a causalidade ganha representação escalar:



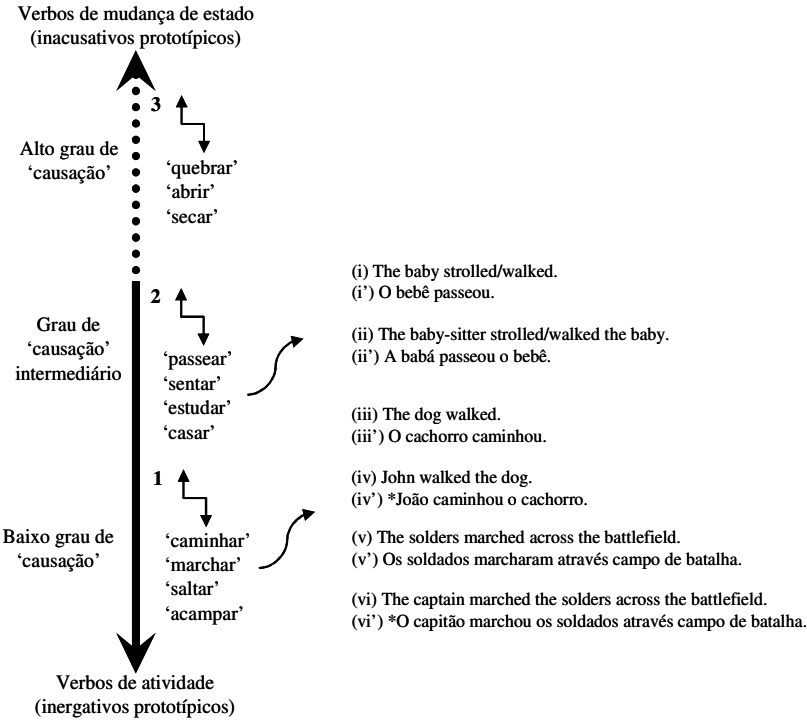
**Figura 1:** Escala de causatividade de predadores causativo-incoativos

A escala de causatividade contida na Figura 1 expõe a distribuição dos predadores causativos alternantes em três graus distintos de causatividade. Os verbos inacusativos estão no topo da escala, posição em que o grau 3 representa o maior nível de



causatividade. Na posição intermediária, estão verbos de atividade internamente causados, que constituem um subgrupo dos verbos inergativos. Para estes, o grau 2 de causatividade indica que a causalidade é escalarmente mais baixa que a disponível para aqueles predicadores.

O grau de causatividade intermediário é atribuído aos predicadores inergativos que possuem participação na alternância causativo-incoativa com regularidade aproximada à de inacusativos, porém, nem todos os inergativos podem ser avaliados dessa maneira. Parte desses verbos parece ter um baixo nível de causatividade, o que está representado na escala pelo estágio de base, o grau 1 (cf. Figura 2).



**Figura 2:** Escala de baixo grau de causatividade de predicadores primitivamente intransitivos alternantes

De acordo com o ilustrado na Figura 2, o nível mais baixo da escala de causatividade é a posição em que se representam os predicadores do inglês e do português cuja participação na alternância

causativo-incoativa é distinta. Nessa posição também estão os predicadores basicamente monoargumentais que, dentre a classe de inergativos do português brasileiro, apresentam comportamento altamente condicionado para a formação de causativas lexicais, como forte restrição composicional.

Os exemplos (iv) e (iv'), integrantes da Figura 2, apontam que *walk* e *caminhar* estão entre esses predicadores inergativos de baixo grau de causatividade. A alternância causativa licenciada para o inglês não encontra simetria em português, estima-se, pelo fato de a causalidade ser uma propriedade disponível para *caminhar* em nível inferior ao dos demais predicadores, o que pode desfavorecer a convencionalidade do uso causativo deste predador. Em inglês, considerando-se que *walk* abarca também parte do conteúdo semântico correspondente a *passar*, que está na posição de grau 2 de causatividade, a convencionalização do uso causativo torna-se mais abrangente. Contudo, isso ainda não responde ao problema inicial de pesquisa, que questiona a origem dessa assimetria de participação na alternância causativa. Até agora não se pode dizer por que esses verbos não possuem equivalência de causatividade se essa equivalência pode ser percebida em outros pares correlatos (*voar/fly*, *casar/marry*, *trotar/trot* e outros).

Além desses aspectos, a sentença ilustrada em (iv) indica um modo de movimento que apenas poderia ser representado em português por um sintagma adjungido. Para que se pudesse expressar linguisticamente a mesma cena de (iv), seria necessário incluir, via sintagma adjunto, as informações de que João desencadeou o movimento a pé (não de carro e nem de bicicleta, p.ex.), além disso, João o fez andando (e não correndo). Na construção do inglês, todas essas informações são lexicalizadas por *walk*.

Na distribuição dos predicadores em escala, considera-se que, quanto maior o grau de causatividade, maiores as possibilidades de convencionalização de usos causativos dos predicadores verbais. Sendo assim, a assimetria de alternância causativo-incoativa entre *walk* e *caminhar* pode ser descrita em função de o primeiro predador estar em um nível de causatividade superior àquele em que está o segundo. Mas as razões para *caminhar* estar em uma posição escalar e não em outra ainda são desconhecidas. Dentro da escala contida na Figura 2, entre os graus 1 e 2, entende-se um *continuum* de causatividade, um intervalo não definível de maneira pontual em que *walk* se localiza próximo ao grau 2. Já *caminhar*, contrastando com o verbo *passar*, fica na extremidade oposta desse intervalo, localizado próximo ao grau 1.

As razões pelas quais predicadores como *marchar* e *march* guardam diferenças de alternância linguística são menos previsíveis. Uma vez que ambos conservam uma quase equivalência de estrutura e de conteúdo semântico, não seria possível localizá-los em pontos distintos do *continuum* entre os graus 1 e 2 de causatividade, a exemplo do que se pôde fazer com *walk* e *caminhar*. Também se avalia que *march* e *marchar* são eventualidades conceptualmente percebidas de maneira idêntica, para as quais há a possibilidade de alternância causativo-incoativa a partir de uma regra que prevê a representação mental em que atua o operador causal, seja em causativas sintáticas seja em causativas lexicais – conforme ficará mais claro através das discussões elaboradas no Capítulo 6.

Assim, não há razões evidentes para a assimetria registrada nos exemplos (vi) e (vi') da Figura 2. Superficialmente, parece haver favorecimento da alternância de *march* por influência da alternância de outros inergativos do inglês cujas contrapartes do português brasileiro não alternam. Considerando-se que verbos inergativos próximos ao grau 2 de causatividade, como *walk*, licenciam a alternância causativo-incoativa, também outros (como *march* e *drive*) a licenciariam. Em outras palavras, poderia haver maior aceitabilidade linguística para a causativização de predicadores inergativos do inglês por esse tipo de lexicalização ser mais recorrente nessa língua que em português. Na realidade, uma adequada explicação para a não-correspondência entre as formas alternantes do inglês e do português brasileiro será apresentada à frente, mas questões relativas a variações no conjunto de propriedades semânticas, acredita-se, podem ser fortemente restritivas – e disso decorre a necessidade de se refinarem tais propriedades.

- 5.18 (a) I'll drive my son home.  
 (a') \*Eu vou dirigir meu filho pra casa.  
 (com sentido de levar de carro até em casa)  
 (b) Gary camped the boys down<sup>62</sup>.  
 (b') ??Gary acampou os meninos abaixo.  
 (com sentido de 'acomodar')  
 (c) I bivouaced the trucks<sup>63</sup>.

---

<sup>62</sup> As Shaun blew for half time **Gary camped the boys down** in the centre of the pitch for their team talk and a well deserved break. Disponível em: <<http://www.leitchwortheagles.org.uk/teams/teams07-08/u7redandblue.asp>>. Acesso em: 18 de nov. 2008.

- (c') \*Eu acampe os caminhões.  
(com sentido de 'estacionar', 'deixar os caminhões  
alocados, instalados')
- (c'') Não havia condições de [o GAC] acampar os alunos  
nas quadras [...].<sup>64</sup>

*Acampar* (da mesma maneira que *marchar*) não licencia causativização, enquanto suas contrapartes equivalentes para o inglês a licenciam. Apesar de o conteúdo semântico do verbo *acampar* conter as acepções 'acomodar-se provisoriamente' e 'instalar, alocar', assim como *camp* e *bivouac*, e das semelhanças estruturais entre esses três predicadores, também eles conservam diferenças quanto à alternância causativo-incoativa e quanto à composição de conteúdo semântico. Assim como na relação entre *walk* e *caminhar*, entre os predicadores de (5.18) não há correspondência absoluta de conteúdo semântico. *Camp* adicionalmente embute o valor semântico de *acomodar* e *bivouac*, o valor semântico de *estacionar*.

Quando o conteúdo semântico de *acampar* abarca o sentido de *acomodar* ou *alojar*, a alternância causativa parece ser licenciada, cf. a ocorrência (5.18c''), entretanto, esses usos não são equivalentes a todos os contextos de ocorrência de *camp* e de *bivouac* em formação causativa e parecem ocorrências bem restritas. Em análise semelhante, o verbo *dirigir* guarda aproximação de conteúdo e de estrutura semântica com *drive*, mas não há correspondência absoluta: em termos de conteúdo semântico, *drive* significa, também, 'levar' ou 'conduzir fisicamente' alguém até um destino e realizar esse evento de uma forma determinada ('levar de carro', 'conduzir de carro').

Nos casos acima, embora haja condições conceptuais para a alternância, seria possível pensar que o baixo nível de causalidade dos predicadores e diferenças de ordem semântica (de estrutura semântica) interferem na sistematicidade de realização de contrapartes causativas. Esses são pontos que precisam ser mais bem investigados em generalizações lexicalmente orientadas para essa instância de alternância causativa. É possível que, para os verbos inergativos do português aqui

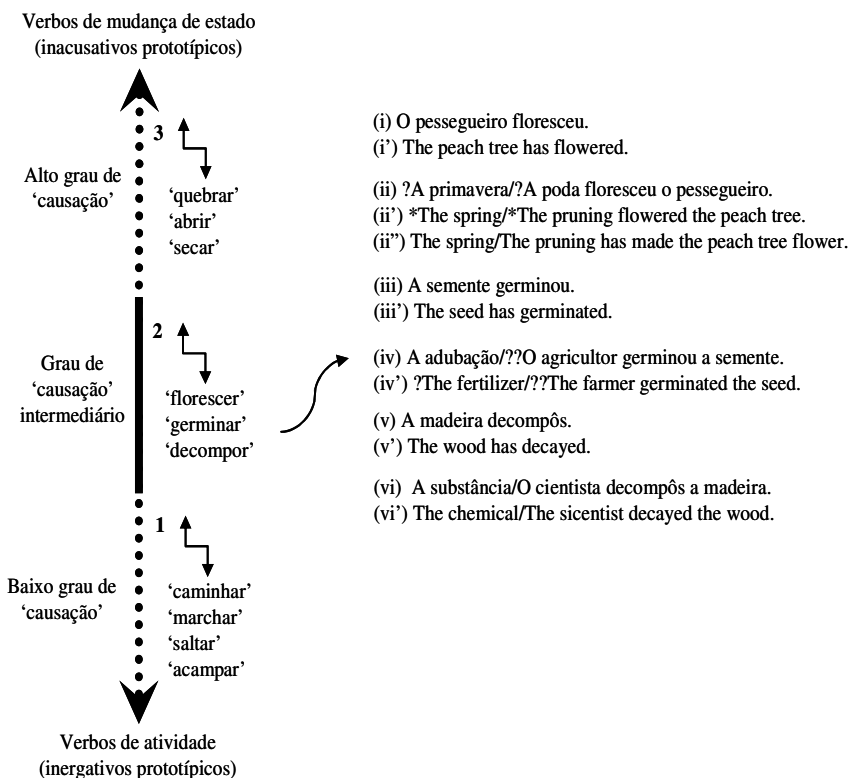
---

<sup>63</sup> "Stopping in Suwon **I bivouaced the trucks** and went to the MP station to check on the truck left behind in Incheon". Disponível em: <[www.31stinfantry.org/Documents/Chosin/OCT1950WAR.pdf](http://www.31stinfantry.org/Documents/Chosin/OCT1950WAR.pdf)>. Acesso em 18 nov. 2008.

<sup>64</sup> O presidente do GAC (Grupo Administrativo do Campus) afirmou que **não havia condições de acampar os alunos nas quadras** nem nas salas de aula. Disponível em: <<http://grevenaoeferias.blogspot.com/2007/09/reitor-aprova-planilha-de-gastos-do.html>>. Acesso em: 28 jan. 2009.

destacados (*acampar*, *dirigir* e *marchar*), a alternância fique bloqueada por força de aspectos de significado ligados à estrutura semântica, contudo, quais aspectos regulares da estrutura semântica desses verbos interagiriam com aspectos da sintaxe é uma questão que será esclarecida no próximo capítulo.

Torna-se mais explícito, neste ponto, que os níveis de causalidade representados pelos graus 1 e 2 de causatividade são as posições escalares ocupadas pelas eventualidades internamente causadas. Mesmo o subgrupo de verbos de mudança de estado (inacusativos) internamente causados obedece a essa distribuição (cf. Figura 3).



**Figura 3:** Escala de grau de causatividade intermediário de predicadores inacusativos internamente causados

De acordo com o que apontaram Levin e Rappaport-Hovav (1995), verbos do tipo de *florescer*, muito embora denotem mudança de

estado, são eventualidades internamente causadas, pois a realização do evento expresso pelo verbo depende de condições internas relativas ao argumento realizado. Esse subgrupo dos inacusativos, nesse aspecto, aproxima-se de inergativos e por isso divide com eles a posição intermediária na escala de causatividade: fica entre os inacusativos prototípicos e os inergativos.

O critério adotado para estabelecimento de quais eventualidades internamente causadas ocupariam a posição intermediária e quais ocupariam a posição mais baixa na escala de causalidade baseou-se no nível de indução externa aceito pelos predicadores e na consideração de que uma parte deles denota mudança de estado, devendo manter-se fora da posição mais baixa da escala, portanto. Verbos como *florescer*, *germinar*, *decompor/decay* ocupam a posição intermediária por aceitarem como indutor um argumento instrumental, um agente mais prototípico ou mesmo um evento ou uma causa natural. O verbo *flower*, embora não tenha licenciado a alternância, manteve-se na posição intermediária por ser um verbo de mudança de estado; o mesmo para *germinate*, que participou da alternância de maneira restritiva.

A alternância causativa das eventualidades internamente causadas denotadoras de mudança de estado, diferentemente do que se vinha configurando, parece ser mais facilmente licenciada pelos predicadores do português. Verbos como *florescer* e *germinar*, contrariando o comportamento linguístico de suas contrapartes em inglês, aceitam causatividade por indução externa sem restrições até mesmo em casos com agente mais prototípico como indutor do evento, em construções clivadas:

- 5.19 (a) Foi o pesquisador que floresceu o laranjal fora da época indicada.  
(a') ??O pesquisador floresceu o laranjal fora da época indicada.  
(a'') O OEM pode florescer o girassol.<sup>65</sup>  
(OEM = tipo produto químico de uso agrícola)

---

<sup>65</sup> **O OEM pode florescer o girassol.** Disponível em: < <http://portuguese.alibaba.com/product-gs/oem-can-flower-sunflower-mini-plant-mini-flower-magic-flower-pet-plant-206376781.html>>. Acesso em: 28 jan 2009.

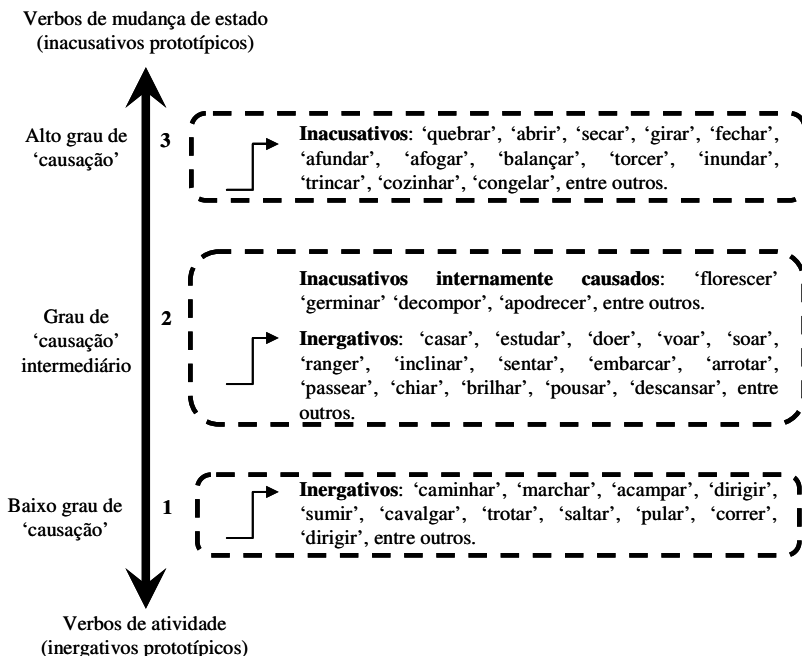
- (b) Foi o pesquisador que germinou as sementes do primeiro lote.
- (b') ?O pesquisador germinou as sementes do primeiro lote.
- (c) O calor do sol germina a semente que há em nós.<sup>66</sup>
- (c') O CMI foi quem germinou o embrião [...].<sup>67</sup>

Contudo, essa realização é própria de contextos sintáticos muito específicos, similares à formação causativa por composição com *fazer* e parece ser mais facilmente licenciada em construções metaforizadas, como (5.19c-c'), e em construções com agente menos prototípico, caso de (5.19a"). Assim como os inacusativos representados em (5.19), também os inergativos que ocupam a posição intermediária da escala de causalidade possuem restrições para a realização da forma causativa. De acordo com a distribuição já estabelecida e com a observância dessas restrições, procedeu-se ao seguinte agrupamento dos verbos discutidos neste trabalho:

---

<sup>66</sup> Olhe , hoje o azul está ainda mais lindo no céu, **o sol nasceu e seu calor germina a semente que há em nós**. Disponível em: < <http://www.jornalorebate.com/textos/poesia2.htm> >. Acesso em: 28 jan 2009.

<sup>67</sup> **O CMI foi quem germinou o embrião** para que houvesse a guerrilha do Araguaia. Disponível em: <[http://brasilacimadetudo.lpchat.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1656&Itemid=140](http://brasilacimadetudo.lpchat.com/index.php?option=com_content&task=view&id=1656&Itemid=140)>. Acesso em: 28 jan. 2009.



**Figura 4:** Distribuição escalar dos predicadores causativo-incoativos por grau de causatividade

Conforme o ilustrado na Figura 4, há um razoável grupo de predicadores inergativos ocupando a posição intermediária de causatividade. Essa distribuição escalar evidencia a proximidade mantida entre esses verbos e os inacusativos prototípicos, cuja instância de alternância causativa é fortemente regular.

Assumir que verbos como *casar*, *estudar*, *passear* e *sentar* estão no mesmo ponto da escala de causalidade não é, evidentemente, o objetivo do agrupamento acima. O que se intenciona é demonstrar que esses verbos estão localizados em uma posição escalar que se distancia da base da escala e vai em direção ao maior nível de causatividade. Entre uma posição e outra, há, evidentemente, nuances que podem ser percebidas na distribuição do grau de causalidade entre um ou outro predicador.

- 5.20 (a) O padre casou os noivos.  
(a') A mãe casou seus filhos.  
(b) Sarah sentou a boneca na calçada.



- (b') ??Sarah sentou as visitas na calçada.
- (c) A mãe passeou o bebê.
- (c') \*O bebê passeou a mãe.
- (d) A mãe arrotou o bebê.
- (d') \*A mãe arrotou o médico.

Essas construções, em grande medida, refletem a atividade do falante de produzir julgamentos acerca da possibilidade ou da impossibilidade de formação de determinadas estruturas linguísticas, a partir da interação entre aspectos de conhecimento de mundo e de conhecimento linguístico. Em outros termos, embora o falante saiba inconscientemente que a alternância para a diátese transitiva com interpretação causal é parte do comportamento gramatical do verbo *sentar*, ele também sabe que essa alternância embute uma indução e que só será licenciada se o argumento induzido for de um determinado tipo semântico que tolere indução: p.ex., uma entidade que não sabe ou não consegue sentar(-se) sozinha.

Restrições composicionais como essas exemplificadas em (5.20) podem ser importantes para a identificação de quais predicadores, dentro de um *continuum* de causatividade, mais se aproximam do grau 3 ou do grau 1 da escala de causalidade. Seguindo-se esse procedimento de análise, o resultado do julgamento de aceitabilidade e gramaticalidade dos dados em (5.20) possibilitaria afirmar que o grau de causatividade daqueles predicadores obedece à seguinte ordem (partindo-se do elemento mais alto na escala):

5.21 *casar*  $\Rightarrow$  *sentar*  $\Rightarrow$  *passear/arrotar*

Da mesma forma, os predicadores relacionados nos demais níveis de causatividade podem ser distribuir no intervalo entre um grau e outro, de acordo com a causalidade de cada elemento da escala. O que importa dizer é que a noção de escalaridade contribui para que se pensem as classes de verbos alternantes não como categorias discretas, mas como classes representativas de elementos que se relacionam em um intervalo. A formação de construções causativas lexicais, conforme já dito, passa a ser atrelada à presença de causalidade dentre o conjunto de propriedades escalares que, lexicalmente estabelecidas, perpassam a formação das classes verbais.

### 5.3 Resumo do Capítulo

O objetivo desse capítulo foi apresentar a descrição do processo de alternância causativa de inergativos, partindo do que foi proposto (especialmente por Levin (1993)) para a caracterização dessa classe de verbos do inglês e para delimitação dos contextos de causativização de inergativos. Esses procedimentos de análise foram estendidos aos dados do português do Brasil que atestam a ocorrência do fenômeno e ilustram os contextos sintáticos de causativização de inergativos nesta língua. Por fim, elaborou-se uma distribuição escalar da propriedade de causalidade de inergativos que os organiza em três graus distintos de causatividade.

As extremidades das escalas são ocupadas pelos predicadores que não aceitam expressão de causa (grau 1, base da escala) e pelos predicadores que amplamente a aceitam (grau 3, topo da escala); a posição intermediária (grau 2) é aquela em que se encontram os inergativos passíveis de causativização e os inacusativos que são interpretados como eventualidades internamente causadas e que, por isso mesmo, são mais restritos quanto à participação na alternância causativa. Já no capítulo seguinte é apresentada a análise que este trabalho propõe para explicar o licenciamento da alternância causativo-incoativa de inergativos e para esclarecer os aspectos de significado responsáveis pela assimetria de participação na alternância registrada entre inergativos do português e do inglês.

## **CAPÍTULO 6**

### **Análise da Alternância Causativa de Inergativos**

How complicated can a verb meaning be? On the one hand it seems that the answer is: as complicated as you want.  
Grimshaw (2005, p. 85).

Este capítulo contém uma proposta de análise que mapeia as condições de realização da alternância causativa de inergativos, considerando-se, comparativamente, os contextos de ocorrência e o conjunto de predicadores inergativos que servem à alternância em inglês e em português brasileiro. Com base na descrição das relações entre forma linguística e estrutura conceptual dos predicadores alternantes e na hipótese de que a classe dos verbos inergativos é conceptualmente ambígua entre uma representação eventual que embute operador causal e outra representação restrita à atividade, também são explicitadas possíveis regras conceptuais que permitem sistematizar as alternâncias causativas desses verbos.

Para generalizar sobre essa instância de alternância por meio de aspectos de significado atrelados à estrutura semântica dos predicadores inergativos e esclarecer os casos de assimetria de participação na alternância causativa registrados entre inergativos do português e seus correlatos em inglês, são descritos os aspectos de significado pertencentes à estrutura semântica dos predicadores alternantes que estão envolvidos no licenciamento da alternância causativo-incoativa de inergativos. Ao final deste capítulo, então, é possível fornecer um quadro que contém a relação desses aspectos de significado e contribuir para o enriquecimento de descrição da estrutura semântica de verbos inergativos.

#### **6.1 O Tratamento dos Aspectos de Significado**

A significação de um item lexical, cf. sustenta Grimshaw (2005), pode ser dividida entre aspectos de significado que tenham a ver com sua estrutura semântica e aspectos que tenham a ver com seu conteúdo semântico – conceitos que serão explorados até o final deste capítulo. Nessa divisão, apenas as informações lexicais de estrutura semântica se relacionariam com o comportamento sintático das expressões linguísticas e, logicamente, os verbos seriam os maiores representantes de itens lexicais cuja estrutura semântica é capaz de prever o

comportamento sintático. Conforme já se discutiu anteriormente (Capítulo 4), a distinção entre conteúdo e estrutura semântica apresentada por Grimshaw relaciona-se com a alternância causativa à medida que a autora fixa as condições de apagamento dos argumentos de um predicado pela natureza de seleção dos próprios argumentos: os de conteúdo semântico são opcionais e podem ser apagados, argumentos de estrutura semântica são obrigatoriamente realizados na sintaxe.

Mais que fornecer subsídios para a explicação do comportamento sintático de classes verbais de uma mesma língua, com a separação entre aspectos lexicais que são de conteúdo e aspectos lexicais que são de estrutura, Grimshaw defende ser possível explicar por que determinados verbos, embora possuam identidade de significado, são sintaticamente realizados de maneiras distintas entre as línguas, assumindo possibilidades de configuração estrutural variável em cada língua. Para a autora, a identidade entre esses elementos lexicais fica restrita aos aspectos de conteúdo semântico, ao passo que a estrutura semântica que assumem difere de língua para língua.

Grimshaw (2005, p. 77) exemplifica a falta de simetria de estrutura semântica entre itens correlatos de diferentes línguas a partir da análise contrastiva do par *blush* ('corar'), do inglês, com comportamento inergativo, e *arrossire*, seu equivalente em italiano, cujo comportamento é de inacusativo. Esse contraste de comportamento gramatical é explicado por Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 159-160) que propõem analisar *arrossire* como um predicado efetivamente interpretado pela denotação de mudança de estado, do que resulta seu comportamento inacusativo (distante da inergatividade de *blush*). Segundo as autoras, é comum que verbos de processo corporal (*corar*, *roncar*, entre outros) contenham diferenças de comportamento sintático não só entre diferentes línguas, mas também dentro de uma mesma língua.

As autoras analisam o contraste entre as formas correlatas *blush* (inglês), *bloezen* (holandês) e *arrossire* (italiano) para atestar que nem sempre as propriedades de *indicar uma mudança de estado* e de *possuir causa externa* são coincidentes. Segundo a análise apresentada, há verbos que, embora denotem mudança de estado, são eventualidades internamente causadas. O contraste entre *blush*, *bloezen* e *arrossire* indica como uma eventualidade conceptualmente ambígua entre uma interpretação de estado ou de mudança de estado pode ser linguisticamente codificada de maneiras sutilmente distintas entre as línguas, a depender de qual conceptualização ganha proeminência em cada língua (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 159-160).

De acordo com Levin e Rappaport-Hovav (1995, 2005), o verbo italiano *arrossire* verdadeiramente descreve uma mudança de estado porque implica, com literalidade, ‘torna-se vermelho/avermelhado’ e há fortes indícios de que essa propriedade seja reflexo da formação morfológica do verbo. Segundo as autoras: “Este verbo italiano, formado a partir do adjetivo *rosso* ‘vermelho’, significa literalmente ‘tornar-se vermelho’; logo, é um verbo de mudança de estado e seleciona o auxiliar apropriado, *essere* ‘ser’.”<sup>68</sup>

A seleção de auxiliar é outro indicativo de que *arrossire* denota mudança de estado e, mais que isso, que se enquadra na classe de verbos inacusativos. Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 160) observam que esse verbo apresenta um comportamento tipicamente inacusativo, selecionando, em locuções verbais, o mesmo auxiliar que outros inacusativos selecionam – *essere* (‘ser’) –, mas nunca o mesmo auxiliar que inergativos selecionam – *avere* (‘ter’). Além disso, também destacam que *arrossire* assume comportamento idêntico ao de verbos télicos, os quais possuem culminância marcada, já que se combina com adjuntos do tipo de *em dez minutos*, mas não aceita a composição com adjuntos durativos do tipo de *por dez minutos*, selecionados pelos verbos de atividade, da classe dos inergativos.

Apesar desse comportamento gramatical, a eventualidade denotada por *arrossire* (em linhas gerais, a mesma denotada por *blush*) é conceptualizada como internamente causada, tanto que nem no inglês nem no italiano há evidência de contraparte causativa para as construções com *blush/arrossire*. Portanto, o verbo italiano *arrossire* é um verbo de mudança de estado internamente causado (e não de causa externa, como tendem a ser os demais verbos de mudança de estado) que mantém o comportamento gramatical típico de verbo inacusativo.

Os verbos *blush* (do inglês) e *bloezen* (do holandês), diferentemente, possuem comportamento gramatical tipicamente inergativo. Esses predicadores são compatíveis com adjuntos durativos do tipo de *por dez minutos* e incompatíveis com adjuntos que indicam culminância, do tipo de *em dez minutos*. Já quanto à seleção de auxiliar, *blush* combina-se com *have* (‘ter’) e *bloezen* combina-se com *hebben* (‘ter’), ambos auxiliares selecionados por predicadores inergativos. Por conseguinte, Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 160) afirmam que, ao contrário de *arrossire*, *blush* e *bloezen* correspondem a uma

---

<sup>68</sup> Tradução livre, no original: “This Italian verb, which is based on the adjective *rosso* ‘red’, literally means ‘become red’; thus, it is a change-of-state verb and takes the appropriate auxiliary, *essere* ‘be’.” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2005, p. 13).

eventualidade internamente causada que não denota mudança de estado, mas ‘estar em um estado’ (‘be in state’) e possuem classificação inergativa.

Assim, *blush* “[...] é conceptualizado como uma eventualidade internamente causada [...] enquanto o verbo italiano *arrossire* é um verbo de mudança de estado internamente causado.”<sup>69</sup> (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 159). Assumindo essa proposta, Grimshaw (2005, p. 77) apenas destaca que o distanciamento entre *blush* e *arrossire* diz respeito à estrutura semântica que possuem, não ao conteúdo semântico, uma vez que ambos, em linhas gerais, querem ‘dizer a mesma coisa’. Também ressalta que essa relação entre *blush* e *arrossire* caracteriza as ocorrências de predicados que, embora tenham mais ou menos o mesmo conteúdo semântico, são mapeados por duas estruturas semânticas alternativas.

Nesse caso, a distinção entre a propriedade semântica de denotação de um *estado* ou a de uma *mudança de estado* parece apropriada para a compreensão do contraste de comportamento gramatical dos verbos e a argumentação de Levin e Rappaport-Hovav (1995, 2005) corrobora a hipótese, defendida por Grimshaw (2005), de que os aspectos de significado que pertencem ao conteúdo são inertes para a sintaxe, enquanto os aspectos de estrutura semântica, também componentes do significado dos itens lexicais, são gramaticalmente ativos.

Na verdade, para Grimshaw (2005), não é pacífica a decisão de quanto do significado dos itens lexicais interfere na organização gramatical da língua. Ao longo da investigação linguística, essa discussão fez com que fossem assumidas posições teóricas significativamente distintas: desde a consideração de que todo o significado dos itens léxicos se relaciona com a estrutura linguística até a consideração de que os aspectos de significado não possuem valor para a estruturação das línguas naturais. Entre esses dois pontos, estão investigações que tendem a restringir a participação de aspectos de significado na descrição gramatical. Por exemplo, de acordo com a proposta da autora, também assumida neste trabalho, seria plausível considerar uma divisão entre os aspectos de significado, isolando-se aqueles que efetivamente são de caráter linguístico.

---

<sup>69</sup> Tradução livre, no original: “[...] is conceptualized as an internally caused eventuality [...] and the Italian verb *arrossire* is an internally caused verb of change of state.” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 159).

Conforme já se discutiu, Grimshaw (2005) avalia que parte da significação dos itens lexicais está diretamente relacionada com o comportamento gramatical desses itens. Porém há especificações semânticas que não estão atreladas ao comportamento linguístico das palavras. Sobre essa hipótese é que se sustenta a divisão dos aspectos de significado entre aqueles que pertencem à estrutura semântica dos itens lexicais, e possuem relevância gramatical porque respondem pelo comportamento linguístico das palavras, e aqueles que pertencem ao conteúdo semântico dos itens lexicais e, diferentemente dos aspectos de estrutura semântica, não interferem no comportamento gramatical desses itens.

Uma visão consideravelmente distante da que Grimshaw defende é aquela adotada em Jackendoff (1990). Para essa outra abordagem, muito mais do significado dos itens lexicais é estrutural, à medida que mesmo especificações de conteúdo semântico são abarcadas nas representações linguísticas propostas pelo autor. Em linhas gerais, não é possível pressupor, analisando-se as informações semânticas inseridas nas representações lexicais de Jackendoff, uma hierarquia entre aqueles aspectos de significado ou qualquer separação entre a natureza dos elementos que o autor aponta como gramaticalmente relevantes. Assim, embora Jackendoff considere que há elementos no mundo que não interferem na representação linguística, não estabelece diferenciação clara entre estrutura semântica e conteúdo semântico e, ainda, insere na representação linguística aspectos de significado que, para Grimshaw (2005, p. 86), estariam relacionados a uma análise estritamente cognitiva, não linguística, das palavras.

Mas essas duas análises não são necessariamente vistas de maneira discreta – nem parece ser essa uma implicação das considerações de Grimshaw. Pensando a alternância causativo-incoativa, p.ex., é necessário destacar que o licenciamento da alternância do item lexical possui dependência gramatical, relacionada às possibilidades estruturais que variam entre diferentes línguas naturais (possibilidades definidas pelas estruturas semânticas dos itens léxicos, cf. defendido nesta pesquisa). Porém a percepção de uma mesma eventualidade sobre duas perspectivas (o que está subjacente à necessidade de alternância) não é um processo linguístico, mas cognitivo: é nesta dimensão que se consideram motivações cognitivas para a alternância causativa de inergativos.

Como exemplo da amplitude semântica das representações de Jackendoff, é possível citar a organização lexical que o autor propõe para predicadores do tipo de *butter*, cuja correspondência lexical mais

próxima em português é *amanteigar* – mais especificamente, *butter* significa “passar manteiga” e os contextos em que *amanteigar* possui essa mesma interpretação são bastante restritos em português, porém possíveis<sup>70</sup>. Para representar a estrutura lexical desses verbos, Jackendoff (1985, p. 185) inclui na estruturação do item lexical informações altamente especificadas, que o individualizam porque estão relacionadas ao conceito associado ao verbo. Para a representação do item *amanteigar*, p. ex., inclui-se a informação:

(i) [Evento IR ([Entidade MANTEIGA])] <sup>71</sup>.

A informação em (i) especifica que o evento de *amanteigar* implica o deslocamento de uma substância, necessariamente MANTEIGA. Esse deslocamento resulta na mudança de localização da substância, que passa a estar sobre uma entidade *y*, conforme:

(ii) [Trajetória PARA ([Local SOBRE ([Entidade *y*])))].

Uma vez que os aspectos de significado (i) e (ii) integram a representação de *amanteigar*, tem-se como produto uma estrutura lexical não-aplicável a uma classe, mas tão específica que se destina a tornar a estrutura de um verbo particularizada.

Já a abordagem de Grimshaw (2005) não incluiria, em tais representações, aspectos de significado responsáveis, p.ex., pela distinção entre *amanteigar* e *adoçar*. O que interessa para a análise da autora não é o fato de um predicador indicar o acréscimo de manteiga enquanto o outro indica o acréscimo de uma substância doce – essa especificação, nos termos de Grimshaw, diz respeito ao conteúdo semântico dos verbos e não interfere em seu comportamento linguístico. Antes, interessa o fato de ambos os verbos possuírem uma estrutura semântica com tal grau de coincidência que permite a afirmação de que

---

<sup>70</sup> Em geral, *amanteigar* é empregado para indicar que algo possui sabor de manteiga ou leva manteiga em sua composição. Com a interpretação de *passar manteiga sobre uma superfície* os usos são muito mais restritos.

(i) Ele amanteigou o pão antes de torr-lo.

(ii) Para o bolo não grudar, lembre-se de amanteigar a forma.

<sup>71</sup> Nesse caso, recortaram-se, da estrutura lexical, apenas os aspectos relevantes para esta discussão. A representação completa proposta por Jackendoff (1985, p. 185) é a seguinte:

**amanteigar:** [Evento CAUSA ([Entidade *x*], [Evento IR ([Entidade MANTEIGA],  
[Trajetória PARA ([Local SOBRE ([Entidade *y*]))]])]]).



*amanteigar* e *adoçar* são sinônimos estruturais e, consequentemente, apresentam identidade de comportamento gramatical.

Em uma terceira perspectiva, chamada visão atomista do componente lexical, está o pensamento de Jerry A. Fodor, cuja análise se opõe diretamente à de Jackendoff (1990) e também está bastante distante daquela desenvolvida por Grimshaw (2005). Nos anos de 1960, as ideias de Fodor e de outros estudiosos americanos conduziram o programa de investigação gerativista a pensar um componente semântico para a descrição e explicação das estruturas linguísticas. Porém esse componente não passava de um “reflexo” de combinações sintáticas com a função de fornecer-lhes a interpretação e, também, de apontar, dentre as combinações agramaticais que não feriam princípios sintáticos, questões de anormalidade semântica. Assim, é possível avaliar que, de acordo com essa concepção do componente semântico, “[...] a semântica começa onde a sintaxe termina.” (CARVALHO; CARVALHO, 1975, p. 98) e a atividade sobre os processos gramaticais está fora de seu alcance.

O conflito entre as ideias de Fodor e as de Jackendoff pode ser resumido pela oposição entre visão atomística e visão decomposicional dos conceitos. Para Fodor (1970, 1975), o conceito relacionado a um item lexical é não-decomponível e independente de outros conceitos que a ele possam estar relacionados – por isso atômico<sup>72</sup>. Além desse caráter atômico, as ideias de Fodor (1970) contrastam com as de Grimshaw (2005) porque, para esta autora, Fodor não adota procedimentos de investigação adequados ao se perguntar, p.ex., se as sentenças *x caused y to die* (*x fez y morrer*) e *x killed y* (*x matou y*) são derivadas de uma mesma estrutura profunda. As evidências negativas para uma derivação comum das duas sentenças são, para Fodor, argumento contrário ao tratamento decomposicional do léxico, mas há diferenças entre os dois casos que não podem ser desconsideradas.

Segundo Grimshaw (2005), o ponto a ser esclarecido nessa questão é outro. É necessário considerar que *kill* ‘matar’ é um item lexical, enquanto *cause to die* é parte de uma estrutura sentencial. As

---

<sup>72</sup> Uma crítica detalhada do pensamento de Fodor pode ser encontrada em Pinker (2007). Este autor discute as consequências do pensamento atomista radical de Fodor – que vem da visão atomística do significado, segundo a qual todas as palavras são associadas a elas mesmas, não a conceitos primitivos. Conforme sustenta Pinker (2007, p. 90), isso indica que, na análise de Fodor, cada palavra é um primitivo por excelência, uma vez que é negada a existência de conceitos primitivos.

diferenças de comportamento gramatical que Fodor apontou<sup>73</sup> – por exemplo, quanto à seleção de múltiplos advérbios temporais por *cause to die* e a impossibilidade de *kill* assumir esse mesmo comportamento – não inviabilizam a análise de *kill* como causativo, ainda que ele não se comporte como o predicado causativo correspondente (*cause to die*). Ocorre que *kill*, como morfema singular, está associado a uma estrutura semântica que prevê a equivalência a um evento singular (logicamente incompatível com múltiplos advérbios temporais), enquanto a causativa perifrástica *cause to die* está associada a dois eventos com localizações temporais distintas (o que a torna compatível com múltiplos advérbios temporais). Assim, argumenta Grimshaw (2005, p. 86), a questão a se perguntar não é se *kill* e *cause to die* derivam de uma mesma estrutura profunda, mas se há uma estrutura lexical interna, gramaticalmente relevante, capaz de explicar, p.ex., por que verbos como *kill* não participam de processos de alternância, enquanto verbos como *melt* ‘derreter’ participam da alternância causativo-incoativa.

Também é preciso considerar que o tratamento dicotômico para o significado lexical proposto por Grimshaw (2005) faz surgir uma interessante consequência. Enquanto a autora demonstra a regularidade e a simplicidade da estrutura semântica dos itens lexicais, deixa para o conteúdo semântico a complexidade da representação do significado, em muito ocasionada por aspectos de arbitrariedade do léxico. Em termos de conteúdo semântico, na distinção entre um verbo *x* e outro *y*, por exemplo, a complexidade pode ser ilimitada; contudo, a estrutura semântica tende a ser simples, pois nela apenas são determinadas as operações linguísticas permitidas (que são sempre limitadas): considerando-se as possibilidades de estrutura semântica, esses verbos serão predicados causativos ou de atividade, e isso explica os demais traços de seu significado lexical que interagem com a sintaxe, tais como restrição seletional dos argumentos e possibilidades de alternância. (GRIMSHAW, 2005, p. 85).

Em se tratando da alternância causativa de inergativos, conforme já exemplificado, o verbo *walk* aceita causatividade externa por indução,

---

<sup>73</sup> Sobre essa discussão, Grimshaw (2005, p.87) aponta a análise contrastiva das duas sentenças a seguir, em que a primeira aceita dois advérbios temporais com localizações distantes – *on Tuesday* ‘na terça-feira’ e *on Monday* ‘no domingo’ –, enquanto a segunda não tolera a mesma seleção:

- (i) I caused him to die on Tuesday by giving him poison on Monday.  
‘Eu fiz ele morrer na terça, dando veneno para ele no domingo’
- (ii) \*I killed him on Tuesday by giving him poison on Monday.  
‘Eu matei ele na terça dando veneno para ele no domingo’

enquanto não há indícios de que sua contraparte em português, *caminhar*, participa da alternância (mesma consideração é válida para o par *march/marchar*). Ambos possuem comportamento inergativo, indicam modos de movimento, são eventos internamente causados, tipicamente denotadores de atividade e assumiriam diátese causativa apenas em caso de indução externa, conservando como argumento afetado uma entidade tipicamente animada que também desempenha papel no desenrolar do evento.

Desse modo, aparentemente, *walk* e *caminhar* não apenas apresentam certo grau de coincidência de conteúdo semântico, mas também possuem correspondência de componentes de significado que constituem sua estrutura semântica. Então, sobre o que se sustentam as diferenças de comportamento sintático existentes para esses dois verbos? Verbos do português que possuem conteúdo semântico aproximado (a exemplo de *passar* e *caminhar*) difeririam em sua estrutura semântica a ponto de um participar da alternância causativa, mas o outro não a licenciar? As seções seguintes dedicam-se à investigação de possibilidades de resposta a esses questionamentos.

## 6.2 Entre a Forma Linguística e a Estrutura Conceptual

Não apenas aspectos de significado dos verbos podem esclarecer o licenciamento ou o bloqueio de sua participação na alternância causativo-incoativa. Há motivações cognitivas, compartilhadas em uma base conceptual comum aos falantes, que firmam a conceptualização de um evento no mundo como sendo desencadeado por uma causa ou percebido de uma perspectiva causativa por um de seus participantes. Nesse sentido, a “[...] causação é um fenômeno cognitivo básico, complexo e culturalmente construído; pensamos e falamos de causa, causalidade e causação com base em *modelos cognitivos e culturais*.” (SILVA, 2005, p. 43, grifo no original).

Essas motivações cognitivas se sustentam sobre a consideração de que os falantes percebem as eventualidades no mundo de forma mentalmente orientada. Desse modo, a base conceptual associada às eventualidades é um dos fatores que indica se determinada cena no mundo será uma eventualidade percebida (i) de uma perspectiva causativa, (ii) de uma perspectiva não-causativa ou, ainda, (iii) se poderá ser percebida em ambas as perspectivas. Já o fator que determina quais formas linguísticas são possíveis para se expressarem cada uma das possibilidades de percepção de dada eventualidade é a estrutura semântica dos itens lexicais em jogo para representá-la.

De maneira específica, a percepção mental de uma cena no mundo pode variar, p.ex., entre uma perspectiva de atividade e outra de desencadeamento dessa atividade. Porém, pensando em termos de alternância causativa de inergativos, o que define se essas perspectivas distintas do mesmo evento se realizarão linguisticamente por causativa lexical (fazendo com que o verbo entre na alternância causativo-incoativa) ou apenas por causativa sintática (impossibilitando esse tipo de alternância) são fatores linguísticos referentes à estrutura semântica do inergativo (que podem variar de língua para língua).

Considerada um fenômeno também mental, a causatividade (e por extensão a alternância causativo-incoativa) possui representação ao nível do pensamento, onde se estima que estejam atreladas informações linguísticas e psicológicas (JACKENDOFF, 1985). Para propor essa representação, uma vez que não é nada simples entender como essas informações se relacionam mentalmente, costuma-se observar o comportamento de expressões linguísticas e analisá-lo em contraste com os conceitos que as acompanham ou que resultam de suas composições.

Em harmonia com esse procedimento de estudo, esta seção expõe uma proposta de representação conceptual dos verbos que participam da alternância causativo-incoativa elaborada a partir da variação do foco de incidência do operador causal. Mais claramente, sobre a causatividade de inergativos e de inacusativos, este trabalho assume como verdadeira a hipótese de que há uma diferença de especificação do operador causal e que esse operador não incide sobre os mesmos elementos de causalidade, o que aproxima e mantém a coerência entre as regras de representação conceptual propostas e a frequência com que os dois grupos verbais participam de processos de alternância.

Estima-se que postular essa distinção entre a especificação e o foco de incidência do operador CAUSA seja necessário porque não deve ser um aspecto de significado irrelevante para o nível conceptual o fato de inacusativos serem tipicamente verbos de mudança de estado enquanto inergativos são tipicamente verbos de atividade. Essas questões, associadas às condições para liberação de formas alternantes pela estrutura semântica dos verbos inergativos, podem estar na base do licenciamento da alternância causativa.

Ao investigar as restrições de inacusativos que não licenciam causativização, Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 97) discutem a existência de uma classe de verbos de mudança de estado do inglês que são internamente causados (como *flower* ‘florescer’ e *decay* ‘decompor(-se)’) muito mais restrita que a classe de verbos de mudança de estado externamente causados. Assim como o que ocorre com os demais eventos de causa interna, os verbos de mudança de estado que representam propriedades intrínsecas e estão ligados à causatividade interna raramente participam da alternância causativa, pois, como propriedades inerentes das entidades sobre as quais predicam, não aceitariam desencadeamento por causa externa, o que eliminaria a possibilidade de realização desses verbos em diátese transitiva, com argumento desencadeador.

- 6.1 (a) The cactus flowered.  
‘O cacto floresceu’  
(a') \*The gardener flowered the cactus.  
‘O jardineiro floresceu o cacto’  
(b) The logs decayed.  
‘Os troncos (se) decompuseram’  
(b') \*The bad weather decayed the logs.

- ‘O clima ruim decompôs os troncos’  
 (b'') \*The rangers decayed the logs.<sup>74</sup>  
 ‘Os guardas florestais Decompuseram os troncos’

A contraparte de *decay* para o português apresenta realização sintática distinta da ilustrada acima, uma vez que a estrutura semântica de *decompor(-se)* prevê a indução externa para o desenvolvimento do evento e licencia a formação de diátese transitiva causativa mesmo quando o argumento desencadeador é um agente mais prototípico, cf. exemplos em (6.2). Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 97-98) consideram que, ocasionalmente, a alternância é possível também para a classe de verbos do inglês. Porém, os dados a seguir podem sugerir que, com as contrapartes em português, esse não é um comportamento apenas ocasional.

- 6.2 (a) A madeira decompôs.  
 (a') A umidade/Aquela substância química/O cientista decompôs a madeira.  
 (b) O pessegueiro floresceu.  
 (b') A primavera antecipada/Essa poda floresceu o pessegueiro  
 (b'') O fruticultor floresceu o pessegueiro com a poda antecipada.  
 (c) A semente germinou  
 (c') O bom clima/A adubação/O agricultor experiente germinou a semente.

Em linhas gerais, a distinção entre eventualidade de causa externa e eventualidade de causa interna, segundo a argumentação de Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 98), corresponde, respectivamente, à distinção entre inacusativos (participam da alternância causativa de maneira regular) e inergativos (em geral, não participam da alternância causativa). Essa possível correspondência decorre do fato de verbos inergativos serem tipicamente denotadores de eventualidades internamente causadas, enquanto os verbos inacusativos são tipicamente denotadores de eventualidades externamente causadas.

---

<sup>74</sup> Os exemplos de (6.1) foram extraídos de Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 97) e manteve-se o mesmo julgamento de gramaticalidade das autoras.

De acordo com as autoras, há no mínimo dois argumentos que poderiam ser contrários à relação direta estabelecida entre ser uma eventualidade externamente/internamente causada e ser um predicador inacusativo/inergativo, respectivamente. Primeiro, ainda que a maior parte da classe dos inacusativos seja composta por eventualidades externamente causadas, há uma classe composta de verbos de mudança de estado que não derivam de uma contraparte causativa, pois são já eventualidades internamente causadas, ilustrada em (6.1) e em (6.2) – além, claro, do caso de *arrossire*, do italiano, discutido na primeira parte deste capítulo. Segundo, há inacusativos que formam a classe de verbos de existência, de aparição ou de desaparecimento (*existir*, *aparecer* ou *desaparecer*, p.ex.) que não indicam mudança de estado, tampouco participam da alternância causativo-incoativa. Esses verbos, que além do argumento tema são também selecionadores de um argumento locativo, “[...] consistentemente não possuem variantes causativas.”<sup>75</sup> (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 121).

Diferentemente do que apontam Levin e Rappaport-Hovav (1995), a descrição da alternância causativo-incoativa realizada no Capítulo 5 deste trabalho sugere que pelo menos o primeiro dos dois pontos contrários à relação direta entre a propriedade de ser uma eventualidade externamente ou internamente causada e a classificação entre verbos inacusativos e inergativos pode ser rediscutido. A classe de verbos de mudança de estado composta de eventualidades internamente causadas, representada por *germinate* e *decay*, parece participar da alternância causativa sob as mesmas condições que inergativos do tipo *run* e *walk*, que são também eventualidades de causa interna: a partir de uma força de indução externa.

Porém isso também estabelece a relação desses verbos com um desencadeador externo, propriedade comum aos demais verbos inacusativos de mudança de estado, que podem ter como desencadeador um agente volitivo, uma causa natural, um instrumental ou mesmo um evento. Embora não derivem de uma contraparte causativa, cf. Levin e Rappaport-Hovav sustentam, pode-se pensar a causatividade externa de verbos como *germinate* e *decay* e o fato de indicarem mudança de estado como dois pontos que os aproximam dos demais inacusativos.

Assim, inacusativos internamente causados exibem propriedades comuns a inergativos e outras comuns a inacusativos prototípicos. Mas, distinguindo-se claramente destes, as condições de alternância

---

<sup>75</sup> Tradução livre, no original: “[...] consistently lack causatives variants.” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 121).

causativo-incoativa dos verbos de mudança de estado internamente causados parecem ser próximas daquelas existentes para a instância de alternância em que estão localizados os inergativos alternantes. Em favor dessa proposta de análise estão os dados do português em (6.2) e as ocorrências similares do inglês que, para Levin e Rappaport-Hovav, são ocasionais – logo, são permitidas em determinados contextos sintáticos –, cf. os julgamentos de gramaticalidade e de aceitabilidade de *The sicientist decayed the wood*, *?The fertilizer germinated the seed*, *??The farmer germinated the seed* e *\*The spring flowered the peach tree*, em parte similares aos julgamentos ilustrados em (6.2).

Quando aproximados os verbos de mudança de estado internamente causados do inglês e do português, *decay/decompor(-se)*, *flower/florescer*, *germinate/germinar*, evidencia-se, além da correspondência de conteúdo semântico em cada par, a correspondência parcial de componentes de significado referentes à estrutura semântica, pois, nessas contrapartes: i) quando o predador alterna, toma como objeto na diátese transitiva um argumento que, envolvido na predicação de uma de suas propriedades inerentes, recebe indução externa para desencadear a eventualidade de causa interna; ii) em realização biargumental, o primeiro argumento, que ocupa a posição de sujeito da forma causativa, é responsável por mediar o argumento afetado no desenvolvimento do evento.

Observando-se que as condições de causatividade de verbos do tipo de *florescer* e *germinar* parecem estar muito próximas daquelas envolvidas na causatividade de verbos do tipo de *passar* e *estudar*, é possível inferir uma regra geral do tipo: se um verbo é de causa interna (seja ele inergativo ou inacusativo), a causativização só pode ocorrer por indução externa. Assim, a estrutura semântica desses predadores se aproxima em termos de natureza da causatividade e de restrições para a formação da alternância causativo-incoativa.

Por outro lado, distancia-se em termos de seleção argumental, já que aqueles são inacusativos (em formação incoativa, selecionam argumento afetado) e estes, inergativos (selecionam argumento agente). Essas considerações, aparentemente, são válidas tanto para os dados linguísticos do português quanto para os dados do inglês e, uma vez que sejam validadas, atestam a participação de verbos de mudança de estado internamente causados na alternância causativa, assim como grande parte da classe de inacusativos, porém, as condições satisfeitas para licenciar a alternância causativa não são as mesmas.

Ainda sobre a relação entre a estrutura semântica de inergativos e a de inacusativos, ao tratar das condições linguísticas que distinguem os





A representação (6.3b) contém a descrição estrutural de inacusativos em realização causativa, na qual se expressa a relação entre o argumento desencadeador e o argumento afetado. Essa representação tanto serve à restrita classe dos verbos de mudança de estado internamente causados, que alternam para a diátese transitiva por indução externa, quanto àqueles de número mais abrangente que são externamente causados, nos quais o argumento afetado não desempenha papel no desenrolar do evento.

Como não são todos os casos de realização biargumental que comportam a incorporação de dois argumentos de estrutura semântica – considerando-se as ocorrências transitivas de predicados de atividade com seleção de argumento de conteúdo semântico em posição objetiva – a análise de (6.3) revela que também componentes de significado referentes ao conteúdo semântico dos predicadores verbais interferem na constituição de sua grade argumental.

Em (6.3a), a representação de *estudar* ocorre como predicado que contém apenas um argumento de estrutura semântica e um argumento de conteúdo semântico não-obrigatório. Essa configuração corresponde a ocorrências como as ilustradas por (6.4a) e por (6.4b). Ao se deter na representação da alternância de realização de argumento de conteúdo semântico dos predicados de atividade, Grimshaw (2005) deixou de considerar possibilidades de configuração sintática como aquela que está ilustrada em (6.4c) e que não pode entrar na representação de *estudar* proposta pela autora ((6.3a)).

6.4 (a) Andréia estudou.

(b) Andréia estudou a matéria mais complexa da vida.

(c) Andréia estudou os filhos.

As construções (6.4a) e (6.4b), que são representadas pela estrutura de (6.3a), ilustram a opcionalidade de realização do segundo argumento da forma transitiva dos verbos de atividade. Em (6.4b), o argumento *Andréia* realiza algo que o leva a desencadear o evento expresso por *estudar*, enquanto o argumento *a matéria mais complexa da vida*, parte do conteúdo semântico do predador, é realizando sem especificações de natureza estrutural, ou seja, não há qualquer papel semântico especificado para o segundo argumento de (6.4b), uma vez que a relação entre ele e o verbo não é de estrutura semântica, mas de conteúdo. Diferentemente, (6.4c) não pode ser representada pela mesma regra, uma vez que há fortes evidências em favor de se analisar o

segundo argumento dessa construção como parte da estrutura semântica do verbo, não do conteúdo<sup>76</sup>.

Se aceito o procedimento de explicação proposto por Grimshaw (2005), parece razoável considerar que construções transitivas com verbos causativos, como *O sol derreteu a neve toda*, em grande medida se parecem com transitivas que causativizam inergativos, como (6.4c). Primeiramente, na transitiva causativa com *derreter*, a autora analisa ambos os argumentos como pertencentes à estrutura semântica porque é possível relacioná-los com aspectos de significado que são estruturais. O primeiro argumento é o causador e o segundo é o que sofre a mudança de estado – a causa e a mudança de estado são facetas estruturais do significado do verbo.

Estendendo esse procedimento aos casos de alternância causativa de inergativos, a análise desenvolvida neste trabalho avalia que os dois argumentos realizados em (6.4c) estão relacionados a aspectos de significado de natureza estrutural: o primeiro e o segundo argumentos da transitiva compartilham o papel semântico de desencadeador do evento e, por essa razão, ambos estão relacionados com a noção de causa. Disso decorre a conclusão lógica de que os dois argumentos realizados em (6.4c) são argumentos de estrutura semântica e, embora essa conclusão seja originada de critérios estabelecidos por Grimshaw (2005), é o principal ponto de discordância entre o que sustenta essa autora e o que é proposto aqui.

---

<sup>76</sup> Sobre esse aspecto, Perini (2000) observa que há um conjunto de verbos normalmente intransitivos que pode ocorrer em diátese transitiva, realizando como objeto um argumento a que o autor dá a função sintática de *objeto interno*, “[...] por ser representado por uma nominalização do próprio verbo.” (PERINI, 2000, p. 169). Exemplos desse conjunto são as ocorrências

(a) Machado morreu. / Machado morreu uma morte tranquila.

(b) Maneco sorriu. / Maneco sorriu um sorriso sincero.

Já Perini (2008, p. 300) chama a esse tipo de argumento complemento *objeto cognato* e diferencia-o de casos como a alternância de *comer* ou *estudar*, em que a opcionalidade de realização do complemento é de natureza distinta:

(c) Sarah já comeu. / Sarah já comeu a couve-flor toda.

(d) Sarah estuda. / Sarah estuda dança contemporânea.

Nos casos (c) e (d), Perini (2008) afirma que há um paciente esquemático, enquanto nos casos (a) e (b) não há paciente, pois o objeto cognato não possui como função acrescentar um elemento referencial, apenas serve de suporte para um termo de função qualificativa. Por essa razão, o autor diferencia a diátese dos dois grupos acima, representando o paciente esquemático de *comer* e de *estudar* por “Ø” e chamando às construções monoargumentais de (c) e (d) *transitivas de objeto elíptico*; já o objeto de verbos como *sorrir* e *morrer* fica sem representação e a diátese desses verbos é chamada *intransitiva*. Nesse aspecto, Perini (2008) diverge da posição assumida por Grimshaw (2005), mas corrobora a análise, proposta por este trabalho, do segundo argumento da causativa em (d) como argumento de estrutura semântica.

Em outras palavras, para representar a seleção argumental de *estudar* incluindo-se os contextos sintáticos de causativização de inergativos (p.ex. (6.4c)), seria necessário reformular a estrutura desenvolvida por Grimshaw (2005), buscando liberar duas posições argumentais a serem preenchidas por argumentos de estrutura semântica. Na reformulação, a nova representação nem mesmo poderia seguir os aspectos de significado isolados para os argumentos estruturais de causativos como *derreter*, pois o segundo argumento de inergativos causativizados não sofre mudança de estado, mas é afetado em termos de *indução a agir* (cf. descrição dessa instância de alternância causativo-incoativa apresentada no Capítulo 5).

Uma consequência imediata de se tomar os dois argumentos realizados na causativização de inergativos como argumentos de estrutura semântica é o rearranjo de (6.3a). Porém, isso não interfere no estudo realizado neste trabalho e tampouco compromete a proposta de Grimshaw (2005) para a distinção entre argumentos de estrutura semântica e argumentos de conteúdo semântico. Na realidade, a autora considera que o número de argumentos que um predicado realmente seleciona pode variar consideravelmente.

Para a diversidade de realização argumental de verbos inergativos que participam da alternância causativo-incoativa, seria possível propor uma representação que preveja a ocorrência de dois argumentos de estrutura semântica desencadeadores, algo que estaria próximo da representação de verbos inacusativos que participam da alternância. Nessa nova proposta de representação, seria necessário o acréscimo de informação linguística para o argumento afetado pela indução que, diferentemente dos casos de alternância com predadores inacusativos, participa do desenvolvimento do evento, contando com alguma espécie de mediação/indução.

Assumir que a representação conceptual dos predadores que servem à alternância causativo-incoativa, em especial as representações possíveis para os predadores inergativos alternantes, é ambígua entre uma estrutura eventual binária que embute o operador I-CAUSA (especialização para causa resultante de indução) e outra estrutura eventual simples, na qual não há interpretação de operador causal, pois não há afetação do argumento realizado, é uma alternativa explicativa para abarcar a representação das variadas possibilidades de configuração argumental de um mesmo predador. Ainda, com essa representação centrada no mapeamento da organização conceptual dos aspectos de significado relevantes para o processo de alternância causativo-incoativa que se relacionam com a estrutura semântica dos predadores verbais –

como *causa, mudança de estado, indução* –, nenhuma divergência com a proposta de Grimshaw (2005) parece necessária.

Para representar a estrutura lexical de verbos primitivamente transitivos que servem à alternância causativo-incoativa, Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 94) propõem a representação geral (6.5a), especificada para *quebrar* ‘break’ em (6.5a’). Já para os verbos internamente causados, relacionados como verbos não-alternantes, as autoras propõem a representação (6.5b), especificada para *rir* ‘laugh’ em (6.5b’). Por essas representações, marca-se a participação na alternância causativo-incoativa de verbos inacusativos ((6.5a)), que majoritariamente são verbos de mudança de estado, e a não-participação de verbos inergativos ((6.5b)).

- 6.5 (a) [[x FAZER-ALGO] CAUSA [y TORNAR-SE *ESTADO*]]  
(a') *quebrar*: [[x FAZER-ALGO] CAUSA [y TORNAR-SE *QUEBRADO*]]  
(b) [x *PREDICADO*]  
(b') *rir*: [x *RIR*]

Contudo, uma representação conceptual do tipo de (6.5b) não abarca o subconjunto de verbos inergativos alternantes. As formalizações acima podem capturar a relação entre a forma linguística e a estrutura conceptual de ocorrências como *Andréia estudou*, que assumem a representação de predicado de um argumento (6.5b), disponível para as atividades, que são eventualidades de causa interna (a exemplo das construções cujo predador é um verbo do tipo de *rir* (‘laugh’)). Porém, nem sempre construções com verbos inergativos, como *estudar*, podem ser representadas em predicados de um argumento, considerando-se que há configurações sintáticas: (a) em que argumentos de conteúdo semântico podem ser realizados na sintaxe, (b) em que a seleção de um segundo argumento de estrutura semântica pode resultar da causativização de inergativos, nos casos em que esses verbos alternam para diátese transitiva com valor causativo, selecionando argumento desencadeador para a posição de sujeito da construção ((6.4c)).

Quanto às ocorrências nas quais o argumento de conteúdo semântico é realizado, como *Andréia estudou a matéria mais complexa da vida*, é possível a consideração de que essas construções podem assumir a representação de (6.5a), desde que se reconheça algum grau de ‘afetação’ para o argumento *a matéria mais complexa da vida*. Claramente, o grau de ‘afetação’ do argumento em posição de objeto de

construções como (6.4b) é escalarmente menor que o grau de ‘afetação’ do argumento em mesma posição de construções com inacusativos prototípicos, como *Mateus quebrou a xícara*, contudo, ambos são argumentos rotulados de *paciente* ou de *tema* e são selecionados em construções que envolvem alguma mudança no estado inicial do argumento em posição de objeto<sup>77</sup>.

Já a construção (6.4c), em que *estudar* alterna para diátese transitiva com valor causativo, não pode ser descrita por nenhuma das representações de (6.5). Diferentemente do que se configura nos predicados causativos cujos verbos são primitivamente transitivos, a estrutura eventual binária de construções do tipo de *Andréia estudou os filhos* não comporta a caracterização do segundo argumento da construção apenas como afetado, ressaltando-se unicamente mudança de estado. No caso da alternância causativo-incoativa de inergativos, é necessária uma representação mais específica que explique como, ainda na estrutura conceptual, esses verbos selecionam dois argumentos desencadeadores.

Nesse sentido, este trabalho propõe tratar a relação entre estrutura linguística e estrutura conceptual de inergativos que licenciam alternância causativo-incoativa a partir das representações conceptuais expressas em (6.6) – sem promover alterações na representação de causativos de mudança de estado, elaborada em Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 94) e repetida em (6.7a').

6.6 (a) As crianças passearam.

(a') [x *PREDICADO*]

[x *PASSEAR*]

(b) A babá passou as crianças.

(b') [[x FAZER-ALGO] I-CAUSA [y *PREDICADO*]]

[[x FAZER-ALGO] I-CAUSA [y *PASSEAR*]]

Essa proposta de representação conceptual de construções causativas como (6.6b) é estendida à formação da causativa sintática (ou causativa analítica) correspondente, em composição com *fazer*. No caso

---

<sup>77</sup> Em reflexão semelhante, Jackendoff (1990) analisa como predicados causativos verbos do tipo de *eat* ('comer'), em que um argumento *causa* a outro mudança de configuração espacial. Nesse aspecto, Grimshaw (2005) discorda de Jackendoff, uma vez que, segundo a autora, essa opção teórica deixa em aberto uma importante questão: se duas construções como (i) *Mateus quebrou a xícara* e (ii) *Mateus comeu o bolo* são igualmente interpretadas como predicados causativos, por que a primeira alterna para a forma incoativa, enquanto a segunda não tolera a alternância?

das causativas sintáticas, o verbo inergativo alternante pode estar na periferia direita da sentença, a exemplo de (i) *A babá fez as crianças passearem*, ou essa posição pode ser ocupada pelo segundo argumento da construção causativa, a exemplo de (ii) *A babá fez passearem as crianças*. As causativas sintáticas que realizam o segundo argumento na periferia direita da sentença, cf. (ii), estão sendo consideradas usos derivados do primeiro caso, em que o verbo no infinitivo ocupa a posição final da construção. Silva (2005, p. 20) também analisa essas duas formações causativas como análogas e as agrupa sob o rótulo de *construção causativa com complemento infinitivo*.

É interessante salientar que a formalização contida em (6.6b') carrega uma especialização de causa indutora para o operador causal – que agora é formalizado por *e I-CAUSA*, em que *I* indica a própria indução e separa esse tipo de causatividade daquele envolvido nas formas causativas de verbos de mudança de estado, cujo operador causal é apenas *CAUSA*. Além disso, (6.6b') é capaz de abrigar tanto os dados em que a construção causativa obedece à formação por causativa sintática quanto aqueles em que obedece à formação por causativa lexical.

Isso quer dizer que se propõe (6.6b') como uma mesma representação conceptual para a forma causativa de todos os inergativos que participam da alternância, seja para aqueles que apenas participam da alternância causativa por composição com verbo *fazer*, seja para aqueles que participam por composição com *fazer* e também por causativa lexical. Desse modo, as representações (6.6a') e (6.6b') explicitam a ambiguidade de conceptualização dos predicadores inergativos que participam da alternância causativa. A primeira entra em relação com as realizações linguísticas incoativas, a segunda, com as realizações linguísticas causativas (sintáticas ou lexicais).

Detalhando os aspectos de significado atrelados à estrutura semântica que possuem relevância no processo de causativização, [*x PREDICADO*] é a fórmula que evidencia a relação entre qualquer predicado de atividade (*voar, trotar, passear*, p.ex.) e o argumento de estrutura semântica responsável pelo desencadeamento do evento simples denotado pelo verbo, que preenche a variável *PREDICADO*. Sendo essa variável preenchida por um inergativo, o verbo internamente causado já impõe restrições para a seleção argumental que parecem se combinar com as especificações estruturais previstas por Grimshaw (2005). Segundo a autora, o argumento de estrutura semântica de verbos de atividade é agentivo por natureza, uma vez que sua participação desencadeia o evento denotado pelo verbo. Isso está de acordo com

Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 94), para quem a realização de um evento de causa interna envolve um tipo de causatividade que é iniciada e desenvolvida pelo próprio argumento envolvido no evento e a partir de propriedades que lhe são inerentes, acarretando que em grande medida o argumento único de verbos internamente causados possua natureza agentiva.

A representação da contraparte causativa contém as especificações estruturais das formas incoativas já descritas, às quais se acrescentam os aspectos de significado relacionados com o novo argumento, um argumento indutor, e a incidência do operador causal. Em (6.6b'), a fórmula [x FAZER-ALGO] especifica a participação do primeiro argumento, que induz outro participante da ação verbal ao desenvolvimento do evento; como consequência, o operador causal (I-CAUSA) resulta da ação do primeiro participante e incide sobre o segundo, desencadeando [y *PREDICADO*]. Porém, o segundo argumento da forma causativizada não mantém a exata relação que tinha com o verbo na realização monoargumental. Com a incidência do operador causal, o segundo argumento de causativas formadas a partir de predicadores inergativos acumula duas funções semânticas, a de afetado pela causatividade e a de desencadeador da eventualidade contida na formalização *PREDICADO* – duas relações semânticas atreladas a aspectos estruturais de significado.

Já a alternância causativo-incoativa de inacusativos, além de não conservar o mesmo princípio de causatividade, difere quanto às especificações estruturais do segundo argumento da causativa. Das representações a seguir, (6.7a') é proposta por Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 94) e, partindo-se desta formalização, foram derivadas neste trabalho as representações anteriores, de (6.6).

6.7 (a) Sarah fechou a porta da casinha.

(a') [[x FAZER-ALGO] CAUSA [y TORNAR-SE *ESTADO*]]  
[[x FAZER-ALGO] CAUSA [y TORNAR-SE *FECHADO*]]

(b) A porta da casinha fechou.

(b') [x TORNAR-SE *ESTADO*]  
[x TORNAR-SE *FECHADO*]

Assim como se procedeu para análise da relação entre forma linguística e estrutura conceptual nos casos de alternância dos inergativos, a alternância causativa de predicadores inacusativos também pode ser representada por duas estruturas conceptuais. As representações (6.7a') e (6.7b') são propostas como formalizações da



relação entre estrutura linguística e conceptualização dos inacusativos que participam da alternância causativa, em que a primeira entra em relação com as construções causativas (lexicais e sintáticas, tais como *Sarah fechou a porta da casinha* e *Sarah fez a porta da casinha fechar*) e a segunda entra em relação com as realizações incoativas (p.ex. *A porta da casinha fechou*).

Quanto às especificações estruturais, as representações (6.7) destacam da formação transitiva causativa o traço de significado *mudança de estado* e nesse aspecto distinguem-se das representações (6.6). A fórmula [y TORNAR-SE *ESTADO*] embute um novo operador (TORNAR-SE), responsável pela transição de estado, e a variável *ESTADO* representa o efeito da causatividade, i.e, a incidência do operador causal sobre a mudança de estado inicial. Com verbos inacusativos, ao contrário do que ocorre com os predicados de atividade, o argumento único da forma incoativa recebe o mesmo papel semântico que recebia na forma básica transitiva: o de afetado.

Esse conjunto de representações é uma tentativa de se formalizarem as regras que estão subjacentes ao uso linguístico do grupo de predadores que serve à alternância causativo-incoativa. É possível afirmar que: (i) falantes possuem um fino conhecimento sobre como cada palavra gramaticalmente participa do funcionamento da língua e (ii) há uma separação entre o conhecimento que se tem sobre o conteúdo e sobre o comportamento estrutural dos itens lexicais. Segundo Pinker (2000), o que um falante sabe acerca dos itens lexicais de sua língua e das regras que governam os usos desses itens é aprendido de diferentes maneiras. Cada uma dessas informações, sobre as palavras e sobre as regras, ocupa um espaço distinto da atividade cognitiva – o que indica que conhecer as palavras e conhecer as regras de funcionamento da língua que regem o emprego dessas palavras podem ser processos cognitivos não tão próximos quanto se costuma supor.

Primeiramente, há informações que dizem respeito à significação ou, nos termos mais específicos adotados por Grimshaw (2005), ao conteúdo semântico de um item lexical. Sobre esse aspecto, aprender palavras é um processo cognitivo diretamente associado à memorização. À medida que se reconhece a arbitrariedade vinda por força da convenção, “[...] todos em uma comunidade linguística tacitamente concordam em usar um som particular para transmitir uma ideia

particular.”<sup>78</sup> (PINKER, 2000, p. 2). O fato de os falantes utilizarem o predicado *estudar* para descrever a realização de um mesmo estado de coisas no mundo (ou de um mesmo conjunto de estados de coisas) é devido ao aprendizado de um comportamento linguístico comum, afinal, todos na comunidade linguística aprenderam, em algum momento, a ligação estabelecida entre um som específico e a ideia relativa que ele comunica: [estu'dɐ] = ‘conjunto de ações que leva ao aprendizado/à apreciação/ao conhecimento/à descoberta de algo’.

Sobre esse aspecto, Chafe (1979, p. 74) já considerava que os conceitos ligados aos itens lexicais (ou *unidades semânticas*, cf. o autor) são entidades que, uma vez na mente dos falantes, são simbolizadas através dos sons de uma língua. É desse modo que tais conceitos podem ser comunicados e passados de falante para falante até o limite de se fazer pleno uso das formas linguísticas disponíveis para expressão dos *dados conceituais*. O que o parágrafo anterior apresentou como acordo tácito entre os falantes não é mais que a atividade convencionalizada de expressão de conceitos mentais que indica “[...] que os falantes de uma determinada língua – e provavelmente todas as pessoas – mantêm realmente um grande acervo de conceitos em comum.” (CHAFE, 1979, p. 77). Contudo, não é tarefa simples, como o próprio autor levanta, atingir uma descrição clara “[...] de quais conceitos estão presentes especificamente numa dada estrutura semântica.” (CHAFE, 1979, p. 78).

Também Fillmore (1968) já argumentava em favor da existência de determinados conceitos básicos, que são de relevância gramatical e subjacentes à expressão linguística e estão interligados à estrutura semântica das línguas naturais. Na discussão original em torno do desenvolvimento da noção de papéis semânticos como universais linguísticos, Fillmore assumiu o verbo como componente central de organização das sentenças e as relações semânticas estabelecidas entre o verbo e seus argumentos (intuitivamente, os próprios papéis semânticos atribuídos aos argumentos) como especificações conceituais atribuídas aos argumentos que lhes aponta o modo de participação no evento denotado pelo verbo. Considerando-se os pressupostos assumidos pelos estudos em semântica lexical subsequentes, em muito inspirados nessas primeiras discussões, essas especificações conceituais dos argumentos de um verbo são tomadas como parte consistente da composição da

---

<sup>78</sup> Tradução livre. No original: “[...] everyone in a language community tacitly agrees to use a particular sound to convey a particular idea.” (PINKER, 2000, p. 2).

estrutura semântica do predador e, certamente, do conhecimento gramatical do falante.

Sobre esse aspecto, diferentemente da apropriação de vocabulário, qualquer falante também precisa aprender como se dá a organização estrutural das palavras que compõem sua língua, i.e., precisa aprender que há um conjunto limitado de regras às quais estão submetidos os componentes do léxico. Essas regras, conforme já se discutiu, fazem parte da estrutura semântica dos itens lexicais e são também componentes de significado, porém, afastam-se do conteúdo semântico ao constituírem a face gramatical dos elementos lexicais. A respeito de um item lexical como *estudar*, falantes aprendem, entre outras informações, (a) que se trata de um verbo, (b) que em português possui um variado paradigma flexional, (c) segundo esse paradigma, o radical de *estudar* aglutina com as desinências número-pessoais e modo-temporais, (d) como é primitivamente intransitivo, prototipicamente seleciona apenas um argumento, cujo valor semântico é de agente, (e) pode alternar para uma construção com dois argumentos quando realiza, além do agente, um argumento de conteúdo semântico ou quando é causativizado por indução externa.

Enfim, a estrutura semântica de um item lexical é a parcela do significado desse item composta por um conjunto de regras de relevância gramatical. Essas regras, afirma Pinker (2000, p. 5), regulam e restringem a maneira como as palavras se combinarão para constituir sintagmas e sentenças, cujos significados serão inferidos da soma do significado de suas partes e da forma como suas partes foram arranjadas<sup>79</sup>. Essas regras, recorrentes e produtivas, possuem variáveis simbólicas abstratas que permitem a cada regra servir como representação de um número infinito de sentenças, já que os elementos que entram para preenchimento das variáveis são todas as combinações possíveis de se fazer por aquela regra e impossíveis de se listar, dada a potencialidade de associações<sup>80</sup>. Como exemplo, as ocorrências de (6.8a) a (6.8c)<sup>81</sup> entram na mesma regra expressa por (6.8d):

---

<sup>79</sup> Em outras palavras, o significado lingüístico de uma sentença é composto de significado lexical e também de significado gramatical. Considera-se que significados pragmaticamente estabelecidos digam respeito ao significado do falante (*versus* significado da sentença) e estão orientados para a interpretação de enunciados, não de sentenças.

<sup>80</sup> Essa noção de produtividade das regras gramaticais (e também a noção de recursividade lingüística) está associada ao programa gerativista, elaborado por Noam Chomsky, em especial ao estudo que este importante autor desenvolve na obra *Lingüística Cartesiana*, de 1966. Pinker atribui a Chomsky o desenvolvimento dessa reflexão e, antes dele, a Humboldt o ineditismo da análise.

<sup>81</sup> A respeito da classificação dos verbos *casar* e *estudar*, cf. nota 11.

- 6.8 (a) O Rolling Stone Ron Wood casou a filha Leah em Londres.  
(b) Andréia estudou os filhos com sacrifício.  
(c) Mateus passeou o cachorro depois da aula.  
(d) [[*x* FAZER-ALGO] I-CAUSA [*y* *PREDICADO*]]

O material linguístico capaz de preencher as posições de *x*, *y* e *PREDICADO*, em uma combinação semanticamente não-anômala, é vasto, porém finito. Nas ocorrências ilustradas em (6.8), p.ex., a posição *PREDICADO* é preenchida pelos elementos *estudar*, *passear* e *casar* – todos predicadores inergativos e eventualidades internamente causadas que podem receber indução externa – entretanto, essa mesma posição não poderia ser preenchida pelo verbo *rir* – também predicador primitivamente intransitivo e eventualidade internamente causada, mas que, diferentemente dos primeiros elementos, não pode receber a indução externa que é condição para os predicadores participarem da alternância.

Já as posições argumentais *x* e *y*, ambas analisadas neste trabalho como posições ocupadas por argumentos estruturais, devem ser preenchidas por argumentos que atendam às especificações dos traços de significado requeridos para cada posição e determinados pela estrutura semântica do predicador em alternância. Nesse sentido, atendem à posição *x* da regra (6.8d) argumentos compatíveis com o papel semântico de indutor que sejam causas externas potenciais para o evento em questão; e atendem à posição *y* argumentos que tolerem a indução de *x* e que assumam o desencadeamento da eventualidade internamente causada denota pelo inergativo causativizado.

Para os inergativos que não formam causativas lexicais, a regra (6.8d) é assumida apenas em causativas sintáticas, nas quais a composição com *fazer* licencia a qualquer inergativo a participação em construções com expressão de causa. Sendo assim, tanto as construções de (6.8a-c) quanto uma construção como *Mateus fez Emanuel rir/sorrir* entram na regra (6.8d), porém, salvos os casos de causativas sintáticas, inergativos que não aceitam indução externa, p.ex. *rir/sorrir*, ficam estritamente associados à regra [*x* *PREDICADO*]. Essas restrições de combinação dos elementos preenchedores das variáveis também precisam fazer parte do aparato mental responsável pela linguagem, juntamente com a regra de combinação que as regula.

Segundo Pinker (2000, p. 12), a linguagem humana, similar a outros sistemas humanos, parece ser construída sobre dois tecidos

mentais. Um deles está associado à memória e possui um mecanismo ao qual correspondem as atividades de estocagem e de seleção dos itens lexicais organizados no léxico mental. O outro está associado às regras gramaticais e é também dotado de um mecanismo ao qual correspondem as atividades de combinação e análise de seqüências de símbolos. Não é possível afirmar se esses dois mecanismos atuam separadamente, se são duas funções de um mesmo ‘aparelho’ ou se, na realidade, constituem um *continuum* no processamento cognitivo, em que as atividades de seleção e combinação de palavras se interligam às atividades de combinação de sintagmas e de formação de sentenças. O que se pode assumir, com certa segurança, é que essas regras se constituem mentalmente e todos os falantes, com exceção dos casos patológicos, desenvolvem-nas.

Sobre a aquisição do léxico, especificamente sobre a forma como falantes adquirem conhecimentos acerca da estrutura semântica dos itens lexicais, também Grimshaw (2005, p. 88) considera que a sintaxe lexical deva ser adquirida de maneira distinta daquela envolvida na aquisição de conteúdo semântico. A aquisição deste, em grande parte, parece ser regida por observação – do comportamento linguístico dos itens lexicais em novos contextos e da ação de fatores extralinguísticos. A estrutura semântica dos itens lexicais, por outro lado, deve seguir um processo de aquisição similar ao de outros sistemas linguísticos, como o sintático e o morfológico. Isso implica dizer que a estrutura semântica se organiza por processos cognitivos subjacentes e, assim como se supõe ocorrer com outros componentes da gramática, o modelo de desenvolvimento e de representação do conjunto de regras de estrutura lexical deve resultar da tentativa de se demonstrarem as propriedades mentalmente estruturadas, como a de (6.9):

- 6.9 (a) As crianças passearam.  
 (a') [x *PREDICADO*]  
       [x *PASSEAR*]  
 (b) A babá passeou as crianças.  
 (b') [[x FAZER-ALGO] I-CAUSA [y *PREDICADO*]]  
       [[x FAZER-ALGO] I-CAUSA [y *PASSEAR*]]

As informações semânticas definem a contribuição de um item lexical para a articulação em que ele é realizado e, também, auxiliam na interpretação conceptual da construção em que esse item ocorre. (BIERWISCH; SCHREUDER, 1992). Isso equivale a dizer que a estrutura semântica atua de maneira a restringir as possibilidades de

interpretação das expressões linguísticas pela estrutura conceptual, pois há uma associação regular entre o item lexical, a estrutura semântica por ele assumida e o conceito associado a essa estrutura.

Pode-se pensar da seguinte maneira: considerando-se a variedade de estruturas conceptuais associadas à determinada cena no mundo e às expressões linguísticas, a escolha entre as tantas estruturas conceptuais possíveis será em parte guiada pelas restrições de expressão linguística dos conceitos relacionados à cena em questão – além, claro, de essa escolha sofrer interferência de restrições situacionais, de informações contextuais e da parcela de conhecimento enciclopédico que está para além do linguístico. (ibidem, p.9-11).

As representações propostas em (6.6) e retomadas em (6.9) ilustram como poderia ser a regra de alternância causativo-incoativa de predicadores primitivamente intransitivos. Na estrutura conceptual, os verbos que servem de base para a regra assumem dupla possibilidade representacional, da qual se derivaria a potencialidade de realização causal desses predicadores. Já foi objeto de discussão desta seção a análise da relação entre a alternância causativo-incoativa e as regras em (6.9). Na seção seguinte, é desenvolvida a proposta de descrição da assimetria de participação na alternância causativo-incoativa de predicadores inergativos do inglês e do português do Brasil com base em diferenças de estrutura e de conteúdo semântico, o que condicionaria as possibilidades de lexicalização desses predicadores e também aproximaria as duas instâncias de alternância causativa, distanciadas nos estudos de Levin (1993) e Levin e Rappaport-Hovav (1995).

### **6.3 Estrutura Semântica, Conteúdo Semântico e a Alternância Causativo-Incoativa**

Ao considerarem as possibilidades de realização argumental e, dentro delas, as alternâncias de argumentos de um mesmo verbo, Levin e Rappaport-Hovav (2005, p. 115) definem o princípio de distribuição de argumentos, atrelando-o à constituição de eventos simples ou complexos (cabe salientar que essa proposta, grosso modo, aproxima-se daquela desenvolvida por Pustejovsky (1995), apresentada no Capítulo 3). Como consequência da condição de distribuição de um argumento a cada subevento, eventos complexos seriam representados em predicados igualmente complexos, com dois argumentos e em construções transitivas; já eventos simples seriam representados em predicados simples, com uma posição argumental disponível e preenchida, em construções intransitivas.

Isso explica o comportamento sintático de verbos basicamente não-causativos, como *correr*, que denotam atividade e, portanto, são compostos por um evento simples realizado por predicado de um argumento. Também ressalta o comportamento sintático de verbos de mudança de estado basicamente causativos, compostos por um evento complexo que se realiza em predicado com dois argumentos. Porém, nem todas as ocorrências de múltipla realização argumental alternam a partir de um mesmo conjunto de regras de seleção de argumentos. Os exemplos logo a seguir ilustram como um verbo pode licenciar a adição de um ou mais elementos não selecionados por sua estrutura eventiva (extraídos de Levin e Rappaport-Hovav (2005, p. 188)):

- 6.10 (a) Pat ran herself ragged.  
           ‘Pat correu até desarrumar-se muito’  
 (b) Pat ran her shoes to shreds.  
           ‘Pat correu com seus tênis até ficarem rasgados’  
 (c) The coach ran the athletes around the track.  
           ‘O técnico fez os atletas correrem ao redor da pista’

Nos exemplos de (6.10a-c), a referência não se restringe exclusivamente ao evento de correr. Em (6.10a) e em (6.10b), além do argumento selecionado pela atividade de corrida, há um argumento selecionado pela interação entre o evento denotado por *correr* e outro que se relaciona a ele: a construção (6.10a) realiza o argumento *herself* não por seleção de *run* (cf. agramaticalidade de *\*Pat ran herself*), mas pela composição de *run* com *ragged*, formando uma cadeia eventiva que denota mais ou menos ‘x corre até x ficar cansado’; do mesmo modo, a construção (6.10b) realiza o argumento *her shoes* não pela seleção de *run* (cf. agramaticalidade de *\*Pat ran her shoes*), mas pela composição de *run* e outro elemento, *to shreds*, do que resulta a cadeia eventiva responsável por denotar mais ou menos ‘x corre até os tênis de x ficarem rasgados’, embora não haja a necessidade de os tênis estarem literalmente rasgados ao final da corrida.

De fato, esses casos ilustram a regra de distribuição de argumentos entre eventos que Levin e Rappaport-Hovav descrevem como relação ‘um para um’ – a cada evento um argumento. Nas ocorrências (6.10a-b), em que *run* integra construção com dois argumentos, a realização do segundo argumento é licenciada não pelo

verbo, mas pela composição do verbo com outro elemento, formando um evento complexo<sup>82</sup>.

Porém, as autoras não estendem a discussão sobre dados como (6.10c), que parecem ilustrar um comportamento distinto. Certamente, essa construção não expressa um evento de corrida simples, como o faz *The athletes ran around the track*, em que apenas o argumento agente está expreso. Há, em (6.10c), a realização de *run* como predicado de dois argumentos, atendendo às exigências de uma estrutura de eventos complexa e, aparentemente, sem composição com outro elemento que denotasse um evento e que lhe permitisse formar uma cadeia eventiva e licenciar a segunda posição argumental.

A estrutura eventiva complexa de (6.10c) precisa ser explicada exclusivamente pelo comportamento lexical de *run*. A presença do sintagma direcional *around the track* não deve ser a condição (nem necessária, nem suficiente) para a alternância causativo-incoativa verificada por (6.10c), pois: (i) sintagmas dessa categoria estão presentes mesmo em construções monoargumentais; (ii) apenas inergativos do tipo de *correr* apresentam regularidade de ocorrência em composição com tais sintagmas; (iii) em contextos marcados, também verbos do tipo de *correr* podem licenciar causativização sem serem acompanhados de sintagmas direcionais (*A babá passeou a criança pela manhã* ou *A babá (já) passeou a criança*).

Ainda sobre esse aspecto, Levin e Rappaport-Hovav (2005, p. 235, nota 8) observam que, quando verbos que indicam modo de movimento, como *correr*, são compostos com sintagmas direcionais e licenciam causativização, então, correlatos desses verbos devem apresentar um morfema causativo em alguma língua. Como não há evidências, até o momento, de que verbos do tipo de *correr* recebam morfema causativo, assim como o recebem causativos lexicais do tipo de *quebrar*, as autoras afirmam que a morfologia das línguas suporta uma análise causativa de verbos de mudança de estado, porém, não

---

<sup>82</sup> Outro caso de predicado complexo em inglês são as construções resultativas – muito produtivas nessa língua. Esse tipo de construção, ilustrado por (a) e (b), expressa um ação verbal da qual resulta a propriedade representada pelo sintagma final da sentença [clean] e [open].

(a) John washed the car clean.

(b) The door rolled open.

A propriedade resultante é predicada sobre o objeto de maneira muito similar (senão idêntica) ao que ocorre com os exemplos (6.10a-b), que também envolvem a adição de um elemento não selecionado pelo verbo. Levin e Rappaport-Hovav (2005, p. 110-116) investigam detalhadamente a formação de construções resultativas e as analisam como predicados de evento complexo, a exemplo de (6.10a-b).



suporta uma análise causativa de verbos de modo de movimento compostos com sintagmas direcionais. Estes casos, exemplificados por (6.10c), são compreendidos como a ‘versão’ causativa da forma simples – o mesmo evento de *correr*, porém, com causatividade marcada.

O modo como a causatividade está marcada nessas construções é justamente o ponto que precisa ser esclarecido através da especificação dos componentes de significado responsáveis por licenciar ou por barrar essa alternância. Conforme apresentado no início deste capítulo, Grimshaw (2005, p. 76) divide os componentes de significação dos itens lexicais em dois níveis de análise: informações de estrutura semântica, que são linguisticamente relevantes e possuem ‘vida gramatical’, e informações de conteúdo semântico, as quais, segundo Grimshaw, não interferem no sistema gramatical da língua.

Desse modo, seguindo-se a argumentação de Grimshaw (2005, p. 75 *et seq.*), as propriedades semânticas de um predicado estão divididas em dois tipos de informações fundamentalmente distintos. Há propriedades semânticas que são da ordem do conteúdo e, assim, podem-se ter itens lexicais de conteúdo semântico aproximado e, por isso mesmo, avaliados como sinônimos (sinônimos de conteúdo); também há propriedades semânticas que são da ordem da estrutura e, quando compartilhadas pelos itens lexicais de uma determinada classe, acabam por criar sinônimos estruturais (sinônimos de estrutura).

Como exemplo do segundo caso, Grimshaw (2005, p. 83) analisa a relação que se estabelece entre o par *escrever* e *desenhar*, observando que ambos são itens lexicais considerados estruturalmente sinônimos, uma vez que significam *fazer alguma coisa* e não *ser alguma coisa* – inclusive, esses dois verbos apresentam idêntico paradigma de alternância na seleção de argumentos de estrutura ou de conteúdo quando possuem uma interpretação télica ou de atividade.

- 6.11 (a) Sarah escreveu/desenhou o cartão em vinte minutos.  
(b) \*Sarah escreveu/desenhou em vinte minutos.  
(c) Sarah escreveu/desenhou cartões por vinte minutos.  
(d) Sarah escreveu/desenhou por vinte minutos.

Ao serem compostos com sintagmas preposicionais que marcam telicidade, tanto *escrever* quanto *desenhar* selecionam um segundo argumento de estrutura e de realização obrigatória (cf. (6.11a) e (6.11b)). Ao denotarem uma atividade (i.e., sem culminância marcada), esses verbos selecionam, para preenchimento da segunda posição

argumental, um argumento de conteúdo semântico e, por isso mesmo, de realização linguística facultativa (cf. (6.11c) e (6.11d)).

Além disso, “[...] o fato de *escrever* significar fazer alguma coisa e não ser alguma coisa é de caráter linguístico; o fato de significar o que significa e não aquilo que *desenhar* significa, não o é.”<sup>83</sup> (GRIMSHAW, 2005, p. 76). As informações de significado responsáveis por diferenciar um verbo de outro em termos de conteúdo e que permitem definir especificamente a que tipo de atividade cada verbo se refere são informações de conteúdo semântico e não receberiam relevância linguística, uma vez que não possuiriam influência sobre o comportamento gramatical desses predicadores.

Em outra análise, ao contrastar o par *blush* e *arrossire*, já ilustrado no início deste capítulo, Grimshaw (2005) considera que ambos os predicadores possuem equivalência de conteúdo semântico, mas se opõem em termos estruturais, uma vez que possuem estruturas semânticas contrastantes. Enquanto *blush* do inglês comporta-se como inergativo, *arrossire* do italiano comporta-se como inacusativo, i.e, são antônimos estruturais. Para a autora, a observância de fenômenos como esse dá suporte para o distanciamento entre estrutura semântica e conteúdo semântico como aspectos distintos do significado lexical, já que elementos com correspondência de conteúdo podem ser mapeados entre as línguas por estruturas distintas.

Além de destacarem o distanciamento entre estrutura e conteúdo, Grimshaw aponta que casos como esse também corroboram a afirmação de que os aspectos do significado lexical linguisticamente relevantes são aqueles de estrutura semântica, os quais interagem com o sistema gramatical. Em outros termos, a autora atrela o comportamento sintático dos predicadores exclusivamente à estrutura semântica que possuem, o que tem implicação tanto sobre o licenciamento dos processos de alternância dentro de uma língua específica quanto sobre as diferenças de alternância entre línguas. De acordo com essa posição, apenas uma pequena parcela da significação lexical recebe representação gramatical e as relações estabelecidas com o conteúdo semântico estão distanciadas das regras do sistema linguístico.

Ao observar que operações linguísticas têm efeito apenas sobre a estrutura e não interferem no conteúdo semântico dos itens lexicais, Grimshaw (2005, p. 78) ilustra a adição de morfemas e as variações de

---

<sup>83</sup> Tradução livre, no original: “[...] that *write* means to do something and not to be something is linguistic; that it means what it means and not what *draw* means, is not.” (GRIMSHAW, 2005, p. 76).

configuração de diátese verbal como operações incapazes de alterar aspectos de conteúdo das palavras. No primeiro caso, a adição do morfema inglês *-en*, em processos similares a *red* → *redde* ('vermelho → avermelhar(-se)'), p.ex., provoca alterações na estrutura semântica, que passa de *estado* para *mudança de estado*, e mantém o conteúdo semântico inalterado (*coloração vermelha*). No segundo caso, tomando-se as ocorrências de alternâncias verbais, as diferentes realizações argumentais de um mesmo predicador estão associadas a um conteúdo semântico fixo, enquanto a estrutura semântica, especificamente a estrutura de argumentos do predicador, sofre variação.

- 6.12 (a) As meninas estudaram com sacrifício.  
 (b) Andréia estudou as meninas com sacrifício.  
 (c) Os turistas passearam por entre as ruínas de uma civilização.  
 (d) Os guias passearam os turistas por entre as ruínas de uma civilização.

Seja na forma incoativa de (6.12a) seja na forma causativa de (6.12b), a denotação de *estudar* não sofre variação e mantém-se indicando um processo de formação pessoal/profissional/intelectual. As diferenças de uma construção para outra estão concentradas na dupla seleção de desencadeador e, em decorrência, na leitura causativa veiculada por (6.12b). Aparentemente, essa mesma reflexão pode se estender sobre a alternância de *passear*. Contudo, neste caso, a equivalência de conteúdo semântico talvez não seja absoluta entre as diferentes realizações argumentais: há um deslize de sentido de (6.12c) para (6.12d). Na forma incoativa, *passear* denota um processo de 'andar por algum lugar com o objetivo de entreter-se', na forma causativa, indica 'acompanhar alguém por algum lugar com o objetivo de entreter-lhe', mas essa distinção, além de não ser verificada na alternância de *estudar*, não deve ser suficientemente relevante a ponto de incidir sobre a alternância de *passear*.

Retomando-se a posição assumida por Grimshaw (2005), é possível afirmar que o conteúdo semântico dos verbos inergativos que participam da alternância causativo-incoativa não interfere no licenciamento da contraparte causativa. Ainda, pode-se sustentar que os aspectos de significado que respondem por contrastes como o existente entre o comportamento gramatical dos pares *walk/caminhar* e *passear/caminhar*, em que apenas o primeiro elemento de cada par é

susceptível à alternância, não estão atrelados ao conteúdo, mas à estrutura semântica dos predicadores.

#### **6.4 A Relação Verbo-Argumento e os Efeitos da Causativização de Inergativos**

Conforme explicitado em capítulos precedentes, este trabalho está em consonância com a teoria do LG ao assumir que as diferentes realizações sintáticas de um verbo evidenciam facetas distintas do significado desse item lexical – posição aceita por boa parte da bibliografia linguística e que embasa o fenômeno a que Pustejovsky (1995) chamou *polissemia lógica*. Ainda, sustentando-se no estudo de Grimshaw (2005), assume-se que essas facetas de significado apontadas por Pustejovsky correspondem a facetas do significado estrutural. Nesse sentido, em pares como os ilustrados em (6.13), a variação entre a realização monoargumental e a biargumental de *walk* só é possível por haver o licenciamento estrutural de mais de uma diátese do verbo (o que não implica alteração no conteúdo semântico de *walk* de (6.13c) para (6.13d)) e a impossibilidade de alternância de *caminhar* está condicionada a restrições semânticas específicas do predicador.

- 6.13 (a) A criança caminhou pelo parque de diversões.  
(b) \*A babá caminhou a criança pelo parque de diversões.  
(c) The child walked around the amusement park.  
(d) The baby-sitter walked the child around the amusement park.

De acordo também com a tese assumida por Grimshaw (2005), o conteúdo semântico de *walk* permanece inalterado em todas as realizações do verbo. O que a alternância causativo-incoativa modifica são aspectos de estrutura semântica, associados à realização argumental do predicador verbal. Por essa análise, a alternância causativa, como as demais operações linguísticas citadas por Grimshaw, tem efeito sobre a parcela de informação semântica dos verbos que se relaciona com a estrutura, não com o conteúdo semântico dos predicadores que licenciam a alternância.

Os verbos *walk* e *caminhar* podem ser considerados sinônimos estruturais, segundo o procedimento adotado por Grimshaw (2005), porque ambos os processos: (i) são predicados de atividade que denotam, pelo menos em linhas gerais, o mesmo evento; (ii) cf. Moraes (2008), são denotados por verbos que indicam modos de movimento;

(iii) seguindo-se a hipótese inacusativa tal como apresentada em Levin e Rappaport-Hovav (1995), são denotados por verbos monoargumentais inergativos, que selecionam como único argumento o externo (intransitivos puros, portanto). Além disso, recuperando-se a terminologia empregada por Levin e Rappaport-Hovav (1995), *walk* e *caminhar* são eventualidades internamente causadas que, para participarem da alternância causativo-incoativa, necessitariam ocorrer associadas a sintagma direcional e aceitar indução externa, realizada por argumento que induz e acompanha o desenvolvimento do evento.

Contudo, os dados em (6.13) também evidenciam que, embora sejam estruturalmente sinônimos, *walk* e *caminhar* não compartilham a participação em operações linguísticas que resultam na alternância causativa. Portanto, mesmo com o compartilhamento de estrutura semântica descrito acima e satisfazendo às exigências para a alternância causativa de inergativos, os dados de (6.13a-b) atestam que *caminhar* não aceita a causativização permitida por *walk* ((6.13c-d)) e que os aspectos de significado estrutural relevantes para a descrição do fenômeno de alternância causativo-incoativa de inergativos são distintos daqueles que se vinha discutindo até aqui.

A alternância causativa de verbos do tipo de *voar*, *pousar* e *passar* implica um tipo específico de mudança semântica que não está propriamente relacionado com a mudança de um estado, mas com mudanças que afetam o desenvolvimento de uma atividade. Na tentativa de apreender essa distinção e refinando a análise do fenômeno de causativização de inergativos, Pinker (1993, p. 130-134) lista um grupo de verbos internamente causados (cujo evento é desencadeado de maneira voluntária) passíveis de alternância causativa e os divide em dois grupos.

O primeiro deles é composto por verbos que indicam um modo de locomoção e possuem contraparte transitiva que embute a interpretação de locomoção incitada ou favorecida. O segundo é composto por verbos que, além do movimento, indicam um meio (ou instrumento) de transporte (ou deslocamento) e sua forma transitiva contém a interpretação de possibilitar e de acompanhar o transporte (ou deslocamento). Esses dois grupos estão ilustrados a seguir (ibidem, p.131):

- 6.14 (a) The horse walked/galoped/trotted/raced/ran/jumped  
past the barn.

‘O cavalo caminhou/galopou/trotou/?disparou em  
corrida/correu/saltou para além do celeiro’

(a') I walked/galoped/trotted/raced/ran/jumped the horse past the barn.

‘Eu caminhei/galopei/trotei/?disparei em corrida/corri/saltei o cavalo para além do celeiro’

(b) She drove/flew/cycled/ferried/boated/sailed/motored to New York.

‘Ela dirigiu/voou/pedalou/viajou de balsa/viajou de navio/velejou/ viajou de automóvel para Nova Iorque’

(b') Captain Mars drove/flew/cycled/ferried/boated/sailed/motored her to New York.

‘O Capitão Mars dirigiu ela/voou ela/pedalou ela/viajou ela de balsa/viajou ela de navio/velejou ela/ viajou ela de automóvel para Nova Iorque’

Os verbos do inglês ilustrados por (6.14a), quando causativizados, assumem a contraparte transitiva (6.14a') e compõem o primeiro grupo, a que Pinker (1993, p. 131) atribui a interpretação de modo de locomoção. Já os verbos ilustrados por (6.14b), que podem ser causativizados e assumir a forma transitiva ilustrada em (6.14b'), compõem o segundo grupo, a que o autor atribui a interpretação de instrumento de transporte. Em contraposição aos dados apresentados no Capítulo 5, é possível avaliar que essas classes não possuem correspondência com as contrapartes equivalentes do português do Brasil em pelo menos dois aspectos.

Os verbos do português que indicam modo de locomoção, como *trotar*, *cavalgar*, *galopar* e *saltar*, também participam da alternância causativa. Já *correr* e *caminhar*, integrantes do primeiro grupo, e todos os equivalentes aos integrantes do segundo grupo, que indica instrumento de transporte, não alternam. Em muitos casos, mesmo a noção de equivalência torna-se estranha para esses verbos, uma vez que determinados predicadores do inglês lexicalizam informações não lexicalizadas pelas formas verbais do português, como meio e/ou modo de movimento: p.ex., *cycle* é o mesmo que ‘andar de bicicleta’ e *ferry* é o mesmo que ‘viajar ou atravessar de balsa’. Além disso, cabe ressaltar que a divisão proposta por Pinker não contempla os inergativos não relacionados a movimento, como *casar* e *estudar*, também passíveis de alternância causativa.

Para os dois grupos verbais que o autor destaca, há uma interessante característica: Pinker (1993, p. 225-227) observa que a alternância causativa ilustrada pelos pares de sentença em (6.15) evidencia o fato de as formas transitivas dos verbos *drive* e *jump* não

possuírem correspondência de interpretação estrutural, o que cria um distanciamento da leitura de causatividade em cada caso (os exemplos a seguir são inspirados nos dados de (6.14)):

- 6.15 (a) The horse jumped past the barn.  
(a') Sarah jumped the horse past the barn.  
(b) Sarah drove to New York.  
(b') Philip drove Sarah to New York.

Com a causativização de *jump*, e dos demais verbos integrantes do primeiro grupo, ocorre o que Levin (1993) chamou de *alternância por causatividade acompanhada*, em que o primeiro argumento da construção transitiva induz o segundo argumento a realizar o evento expresso pelo verbo e o acompanha durante todo o desenvolvimento do evento (cf. (6.15a')). Nesses casos de verbos que indicam modo de locomoção, quando o verbo expressa alguma forma de movimento voluntário variável entre os verbos de mesma classe, Pinker (1993, p. 226) considera que o argumento que realiza a locomoção (ou seja, a entidade induzida) tende a não apresentar o traço [+humano] – na realidade, esse argumento é [-humano] quase que na totalidade dos casos. Prova disso é que essa classe se constitui com verbos cujo conteúdo semântico exprime atividades tipicamente não-humanas (*trot*, *race*, *gallop*) ou que podem ser humanas, mas não o são necessariamente (*run*, *jump*).

Já na forma transitiva de *drive*, o evento expresso pelo verbo é desencadeado pelo primeiro argumento da construção e o segundo argumento é afetado pelo desenvolvimento do evento (cf. (6.15b')). Assim, o argumento responsável pelo desencadeamento do evento em (6.15b) claramente não é o mesmo que o desencadeia em (6.15b'). Enquanto, na forma incoativa, 'Sarah realizou uma atividade de condução de veículo que a transportou para Nova Iorque de carro', na forma transitiva, 'Philip realizou alguma atividade de condução de veículo que atingiu Sarah, causando a ida dela para Nova Iorque com ele, de carro'. Segundo Pinker (1993, p. 226), "Esses verbos, como *sail*, *drive*, e *fly*, são formalmente diferentes da maioria dos casos de causativização porque a forma intransitiva não é embutida intacta, como um efeito estrutural da versão transitiva."<sup>84</sup> Nesse sentido, em *Philip*

---

<sup>84</sup> Tradução livre, no original: "These verbs, such as *sail*, *drive*, and *fly*, are formally different from most cases of causativization because the intransitive form is not embedded intact as an effect structure in the transitive version." (PINKER, 1993, p. 226).

*drove Sarah to New York*, a ação de Philip não faz com que Sarah dirija até o destino, como expressa a construção incoativa, mas estritamente o primeiro argumento causa a ida de Sarah e, necessariamente, acompanha-a.

Desse modo, seguindo-se a divisão proposta por Pinker, os verbos inergativos que participam da alternância causativa em inglês possuem a propriedade estrutural comum de licenciar uma contraparte transitiva, porém, os efeitos desse licenciamento podem servir como critério para a reorganização desses verbos em dois grupos. A formação de cada um desses grupos leva em consideração as relações semânticas entre o verbo e um de seus argumentos (aquele selecionado pela forma incoativa do verbo) nas duas diáteses de alternância; leva em consideração o efeito de manutenção ou de mudança dessas relações em decorrência da causativização da forma incoativa.

O primeiro grupo é formado por verbos que, mesmo quando causativizados, mantêm a relação semântica que tinham com o argumento único na forma incoativa. Nesse primeiro grupo, estão os predicadores cuja causativização faz surgir um argumento indutor, correspondente ao primeiro argumento e sujeito da transitiva, mas mantém o papel semântico de desencadeador para o segundo argumento da construção – aquele que, na formação incoativa, já era o desencadeador do processo denotado pelo verbo (cf. ilustram (6.15a-a')). Nesta seção, é proposto chamar a esse grupo *inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento*, em que o argumento relevante para a análise é aquele selecionado pelo verbo na forma incoativa.

Diferentemente, o segundo grupo é formado por verbos cuja causativização altera a relação entre o predador e o argumento selecionado por ele na forma incoativa. Portanto, os predicadores do segundo grupo são aqueles que, quando causativizados, selecionam para a posição de segundo argumento da transitiva uma entidade que não mantêm a relação de desencadeador do processo denotado pelo verbo, antes presente na forma incoativa. Essa relação fica restrita à entidade que ocupa a posição de sujeito nas duas diáteses (seja na forma transitiva, seja na forma incoativa), conforme ilustram as realizações de *drive* em (6.15b-b'). Quanto ao grupo desses verbos, este estudo propõe chamá-lo *inergativos causativizados com mudança de relação verbo-argumento*, em que, também, o argumento central na análise é aquele selecionado pelo verbo na forma incoativa.

Dada essa reorganização, os predicadores inergativos alternantes correspondentes ao segundo grupo podem ser arranjados conforme



ilustra o Quadro 3, em que o comportamento desses verbos é contrastado entre os dados do inglês e suas contrapartes quase-equivalentes em português do Brasil:

<i>Inergativos causativizados com mudança de relação verbo-argumento</i>		
Inglês	(1) <i>drive</i>	(a) Sarah drove to Floripa. (b) Philip drove Sarah to Floripa.
	(2) <i>sail</i>	(a) Sarah sailed to Fernando de Noronha. (b) The captain sailed Sarah to Fernando de Noronha.
	(3) <i>fly</i>	(a) Sarah flew to London yesterday. (b) The captain flew Sarah to London yesterday.
	(4) <i>motor</i>	(a) Sarah motored home drunk. (b) Sarah's drunken boyfriend motored her home.
	(5) <i>ferry</i>	(a) Sarah ferried home yesterday. (b) The captain ferried Sarah home yesterday.
	(6) <i>boat</i>	(a) Sarah boated home yesterday. (b) The captain boated Sarah home yesterday.
	(7) <i>cycle</i>	(a) Sarah cycled home in a few minutes. (b) Sarah's boyfriend cycled her home in a few minutes.
Port.	(1') <i>dirigir</i>	(a) Sarah dirigiu até Floripa. (b) *Felipe dirigiu Sarah até Floripa.
	(2') <i> velejar</i>	(a) Sarah velejou até Fernando de Noronha. (b) *O capitão velejou Sarah até Fernando de Noronha.
	(3') <i>voar</i>	(a) Sarah voou para Londres ontem. (b) *O capitão voou Sarah para Londres ontem.
	(4')	sem equivalente lexical
	(5')	sem equivalente lexical
	(6')	sem equivalente lexical
	(7')	sem equivalente lexical

**Quadro 3:** Demonstrativo das ocorrências de inergativos causativizados com mudança de relação verbo-argumento em inglês e em português do Brasil

As ocorrências relacionadas no Quadro 3 permitem a visualização de como o grupo dos *inergativos causativizados com mudança de relação verbo-argumento* é nulo quanto ao licenciamento de alternância dos verbos do português. O Quadro 4, por outro lado, agrupa um número considerável de ocorrências similares nas duas línguas:

<i>Inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento</i>		
Inglês	(8) <i>trot</i>	(a) The horse trotted through the countryside. (b) Sarah trotted the horse through the countryside.
	(09) <i>gallop</i>	(a) The horse galloped through the countryside. (b) Sarah galloped the horse through the countryside.
	(10) <i>ride</i>	(a) The horse rode through the countryside. (b) Sarah rode the horse through the countryside.
	(11) <i>jump</i>	(a) The horse jumped over the obstacles. (b) Sarah jumped the horse over the obstacles.
	(12) <i>land</i>	(a) The plane landed in the Hudson River. (b) The flyer landed the plane in the Hudson River.
	(13) <i>fly</i>	(a) The plane flew until San Francisco. (b) The flyer flew the plane until San Francisco.
	(14) <i>marry</i>	(a) The Rolling Stone Ron Wood's daughter married in London. (b) The Rolling Stone Ron Wood married his daughter in London.
	(15) <i>run</i>	(a) The horse ran past the barn. (b) Sarah ran the horse past the barn.
	(16) <i>march</i>	(a) The soldiers marched across the Avenue. (b) The captain marched the soldiers across the Avenue.
	(17) <i>camp</i> <i>Bivouac</i>	(a) The boys camped down the Hudson River. (b) The instructor camped the boys down the Hudson River.
	(18) <i>walk</i>	(a) Mary's dog walks twice a day. (b) Mary walks her dog twice a day.

<i>Inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento (cont.)</i>		
Port.	(8') <i>trotar</i>	(a) O cavalo trotou pelo campo. (b) Sarah trotou o cavalo pelo campo.
	(9') <i>galopar</i>	(a) O cavalo galopou pelo campo. (b) Sarah galopou o cavalo pelo campo.
	(10') <i>cavalgar</i>	(a) O cavalo cavalgou pelo campo. (b) Sarah cavalgou o cavalo pelo campo.
	(11') <i>saltar</i>	(a) O cavalo saltou sobre os obstáculos. (b) Sarah saltou o cavalo sobre os obstáculos.
	(12') <i>pousar</i>	(a) O avião pousou no Rio Hudson. (b) O piloto pousou o avião no Rio Hudson.
	(13') <i>voar</i>	(a) O avião voou até São Francisco. (b) O piloto voou o avião até São Francisco.
	(14') <i>casar</i> <sup>85</sup>	(a) A filha do Rolling Stone Ron Wood casou em Londres. (b) O Rolling Stone Ron Wood casou sua filha em Londres.
	(15') <i>correr</i>	(a) O cavalo correu até passar do celeiro. (b) *Sarah correu o cavalo até passar do celeiro.
	(16') <i>marchar</i>	(a) Os soldados marcharam pela avenida. (b) *O capitão marchou os soldados pela avenida.
	(17') <i>acampar</i>	(a) Os meninos acamparam abaixo do Rio Hudson. (b) *O instrutor acampou os meninos abaixo do Rio Hudson. (c) O DCE acampou os manifestantes em plena reitoria.
	(18') <i>caminhar</i> <i>Passear</i>	(a) O cachorro da Maria caminha duas vezes por dia. (b) *Maria caminha seu cachorro duas vezes por dia. (c) O cachorro da Maria passeia duas vezes por dia. (d) Maria passeia seu cachorro duas vezes por dia.

**Quadro 4:** Demonstrativo das ocorrências de inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento em inglês e em português do Brasil

Nenhuma das formações de (1') a (3') aceita a causativização licenciada para os verbos do inglês e, além disso, o predador verbal das formações de (4) a (7) parece não possuir equivalente lexical em português. Assim, a formação do grupo de verbos do Quadro 3 isola ocorrências de alternância causativa que distinguem o licenciamento do fenômeno em inglês e o bloqueio para as formas equivalentes em português.

<sup>85</sup> Sobre a classificação de *casar*, cf. nota 11.

Contrastando-se os Quadros 3 e 4, é possível avaliar que a alternância causativa de inergativos no português está restrita ao grupo dos *inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento*. Não se justifica, nesse caso, a divisão dos inergativos desta língua que licenciam alternância em dois grupos, como se pôde proceder para os verbos do inglês alternantes (para o português, há apenas evidências negativas no Quadro 3). Porém, nem todos os verbos integrantes do grupo de *inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento* passíveis de alternância em inglês licenciam causativização em português e, possivelmente, os predicadores desse grupo que não alternaram compartilham aspectos de estrutura semântica com aqueles relacionados pelo Quadro 3, que também não aceitam causatividade.

Considerando-se a sequência “ $x$  verbo  $\rightarrow$   $y$  verbo  $x$ ” como representativa da alternância causativa de inergativos – em que  $x$  é o argumento único da forma incoativa do verbo que, na forma transitiva, passa para a posição de segundo argumento da construção causativa –, pode-se sintetizar o que representam os dois quadros anteriores do seguinte modo:

- em inglês, são passíveis de causativização inergativos que mantenham, na forma biargumental, a relação semântica de desencadeador do processo para o argumento  $x$  (casos em que o argumento  $y$  participa do desenrolar do evento como entidade indutora) e também inergativos que não mantenham tal relação (casos em que o desencadeador do processo é estritamente  $y$ , primeiro argumento da forma transitiva, e  $x$  passa a ter com o verbo apenas uma relação de afetado pelo evento desencadeado por força de  $y$ ).
- em português, apenas são passíveis de causativização os inergativos que mantenham, na forma biargumental, a relação semântica de desencadeador do processo para o argumento  $x$  (casos em que o argumento  $y$  participa do desenrolar do evento apenas na qualidade de indutor) e fica bloqueada a causativização de inergativos que não mantenham tal relação para  $x$ .

Por um lado, esse modo de explicar a relação entre os dados dos Quadros 3 e 4 deixa em aberto a discussão das ocorrências de (15') a (18') em que, mesmo sem mudança de relação verbo-argumento, a

alternância causativa não é licenciada para os inergativos *correr*, *marchar*, *acampar* e *caminhar*. Em (17'c), a alternância de *acampar* parece licenciada por uma ligeira metaforização do verbo (usado como sinônimo de conteúdo de *acomodar*), pela qual se abstraiu a ideia de atividade. Denotando atividade, como em (17'a-b), fica bloqueada a alternância causativa de *acampar*. Já em (18'), marca-se a não equivalência entre *walk* e *caminhar*, com o bloqueio da alternância causativa deste verbo, mas se atesta que, quando a construção com *passear* é tomada como contraparte equivalente, a alternância fica licenciada.

Em termos de conteúdo semântico, pode-se considerar que, grosso modo, *walk* e *caminhar* descrevem um mesmo estado de coisas no mundo. Porém, uma cena expressa pelo falante através de (6.16a) poderia ser traduzida tanto por (6.16b) quanto por (6.16c), sem metaforização do conteúdo semântico de *walk*. As construções em (6.16) ilustram como *walk* comportaria parte do conteúdo semântico de *passear* e o conteúdo de *caminhar*.

- 6.16 (a) The child walked around the amusement park.  
 (b) A criança caminhou pelo parque de diversões.  
 (c) A criança passeou pelo parque de diversões.

Da mesma forma que *walk*, também *passear* aceita indução externa, o que o possibilita participar da alternância causativo-incoativa, distinguindo-se de *caminhar*.

- 6.17 (a) The baby-sitter walked the child around the amusement park.  
 (b) \*A babá caminhou a criança pelo parque de diversões.  
 (c) A babá passeou a criança pelo parque de diversões.

Havendo equivalência de conteúdo semântico entre os predicadores do inglês e do português e a possibilidade de considerá-los sinônimos estruturais (cf. denominação de Grimshaw (2005)), a identificação dos componentes de significado responsáveis pelos casos de bloqueio de alternância causativo-incoativa do português demanda um refinamento dos aspectos de estrutura semântica dos dois grupos de inergativos alternantes, ainda que não haja ocorrências de *inergativos causativizados com mudança de relação verbo-argumento* em português. Aliás, esse é o primeiro aspecto de significado, relacionado com a estrutura semântica dos predicadores alternantes, a ser isolado

como uma das condições de interferência no licenciamento da alternância causativa de inergativos do português.

A permanência da relação de desencadeador entre o verbo e seu argumento único da forma incoativa na estrutura causativizada é condição para o licenciamento da alternância causativa em português, embora não o seja para os predicadores do inglês, i.e., apenas os contextos de causativização de inergativos sem mudança de relação verbo-argumento são aceitos pelos predicadores verbais do português. Porém, ainda que essa seja uma condição necessária, não pode ser tratada como condição suficiente, pois há casos de bloqueio de alternância mesmo nos contextos em que a relação verbo-argumento é mantida (cf. agramaticalidades ilustradas no Quadro 4).

Por outro lado, a distribuição dos inergativos alternantes nos subgrupos *inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento* e *inergativos causativizados com mudança de relação verbo-argumento* interfere nas regras de representação da estrutura conceptual propostas na primeira seção deste capítulo. De acordo com a discussão anterior, (6.18) representa a alternância causativo-incoativa de inacusativos e, (6.19), a de inergativos.

6.18 (a) Sarah fechou a porta da casinha.

(a') [[x FAZER-ALGO] CAUSA [y TORNAR-SE *ESTADO*]]

[[x FAZER-ALGO] CAUSA [y TORNAR-SE *FECHADO*]]

(b) A porta da casinha fechou.

(b') [x TORNAR-SE *ESTADO*]

[x TORNAR-SE *FECHADO*]

6.19 (a) O avião pousou no Rio Hudson.

(a') [x *PREDICADO*]

[x *POUSAR*]

(b) O piloto pousou o avião no Rio Hudson.

(b') [[x FAZER-ALGO] I-CAUSA [y *PREDICADO*]]

[[x FAZER-ALGO] I-CAUSA [y *POUSAR*]]

Se as duas instâncias de alternância causativa forem contrastadas levando-se em consideração unicamente o subgrupo de *inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento*, (6.18) e (6.19) são representações distintas o suficiente para capturarem os aspectos conceptuais envolvidos na formação das duas instâncias de alternância causativo-incoativa. Porém, o Quadro 3 reúne ocorrências de alternância causativa de inergativos do inglês que não podem ser

representadas nem por (6.18) nem por (6.19). No par (6.20a-b), o argumento *Sarah* é desencadeador do processo denotado pelo verbo na construção incoativa, mas a causativização de *drive*, em (6.20b), altera a relação semântica e *Sarah* passa a ser um argumento unicamente afetado, sem qualquer participação no desenvolvimento do evento.

- 6.20 (a) Sarah drove home.  
(b) Philip drove Sarah home.

A alternância de *inergativos causativizados com mudança de relação verbo-argumento*, portanto, não poderia ser representada por uma estrutura do tipo (6.19b'), já que essa estrutura implica a participação no desenvolvimento de uma atividade qualquer indicada por *PREDICADO*. Se um dos efeitos da causativização de verbos do tipo de *drive* é apenas a 'afetação' do argumento que antes, na forma incoativa, mantinha a relação semântica de desencadeador do processo, então é provável que, em termos conceptuais, esse subgrupo de inergativos esteja mais próximo da alternância de inacusativos que da alternância do grupo de *inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento* – com a diferença de que sua causativização acarreta, em vez de mudança de estado, como ocorre com os inacusativos, mudança de localização espacial.

Todas as estruturas causativizadas ilustradas no Quadro 3, na realidade, marcam uma mudança de localização do segundo argumento da construção; essa mudança de localização é ocasionada por uma ação desenvolvida pelo primeiro argumento da transitiva, que acompanha o deslocamento e o faz de um determinado modo (p.ex.: *motor* 'ir/levar de carro', *cycle* 'ir/levar de bicicleta'). Assim, para que se pudesse compreender a representação conceptual desses predicadores nos mesmos moldes representacionais propostos por Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 94) para os inacusativos, seria preciso também reconhecer o deslocamento resultante da causativização de inergativos do tipo de *drive* como um modo de 'afetação' do argumento deslocado.

Ainda que essa seja uma alternativa viável, seu desenvolvimento é um ponto que permanece em aberto para estudos cujos objetivos abarquem especificamente a alternância causativa de inergativos do inglês, considerando-se o fato de não haver *inergativos causativizados com mudança de relação verbo-argumento* em português. A investigação dessa instância de alternância causativa no português, como já se discutiu, claramente se restringe aos contextos de causativização de predicadores sem mudança de relação entre o verbo e

o argumento único selecionado na forma incoativa. Com essa restrição pressuposta, ela será o ponto inicial para a seção seguinte, em que são propostos os aspectos de significado relacionados à estrutura semântica de inergativos: (i) relevantes para a particularização do licenciamento de alternância causativa em português e (ii) responsáveis pela assimetria entre a alternância de certos inergativos do inglês e seus correlatos em português.

## **6.5 Interferência de Aspectos de Estrutura Semântica na Alternância Causativo-Incoativa de Inergativos**

Na seção precedente, apontou-se a manutenção da relação semântica de desencadeador do processo entre o verbo e seu argumento único da forma incoativa como condição para a alternância causativa de inergativos do português. Inergativos do inglês, por outro lado, licenciam causativização mesmo em contextos nos quais essa condição não seja satisfeita, o que permitiu a divisão dos inergativos alternantes desta língua em dois subgrupos: *inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento* e *inergativos causativizados com mudança de relação verbo-argumento*.

Nesse momento, ao distribuir os inergativos alternantes entre os Quadros 3 e 4, foi necessária a inclusão de *fly* em ambos os grupos, pois há ocorrências de causativização desse predicador que envolvem mudança de relação verbo-argumento e outras que não modificam a relação entre o verbo e seu argumento único da forma incoativa.

- 6.21 (a) The captain flew Sarah to London yesterday.  
(b) \*O capitão voou Sarah para Londres ontem.  
(c) The flyer flew the plane until San Francisco.  
(d) O piloto voou o avião até São Francisco.

Em (6.21a), a causativização de *fly*, por força da composição argumental, elimina a interpretação de que o argumento *Sarah* tem participação no desenvolvimento do evento. Ou seja, enquanto a forma incoativa *Sarah flew to London* implica a leitura de que *Sarah* é desencadeador do processo, a causativização em (6.21a) não mantém a mesma interpretação e acarreta o papel semântico de desencadeador apenas para o primeiro argumento da construção. Como consequência da mudança de relação semântica nesse contexto, ocorre o bloqueio da alternância causativa de *voar* em português, cf. (6.21b).



Já a causativização de *fly* e de *voar* em (6.21c-d) mantém a interpretação de desencadeador do processo para o segundo argumento da construção causativa. Nas realizações incoativas *The plane flew until San Francisco* e *O avião voou até São Francisco*, o argumento selecionado pelos verbos tem participação no desenvolvimento do evento e mantém o papel de desencadeador para as contrapartes causativizadas. Em ocorrências como a de (6.21d), a alternância causativo-incoativa é licenciada também em português e a análise contrastiva de ocorrências como as de (6.21a-d) sustenta a posição assumida neste trabalho de que a alternância causativo-incoativa de inergativos do português brasileiro é um fenômeno linguístico que está disponível para *inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento*.

Em outras palavras, a causativização de inergativos do português acarreta que o segundo argumento da forma transitiva acumule dois papéis semânticos: de afetado pela indução (o que acaba sendo o próprio efeito da causatividade) e de desencadeador do evento (o que acaba resultando na impossibilidade de mudança da relação verbo-argumento). Quando não é possível a interação entre ambos os elementos (i.e., quando o segundo argumento da causativa não mantém algum tipo de participação no desenvolvimento do evento ou quando o evento não aceita indução externa) não são satisfeitas as duas primeiras condições de alternância isoladas para a alternância causativo-incoativa de inergativos do português brasileiro.

Ainda no Capítulo 5, em que se apresentou o conjunto de propriedades de construções causativas formadas a partir de predicadores primitivamente intransitivos, destacou-se a necessidade de os verbos inergativos que participam da alternância causativa aceitarem indução. Levin (1993) chama essa instância de alternância causativa de *alternância de ação induzida* e destaca que os verbos que licenciam esse tipo de causativização são eventos internamente causados que (por força de um argumento indutor) podem ser externamente causados.

Desse modo, os exemplos em (6.22) são casos de causativização de inergativos do português licenciados porque (i) o evento aceita indução (causa externa) e (ii) o segundo argumento da causativa é afetado pela indução, mas mantém algum tipo de participação no desenvolvimento do evento.

- 6.22 (a) Mateus casou as filhas rapidinho.  
(b) Andréia estudou os filhos até a faculdade.  
(c) Meu amigo rangeu os dentes.

- (d) Ele soou a campainha raivosamente.
- (e) O sol brilha a lataria.
- (f) O instrutor inclinou o aluno na posição adequada.
- (g) Cada participante passeou a criança por pisos desnivelados.
- (h) Ele trotou e galopou o cavalo preto em círculos.
- (i) O mecânico voou o avião.
- (j) O piloto pousou o avião às pressas.

Nos casos acima, a gramaticalidade das construções passa, primeiramente, por aspectos de significado relacionados à estrutura semântica dos predicadores, uma vez que a incidência de causatividade externa (de indução) precisa ser aceita pela estrutura verbal que libera a seleção de um argumento indutor. Depois, a gramaticalidade fica condicionada à continuidade de participação do segundo argumento no desenvolvimento do evento – o que, em última análise, também diz respeito à estrutura semântica dos predicadores, por ser uma restrição à seleção de argumentos.

As entidades que preenchem a segunda posição argumental das causativas em (6.22) são afetadas pela indução, mas mantidas como desencadeadoras em cada caso: ou porque a entidade induzida é tipicamente animada e desenvolve indiretamente o processo ou porque a entidade induzida, embora inanimada, possua a potencialidade de desencadeamento do evento entre o conjunto de suas propriedades intrínsecas. Situação contrária ocorre em (6.23):

- 6.23 (a) A mãe arrotou o bebê.  
 (b) \*A mãe arrotou o médico.

Embora o verbo *arrotar*, um evento internamente controlado, tolere indução externa, o argumento selecionado para a segunda posição argumental de (6.23b) não satisfaz ao tipo semântico necessário para licenciamento da contraparte causativa de *arrotar*. Por razão análoga, (6.24b) e (6.26b) apresentam restrição de aceitabilidade e a construção (6.25b) é agramatical.

- 6.24 (a) A babá passeou a criança.  
 (b) ??A criança passeou a babá.
- 6.25 (a) Maneco saltou o cavalo sobre a cerca.  
 (b) \*Maneco saltou o amigo sobre a cerca.

- 6.26 (a) Helena voou o monomotor.  
(b) ??Helena voou o passarinho da gaiola.

A interferência no licenciamento da alternância causativa de (6.23)-(6.26), cabe destacar, não é devida ao descumprimento de nenhuma das condições semânticas anteriormente discutidas. Em todas as ocorrências, esses argumentos são entidades que possuem a potencialidade para desencadear o evento expresso pelo verbo em cada construção (assim como os segundos argumentos de (6.22)). Além disso, a leitura das sentenças força a uma interpretação de duplo papel semântico para esses argumentos, de afetados pela indução e de desencadeadores do evento, que é barrada por aspectos de conhecimento do falante relacionados a particularidades da composição verbo-argumento – é preciso que, não apenas o verbo, mas também o segundo argumento selecionado em construções causativas seja passível de causatividade.

A interferência no licenciamento da alternância causativa em (6.23)-(6.26), portanto, está atrelada a efeitos de composicionalidade. Embora as ocorrências sejam de eventualidades internamente causadas que aceitam indução externa, restringem o preenchimento da segunda posição argumental a entidades que são passíveis de afetação pelo argumento indutor e o preenchimento da primeira posição argumental a entidades que potencialmente exerçam indução sobre o segundo argumento. Em síntese, a restrição de aceitabilidade e as agramaticalidades ilustradas em (6.23)-(6.26) são ditadas também por aspectos de restrição seletional de argumentos.

Além dos casos já examinados nesta seção, que não representam a totalidade das diferenças de participação na alternância causativa de inergativos do português brasileiro e do inglês, ainda é preciso esclarecer quais aspectos de estrutura semântica produzem a assimetria registrada em (6.27), cuja alternância causativo-incoativa é licenciada em inglês, mas bloqueada para o predador correlato em português:

- 6.27 (a) O cavalo correu até passar do celeiro.  
(b) \*Sarah correu o cavalo até passar do celeiro.  
(c) The horse ran past the barn.  
(d) Sarah ran the horse past the barn.

A sentença causativa do inglês (6.27d) satisfaz ao conjunto de restrições de estrutura semântica até aqui delimitado para o licenciamento da alternância de inergativos do português: o predador é

uma eventualidade internamente causada que aceita indução externa (em contextos de causativização, passa a ter uma causa externa). Também o segundo argumento da construção (6.27d) concentra a atribuição de dois papéis semânticos, de afetado pela indução e de desencadeador do evento, e mantém a relação que tem com o verbo na condição de argumento único de (6.27c), incoativa. Apesar de satisfazer às restrições, destaca-se que a dupla atribuição de função semântica ao segundo argumento da causativa e a manutenção da relação verbo-argumento não são condições necessárias para a alternância causativa de inergativos do inglês, mas sim para inergativos do português (cf. ilustram os dados do Quadro 3, da seção anterior).

Estruturalmente, a construção agramatical (6.27b) parece satisfazer às mesmas propriedades semânticas a que (6.27d) satisfaz, porém, a alternância causativa não é permitida. A composição com o segundo argumento dessa construção força uma interpretação simultânea de afetado e de desencadeador e, caso a construção fosse bem formada, esse argumento manteria com o verbo o mesmo tipo de relação semântica observado na forma incoativa (6.27a). Se a relação verbo-argumento e a atribuição de funções semânticas não parecem ser as razões da agramaticalidade de (6.27b), então a má formação da sentença pode estar relacionada a restrições estruturais de *correr* que, como parte do conjunto de eventualidades internamente causadas, não integra o subconjunto de predicadores que aceitam indução externa. Situação semelhante é a do par *march/marchar*:

- 6.28 (a) Os soldados marcharam pela avenida.  
(b) \*O capitão marchou os soldados pela avenida.  
(c) The soldiers marched across the Avenue.  
(d) The captain marched the soldiers across the Avenue.

Assim como em (6.27), os dados em (6.28) ilustram como inergativos correlatos em inglês e português estão distanciados em termos de comportamento sintático. A impropriedade semântica envolvida nesse distanciamento pode ser sintetizada da seguinte maneira: a assimetria desses casos é devida ao fato de *run* e *march* serem eventualidades internamente causadas que aceitam causa externa, mas *correr* e *marchar*, igualmente eventualidades de causa interna, não a aceitam. Propor uma explicação para essa disparidade é parte substancial deste trabalho e o percurso explicativo desse fenômeno fica ainda mais indefinido quando se contrastam dados como os ilustrados por (6.29), em que a alternância de *caminhar* é bloqueada, mas a de

*passear* é licenciada – e com equivalência à alternância causativa de *walk*:

- 6.29 (a) O cachorro da Maria caminha duas vezes por dia.  
(b) \*Maria caminha seu cachorro duas vezes por dia.  
(c) Mary's dog walks twice a day.  
(d) Mary walks her dog twice a day.  
(e) Maria passeia seu cachorro duas vezes por dia.

A ocorrência de (6.29e) atesta que há inergativos do português que se encaixam no grupo dos verbos de movimento, igualmente chamados de inergativos, e que também são eventualidades internamente causadas que aceitam indução externa. Se essa era a impropriedade semântica que barrava a liberação da alternância causativa de (6.27b), (6.28b) e (6.29b), e que por isso mesmo era a responsável pelo contraste dos pares *run/correr*, *march/marchar* e *walk/caminhar*, na alternância causativa de *passear* não causa interferência.

Um caso comparável a (6.29) é (6.30). Porém, neste último, a alternância de um mesmo verbo é bloqueada no contexto em que denota claramente atividade, mas licenciada no contexto em que a noção de atividade está abstraída. Enquanto nos exemplos de (6.30a-d) os verbos *acampar* e *camp* indicam a realização da atividade de camping, em (6.30e), *acampar* indica ‘alojar’, ‘instalar’ de maneira provisória – e, neste caso, a construção não descreve uma cena em que o segundo argumento sofra indução e esteja envolvido na realização do evento, mas uma cena em que o segundo argumento é unicamente paciente.

- 6.30 (a) Os meninos acamparam abaixo do Rio Hudson.  
(b) \*O instrutor acampou os meninos abaixo do Rio Hudson.  
(c) The boys camped down the Hudson River.  
(d) The instructor camped the boys down the Hudson River.  
(e) O DCE acampou os manifestantes em plena reitoria.

Assim, a diferença de (6.30b) para (6.30e) está no fato de, naquele caso, o segundo argumento ser um desencadeador que, pelo processo de causativização, seria transformado em paciente, ao passo que, no último caso, o segundo argumento é verdadeiramente paciente.

Com a análise seguindo nessa direção, seria possível relacionar a impossibilidade de causativização de inergativos do português que ainda

contrastam com a causativização das formas correlatas em inglês à denotação direta de atividade. Em outros termos, seria possível intuir que, tomando-se um inergativo do português que (i) denote atividade e (ii) seja uma eventualidade internamente causada, esse inergativo participará da alternância causativo-incoativa em contextos nos quais seja abstraída a noção de atividade.

Essa formulação, entretanto, é claramente falsa, além de gerar circularidade de análise. É falsa porque há inergativos do português que denotam diretamente atividade e estão incluídos no grupo de predicadores que participam da alternância causativo-incoativa (*voar, trotar, passear*, entre outros). E se essa fosse uma argumentação possível, seria inútil para a descrição desejada porque levaria a investigação ao mesmo ponto a que o exame anterior conduziu: não revelaria por que certos inergativos do inglês participam da alternância causativa independentemente da denotação de atividade, mas seus correlatos em português não participam ou não possuem mesma frequência de participação no processo de alternância.

Com isso, parece necessário buscar o refinamento da noção de *indução* envolvida na causativização de inergativos. Se há inergativos do português que aceitam *indução*, inergativos que não a aceitam e outros que aceitam em determinados contextos de ocorrência, é possível que essa *alternância por causatividade induzida*, ao ser distribuída entre os verbos alternantes, não envolva sempre a mesma forma de *indução* nem a mesma força de ‘afetação’ do segundo argumento da transitiva.

Em especial nos casos de alternância causativa dos verbos *drive, sail, boat, motor, ferry, fly* e *cycle*, ilustrados no Quadro 3 – esses verbos de movimento sem contraparte equivalente em português, que lexicalizam modo de locomoção com o instrumento de transporte incorporado –, seleciona-se para posição de segundo argumento da construção causativa uma entidade que não mantém participação no desenvolvimento do evento. Nesses casos de alternância, o controle sobre o processo causativizado está restrito ao primeiro argumento da construção. O segundo argumento dessas causativas não sofre *indução*, mas um determinado tipo de condução, cujo controle é exercido pelo outro participante do evento.

Diferentemente, os casos de construção causativa com os verbos *run, march, camp* e *walk*, ilustrados no Quadro 4, não registram controle apenas para o primeiro argumento da construção. Nessas ocorrências, o segundo argumento da causativa também exerce uma forma de controle sobre o desenvolvimento do evento. Em construções causativas com *walk*, o primeiro argumento da construção, além de ter controle sobre a

indução que produz, divide com o segundo argumento o controle sobre o evento denotado pelo verbo. Já verbos como *gallop*, *fly*, *jump*, *trot*, *ride* e *land*, ao serem causativizados, licenciam uma construção em que o primeiro argumento tem controle sobre a indução que produz e o segundo argumento, afetado pela indução, tem controle sobre o desenvolvimento do evento denotado pelo verbo ou esse evento é parte de suas propriedades intrínsecas.

Com isso, a causativização de inergativos ocorre (i) nos casos em que o primeiro argumento é o único a ter controle sobre o evento, (ii) nos casos em que esse argumento age como indutor e tem controle parcial sobre o evento, que é controlado também pelo segundo argumento, e (iii) nos casos em que o primeiro argumento pode ter controle sobre a indução que produz, mas não sobre o evento, enquanto o segundo argumento da causativa sofre a indução e tem controle sobre o evento denotado pelo verbo ou esse evento é parte de suas propriedades intrínsecas. Essa distribuição variável da propriedade de *controle sobre o evento* pode ser capturada pela separação entre inergativos que aceitam *ação induzida* e inergativos que aceitam *ação conduzida*. Em última análise, esse procedimento apenas promove uma especificação da natureza da causa externa que age sobre as eventualidades internamente causadas que permitem causativização.

Se aceita a distinção entre *ação induzida* e *ação conduzida* – entendendo a última como uma forma de causatividade de ampla interferência no desenvolvimento do evento que compreende à condução direta ou à condução indireta ininterrupta desse argumento durante todo o processo –, parece possível propor um traço de significado capaz de isolar as condições de causativização de inergativos do português.

- Processos causativizados por *ação induzida* correspondem àqueles em que o primeiro argumento da causativa induz o segundo argumento a desencadear o evento expresso pelo verbo e tem controle ou não sobre a indução, enquanto o segundo argumento da construção ou tem controle sobre o desenvolvimento do evento ou o desenvolvimento do evento é resultante da expressão de propriedades intrínsecas do segundo argumento. Participam desse subgrupo, p.ex., os inergativos do inglês *gallop*, *fly*, *jump*, *trot*, *marry*, *ride*, *land*, entre outros e quase a totalidade dos inergativos alternantes em português.

6.31 (a) Para evitar a queda, o piloto pousou o avião no rio Hudson.

- (b) Andréia estudou os filhos com sacrifício.
- (c) O Rolling Stone Ron Wood casou a filha Leah em Londres.
- (d) The Rolling Stone Ron Wood married his daughter in London.
- (e) Sarah trotted the horse through the countryside.

Os verbos de emissão (de luz, de som, de substância) e os de configuração espacial (apontados no Capítulo 5) que participam da alternância causativa localizam-se entre os processos causativizados por ação induzida.

- 6.32 (a) Inúmeras vezes depois, João soou a campainha.  
 (b) O sol brilha a lataria.

Em causativas como (6.32a), o primeiro argumento induz o segundo à realização do evento denotado pelo verbo e tem controle sobre a indução que produz; o segundo argumento, entidade inanimada, não tem controle sobre o evento, porém, o desenvolvimento do evento é resultante da expressão de uma de suas propriedades intrínsecas. Diferentemente, na causativização por ação induzida (6.32b), os argumentos selecionados para o preenchimento das posições argumentais correspondem a duas entidades inanimadas; a primeira não tem controle sobre a indução que produz, mas a indução é um efeito resultante de suas propriedades intrínsecas; a segunda não tem controle sobre o evento, mas a realização do evento é resultante da expressão de uma de suas propriedades intrínsecas.

- Processos causativizados por *ação conduzida* restringem-se aos verbos de movimento e correspondem: (a) àqueles em que o primeiro argumento da causativa exerce condução direta do segundo argumento, i.e., tem controle absoluto sobre o desenvolvimento do evento, uma vez que o segundo argumento não recebe o papel de desencadeador; (b) àqueles em que o primeiro argumento da causativa exerce (sobre o segundo argumento) condução indireta, mas ininterrupta durante todo o processo, i.e., o controle sobre o desenvolvimento do evento é partilhado pelos dois argumentos da construção. Em inglês, participam do grupo de processos causativizados por *ação conduzida*, p.ex., os inergativos *run, march, camp, walk, drive, sail, boat, motor, ferry, fly* e *cycle*. Em português, participam



*passear* e, em contextos restritos, outros verbos dos quais se abstraia a noção de atividade.

- 6.33 (a) Mateus passeou o cachorro depois da aula.  
(b) O DCE acampou os manifestantes em plena reitoria.  
(c) The captain flew Sarah to London yesterday.  
(d) Sarah's boyfriend cycled her home in a few minutes.  
(e) Mary walks her dog twice a day.

A impossibilidade dos inergativos *correr*, *caminhar* e *marchar* participarem da alternância causativa, por esta proposta de análise, fica condicionada à restrição de compartilhamento da propriedade de *controle sobre o evento* entre mais de um argumento. Essa é uma limitação relativa à estrutura semântica desses predicadores que impede o primeiro argumento de exercer tanto a condução direta quanto a condução indireta e ininterrupta do processo, uma vez que a primeira acarretaria a anulação do papel de desencadeador para o segundo argumento – o que não é permitido nem mesmo na causativização das formas correlatas em inglês – e a segunda acarretaria que ambos os argumentos da formação causativa interferissem no desenvolvimento do evento, sendo o primeiro argumento indutor e desencadeador e, o segundo, desencadeador e afetado pela indução – justamente a configuração semântica que parece ser bloqueada pelos verbos não-alternantes do português.

Assim, esses verbos, se alternassem, integrariam os processos de *ação conduzida* com incidência de condução direta e ininterrupta sobre o segundo argumento. Mas são eventualidades de causa interna que não aceitam causatividade externa por restringirem o controle sobre o evento a um único argumento, sintaticamente expresso por construção monoargumental, e por bloquearem a incidência de condução sobre esse argumento. Para inergativos do tipo de *correr*, *caminhar* e *marchar*, a propriedade de controle sobre o evento, portanto, não é partilhada, mas acarretada pelo verbo ao seu argumento único, que é a própria entidade responsável pelo desenvolvimento do evento (cf. noção de causa interna desenvolvida por Levin e Rappaport-Hovav (1995)). Já os verbos correlatos em inglês, que efetivamente integram os processos de *ação conduzida*, licenciam a distribuição do traço de controle sobre o evento a até dois argumentos, que podem ser projetados na sintaxe em formação causativa.

O Quadro 5, primeira e segunda partes, sistematiza os aspectos de significado relevantes para o licenciamento da alternância causativo-

incoativa e responsáveis pela assimetria entre a alternância de verbos do inglês e suas formas correlatas em português propostos nesta seção.

	<b>Inergativos causativizados por ação induzida</b>	
	Português	Inglês
	<i>galopar, casar, estudar<sup>86</sup>, brilhar, voar, pousar, soar</i>	<i>gallop, burp, jump, ring, marry, ride, trot</i>
<i>eventualidade internamente causada que aceita algum tipo de indução (causa externa)</i>	+	+
<i>o primeiro argumento da causativa é o único a ter controle sobre o evento – condução direta</i>	-	-
<i>o primeiro argumento da causativa tem controle sobre a indução que produz e também tem controle parcial sobre o evento – condução indireta ininterrupta durante todo o processo</i>	-	-
<i>o primeiro argumento da causativa pode ter controle sobre a indução que produz, mas não sobre o evento, enquanto o segundo argumento tem controle sobre o evento ou esse evento é parte das propriedades intrínsecas do segundo argumento</i>	+	+
<i>causativização sem mudança de relação verbo-argumento</i>	+	+
<i>o segundo argumento da forma transitiva acumula dois papéis semânticos: de afetado pela indução e de desencadeador do evento</i>	+	+

**Quadro 5:** Aspectos de significado que interferem no licenciamento da alternância causativo-incoativa (1ª parte)

<sup>86</sup> A respeito da classificação dos verbos *casar* e *estudar*, cf. nota 11.

	Inergativos causativizados por <i>ação conduzida</i>			Inergativos que não licenciam causativização
	Português	Inglês		Português
	<i>passar e casos com abstração de atividade</i>	<i>run, march, camp, walk</i>	<i>drive, sail, boat, motor, ferry, cycle</i>	<i>caminhar, marchar, correr</i>
<i>eventualidade internamente causada que aceita algum tipo de indução (causa externa)</i>	+	+	+	-
<i>o primeiro argumento da causativa é o único a ter controle sobre o evento – condução direta</i>	-	-	+	-
<i>o primeiro argumento da causativa tem controle sobre a indução que produz e também tem controle parcial sobre o evento – condução indireta ininterrupta durante todo o processo</i>	+	+	-	-
<i>o primeiro argumento da causativa pode ter controle sobre a indução que produz, mas não sobre o evento, enquanto o segundo argumento tem controle sobre o evento ou esse evento é parte das propriedades intrínsecas do segundo argumento</i>	-	-	-	-

	Inergativos causativizados por <i>ação conduzida</i>			Inergativos que não licenciam causativização
	Português	Inglês		Português
	<i>passar e casos com abstração de atividade</i>	<i>run, march, camp, walk</i>	<i>drive, sail, boat, motor, ferry, cycle</i>	<i>caminhar, marchar, correr</i>
<i>causativização sem mudança de relação verbo-argumento</i>	+	+	-	
<i>o segundo argumento da forma transitiva acumula dois papéis semânticos: de afetado pela indução e de desencadeador do evento</i>	+	+	-	

**Quadro 5:** Aspectos de significado que interferem no licenciamento da alternância causativo-incoativa (2ª parte)

Na leitura do Quadro 5, a primeira propriedade, ser uma *eventualidade internamente causada que aceita algum tipo de indução (causa externa)*, é a condição de estrutura semântica elementar a ser satisfeita para o licenciamento da alternância causativo-incoativa de inergativos, cf. já se discute desde o Capítulo 5. Essa propriedade é marcada afirmativamente (“+” assinala a presença da propriedade) para todos os grupos de inergativos alternantes do inglês e do português brasileiro; mas é marcada negativamente (“-” assinala a ausência da propriedade) para os predicadores *caminhar*, *marchar* e *correr*, que representam os inergativos não-alternantes e ilustram a assimetria de participação na alternância causativo-incoativa de um subgrupo de inergativos do português e suas formas correlatas em inglês.

A segunda propriedade, de que *o primeiro argumento da causativa é o único a ter controle sobre o evento – condução direta*, é um aspecto de significado que isola o subgrupo de predicadores do inglês que alterna por *ação conduzida* com condução direta, representado por *drive*. Em todos os outros subgrupos verbais, essa propriedade está ausente. Ela também acaba por ressaltar uma forte restrição, associada à outra propriedade presente no Quadro 5, imposta

aos inergativos do português: a manutenção do papel de desencadeador para o segundo argumento da forma causativizada – não há causativização em português em que esta propriedade não seja mantida.

Já a terceira propriedade, de que *o primeiro argumento da causativa tem controle sobre a indução que produz e também tem controle parcial sobre o evento – condução indireta ininterrupta durante todo o processo*, está marcada afirmativamente apenas para um subgrupo de inergativos causativizados. Essa propriedade acarreta a distribuição do traço de controle sobre o desenvolvimento do evento e leva à leitura de que o primeiro argumento da forma causativa, além de controlar a indução que realiza, divide com o segundo argumento o controle sobre o desencadeamento do evento expresso pelo verbo. O segundo argumento, que sofre a indução, é também entidade responsável pelo desenvolvimento do evento e tem controle sobre ele.

Essa propriedade, embora verificada na alternância causativa de *passar*, não se estende sobre os inergativos do português. Especialmente, não está disponível para inergativos do tipo de *caminhar*, listados na coluna dos predicadores que não licenciam causativização, cujas formas correlatas em inglês recebem marcação positiva para a propriedade. De acordo com esta proposta de estudo, a hipótese explicativa para a não aceitação da primeira propriedade do Quadro 5 por inergativos do tipo de *caminhar* é a incompatibilidade desses verbos com contextos sintáticos em que *o primeiro argumento da causativa tem controle sobre a indução que produz e também tem controle parcial sobre o evento – condução indireta ininterrupta durante todo o processo*. Resumidamente, esses verbos são eventualidades internamente causadas que não aceitam indução externa porque são incompatíveis com a terceira propriedade listada no Quadro 5. Com isso, essa propriedade passa a ser o traço de significado que responde pela assimetria de participação na alternância causativo-incoativa de pares como *caminhar/walk*, *marchar/march*, *correr/run*.

A quarta propriedade – *o primeiro argumento da causativa pode ter controle sobre a indução que produz, mas não sobre o evento, enquanto o segundo argumento tem controle sobre o evento ou esse evento é parte das propriedades intrínsecas do segundo argumento* – é a que caracteriza os processos causativizados por ação induzida e se distribui de maneira uniforme entre os verbos alternantes desse grupo. Essas ocorrências constituem a maior parte das causativizações de inergativos do português e a mesma propriedade está disponível também para as formas correlatas do inglês. Como se pode perceber, na primeira parte do Quadro 5, os inergativos causativizados por ação induzida do

inglês e do português possuem marcação positiva para esse traço de significado e simetria de participação na alternância causativo-incoativa.

Quanto às duas últimas propriedades listadas no Quadro 5, pode-se dizer que estão intrinsecamente relacionadas. Na realidade, a penúltima propriedade, *causativização sem mudança de relação verbo-argumento*, é implicada pela circunstância semântica seguinte, de que *o segundo argumento da forma transitiva acumula dois papéis semânticos: de afetado pela indução e de desencadeador do evento*. Em todas as formas causativizadas em que uma estiver presente, a outra também estará, i.e, a marcação positiva de uma dessas propriedades acarreta a aceitação da outra.

Dos inergativos do português que licenciam causativização, todos os grupos receberam marcação positiva para essas duas propriedades; já o grupo de inergativos não-alternantes inviabiliza a análise desses traços específicos de significado, uma vez que outros traços básicos (como a primeira propriedade do Quadro 5) não fazem parte da estrutura semântica dos inergativos que bloqueiam a alternância. Finalmente, os predicadores inergativos alternantes do inglês dividem-se em pelo menos dois subgrupos: um em que ambas as propriedades são marcadas positivamente, caso de simetria com o português, e outro em que ambas são marcadas negativamente (grupo representado por *drive*) porque há registro positivo para a *condução direta*, caso sem ocorrências em português.

De modo particular, as duas últimas propriedades do Quadro 5 estão ausentes do processo de causativização do grupo de predicadores que recebe marcação positiva para a propriedade *o primeiro argumento da causativa é o único a ter controle sobre o evento – condução direta*. Logicamente, aquelas propriedades são incompatíveis com a *condução direta*, que acarreta apenas afetação para o segundo argumento da construção causativa, eliminando o traço de controle e o papel semântico de desencadeador do evento, antes disponível para esse argumento na forma incoativa.

## 6.6 Resumo do Capítulo

Neste capítulo, procedeu-se à análise das condições de realização da alternância causativo-incoativa de inergativos do português brasileiro, contrastando-se os dados desta língua com suas formas correlatas em inglês. Primeiramente, foi exposta uma proposta de representação conceptual dos verbos que participam da alternância causativo-incoativa elaborada a partir da variação do foco de incidência

do operador causal. Para tanto, assumiu-se que a representação conceptual de inergativos que participam da alternância causativa é ambígua entre uma estrutura eventual binária que embute o operador CAUSA e outra estrutura eventual simples, na qual não há interpretação de operador causal, pois não há afetação do argumento realizado.

Em seguida, partindo-se da distinção entre aspectos de significado que são de estrutura semântica e aspectos de significado que são de conteúdo semântico proposta por Grimshaw (2005), foram apresentados os efeitos desencadeados pela causativização de inergativos e os aspectos de significado que se acredita estarem envolvidos no licenciamento da alternância causativo-incoativa de inergativos. Com base na observação das circunstâncias de causativização desses verbos e assumindo-se o pressuposto de que os aspectos de significado que interferem no licenciamento da alternância são aqueles atrelados à estrutura semântica de inergativos, foram descritas as propriedades pertencentes à estrutura semântica dos predicadores alternantes responsáveis pelo licenciamento da alternância causativo-incoativa de inergativos do português e também responsáveis pela assimetria de participação na alternância causativo-incoativa registrada entre inergativos do português e suas formas correlatas em inglês.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, foram investigadas as condições de realização da alternância causativo-incoativa de inergativos. Também foi desenvolvida uma proposta de descrição dos aspectos de significado relacionados à estrutura semântica de inergativos alternantes (a) relevantes para o licenciamento dessa instância de alternância causativa em português e (b) responsáveis pela assimetria de participação na alternância causativa registrada entre um subgrupo de inergativos do inglês e suas formas correlatas não-alternantes em português.

Primeiramente, discutiu-se a noção de causa e procedeu-se à delimitação do fenômeno investigado, recortando-se o foco de pesquisa dentro das possibilidades de alternância verbal envolvendo a expressão de causalidade. Sobre esse ponto, Levin (1993) defende a existência de pelo menos duas instâncias de alternância causativa: uma cujo predador envolvido é basicamente transitivo (alternância causativo-incoativa de inacusativos) e outra cujo predador é basicamente intransitivo (alternância causativo-incoativa de inergativos).

Após o exame de trabalhos centrados na primeira instância, pôde-se apontar que, embora sejam mais proeminentes as pesquisas em torno da alternância de inacusativos e este seja um fenômeno linguístico altamente regular mesmo entre diferentes línguas, ainda não se chegou a um quadro de propriedades semânticas capaz de precisar o conjunto de verbos causativos que são passíveis de ergativização. Sobre essa instância de alternância causativa, portanto, ainda é preciso esclarecer quais traços de significado levam determinados causativos (p.ex. *carregar*) a barrar o licenciamento de contrapartes incoativas.

Quanto à alternância de inergativos, este estudo retomou a descrição proposta por Levin (1993) para os casos de causativização do inglês e estendeu os critérios de análise propostos pela autora para os dados do português brasileiro. Como resultado, no Capítulo 5, foi possível desenvolver uma sistematização das propriedades semânticas observadas nas ocorrências de causativização de inergativos e relacionar essas propriedades de maneira não-distintiva, i.e., sem preocupação de refiná-las, sem estabelecer como se articulam as condições necessárias para a alternância desses verbos e sem determinar quais respondem pelos casos de assimetria de alternância, como o que se demonstrou para o par *walk/caminhar*. Posteriormente, as ocorrências puderam ser contrastadas em série, a partir de escalas de causatividade propostas de acordo com a observação das possibilidades de alternância de inergativos do português brasileiro e do inglês – escalas que ilustram a



distribuição de causalidade entre inergativos separada em três graus de causatividade.

Em seguida, os objetivos assumidos no início do estudo comprometeram-no com o desenvolvimento de quatro passos durante o percurso de análise da alternância de inergativos:

- **1º – A explicação das condições a serem satisfeitas para o licenciamento de causativização sobre inergativos.**

A hipótese apresentada por Grimshaw (2005) – de que os aspectos de significado de um item lexical podem ser divididos em aspectos de estrutura semântica e aspectos de conteúdo semântico, mas apenas os aspectos de estrutura semântica interferem na sintaxe – leva a considerar que a estrutura argumental de um verbo terá argumentos de estrutura semântica quando houver alguma relação estrutural estabelecida entre o argumento e o verbo que o seleciona. Quando não se recuperar nenhuma relação estrutural entre o verbo e o argumento, então esse argumento é de conteúdo semântico e de realização sintática opcional. Com essa generalização estendida sobre os inergativos passíveis de causatividade, foi necessário assumir que inergativos causativizados passam a selecionar dois argumentos estruturais.

Em construções como *Andréia estudou os filhos com sacrifício*, ambos os argumentos mantêm relações semânticas estruturais com o verbo *estudar*. O primeiro argumento é indutor, enquanto o segundo é desencadeador do evento e afetado pela indução. Esses papéis semânticos certamente são aspectos de significado atrelados à estrutura semântica do verbo e especificações suficientes para caracterizar ambos os argumentos como pertencentes à estrutura semântica. Nesse caso, há duas condições já estabelecidas para o licenciamento de causativização sobre inergativos: o predador precisa ser uma eventualidade internamente causada que aceite indução externa (cf. Levin (1993) e Levin e Rappaport-Hovav (1995)) e, ao aceitar indução, acaba por selecionar um segundo argumento de estrutura semântica (porque esse argumento mantém relações semânticas de natureza estrutural com o verbo). Faltava buscar uma explicação para o modo como tais causativizações podem ser conceptualizadas.

Além do estabelecimento das condições anteriores, também se propôs a representação conceptual de predadores inergativos alternantes que abarca tanto os inergativos que são causativizados apenas por causativas sintáticas quanto o restrito grupo dos que alternam formando causativas lexicais. Além disso, a representação conceptual

proposta também aproxima essa instância de alternância causativa da alternância de inacusativos, promovendo diferenciação apenas nas especificações semânticas das regras de conceptualização de cada instância de alternância. Em linhas gerais, a representação proposta para a alternância de inergativos sustenta que a regra de representação do processo de causativização desses verbos comporta a ambiguidade entre uma estrutura eventual binária que embute o operador I-CAUSA e outra estrutura eventual simples, em que não há afetação do argumento realizado nem incidência de operador causal. Assim, ao ser formulada uma regra que explicita a ambiguidade de conceptualização de predicadores inergativos, é capturada a relação conceptual entre as formas incoativa e causativa desses verbos.

- **2º – A determinação dos aspectos de significado atrelados à estrutura semântica responsáveis pelo licenciamento da alternância causativo-incoativa de inergativos.**

Dentre as propriedades semânticas envolvidas na causativização de inergativos, destacou-se uma que está orientada para o segundo argumento da forma causativizada e que é determinante para o licenciamento dessa instância de alternância em português: *a causativização sem mudança de relação verbo-argumento*. Enquanto inergativos alternantes do inglês podem ser distribuídos em dois grupos, formados a partir dos efeitos de causativização dos verbos, em português há apenas um contexto em que a expressão de causalidade é licenciada: aquele em que o argumento único da forma incoativa, quando realizado na segunda posição argumental da transitiva, mantém o papel semântico de desencadeador do evento denotado pelo verbo.

Embora não haja casos de inergativos causativizados com mudança de relação verbo-argumento em português, em inglês esses verbos podem ser causativizados tanto com mudança de relação quanto sem mudança de relação verbo-argumento. Esse aspecto de significado isolado se revelou uma das restrições de estrutura semântica que interferem no licenciamento da alternância causativa de inergativos do português e também como responsável por parte do contraste de participação na alternância causativo-incoativa de inergativos dessas duas línguas. Porém, ainda havia casos de inergativos do português que não licenciam contrapartes causativas (p.ex. *correr*, *marchar*, e *caminhar* – com formas correlatas em inglês alternantes), mesmo nos contextos em que se respeitaria a restrição de *causativização sem mudança de relação verbo-argumento*.

- **3º – O mapeamento das propriedades semânticas regulares entre os verbos inergativos que alternam e ausentes da estrutura semântica daqueles que não são passíveis de causatividade.**

Considerando-se a impossibilidade de se explicar todo o contraste existente entre a alternância causativa de inergativos do português e do inglês apenas com a distinção entre *causativização com mudança de relação verbo-argumento* e *causativização sem mudança de relação verbo-argumento*, buscou-se estabelecer de maneira particularizada o conjunto de propriedades semânticas em jogo nas ocorrências causativas de inergativos do português, contrastando-as com as que estão em jogo nas ocorrências similares em inglês.

Para atingir esse objetivo, foi refinada a noção de indução envolvida na liberação de construções causativas formadas a partir de inergativos. Ainda que esses verbos partilhem a especificação semântica de serem eventualidades internamente causadas que aceitam indução, é possível pensar que a causa externa envolvida nessas causativizações não tenha sempre a mesma natureza. Assim, propôs-se a divisão desses inergativos alternantes entre processos causativizados por *ação induzida* e processos causativizados por *ação conduzida*. O aspecto de significado que motivou essa separação foi a distribuição variável, entre os argumentos da forma causativa, da propriedade de *controle sobre o evento denotado pelo verbo*.

Desse modo, foram chamados inergativos causativizados por *ação induzida* aqueles cujas formas causativas possuem um primeiro argumento que induz o outro participante a desencadear o evento, tendo controle ou não sobre a indução, e um segundo argumento que é afetado pela indução ao mesmo tempo em que desencadeia o evento, tendo controle ou não sobre esse evento de que é desencadeador.

Já os inergativos causativizados por *ação conduzida* são ainda subdivididos: há aqueles cujas causativas selecionam um primeiro argumento que exerce *condução direta* sobre o segundo, tendo controle absoluto sobre o desenvolvimento do evento e eliminando o papel semântico de desencadeador para o segundo argumento; e há aqueles cujas causativas selecionam um primeiro argumento que exerce *condução indireta e ininterrupta* sobre o segundo, partilhando-se o traço de controle sobre o evento entre os dois argumentos da construção. Neste caso, o segundo argumento mantém o papel semântico de desencadeador do evento, porém com traço de controle partilhado.

- **4º – A demonstração de como as propriedades semânticas são distribuídas entre os inergativos do português e como respondem pelo contraste entre inergativos alternantes do inglês e seus correlatos não-alternantes em português.**

Com o conjunto de aspectos de significado envolvidos no licenciamento da alternância causativo-incoativa de inergativos suficientemente especificado, procedeu-se à demonstração de como essas propriedades podem ser distribuídas entre os verbos alternantes e como sua ausência inviabiliza a alternância de determinados inergativos que respondem pela assimetria de incidência de causatividade assinalada entre inergativos do inglês e do português.

Entre os inergativos causativizados por *ação induzida* do inglês (representados por *gallop, burp, jump, ring, marry, ride, trot*) e do português (representados por *galopar, casar, estudar, brilhar, voar, pousar, soar*), registrou-se identidade de estrutura semântica e simetria de participação na alternância causativo-incoativa.

Esses verbos: (a) são eventualidades internamente causadas que aceitam algum tipo de indução (causa externa); (b) quando causativizados, o primeiro argumento da causativa não é o único a ter controle sobre o evento – condução direta; (c) não ocorrem em contextos em que o primeiro argumento da causativa tem controle sobre a indução que produz e também tem controle parcial sobre o evento – condução indireta ininterrupta durante todo o processo; (d) entretanto, o primeiro argumento da causativa pode ter controle sobre a indução que produz, mas não sobre o evento, enquanto o segundo argumento tem controle sobre o evento ou esse evento é parte das propriedades intrínsecas do segundo argumento; (e) e, finalmente, como são causativizados sem mudança de relação verbo-argumento, o segundo argumento da forma transitiva acumula dois papéis semânticos: de afetado pela indução e de desencadeador do evento.

Diferentemente, entre os inergativos causativizados por *ação conduzida* do inglês (representados por *drive, sail, boat, motor, ferry, cycle, run, march, camp, walk*) e do português (representados por *passar*), não houve identidade absoluta de estrutura semântica e, nesta classe, concentram-se as assimetrias de participação entre os inergativos das duas línguas. Em português, não há casos de inergativos causativizados por *ação conduzida* com *condução direta*, uma vez que a manutenção da relação verbo-argumento, que a *condução direta* acaba por violar, é uma condição necessária a ser satisfeita pelos predicadores desta língua.

Enquanto isso, entre os inergativos causativizados por ação conduzida com *condução indireta e ininterrupta* do inglês e do português, registrou-se identidade de estrutura semântica e simetria de participação na alternância causativo-incoativa. Esses verbos: (a) são eventualidades internamente causadas que aceitam algum tipo de indução (causa externa); (b) quando causativizados, o primeiro argumento da causativa não é o único a ter controle sobre o evento – condução direta; (c) ocorrem em contextos em que o primeiro argumento da causativa tem controle sobre a indução que produz e também tem controle parcial sobre o evento – condução indireta ininterrupta durante todo o processo; (d) entretanto, não ocorrem em contextos nos quais o primeiro argumento da causativa pode ter controle sobre a indução que produz, mas não sobre o evento, enquanto o segundo argumento tem controle sobre o evento ou esse evento é parte das propriedades intrínsecas do segundo argumento; (e) e, ainda, como são causativizados sem mudança de relação verbo-argumento, o segundo argumento da forma transitiva acumula dois papéis semânticos: de afetado pela indução e de desencadeador do evento.

Finalmente, o contraste dos pares *run/correr*, *march/marchar* e *walk/caminhar*, decorrente da não participação desses inergativos do português na alternância causativa frente à participação do primeiro elemento de cada par, pôde ser atribuída à restrição para o compartilhamento do traço de controle sobre o evento entre dois argumentos imposta pela estrutura semântica desses inergativos do português. Uma vez que esses predicadores tornam indispensável a atribuição da propriedade de controle a um único argumento, este será sempre realizado em construção incoativa. Assim, *correr*, *caminhar* e *marchar* são eventualidades internamente causadas que não aceitam indução externa (consequentemente, não aceitam causatividade) por concentrar o traço de controle do evento que denotam sobre um argumento único.

Cabe ainda ressaltar que, no Capítulo 5, a retomada do estudo realizado por Levin (1993) para análise das propriedades identificadas em construções causativas cujo predador é um verbo primitivamente intransitivo foi insuficiente para responder às questões deste trabalho. Até esse ponto, a descrição dos aspectos de significado (em muito inspirada no trabalho da autora) não era ainda suficiente para se explicar o fenômeno de alternância causativa de inergativos, pois as propriedades listadas (sintetizadas no Quadro 2) não forneciam possibilidade de resposta para a assimetria de participação na alternância causativa existente entre inergativos do português e suas formas correlatas do

inglês. A descrição e a explicação contidas nesse capítulo, na realidade, nem mesmo têm condições de explicar por quê, dentro de uma mesma língua, verbos como *passar* e *caminhar* diferem quanto à causativização.

Porém, esse estágio de estudo permitiu destacar a conclusão de Levin (1993) de que as eventualidades internamente causadas apenas participam da alternância nos casos em que aceitam indução externa, do que decorre a criação de uma cadeia causal. Por força dessa conclusão e da observação de que verbos de correspondência de conteúdo e/ou de estrutura semântica não guardam mesma regularidade de alternância, em seguida, o presente estudo tomou por verdadeiro que a distribuição de causalidade é escalarmente distinta de predador para predador, já que essa propriedade semântica não parece ser acarretada de maneira idêntica pela estrutura lexical dos verbos. Por essa razão, as escalas de causatividade propostas preveem três níveis de causalidade e, entre esses níveis, foram distribuídos os predadores verbais – sendo o nível máximo reservado ao conjunto de verbos inacusativos, tipicamente verbos de mudança de estado, e o nível mínimo, aos inergativos não-alternantes, tipicamente verbos de atividade.

Assim, após relacionar as propriedades semânticas envolvidas na causatividade de inergativos, estender o procedimento de análise pautado nessas propriedades aos dados do português e constatar que esse conjunto ainda não era capaz de identificar com precisão as condições de causativização desses verbos, foi promovida a distribuição escalar da causalidade como propriedade lexicalmente acarretada. Isso permitiu distinguir níveis de causativização e sugeriu que, ao aceitar indução externa, as eventualidades internamente causadas não compartilham todos os aspectos de significado atrelados a sua estrutura semântica – razão pela qual esta investigação apontou que a causalidade não é equânime entre aqueles inergativos que são passíveis de alternância.

Como consequência, foi a partir desse ponto que se passou à análise e refinamento das propriedades semânticas relacionadas com a estrutura dos itens lexicais que possivelmente estariam envolvidas no licenciamento da alternância causativo-incoativa e que responderiam pela assimetria de comportamento gramatical entre verbos inergativos do português e suas formas correlatas do inglês. Nesse sentido, o Capítulo 6 atendeu à finalidade de fornecer a relação dos aspectos de significado responsáveis pelo licenciamento da alternância causativa de inergativos e de contribuir para o enriquecimento de descrição da estrutura semântica desses verbos. Especificamente, a primeira e

segunda partes do Quadro 5 contêm a síntese da proposta de descrição e explicação desse fenômeno (a partir do refinamento de aspectos de significado já retomado) e relacionam as características de estrutura semântica pertencentes ao conjunto de inergativos que participam do processo de causativização.

Por fim, os resultados a que se chegou levantaram a necessidade de apontamentos para outras pesquisas. O recorte de estudo deste trabalho concentrou a investigação nos casos em que inergativos alternam causativas lexicais e, conforme apontado no decorrer do texto, apenas um subgrupo do grupo de inergativos licencia esse processo chamado causativização. Porém, por causativas sintáticas (ou analíticas ou perifrásticas) é licenciada a formação de construção causativa com quaisquer dos verbos inergativos. Considerando-se esse quadro, parece interessante que, a exemplo da análise contida nesta tese, sejam investigadas as propriedades semânticas envolvidas na formação de causativas sintáticas a partir de verbos inergativos.

Particularmente na formação dessas causativas sintáticas, a composição com verbo causativo deve promover considerável alteração no quadro de aspectos de significado estrutural relacionados à causatividade. Além de ser um fenômeno instigante, a formação dessas construções certamente envolve relações semânticas complexas porque, ao se organizar por perífrase, toma um verbo causativo, p.ex. “fazer”, que à primeira vista sofre esvaziamento semântico restrito apenas ao nível do conteúdo semântico, pois a estrutura semântica, ao que tudo indica, mantém-se inalterada. Isso pode sugerir que há duas estruturas semânticas concorrentes na formação de causativas sintáticas a partir de inergativos – aquela pertencente ao verbo causativo e aquela pertencente ao verbo inergativo – e que a relação de aspectos de significado envolvidos nessas construções é distinta daquela proposta para as causativas lexicais.

## REFERÊNCIAS

ALTMAN, M. C. **A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanistas, 1998.

ARAGÃO NETO, M.M. **Enriquecimento semântico da HPSG e definição de argumento como uma estrutura de traços**. 2007. 160f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BASSAC, C.; BOUILLON, P. Middle Transitive Alternations in English: a generative lexicon approach. **Many Morphologies**. ed. Paul Boucher and Marc Plénat, p. 29–47, 2002.

BELLETTI, A. The case of unaccusatives. **Linguistic Inquiry**, n<sup>o</sup> 19(1), p. 1-34, 1988.

BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (org) **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

BRESNAN, J. Deep Unaccusativity. In: DZIWIWIREK, K.; FARRELL, P.; MEJIAS-

BIERWISCH, M.; SCHREUDER, R. From concepts to lexical items. **Cognition**, n<sup>o</sup> 42, p. 23-60, 1992.

BIKANDI, E. **Grammatical relations**: a cross-theoretical perspective. Stanford: SLA, 1990. p. 45-57.

\_\_\_\_\_. **Lexical-Functional Syntax**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2001.

\_\_\_\_\_. Locative inversion and the architecture of Universal Grammar. **Language**, n<sup>o</sup> 70, p. 72-131, 1994.

BURZIO, L. **Italian Syntax**: A Government and Binding Approach. Dordrecht: D. Reidel, 1986.



CAMBRUSSI, M.F. **Médias e ergativas**: uma construção, dois sentidos. 2007. 126f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CANÇADO, M. Posições argumentais e propriedades semânticas. **DELTA**, São Paulo, vol.21, n.1, p. 23-56, Jan./Junho, 2005.

\_\_\_\_\_. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, A; NEGRÃO, E.V.; FOLTRAN, M.J. (Org.) **Semântica Formal**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 95-124.

CARVALHO, A de O.; CARVALHO, M.B.P. de. A semântica e a classificação decimal universal. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, vol. 4, n.2, p. 91-102, 1975. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/1621>>. Acesso em: 14 out. 2009.

CHAFE, W.L. **Significado e estrutura linguística**. (Tradução de Maria Helena Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos e Sonia Veasey Rodrigues). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CHAGAS DE SOUZA, P. **A alternância causativa no português do Brasil**: defaults num léxico gerativo. 1999. 199f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CHIERCHIA, G. **Semântica**. (Tradução de Luis Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari). Campinas: Ed. da Unicamp; Londrina: EdueL, 2003.

\_\_\_\_\_. A semantic for unaccusatives and its syntactic consequences. In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. **Studies on The Unaccusativity puzzle**: Explorations of the Syntax-Lexicon Interface. Oxford: Oxford University Press, 2004.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

\_\_\_\_\_. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CIRÍACO, L. **A alternância causativo/ergativa no PB**: restrições e propriedades semânticas. 2007. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/nupes/nupesteses.htm>>. Acesso em: 20 jun 2008.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. **A alternância causativo-ergativa no PB**. Manuscrito. Trabalho apresentado no V Congresso Internacional da ABRALIN/UFMG, 2007. 18 pág. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/marciacancado/artigos.htm>>. Acesso em: 23 jun 2008.

CULICOVER, P.W.; JACKENDOFF, R.S. **Simpler Syntax**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DALLARI, B. Modelos lexicalistas e não-lexicalistas de estruturas de informação semântica: uma comparação computacional. **Estudos Linguísticos**, XXVII: 592-598, 1998.

DIRVEN, R.; VERSPOOR, M. **Cognitive exploration of language and linguistics**. 2 ed. rev. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 2004.

DUBOIS, J. *et alli* **Dictionnaire de Linguistique**. 15 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

ELISEU, A. M. G. S. **Verbos ergativos do Português**: descrição e análise. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 1984.

FILLMORE, C. J. The case for case. In: Bach, E.; Harms, R. T. (Org). **Universals in linguistic theory**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 1-88.

FODOR, J. A. Three reasons for not deriving “kill” from “cause-to-die”. **Linguistic Inquiry**, n.1, p. 429-438, 1970.

\_\_\_\_\_. **The language of thought**. Nova Iorque: Crowell, 1975.

FODOR, J.A. *et alli*. Against definitions. **Cognition**, n.8, p. 263-367, 1980.

GRIMSHAW, J. **Argument Structure**. Cambridge: MIT Press, 1990.

\_\_\_\_\_. **Words and structure**. Stanford: CSLI, 2005.

HAEGEMAN, L. **Introduction to the government and binding theory**. 2a. ed. Oxford: Blackwell, 1994.

ILARI, R. **Introdução à Semântica**: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (org) **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

JACKENDOFF, R. **Semantics and Cognition**. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **Semantic Structures**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

KEYSER, S. J.; ROEPER, T. On the Middle and Ergative Constructions in English. **Linguistic Inquiry**. n. 15, p. 381–416, 1984.

KAPLAN, R.M.; BRESNAN, J. Lexical-Functional Grammar: A Formal System for Grammatical Representation. In: BRESNAN, J. (org.) **The Mental Representation of Grammatical Relations**. Cambridge, MA: MIT Press, 1982.

LEVIN, B. **Towards a Lexical Organization of English Verbs**. Evanston: Northwestern University, 1989.

\_\_\_\_\_. **English verb classes and alternations**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. **Unaccusativity**: At the Syntax-Lexical Semantics Interface. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Argument Realization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LYONS, J. **Introduction to theoretical linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

\_\_\_\_\_. **Semantics**. vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

MIRA MATEUS, M.H. *et alli*. **Gramática da Língua Portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

MIOTO, C. *et alli*. **Novo Manual de Sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2004.

MORAES, H. R. de. **Aspectos sintaticamente relevantes do significado lexical**: estudo dos verbos de movimento. 2008. 172f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

MOURA, H. Polissemia e indeterminação semântica. **DELTA**, São Paulo, vol.18, n. esp., p. 1-6, 2002.

MOURA, H.; CAMBRUSSI, M. **História dos Estudos Lingüísticos**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

NEIDLE, C. **Lexical-Functional Grammar**. American Sign Language Linguistic Research Project. Universidade de Boston. Disponível em: <[www.bu.edu/asllrp/neidle-lfg.pdf](http://www.bu.edu/asllrp/neidle-lfg.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2008.

PALMER, F. R. **Grammatical roles and relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

PEREIRA, J.R. **Sintaxe estrutural**. Teresina: EDUFPI, 2000.

PERINI, M.A. **Gramática descritiva do português**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. **Estudos de gramática descritiva:** as valências verbais. São Paulo: Parábola, 2008.

PERLMUTTER, D.M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. **Proceedings of the Fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, p. 157-189, 1978, Berkeley Linguistics Society, Berkeley.

PINKER, S. **Learnability and cognition**. Cambridge: MIT Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **Words and rules:** the ingredients of language. New York: Perennial, 2000.

\_\_\_\_\_. **The stuff of thought:** language as a window into human nature. New York: Viking Press/Penguin USA, 2007.

PLATÃO. **Diálogos. Teeteto. Crátilo**. Belém: UFPA, 2001.

PUSTEJOVSKY, J. **The Generative Lexicon**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

RAPOSO, E.P. **Teoria da gramática:** a faculdade da linguagem. 2 ed. Lisboa: Caminho, 1992.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1960.

SALOMÃO, M. M. M. **O processo cognitivo da mesclagem e as construções causativas sintéticas no português do Brasil**. Anais da ABRALIN - II Congresso Internacional, Fortaleza, 2001.

SELLS, P. Lexical-Functional Grammar. In: \_\_\_\_\_. **Lectures on contemporary syntactic theories**. Menlo Park: CSLI, 1987. p. 135-191.

SHIBATANI, M. (Org.) **Syntax and semantics:** the grammar of causative constructions. Los Angeles: Academic Press, 1973.

SILVA, A.S. da. Semântica e cognição da causação analítica em português. In.: MIRANDA, N.S.; NAME, M.C. (ORG). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 11-47.

ULMANN, S.; WARTBURG, W. von. **Problemas e métodos da lingüística**. São Paulo: Difel, 1975.

VAN VALIN, R. D. Some universals of verb semantics. In: MAIRAL, R.; GIL, J. (org.). **Linguistic Universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 155-178.

WEEDWOOD, B. **História concisa da lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WHITAKER-FRANCHI, R.C.M. **As Construções Ergativas**: um estudo semântico e sintático. 1989.148f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, IEL/Unicamp, Campinas, 1989.